This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

B 823,709

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
1817
LIBRARIES

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
LIBRARIES

[redacted]

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
LIBRARIES

RELIGIÕES DA LUSITANIA

VOLUME II

ALGUMAS OBRAS DO MESMO AUCTOR

POESIA

Balladas do Occidente, 1885.
Nuvens, 1898.

ETHNOLOGIA

Estudo ethnographico a proposito da ornamentação dos jugos e cangas dos bois de Entre-Douro-e-Minho, 1881.
Tradições populares de Portugal, 1882.
Portugal prehistorico, 1885.
Romanceiro português, 1886.
Poesia amorosa do povo português, 1890.
Ensaios ethnographicos, 1.º vol., 1896; 2.º vol., 1903; 3.º vol., no prelo.

PHILOLOGIA

O dialecto mirandês (premiado em concurso pela Sociedade das linguas romanicas de França), 1882.
Flores mirandesas, 1884.
Linguas raianas de Trás-os-Montes, 1886.
A evolução da linguagem (dissertação de medicina, approvada com louvor pela Escola Medica do Porto), 1886.
A philologia portuguesa (história), 1888.
O texto dos Lusiadas (análise critica), 1890.
As «Lições de linguagem» do Caturra (análise critica), 2.ª ed., 1893.
O gralho depennado (réplica ao Caturra), 3.ª ed., 1894.
Contribuições para o estudo da dialectologia portuguesa (23 opusculos), 1880-1903.
Estudos de philologia mirandesa, 2 vol., 1900-1901.
Esquisse d'une Dialectologie Portugaise (these para o doutoramento na Universidade de Paris, approvados com *mention très honorable*), 1901.
Canção de «Sancta Fides» d'Agen (edição critica), 1902.
O Dr. Storck e a litteratura portuguesa, no prelo.

PUBLICAÇÕES PERIODICAS

Annuario das tradições populares portuguesas, 1883.
Revista Lusitana (ethnologia e philologia), 1887-1902, 7 vol., estando no prelo o 8.º
O Archeologo Português (publicação illustrada), 1895-1904, 9 vols., estando no prelo o 10.º

RELIGIÕES

DA

LUSITANIA

NA

PARTE QUE PRINCIPALMENTE SE REFERE A PORTUGAL

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor na Bibliotheca Nacional de Lisboa
Director do Museu Ethnologico Português

VOLUME II

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1905

v. 2

Á MEMORIA

DE

MEU SAUDOSO PRIMO

MANOEL NICOLAU OSORIO PEREIRA NEGRÃO

Fallecido na sua Quinta de Mosteiró em 20 de Setembro de 1898

PROLOGO

O plano da 2.ª parte das *Religiões da Lusitania,* a qual, conforme se disse no vol. I, p. XXXIII, trata dos tempos protohistoricos, é o seguinte:

Secção I. — Divindades, crenças e cultos:
- O ceu e o ar: cap. I;
- A terra (montes, bosques, campos, Lares, Genios): cap. II–VIII;
- A agoa (mar, rios, fontes): cap. IX–XII;
- Os animaes: cap. XIII;
- Concepções sociaes (deuses da guerra): cap. XIV–XVI;
- Divindades de caracter incerto: cap. XVII;
- Culto dos mortos: cap. XVIII.

Secção II. — Diversos actos religiosos e fórmas cultuaes:
- Sacrificios, sacerdotes, agouros;
- Estatuetas humanas;
  - Divindades sem idolos nos *Gallaeci;*
  - Symbolos religiosos;
  - Recintos sagrados;
  - Phenomenos varios.

Considerações geraes.

Era minha tenção incluir no presente volume toda a 2.ª parte. Como, porém, o vol. I se publicou já em 1897, e a conclusão da 2.ª parte demoraria ainda bastante, resolvi deixar para o vol. III, e ultimo, o resto d'essa 2.ª parte, que ahi sairá juntamente com a 3.ª (Tempos lusitano-romanos) e com o appendice (Vestigios do Paganismo).

O que da parte 2.ª passa para o vol. III é o cap. XVIII da secção I, toda a secção II, e as considerações geraes.

*

Para a continuação d'esta obra procedi como de comêço (vid. vol. I, p. XXXIII sqq.), informando-me, com a minucia que me foi possivel, de tudo o que julguei que convinha ao meu intuito: continuei as minhas visitas aos monumentos, estações archeologicas e museus do país; investiguei a litteratura e a tradição oral; e alem d'isso colhi ainda vária doutrina em viagens que realizei por fóra de Portugal, durante as quaes tive occasião de não sómente ver muitos museus, e consultar muitas obras que não se encontram cá, mas de frequentar certos cursos escolares relacionados com o meu assunto, e de praticar com homens eminentes nos dominios das sciencias que se occupam da antiguidade.

Sem embargo, tenho a consciencia de que, pela fraqueza das minhas fôrças, e pela difficuldade do assunto, não fiz obra tão boa como eu desejava:

aos criticos pertence pesar isso, e corrigir-me onde eu tiver errado. Se assim fallo, é porque, com um autor provençal do seculo XIII, entendo que *assatz deu haver major vergonya aquell qui no sap, que aquell qui demana e vol apendre.*

*

O vol. I d'esta obra foi publicado sob os auspicios da Sociedade de Geographia de Lisboa como uma das contribuições, embora das mais modicas, para a celebração do quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo da India; todavia, como a verba orçamental de que a referida Sociedade dispunha para esta e outras publicações se esgotou antes da conclusão do meu trabalho, recorri ao Ministerio das Obras Publicas, fundando-me no artigo 7.º do Decreto, com força de Lei, de 24 de Dezembro de 1901, e pedi que as *Religiões* fossem consideradas publicação do Museu Ethnologico Português: o respectivo Ministro, o Sr. Conselheiro Manoel Francisco de Vargas, a quem os estudos historico-archeologicos mereceram sempre particular predilecção, como o prova a reorganização que em 1901 fez d'aquelle Museu, e o ardor com que cultiva a Numismatica, recebeu benignamente o meu pedido, e, depois de ouvir os pareceres favoraveis dos Srs. Conselheiros Silverio Augusto Pereira da Silva, Director Geral

das Obras Publicas e Minas, João da Costa Couraça, Chefe da 1.ª Repartição da Direcção Geral das Obras Publicas e Minas, e Cesar Augusto de Mello e Castro, Chefe da 9.ª Repartição da Direcção Geral da Contabilidade Publica, que nisto mostraram mais uma vez o seu desvelo pelas cousas do Museu, autorizou, por despacho de 1 de Fevereiro de 1902, que na Imprensa Nacional se publicasse o que da minha obra faltava ainda publicar.

Eu deixaria de cumprir um dever não relatando estes factos, pois, como ha em Portugal poucos livreiros que se abalancem a editar livros custosos e de difficil exito commercial, como este, todo o trabalho que despendi na minha obra, por modesta que seja, me ficaria certamente inutilizado (e ella, ainda assim, não me rende nada), se eu não obtivesse o despacho ministerial a que me refiro.

*

Ao terminar, dou á Imprensa Nacional um publico testemunho da minha gratidão pela cortesia e affabilidade de que, sem excepção de um unico, sempre usaram para commigo todos os empregados por cujas mãos passou este volume, e com os quaes tive de tratar quasi quotidianamente desde o começo da impressão até hoje.

Lisboa, 15 de Março de 1905.

INDICE METHODICO

Dedicatoria v
Prologo VII

PARTE II

Tempos protohistoricos

Preliminares (Protohistoria portuguesa)

Definição de Protohistoria. — Methodo seguido neste trabalho 1
A) **Elementos de investigação:**
a) Auctores antigos 3
b) Monumentos 4
c) Tradição 5
Bibliographia 5

B) **Geographia da Lusitania protohistorica:**
1. *Cyneticum* 8
2. Mesopotamia d'entre *Anas* e *Tagus* 16
3. Lusitania primitiva:
a) Comarca d'entre *Tagus* e *Durius* 25
b) *Gallaecia* 35
Considerações finaes 46

C) **Ethnologia lusitana:**
Relações da Pre- e Protohistoria 47
a) Ethnogenia:
O que eram os Iberos 49
1. Phenicios 51
2. Ligures 53
3. Gregos 55
4. Celtas 57
5. Africanos 68

b) Ethnographia:
1. Grupos ethnicos 71
2. Locaes de habitação 79
3. Lingoas 85
4. Costumes 90
5. Caracteres geraes dos Lusitanos 95

RELIGIÕES PROTOHISTORICAS

Plano adoptado 99

SECÇÃO I

Divindades, crenças e cultos

Palavras prévias 100

I. Phenomenos celestes e atmosphericos:
A) Astros 100
B) Atmosphera 103

II. A terra: montes, metaes e pedras:
1. *Mons Sacer* maritimo (Monsanto) 103
2. *Mons Sacer* da *Gallaccia* 104
3. Ceraunias 107
4. Pedras sagradas 107
5. Divindades das montanhas 108

III. Bosques sagrados; plantas em geral:
1. Santidade geral dos bosques 108
2. Vegetaes figurados em monumentos archeologicos 109
3. Cultos subsequentes 111

IV. Endovellico:
Situação do santuario. Importancia do deus 111
1. Noticia historico-bibliographica:
idade media 112
sec. xvi 112
sec. xvii 114
sec. xviii 115
sec. xix 118
2. Monumentos archeologicos 122
3. Significação do deus 124
4. Culto:
a) Santuario 131
b) Ex-votos 132
c) Representação figurada do deus 140

d) Oraculos 142
e) Sacrificios..... 143
f) Sacerdocio 144
5. Origem do culto..... 144
Appendice a este capitulo: duração do culto; sua extincção; substituição por cultos christãos..... 145

V. Atégina:
Palavras prévias..... 146
1. Textos epigraphicos 146
2. Área do culto (com um mappa) 158
3. Attributos da deusa 161
Animaes sagrados 168
4. Importancia do culto 172
5. Origem do culto..... 173
Appendices:
I. Hypotheses etymologicas..... 174
II. Nova lapide 174

VI. Deusas-Mães:
Attributos das Deusas-Mães..... 175
Deusas-Mães da Gallia e da Germania..... 176
Matres Gallaicae..... 177
Outras Deusas-Mães 178

VII. Lares, Nymphae, Numina, dii deaeque:
Palavras prévias..... 179
1. Lares *Tarmucenbaci Ceceaeci. Dii Ceceaigi 179
2. Lares *Cusicelenses 181
3. Lares *Findenetici..... 181
4. Lares Erredici 182
5. Lares Cerenaeci..... 183
6. Lares Turolici..... 184
7. Lares Gapeticorum gentilitatis. Lares publici..... 184
8. Dii deaeque Coniumbrigensium 185
9. Numina Lapitearum 187
10. Fiduenceae e *Cosunea (?)..... 188
11. Nymphae Lupianae 189
12. Castaecae ou Castaeci.... 190
13. Outras divindades..... 191
Considerações sobre estes seres divinos 191

VIII. Genius, Tutela:
Palavras prévias 194
1. Genius Laquiniensis 194

2. Genius -ongobrigensium..... 196
3. Genius Turgalensium 197
4. Tutela Tiriensis 197
Considerações sobre estas divindades 198

IX. Beira-mar e ilhas:
Palavras prévias..... 198
A) Statio Sacra..... 198
B) Promunturium Sacrum:
Noticias dadas por Ephoro, Artemidoro e Estrabão. 199
1. Santuario de Héracles:
Héracles = Melqart, deus phenicio... 201
Veneração dos cabos na antiguidade 202
2. Grupos de pedras sagradas:
Interpretações que se tem proposto.. 202
Bétylos..... 203
Tradições populares actuaes do Cabo.. 203
Significação magica das pedras..... 204
Encantos..... 205
3. Santidade do logar:
Conciliabulo dos deuses..... 207
Factos analogos na ethnographia geral 207
A noite nas crenças populares..... 210
Libações..... 212
Santuario de Saturno 213
Resumo e tradições modernas que ascendem ao passado (corvos de S. Vicente, etc.)... 214
C) Do Sacro Promontorio á Serra da Lua:
S. Torpes (Sines)..... 216
Senhora do Cabo (Espichel)..... 216
D) A Serra da Lua:
Noticia dada por Ptolemeu 217
Inscripção romana 219
A palavra *Sintra* ou *Cintra*..... 219
E) Da Serra da Lua á Ilha de Saturno:
Senhora dos Remedios do Cabo Carvoeiro 221
Senhora da Nazareth (lenda que provém da antiguidade) 221
Senhora da Encarnação (Buarcos)..... 221
Senhor de Matosinhos..... 221
F) A Ilha de Saturno:
Noticia dada por Avieno..... 222
Varias ilhas sagradas 223

G) Pela costa gallega:
Veneris iugum 223
Nossa Senhora de Oya 223
Nossa Senhora da Barca 223

X. Rios santos:
Palavras prévias 224
A) Limia:
Superstição com a passagem do rio 225
Ritos expiatorios 227
O rio nunca se chamou *Lethes* 229
Significação provavel de *Limia* 232
Appendice: renovação litteraria da lenda, do sec. xvi para cá, e superstições modernas 232
B) Durius 234
C) Mirobiens 234

XI. Fontes Santas:
Caracter sagrado das fontes em geral 237
A) Tongoenabiagus:
Situação do monumento de Tongoenabiagus 239
Noticia preliminar 239
Descripção do monumento 244
Interpretação do monumento:
1. A primeira inscripção: nomes de pessoas e nomes ethnicos 249
2. A figura do dedicante 251
3. A segunda inscripção: nome do deus. Juramento pela agua e pela natureza em geral 252
4. *Aedicula* do deus 259
5. A ultima inscripção: repetição do nome do dedicante 261
Resumo 262
Appendice 264
B) Bormanicus:
Inscripções 266
Bibliographia 267
Descripção dos monumentos 267
Attributos do deus e significação da palavra *Bormanicus* 269
C) Outras fontes santas 276

XII. Navia:
Área do culto d'esta deusa (com um mappa) 277
Caracter da deusa 278

XIII. Animaes sagrados:
Palavras prévias ... 281
O mel e as abelhas ... 282
Peixes nas moedas lusitanicas ... 282
Aves ... 283
Diversos mammiferos ... 283
Bodes, cabras, toiros de bronze ... 285
Quadrupedes de pedra, de Baião, Sabroso e Marco .. 286
A côrça de Sertorio ... 288
Ex-voto do Castello de Moreira ... 290
Culto bovino ... 293
Animaes figurados nos *signa* militares ... 293
O hippocampo nas moedas lusitanicas ... 294
Berrões trasmontanos ... 294

XIV. Trebaruna:
Noticia preliminar ... 295
1. Ara da deusa romana Victoria ... 296
2. Ara da deusa lusitana Trebaruna ... 298
Attributos de Trebaruna ... 300
Séde do seu culto ... 302

XV. Runesocesius:
Inscripção consagrada a este deus ... 302
Significação do deus ... 303

XVI. Divindades guerreiras. Usos religiosos na guerra:
1. Ares lusitano ... 305
Sacrificio de prisioneiros e de cavallos ... 305
2. Mars Cariociecus ... 306
3. Usos religiosos na guerra ... 307
Appendice:
1. Deuses Netos e Neto(n) ... 308
2. Figuras de guerreiros ... 310

XVII. Divindades de caracter incerto:
Palavras prévias ... 312
A) Divindade do sul do rio Tagus:
1. *Carnéus? *Ptarnéus? ... 312
B) Divindades dos Turdulos Antigos:
2. *Ara Coarnioniceus? *Coaranioniceus? ... 313
3. *Vasecus? ... 313
C) Divindades do territorio de entre os rios Monda e Durius, ao Oriente:
4. Arus ... 314
5. Bandoga ... 316

6. *Cabar? 317
7. Bandioilenaicus ou Bandius Ilienaicus 318
8. Tameobrigus 319

D) Divindades dos Igeditanos:
9. Bandiarbariaicus 321
10. Arentius 322
11. Revelanganidaeiguis (?) 323

(*E* Divindades dos Grovios:
12. Turiacus 324
13. Cusuneneoecus ou Cusunemeoecus 326
14. Brigus 327
15. Durbedicus 329
16. Coronus 331
17–21. (Nomes incertos de divindades bracaraugustanas) 333
22. Carus 336

F) Divindades de Trás-os-Montes:
23. *Banderaeicus 337
24. (Nome incerto) 337
25. Bandua 337
26. Aernus 338

G) Divindades da Lusitania hespanhola:
Palavras prévias 341

a) Lusitania gallega:
27. *Abia[e]felaesurraecus 341
28. *Banduaetobrigus 341
29. Uma inscripção de San Cristobal de Castro? 341
30. *Crougintoudadigoe 341
31. *Netaciveilebrica 341
32. *Reuveanabaraecus 341
33. *Virroreviiiae[c]us 341
34. .. Caepol 342
35-37:
α) Ivppiter Optimvs Andero 342
β) Ivppiter Optimvs Candiedo 342
γ) Ivppiter Ladicvs 342
38. Aegiamuniaegus 342
39. Cosus 342
40. Edovius 342
41. Poemana 342

42. Regoni (em dativo) 342
43. Verora..... 343

b) Lusitania castelhana e hispano-estremenha:

44. *Angefici 343
45. (Nome incerto)..... 343
46. *Bandiaeapolosegus 343
47. *Bcantunaecus ou *Cantunaecus 343
48. (Nome incerto)..... 343
49. *Labaro (?)..... 343
50. (Nome incerto)..... 343
51. *Saga..... 344
52. (Nome incerto)..... 344
53. Toga..... 344
54. Togoti (em dativo)..... 344
55. Eaecus.... 344
56. Suttunius..... .. 344
57. Baraecus..... 344

Nota final 344

PARTE II

TEMPOS PROTOHISTORICOS

«Nebuloso infelicis gentilitatis aevo superstitionibus addicti Lusitani fuere».

ANDRÉ DE RÈSENDE, *De antiquitatibus Lusitaniae*, Evora 1593, fol. 236.

Estranhas praias, ignoradas gentes,
Barbaros cultos vi...

ALMEIDA GARRETT, *Camões*, v, 2.

PRELIMINARES

Por TEMPOS PROTOHISTORICOS entendo os que medeiam entre a Prehistoria e a chegada dos Romanos á Lusitania, ou melhor, á Peninsula, no sec. III A. C.[1] Passaram-se então os factos cujo mais antigo conjunto constitue a nossa HISTORIA HEROICA, — para me servir da expressão que costuma applicar-se a cyclos analogos na vida de outros povos.

As primeiras tradições circumstanciadas, embora vagas por vezes, acêrca da Lusitania; as primeiras notícias dos auctores antigos referidas aos nossos maiores; os nossos primeiros monumentos litterarios, escritos em caracteres chamados *ibericos*, que, porém, se relacionam com os que serviram de instrumento á litteratura classica: tudo isto data d'esses tempos. Não possuimos ainda testemunhos, por toda a parte seguros, do passado; descortinamos todavia este através de clarões que os historiadores ou os monumentos projectam de quando em quando na complicada tela da vida dos povos. São os primeiros alvores da Historia que chegam. D'aqui a designação de PROTOHISTORIA, — designação indecisa e provisoria, que, como tambem a de

---

Vid. *Religiões da Lusitania*, vol. I, p. XXXII.

PREHISTORIA e outras, está condemnada a desapparecer, logo que a sciencia progrida mais um pouco. Mas por emquanto torna-se necessario conservá-la. As divisões naturaes da Historia devem basear-se na successão das civilizações, que ora concorda com a successão dos grupos ethnicos, ora não.

Conforme fiz no vol. I, ao occupar-me das religiões dos tempos prehistoricos, vou tambem neste, antes de entrar propriamente no assunto, esboçar um quadro do viver dos povos protohistoricos, indicando de antemão quaes elles eram, e descrevendo a terra que habitavam: só assim poderão comprehender-se os phenomenos religiosos, pois que elles estão dependentes de todas estas condições. A isto juntarei a menção da natureza dos materiaes em que me fundo para a execução do meu trabalho. Tenho por tanto de aqui formar tres secções, que serão por sua ordem: apreciação dos elementos da investigação scientifica; Geographia (especialmente physica) da Lusitania protohistorica; Ethnologia lusitana.

A) Elementos de investigação

Ao passo que no vol. I, em que me occupei das religiões prehistoricas, tive de lançar mão sobretudo do methodo ethnographico, e ainda do psychologico, agora, sem desprezar estes ultimos, tenho de recorrer principalmente ao historico. Para a redacção da Parte I do meu estudo quasi não possuia outros elementos de investigação alem dos monumentos, — sepulturas, amuletos, insculpturas lapidares, etc., e por isso, para os interpretar, tornava-se-me necessario fazer, como fiz, contínuas comparações com os costumes dos povos antigos, dos selvagens e de outros povos de civilização inferior, ou regular-me pelas leis que dominam universalmente o espirito humano. Para a Parte II, se ha ainda muitos factos cuja explicação só depende d'estes processos, ha no entanto numerosas notícias directas.

De modo geral, existem os seguintes elementos para o estudo da epocha protohistorica (e tambem da historica propriamente dita):

a) os textos dos auctores antigos (gregos e romanos), revistos e commentados segundo os methodos philologicos;

b) os monumentos contemporaneos, cujo estudo é susceptivel de se fazer:

1.º nos proprios locaes em que elles ainda se conservam;

2.º nos museus;

c) a tradição antiga, mantida até hoje.

Ao que póde addicionar-se a bibliographia moderna.

Passarei a dizer duas palavras sobre o modo de aproveitamento de cada uma d'estas classes de elementos. — Entende-se que me refiro aos elementos historicos, porquanto, nos dominios das sciencias naturaes, ha diversas disciplinas que auxiliam a Historia, taes como: a Anthropologia, que sería mesmo indispensavel no meu caso, se o seu estudo estivesse entre nós mais adeantado do que actualmente está; a Botanica; a Zoologia; a Mineralogia; a Geologia.

a) Auctores antigos

Os AA. antigos ministram elementos acêrca da Geographia, da Historia, da Ethnographia, etc., embora ás vezes uns mais do que outros: assim Estrabão, Justino, Silio Italico dão-nos algumas informações sobre a religião da Lusitania; os mesmos AA. e Mela, Plinio, Avieno, sobre a Geographia.

Por brevidade, não faço aqui uma enumeração circumstanciada d'elles, tanto mais que na *Geographie der Griechen und Römer*, de F. A. Ukert, vol. I, Weimar 1821, pp. 229 sqq. (em relação aos tempos heroicos), e no livro de E. Hübner, *La arqueologia en España [y Portugal]*, Barcelona 1888, pp. 1–56 (em relação a toda a archeologia), ella se acha feita no que tem mais essencial; só

adeante, quando eu houver de me referir a cada ponto em especial, citarei os trabalhos necessarios.

O estudo dos textos antigos é inseparavel do da archeologia: um completa o outro. Sem a litteratura classica a archeologia não póde progredir convenientemente; por outro lado, sem as luzes da archeologia, muitos passos dos AA. ficarão obscuros, ou serão incompletamente apreciados.

No que toca aos textos, insistirei ainda na necessidade de compulsar os proprios originaes, e em boas edições. As traducções são, não raro, infieis, porque um traductor nem sempre desce a minudencias que só um especialista avalia; e uma edição, se não é boa, induz frequentemente em graves erros quem a consultar.

Torna-se indispensavel aproveitar a sciencia nos seus diversos ramos e progressos, se se quiser fazê-la adeantar.

b) Monumentos

Os monumentos archeologicos são de muitas especies: ruinas, edificios, inscripções, obras de esculptura, louças, vidros, bronzes, moedas. Alguns, segundo já disse, estão ainda *in loco,* taes como as célebres inscripções de Panoias; outros estão em museus. Sobre muitos ha trabalhos litterarios.

No citado livro de Hübner, *La Arqueologia,* achará o leitor numerosas e uteis indicações sobre os monumentos (pp. 57, 187, 211 e 279), embora, pela natureza do livro, e por ter já decorrido depois da sua publicação mais de um decennio, ellas estejam incompletas. Convirá tambem percorrer a este respeito os indices dos volumes publicados d-*O Archeologo Português,* que, por serem methodicos, facilitam o estudo.

A respeito dos monumentos locaes citarei adeante, nos respectivos capitulos, aquelles que para o meu intuito tiverem importancia. Acêrca dos museus vid. tambem o vol. I d'esta obra, pp. 12–14, onde se citam bastantes; a maior parte d'elles, senão todos, são de caracter geral, e não exclusivamente protohistoricos.

c) Tradição

No decurso da Parte I d'esta obra referi-me já por vezes á tenacidade das tradições populares, que poem em communicação o presente com o passado. A última Parte da mesma, constituida pelo APPENDICE, será quasi toda baseada neste importante elemento da investigação historica. Para a elaboração da Parte II não poucos elementos ministrará ella tambem.

Sob a designação de *tradição* comprehendo aqui, não só as crenças, superstições, costumes, litteratura oral, mas tambem o onomastico e linguagem actuaes, que contém frequentemente echos da vida antiga.

Bibliographia

Do modo como se apreciam os elementos que ficam mencionados resultam várias sciencias, como: a *Epigraphia,* que estuda as inscripções; a *Numismatica,* que estuda as moedas; a *Ethnogenia,* que estuda a origem e formação dos povos; a *Ethnographia,* que estuda a vida d'estes; a *Glottologia,* que estuda as lingoas; e ainda outras, como a *Historia,* a *Geographia.*

A respectiva bibliographia é bastante rica, ainda que, comprehende-se, nem toda de igual valor. Não desejando demorar-me na exposição e crítica de todas as obras que conheço, limito-me a lembrar ao leitor que já em diversos trabalhos se acham reunidas numerosas notícias bibliographicas, como: em relação á Epigraphia e Geographia hispanò-romana, no *Corpus Inscriptionum Latinarum,* vol. II, pp. V–XXXVII, e nos seus Supplementos; em relação á Numismatica iberica, no livro de Rada y Delgado, *Bibliografia numismática española,* Madrid 1886, de XIII–632 pag., e nos *Monumenta linguae Ibericae,* de E. Hübner, p. III sqq.; em relação ao Onomastico antigo da Peninsula e á Ethnogenia hispanò-portuguesa, nos citados *Monumenta*

linguae Ibericae de E. Hübner, pp. III–XXXI[1], e nos escritos do Sr. Adolfo Coelho, publicados na *Revista de Ethnologia e de Glottologia*[2], e na *Revista de Guimarães*[3]; em relação á Ethnographia, nos meus *Ensaios ethnographicos*, Esposende 1891–1896, vol. I, pp. 103–369, onde me occupo da historia dos estudos feitos acêrca das tradições populares portuguesas; finalmente, em relação á nossa Archeologia, no meu opusculo *Borges de Figueiredo e a Archeologia Portuguesa*, Lisboa 1890, de 16 pag.[4], e no vol. I da presente obra, pp. 1–12. É de caracter geral o *Ensayo bibliográfico de antropología prehistórica ibérica* de Puig y Larraz, Madrid 1897. Para maior individualização, vid. adeante os respectivos capitulos, onde terei de me referir a muito do que está publicado. Sendo impossivel estabelecer sempre distincções absolutas entre *tempos protohistoricos* e *tempos historicos*, claro está que estes ultimos estão necessariamente comprehendidos em muitas das obras a que os trabalhos mencionados se referem.

Passando da bibliographia geral ao campo restricto da hierologia lusitana, mencionarei o seguinte:

1) «Para o pantheon lusitano», por F. Martins Sarmento, in *Revista Lusitana*, I, 227–240 (collecção de inscripções romanas consagradas a deuses indigenas);

2) *Nomes de deuses lusitanos*, por F. Adolfo Coelho, in *Revista Lusitana*, I, 351 (estudo dos nomes divinos contidos nas inscripções mencionadas no numero precedente);

3) *Sur les religions de la Lusitanie*, por J. Leite de Vasconcellos, Lisboa 1892;

---

[1] Entre as criticas a este livro cito, como das mais importantes, a do Sr. D'Arbois de Jubainville, publicada in *Revue Critique*, março de 1894, p. 228.

[2] Pp. 34–36.

[3] Vol. III, pp. 169–189.

[4] Separata d-*O Dia* (n.os 980 e 981) de 1890.—O nosso movimento archeologico contemporaneo póde seguir-se n-*O Archeologo Português*, cujo vol. VIII está em publicação.

4) Opusculos sobre divindades particulares, ou sobre certas fórmas cultuaes, publicados por diversos AA., — e artigos em revistas, e nos diccionarios encyclopedicos e mythologicos. Notícias e allusões em obras archeologicas e historicas, como as *Memorias* de Argote, as *Antiquitates* de Resende, os *Argonautas* de Sarmento, o *Corpus Inscriptionum Latinarum*. Paragraphos especiaes de obras ou artigos de caracter mais vasto, como: num artigo de Caetano do Amaral, publicado in *Memorias de Litteratura Portuguesa*, t. I, sobre a Lusitania, um pequeno e imperfeito paragrapho consagrado á «Religião» (pp. 26–27); no *Ensaio sobre a historia do governo e da legislação de Portugal*, de Coelho da Rocha, outro paragrapho, no mesmo sentido, e do mesmo valor (1.ª epocha, § 3); num artigo ethnologico de Sousa Coutinho, publicado no *Jornal de Coimbra*, vol. VIII, um paragrapho não menos imperfeito que os antecedentes, intitulado «Religião dos antigos Lusitanos» (pp. 191–198). — Não vale a pena, nem é facil, fazer a resenha completa. O mais que tiver valor, ou puder despertar curiosidade bibliographica, será apontado adeante.

B) Geographia da Lusitania protohistorica [1]

A Lusitania, ou extremidade occidental da Iberia, no sentido em que no vol. I, pp. XXI–XXIII, a tomei, constava de tres grandes regiões, physicamente bem determinadas:

1 — o *Cyneticum* (Algarve);

2 — a mesopotamia d'Entre-Tejo-e-Guadiana;

3 — a Lusitania primitiva (entre o Tejo e o extremo Norte da Galliza), — região ainda decomponivel em:

a) comarca d'entre Tejo e Douro;

b) Galliza, — nos AA. antigos *Callaecia*.

---

[1] Para a elaboração d'este capitulo sirvo-me quasi exclusivamente das informações dadas pelos proprios AA. classicos, e dos resultados obtidos pela archeologia.

*

Comecemos a descripção pelo Sul. Esta será muito summária; os desenvolvimentos só teriam cabimento em obra de outro genero.

A região correspondente ao moderno Algarve tinha na litteratura grega a designação de Κυνητικόν = CYNETICUM, tirada do nome dos habitantes, chamados Cynetes; assim o refere Herodóro de Heracleia, que viveu no sec. v antes de Christo[1].

Situada junto do mar occidental[2], e dotada de maravilhosa doçura de clima[3], abundava, como hoje, de todos os mimos da Natureza[4], e constituia tambem uma porta aberta para, como veremos, entrarem facilmente povos conquistadores e productos do commércio e da civilização. A parte meridional é plana[5]; a septentrional montanhosa. Ou porque no Algarve havia outr'ora muito mais arvoredo do que hoje, ou porque se tinha em mira principalmente a vegetação das montanhas, o que é certo é que o historiador Justino, que resumiu a Trogo Pompeu, diz que os Cunetes (= Cynetes) habitavam os *bosques* dos Tartesios, — saltus vero Tartesiorum ..... incoluere Cunetes[6] —, onde á palavra *Tartesii* se dá bastante amplidão de sentido; como os Cynetes ficavam no Algarve, temos as-

---

[1] O fragmento em que vem este passo foi-nos conservado por Estevão de Byzancio: vid. *De urbibus*, Amsterdam 1778, p. 397, ed. de Thomás de Pinedo, judeu português do sec. XVII; e *Fragmenta historicorum Graecorum*, de C. Müller, vol. II, pag. 34.

[2] Estrabão, *Geographia*, III, II, 6. Quando eu não citar outra edição, entende-se que sempre me sirvo da de C. Müller & F. Dübner, Paris (Didot) 1853.

[3] Estrabão falla, de modo geral, da excellencia do clima do Occidente da Iberia no liv. III, cap. II, § 13.

[4] Estrabão, *ob. cit.*, III, II, 6. O geographo falla da Turdetania em geral, mas não exclue o Algarve, poisque no § 5 cita a cidade de [*Os*]*sonoba*.

[5] Cfr. tambem Estrabão, *ob. cit.*, III, II, 4.

[6] Liv. XLIV, 4. Ed. de Rühl. — Os mss. de Justino tem a lição *Curetes*, que tem sido justamente corrigida em *Cunetes* (=Cynetes).

sim neste passo uma noticia dos antigos bosques algarvios, a qual está de acordo com uns versos de Avieno citados a baixo, onde se falla dos *dumosa caespitum,* ou «moitas», do Sacro Promontorio.

No Algarve, ou *Cyneticum,* ha dois cabos importantes: o de S. Vicente-Sagres, que tem nos AA. antigos as designações de Ἱερὸν ἀκρωτήριον[1], SACRUM PROMUNTURIUM[2] e outras; e o de Santa Maria, que tem em Mela[3] e Plinio[4] a designação, quanto a mim, inexacta, de CUNEUS.

O Sacro Promontorio formava o extremo da terra habitada[5]; e pela sua situação, e pelas lendas que lhe andavam annexas, das quaes fallarei em lugar adequado, impressionou bastante a imaginação dos antigos. O territorio adjacente a elle chamava-se em latim *Cuneus,* «cunha»[6], em virtude da sua fórma[7], e por confusão com *Cynetes* = *Cunetes*[8]; um auctor romano[9] chega mesmo a empregar, como synonima do nome do cabo, uma latinização («per *Sphenis* frontem») da palavra grega Σφήν, que significa igualmente «cunha»[10], e que já Estrabão traduzia por Κύνεος,

---

[1] Por exemplo em Estrabão, *ob. cit.,* III, I, 4.

[2] Por exemplo em Plinio, *Naturalis Historia,* II, 242. A edição de que me sirvo é a de Detlefsen, Berlim 1866-1882, em 6 volumes.

[3] *De situ orbis,* III, 7. Sirvo-me da edição de Frick, Leipzig 1880

[4] Plinio, *Naturalis Historia,* IV, 116.

[5] Estrabão, *ob. cit.,* III, I, 4.

[6] Estrabão, *ob. cit.,* III, I, 4.

[7] Não é raro na litteratura latina o emprêgo de *cuneus,* e do seu derivado *cuneare,* para exprimir certa configuração triangular do terreno, sobretudo fallando-se de cabos, por ex. «Britannia in *cuneum* tenuatur» (Tacito, *Agric.,* 10). Da propria Hispania diz Plinio: «e radicibus Pyrenaei, ubi *cuneatur* (Hispania) inter duo maria» (*Naturalis Historia,* III, 29). Vid. varios exemplos em Freund, *Dicc. da ling. lat.,* s. v. «cuneo» e «cuneare».

[8] Cfr. Tzschucke ad Pomponium Melam (apud Ukert, *Geogr. der Griech. u. Röm.,* II, 310).

[9] Mariano Capella, *De geometria,* no cap. da «dimensione terreae».

[10] D'este ponto tratou tambem R. Zimmermann na dissertação escolar intitulada *Quibus auctoribus Strabo in libro tertio* Geographicorum *conscribendo usus sit, quaeritur,* Halle 1883, p. 7.

Cuneus! O promontorio faz saliencia pelo mar a dentro; o geographo grego Artemidóro, que vivia no sec. I antes de Christo, e que esteve alli [1], menciona a existencia de tres ilhotas deante do cabo; porém ellas são tão pouco importantes, que Avieno só se refere a duas (uma das quaes nem mesmo tinha nome):

> Hic insularum semet alte subrigit
> Vertex duarum: nominis minor indiga est,
> Aliam uocauit mos tenax Agonida [2].

Eu estive no local em 1894 com o intuito de ver até que ponto a geographia antiga póde neste caso explicar-se pela moderna, e verifiquei effectivamente a existencia das tres ilhotas de Artemidóro: uma, que tem certa extensão, e provavelmente corresponde á *Agonis* de Avieno, chama-se ilha ou *ilhote* da *Armação-Nova;* outra chama-se *ilhote* ou *pedra* do *Caxado* (cajado); outra *linxão* (leixão) *de S. Vicente* [3]. O mar brame temeroso e espumante nas rochas do promontorio; a descripção de Avieno é bem exacta:

> Inhorret inde rupibus cautes ...
> ..... feruet inlisum mare
> Litusque late saxeum distenditur [4].

---

[1] Apud Estrabão, *Geographia,* III, I, 4.

[2] *Ora maritima,* vv. 212-214. Ed. de Holder. Este poema, embora composto no sec. IV da E. C., reproduz, como é sabido, antiquissimas noticias geographicas, pois que Avieno, «par un jeu d'érudition, s'est amusé à mettre en vers une description archaïque des côtes de l'Europe» (D'Arbois de Jubainville, *Cours de Litt. Celt.,* XII, 37). Do poema resta só um fragmento, mas importante.

[3] Na viagem que fiz ao cabo em 1894 acompanhou-me o Sr. Maximiano Apollinario, que estava a esse tempo ao serviço do Museu Ethnologico Português, o Sr. E. Spencer Dodgson, viajante inglês, e o Sr. Galvão junior, de Lagos. Cfr.: Dodgson, in *The Season* (jornal) de 30 de Abril de 1896, onde elle se refere á viagem; e E. Hübner, «Die Nordwest- und die Sudwestspitze von Hispanien», in *Kiepert-Festschrift* (1898), pp. 42-44, em que elle aproveita as noticias que Dodgson lhe ministrou.

[4] *Ora maritima,* vv. 215-217. — Esta *cautes* é no meu entender a *ponta de Sagres.*

Da abundancia de gado cabrum na região do promontorio falla o mesmo poeta, fazendo sobresair a qualidade do pêlo dos animaes:

> Hirtae hic capellae, et multus incolis[1] caper
> Dumosa semper intererrant caespitum:
> Castrorum in usum et nauticis velamina
> Productiores et graues setas alunt[2].

No promontorio em si não existem povoações[3]; apenas Estrabão falla de uma aldeia nas vizinhanças, κώμη πλησίον[4], e temos notícia do apparecimento ahi de antigualhas pre-romanas[5]. — O geographo latino Pomponio Mela costuma, ao fallar dos cabos da Lusitania, entender pela expressão *promunturium* não só o cabo propriamente dito, mas tambem a região que lhe estava proxima: é por esse motivo que situa no Sacro Promontorio a cidade de *Laccobriga*[6], que corresponde hoje pouco mais ou menos a Lagos[7], e o *Portus Hannibalis*[8], que parece ser Villa Nova de Portimão. Em Bensafrim, que não fica muito longe de Lagos, encontraram-se importantes monumentos da civilização pre-romana: refiro-me ás lapides escritas em caracteres

---

[1] O facto de aqui se fallar de *incolae*, «habitantes», mostra que não se trata do cabo propriamente dito, mas dos arredores; o cabo não era habitado, porque era logar sagrado, onde de mais a mais não havia agoa, e aonde nem mesmo era possivel ir alguem de noite, — diz Estrabão, *ob. cit.*, III, I, 4. E que só se trata da região em que está o cabo, e não de todo o Algarve, mostra-o o v. 222, em que se marca a distancia d'aquelle ponto ao Anas, que ficava no extremo do Cyneticum.

[2] Vv. 217-221.

[3] Cf. o que digo na ante penultima nota.

[4] *Geographia*, III, I, 14.

[5] Vid. os Mappas archeologicos do Algarve, de Estacio da Veiga

[6] III, 7.

[7] Cfr. Rocha Espanca, «As Lacobrigas da Lusitania», in *Revista, Archeologica*, II, 173 sqq.; e Baptista Lopes, *Chorographia do Algarve*. p. 225.

[8] III, 7.

ibericos[1]; isto prova que lá tambem havia povoação, ainda que lhe não sabemos o nome.

Se do Sacro Promontorio passamos á outra região algarvia, que Mela e Plinio, como disse, denominaram *Cuneus*, encontramos ahi notícia de algumas cidades pre-romanas. Antes, porém, de as mencionar, discutirei a propriedade d'aquella denominação. Eis as palavras de Mela: «[promunturium] Anae proximum, quia lata sede procurrens paulatim se ac sua latera fastigat, *Cuneus ager* dicitur»[2]. Plinio não entra em minucias, cita apenas o nome do cabo. É evidente que a descripção feita por Mela só convem ao Sacro Promontorio (S. Vicente-Sagres): basta olhar para um mappa geographico, para ver que é elle, e não o de Santa Maria, que tem fórma de cunha, — *Cuneus* —, larga na base, — *lata sede* —, e successivamente estreita dos lados para a extremidade, — *paulatim se ac sua latera fastigat* —; o cabo de Santa Maria, pelo contrário, é «formado pela extremidade meridional d'huma ilha d'areia muito rasa»[3]. Em contraposição do que diz Mela temos tambem o texto de Estrabão[4], citado a cima, e segundo o qual o *Cuneus* era a região adjacente ao Sacro Promontorio[5]. Como se explica então a affirmativa de

---

[1] Vid. Hübner, *Monumenta linguae Ibericae*, n.º LXXI sqq., e o meu artigo «Nova inscripção iberica do Sul de Portugal» in *O Archeologo Português*, III, 185.

[2] III, 7.

[3] Silva Lopes, *Corographia do reino do Algarve*, p. 28. Este A. repete, sem o discutir, o tradicional nome de *Cuneus* dado ao Cabo.

[4] III, I, 4.

[5] Não posso pois subscrever á opinião de W. Christ, defendida por Müllenhoff, *Deutsche Altertumskunde*, I, Berlim 1890, p. 115, de que o *Cuneus* de Estrabão (i. é, de Artemidoro, que neste passo serviu de auctoridade ao geographo apamense) não era o Cabo de S. Vicente, mas correspondia melhor ao de Santa Maria, e que a «*montanha sagrada*, á qual de noite ninguem podia ir, porque então a visitavam os deuses, era o moderno monte do Figo» (..... also sein heiliger berg, den nachts niemand besteigen durfte weil dann götter ihn besuchten, der jetzige *monte Figo*): nem Estrabão falla de *montanha*

Mela e Plinio? Parece-me que muito simplezmente. Mela, ou o auctor que elle seguiu, talvez Varrão ou Aggripa (a obra de Mela é um pouco anterior á de Plinio), conhecia dois cabos no Algarve: um, o de Santa Maria, cujo nome não sabemos qual era (nem elle mesmo o sabia provavelmente); e outro, o Sacro, que tinha dois nomes — este, e o de *Cuneus*, dado propriamente a toda a região adjacente. Deante de dois cabos, e de dois nomes, que fez o geographo? Attribuiu, natural mas inconscientemente, ao cabo innominado um dos nomes que sobrava do outro. E dá-se no mesmo A. não só confusão de nomes, mas de ideias: pois o cabo que fica perto do Anas é o de Santa Maria, e o que tem fórma de cunha é o Sacro [1]. Plinio repetiu o equi-

---

alguma, pois refere-se apenas ao cabo, nem o monte do Figo fica pegado a Santa Maria. O trabalho de W. Christ, em que vem exarada aquella opinião, intitula-se *Avien und die ältesten Nachrichten über Iberien und die Westküste Europa's*, Munich 1865, pag. 48, nota; Christ desconhecia a existencia das ilhotas ou leixões que ha em frente do Cabo de S. Vicente, e só conhecia as ilhotas que ha em frente do de Santa Maria; para conformar com a realidade a descripção feita por Estrabão (Artemidoro), que falla de tres ilhotas, foi que elle applicou a Santa Maria o que o geographo grego claramente diz de S. Vicente-Sagres.—Tambem Ziemmermann, *Quibus auctoribus Strabo, etc.*, já citado, diz, segundo creio, sem razão: «aliter Melam aliter Strabonem loca quibus *cuneus* nomen est, animo sibi finxisse elucet» (p. 7): o que é manifesto, —*elucet*—, é que Mela applicou ao cabo de Santa Maria a descripção do de S. Vicente. — Não se commentarão com segurança os geographos antigos, sem se conhecerem os proprios logares, ou se terem d'elles noticias exactas.— Que o Promontorio de S. Vicente-Sagres tivesse dois nomes, um deduzido das lendas, —*Promunturium Sacrum*—, outro de origem ethnologica e geographica, — *Cuneus*—, nada tem estranho, pois tambem o Cabo da Roca se chamava na antiguidade *Promunturium Magnum*, *Promunturium Olisiponense*, etc., sendo o primeiro nome tirado do seu aspecto, e o segundo da sua situação na vizinhança de Olisipo.

[1] Havia outros cabos com mais de um nome, por ex., o da Roca, que se chamava *da Lua*, *Olisiponense* e *Magno*. Plinio, *Naturalis Historia*, IV, 113, chama-lhe alem d'isso *Artabrum* («dos Artabros»)! Cfr. a nota antecedente.

voco[1].—No cabo de Santa Maria colloca Pomponio Mela a cidade pre-romana de *Ossonoba,* e, de accôrdo com a maneira como o geographo encara os cabos da Lusitania, a que attribue grande prolongamento mediterraneo, tambem ahi colloca *Balsa,* e, o que mais surprehende, *Myrtilis*![2] Todas estas cidades são conhecidas de outras fontes. A situação de Ossonoba não foi ainda determinada com rigor, deve porém ter sido em Faro, ou perto; *Balsa* correspondia ao aro de Tavira, propriamente á freguesia da Senhora da Luz; *Myrtilis* não ha dúvida que era Mertola. Outra cidade, que conhecemos pela litteratura e pela numismatica, é *Baesuris*[3], correspondente, segundo se crê, a Castro-Marim. De todas ellas pouco todavia, alem dos nomes, nos resta que possa attribuir-se á epocha protohistorica. Eram cidades, as duas primeiras, postas junto do mar, a terceira e a quarta na margem esquerda de um rio navegavel[4], o *Anas,* hoje Guadiana: do que ha-de concluir-se que gozariam de bastante importancia commercial e industrial, sobretudo no periodo phenicio.

O Anas, que é o maior rio do Algarve, e limite natural entre o *Cyneticum* e o *ager Tartesius*[5], já o vimos a cima nuns versos de Avieno; muitos outros AA. o mencionam,

---

[1] A. Haebler, na memoria intitulada «Die Nord- und Westküste Hispaniens», publicada no *Jahrsbericht des königl. Gymnasiums zu Leipzig,* 1886, diz, a p. 34, que a fonte commum onde beberam Mela e Plinio a este respeito foi Artemidoro; mas do que na nota 5 de p. 12 observei, resulta que não posso acceitar esta opinião, pois Artemidoro falla de S. Vicente-Sagres, e não de Santa Maria.

[2] III, 7.

[3] O seu nome verdadeiro é este, e não *Aesuris* ou *Aesuri* (que citei no vol. I, p. XXXV, segundo a lição que até então estava adoptada,—vid., por exemplo, *Monumenta linguae Ibericae,* indice, s. v.). A lição *Baesuris* é dada pelo anonymo de Ravenna sob a fórma *Besuris,* e por uma moeda, sob a fórma *Baesuri:* cf. R. Mowat in *Revue Numismatique,* 1899, 2.º semestre, p. 243 sqq., e in *O Archeologo Português,* V, 17 sqq.

[4] Estrabão, *ob. cit.,* III, II, 3.

[5] Avieno, *Ora maritima,* vv. 223-224.

entre os quaes Estrabão, que o descreve com algum cuidado[1], e Plinio, que diz: «ortus hic in Laminitano agro citerioris Hispaniae et modo in stagna se fundens modo in angustias resorbens aut in totum cuniculis condens et saepius nasci gaudens in Atlanticum oceanum effunditur»[2], descripção que ainda agora é verdadeira. De peixes colhidos nelle e no mar era farto o Algarve, como hoje, o que produzia a industria especial da pesca.

Ficam assim indicadas as duas regiões extremas e meridionaes do Algarve, as unicas acêrca das quaes os AA. classicos nos deixaram informações; das centraes e das septentrionaes só temos noticias pela archeologia, mas para o meu intento pouco importa aqui dizer. Inscripções em caracteres pre-romanos, como as que appareceram no concelho de Lagos, appareceram tambem nos de Silves, Alcoutim[3] e Loulé[4], o que prova que a civilização a que ellas pertencem se estendeu mais ou menos por todo o Algarve, facto nada estranho, pois ella ultrapassou mesmo as montanhas, para, pelo menos, chegar ao Alemtejo, como veremos adeante. Estacio da Veiga, que conhecia bem a provincia algarvia, nota por toda ella bastantes reliquias pre-romanas, que correspondem a variados centros geographicos[5]. É provavel que muitos dos vestigios antigos que ahi ha, de trabalhos de mineração, datem da epocha protohistorica; de facto o solo possuia muitas riquezas mineraes: Estrabão não deixa de notar a actividade dos Turdetanos na extracção do ouro, da prata, do cobre, etc.[6]; o geographo

---

[1] III, I, 6 etc.

[2] *Naturalis Historia*, III, § 6.

[3] Estacio da Veiga, *Antiguidades do Algarve*, IV, 285-287.

[4] Vid. *O Archeologo Português*, V, 40.

[5] Vid. *Antiguidades do Algarve*, vol. I, mappa geographico.

[6] III, II, 8. Á Turdetania pertencia Ossonoba (Estrabão, III, II, 5); e Ptolemeu attribue aos Turdetanos várias cidades algarvias e alemtejanas (II, V): por tanto as palavras de Estrabão, em relação ás minas, deve tambem entender-se que se applicam ao Sul do nosso país.

falla sobretudo do seu tempo, mas o que diz tem igualmente applicação ao passado, tanto mais que, nota elle, algumas das minas de cobre se chamavam *de ouro* (χρυσεῖα), «d'onde, accrescenta, se conclue que d'ellas outr'ora [i. e., anteriormente ao tempo de Estrabão] se extrahiu ouro» [1].

*

Ao *Cynneticum* ficava adjacente a mesopotamia de Entre-Tejo-e-Guadiana [2]. É o proprio Estrabão quem emprega esta palavra *mesopotamia:* o *Tagus,* ou «Tejo», dirige-se em linha recta para o occidente, ao passo que o Anas se volta para o Sul, delimitando uma mesopotamia: ὁ [Τάγος] μὲν ἐπ' εὐθείας εἰς τὴν ἑσπέραν ἐκδίδωσι .... ὁ δ' Ἄνας πρὸς νότον ἐπιστρέφει, τὴν μεσοποταμίαν ἀφορίζων, ἣν κ. τ. ἄ. [3]

Nesta mesopotamia é preciso considerar a costa e o interior.

Por infelicidade, faltam-nos notícias acêrca de muitos locaes situados na costa. É assim, por exemplo, que não consta que nome tivesse na antiguidade o cabo de Sines.

Se não érro na interpretação da *Ora maritima* de Avieno, temos no v. 200 menção da barra do rio Mira, sob a denominação de *patulus portus,* «porto vasto»; esta barra está hoje obstruida por areias, e tem por isso pouca importancia, mas d'antes (ainda em 1828) não succedia o mesmo, pois entravam por ella navios de alto bordo [4]. A

---

[1] III, II, 8.

[2] *Entre-Tejo-e-Guadiana* ou *Entre-Tejo-e-Odiana* é designação geographica usada pelos nossos antigos AA., e correspondente pouco mais ou menos á de *Alemtejo,* no sentido primitivo da expressão (= alem-Tejo): cf. *Revista Lusitana,* III, 247; e *Benedictina Lusitana,* I, 223. Os antigos costumavam designar muito naturalmente as zonas geographicas pelos nomes dos rios. Aos exemplos portuguezes que citei na *Revista Lusitana,* III, 222, junte-se mais este, que vem num documento do sec. XV, mencionado na *Revista de Guimarães,* XIV, 93: «Entre-Douro-e-Mondego».

[3] III, I, 6.

[4] Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno,* XI, 859.

região do rio Mira é rica de minerios; em alguns sitios descobrem-se vestigios de trabalhos antigos: quem sabe se esses trabalhos ascenderão á epocha phenicia, e se d'elles provirá a notícia contida no périplo cujo último echo se encontra no poema de Avieno?

A cima do referido *patulus portus* menciona Avieno, v. 199, uma ilha denominada *Poetanion*. Esta ilha não póde ser senão a do Pessegueiro, que fica entre o cabo de Sines e a foz de Mira; já o hespanhol Juan de Mariana fez a mesma identificação[1], a que eu tambem fui levado antes de conhecer o texto d'este auctor. Pinho Leal, que soube vagamente o que escreveu Mariana, diz que na ilha «se encontram ainda actualmente vestigios de remota occupação»[2]. Bem mereceria a pena proceder nella a algumas excavações archeologicas. A ilha do Pessegueiro é pequena, mas não tanto que ahi não se fundasse no sec. XVII um forte, que tinha a guarnição de trinta soldados[3]. Não é pois de admirar que o périplo a mencionasse.

Segue-se o cabo de Sines, cujo nome antigo, como disse acima, não sabemos, e a embocadura do rio Sado no oceano, á qual chama Estrabão golfo, — κόλπος[4]; o mesmo diz Mela, — *sinus*[5]. O nome *Sado* parece de origem moderna[6]; o nome antigo era *Calipus* = Καλίπους[7].

Por ahi ficava a ilha

Achale vocata ab incolis,

no dizer de Avieno, v. 184, — correspondente talvez á

---

[1] *Historia general de España,* edição de 1751, t. I, p. 156.

[2] *Portugal antigo e moderno,* XI, 859.

[3] Pinho Leal, *ob. cit.,* VI, 514.

[4] III, III, 1.

[5] III, I, 56.

[6] Vid. *O Archeologo Português,* I, 84; mas cfr. David Lopes, *Toponymia arabe de Portugal,* Paris 1902, p. 35.

[7] Marciano de Heraclea, II, 13, ed. de C. Müller (Didot); e Ptolemeu, II, 5, 2 (Καλλίπους), ed. de C. Müller (Didot).

lingueta de areia em que estão as ruinas de Troia [1]; junto d'ella a agoa estava como que estagnada e cheia de lodo:

> Confundi at illic aequor immundo luto,
> Memorant vetusti; semper atque sordibus
> Ut faeculentos gurgites haerescere [2].

Como limite costeiro da mesopotamia estraboniana, apparece-nos, confinada ao Norte pela foz do Tejo, a viçosa peninsula da Arrabida, cuja ponta mais saliente constitue o cabo chamado hoje *de Espichel,* e antigamente *Barbárion* [3]. A expressão *iugum Cepresicum* (ou *Cempsicum*) [4], de que se serve Avieno [5], ao descrever a costa maritima nestes sitios, tanto póde significar o cabo em especial, como a propria serra da Arrabida, pois que *iugum,* se quer dizer «cabo», tambem quer dizer «serra»; mas parece que aqui tem antes a primeira significação. Ambas as denominações, *Cepresicum* (ou *Cempsicum*) e *Barbárion,* apresentam caracter adjectival, como as de outros cabos e regiões, por ex.: *promunturium Olisiponense, iugum Cyneticum.*

---

[1] Cf. Müllenhoff, *Deutsche Altertumskunde,* I, Berlin 1890, p. 104; e Martins Sarmento, *Ora maritima (estudo d'este poema),* 2.ª ed., p. 42 sqq. Este ultimo A., *ob. cit.,* p. 46, identifica, a meu ver, inexactamente, *Achale* e *Poetanion,* pois *Poetanion* localiza-se bem, como vimos, na ilha do Pessegueiro. Tambem Sarmento quer tirar da expressão de Avieno *vocata ab incolis* deducções historicas; mas é manifesto que *ab incólis* não passa de mera redundancia poetica.

[2] Avieno, *Ora maritima,* vv. 192–194.

[3] Estrabão, *ob. cit.,* III, III, 1; Marciano, *ob. cit.,* II, 13.

[4] Na editio princeps da *Ora maritima,* Veneza 1488, lê-se realmente *Cepresicum,* e assim tambem se lê nas edições posteriores; mas Wernsdorf propõe a correcção *Cempsicum* (apud Holder, ed. da *Ora maritima,* p. 151), o que não deixa de ter certo fundamento (apesar do que diz Ursin, *De Lusitania,* Helsingfors 1884, p. 12), até mesmo paleographicamente, pois nos mss. era facil confundir-se *Cēpsicum,* abreviatura de *Cepresicum,* com *Cēpsicum,* abreviatura de *Cempsicum.* A expressão *Cepresicum* é um ἅπαξ λεγόμενον.

[5] Avieno, *Ora maritima,* vv. 182–183:

> ..... tum Cepresicum
> iugum intumescit.

A respeito do interior da região de que presentemente me occupo, ministra-nos a litteratura e a archeologia bastantes notícias, posto que incompletas, e difficeis, ou impossiveis por vezes, de justificar pelos factos modernos. É assim que, por exemplo, Ptolemeu menciona certo número de cidades pre-romanas, cujo *ubi* se ignora: *Braetolaeum* = Βραιτόλαιον, *Arcóbriga* = Ἀρκόβριγα, *Meribriga* = Μεριόβριγα, *Catraleucus* = Κατραλευκός, *Arandis* = Ἀρανδίς[1] Esta última é tambem mencionada no *Itinerario* de Antonino sob a fórma *Aranni* e pelo Ravennate sob a fórma *Arani;* Plinio emprega o ethnico *Aranditani,* que faz presuppôr a fórma *Arandis*[2].

No Baixo-Alemtejo ha uma extensa região denominada actualmente *Campo de Ourique,* onde se encontraram bastantes inscripções ibericas[3], que estabelecem communidade de relações entre os povos a que ellas pertenciam e os povos algarvios em cujos territorios appareceram, como vimos a p. 15, monumentos analogos. Nesta região houve pois povoados pre-romanos. Não sabemos porém os seus nomes. Talvez algumas das citadas cidades ptolemaicas estivessem aqui. Não longe da villa de Ourique fica um monte com vestigios de fortificações archaicas, por nome *A Colla,* onde estive em 1897, e que, comquanto primeiro romanizado, e depois christianizado, foi certamente estação protohistorica[4]. A SE. de Ourique jaz Almodovar; neste concelho appareceram tambem inscripções ibericas[5].

Pelos vestigios archeologicos descobertos por toda a mesopotamia, — e ahi eu proprio tenho achado muitos —,

---

[1] *Geographia,* II, 5.

[2] Vid. C. Müller, ad Ptolemaeum, pp. 134–135, nota.

[3] Vid. *Monumenta linguae Ibericae,* de E. Hübner, p. 192 sqq. — Deve-se ao incansavel arcebispo Cenaculo, honra do clero português, o não se haverem perdido para a sciencia estas e outras inscripções.

[4] A proposito d'este monte ha uma pequena litteratura archeologica (Résende, Cenaculo, G. Pereira; cf. tambem *Corp. Inscr. Lat.,* II, p. 788).

[5] Vid. *Monumenta linguae Ibericae,* n.os LXIX e LXX.

sabe-se que ella foi bastante povoada em tempos antigos. De um lado o Anas, do outro o Calipus e o mar, sem fallar no Tagus, que a limitava pelo N., facilitavam as relações ethnicas. Aos povos que viessem de fóra não os attrahiria a belleza do país, como no Algarve, porque o Alemtejo é geralmente sêcco e melancolico, com os seus infinitos *montados* de azinho e sobro, onde raro serpeia um rio ou brota uma fonte; attrahia-os todavia, entre outras, a riqueza mineria do solo. Já a cima citei as minas da região do rio Mira. Ao N. de Ourique, em Aljustrel, existem provas de exploração metallurgica, umas romanas, outras, ao que parece, pre-romanas; o mais célebre monumento que nos resta d'esses trabalhos, e que ascende á epocha romana (sec. I da E. C.), é a tabula de bronze em que se contém uma lei que se refere á mina; esta tinha designação pre-romana, — *metallum Vipascense:* o adjectivo *Vipascense* faz suppôr que o substantivo que d'elle deriva era *Vipascum* ou *Vipasca,* que constituia propriamente o nome da povoação a que a mina pertencia, ou do sítio em que esta estava[1].

Quem do *metallum,* ou «mina», *Vipascense* caminhasse para NO., para o lado da costa, atravessando o *Calipus* e a Serra de Grandola, encontraria a cidade de *Merobriga,* que se suppõe corresponder á moderna villa de S. Tiago de Cacem; nesta villa se tem encontrado muitos monumentos archeologicos, mas que datam da epocha romana[2].

Pax Iulia, que ficava na planicie em que hoje está Beja, apresenta denominação latina; eu não tinha pois de aqui a incluir: comtudo no aro bejense apparecem vestigios de civilizações mais antigas[3].

---

[1] A lei (em latim) tem já sido publicada várias vezes, por AA. nacionaes e estrangeiros. Vid. *Corp. Inscr. Lat.,* II (Supplemento), p. 788 sqq.

[2] Vid. *Corp. Inscr. Lat.,* II, 5, e Suppl., p. 802.

[3] Alguns estão representados no Museu Municipal de Beja, outros no Museu Ethnologico Português.

No mesmo caso está *Salacia*. O seu primitivo nome, segundo o que se lê nas moedas cunhadas por este *municipium*, era *Erion*[1]. A cidade jazia nas margens do Calipus. Uma das grandes riquezas actuaes das terras transtaganas são os gados; já assim succedia em tempos antigos, o que se deduz, por exemplo, de um texto de Estrabão[2]. Como industria correlativa vinha o preparo da lã: ora justamente aquelle geographo[3] e Plinio[4] memoram as lãs de Salacia.

Perto do Sado ficava tambem *Caetobriga*, que mal póde identificar-se com as ruinas romanas de Troia de Setubal[5]; *Caetobriga* devia ser, na origem pelo menos, como o nome *-briga* o indica, uma altura fortificada[6]. Não será sem importancia notar que no monte da Rotura, nos arredores de Setubal, existe um castro pre-romano[7]; se não era *Caetobriga*, era uma estação analoga a ella.

Á peninsula da Arrabida pertencia a povoação de *Equabona*, hoje representada por *Coina*, nome que corresponde phoneticamente àquelle[8].

Conhecem-se outras cidades d'esta região, mas com nomes latinos; o seu *ubi* tambem se ignora: *Caepiana*[9] e *Caeciliana*[10]. O *Itinerario* menciona ahi uma cidade sob o

---

[1] Vid. *O Archeologo Português*, I, 83; e IV, 127 e 269.

[2] *Geographia*, III, II, 6.—O A. falla da Turdetania em geral.

[3] *Loc. cit.*

[4] *Naturalis Historia*, VIII, 48 (73).

[5] Vid. *O Archeologo Português*, I, 62.

[6] As fórmas do nome d'esta cidade, citadas pelos AA. antigos, são: Καιτόβριξ (Ptolemeu, II, 5), Καιτοβρίξ (Marciano de Heraclea, II, 13), *Catobriga* e *Catobrica* (*Itinerario* de Antonino), *Cetobricca* (Anonymo de Ravenna, ed. de Pinder & Parthey, Berlim 1860, p. 306).

[7] Cf. *O Archeologo Português*, II, p. 247.

[8] Vid. *O Archeologo Português*, III, 7, nota.—O Ravennate tem *Abona*, por falta das primeiras letras: (*Equ*)*abona* (p. 306); é assim, que tambem traz *Celiana* = *(*Cae*)*celiana* por *Caeciliana:* o que póde attribuir-se a erros de copistas.

[9] Ptolemeu, II, 5.

[10] *Itinerario* (cf. supra, nota 8). Plinio cita *Castra Caecilia* no liv. IV, 117.

nome de *Maleeca, Malececa* ou *Malecceca*, a qual se chama no Ravennate, p. 306, *Malabiste*[1].

Dirigindo-nos agora para E., vemos a cidade de *Ebora*, hoje «Evora», mencionada por diversos AA., por exemplo Plinio[2]: posta no coração da mesopotamia, numa planicie equidistante do *Anas* e do *Calipus*, gozou certamente de muita importancia; todavia da sua epocha antiga só nos ficou o nome, e os monumentos que provém dos Romanos.

Ainda mais para E., e a bastante distancia de Evora, ergue-se um monte, hoje chamado *de S. Miguel da Mota*, perto da aldeia de Terena; ahi esteve o célebre santuario do deus Endovellico, e é natural que para o seu culto concorressem, entre outras, as povoações que tinham assento no *Castello-Velho* e no *Castellinho*, dois outeiros vizinhos, em que, pelo menos num, ha vestigios de edificações antigas, outeiros que, já pelos seus nomes, já por causa d'esses restos archeologicos, pertencem á categoria dos *castros* ou *crastros*[3]. Entre os monumentos votivos do santuario de Endovellico acha-se mais de uma vez a figura do porco; não sería inverosimil suppôr que a conhecida actividade dos Alemtejanos na criação d'esses animaes ascendesse já a epochas remotas.

Como o *Castello-Velho* e o *Castellinho*, ha outros muitos outeiros e montanhas no Alemtejo, que correspondem a outras tantas povoações protohistoricas, de que a Colla, citada a cima, é mais um exemplo; ás vezes os nomes conservaram-se até o presente, segundo vemos em *Castro-Verde*, e em outros.

Bastante ao N. de Terena, perto de Portalegre, revela-

---

[1] Ao N. do Sado ha uma aldeia e uma ribeira chamadas *Marateca*, nome que seria tentador identificar com um dos que cito no texto, admittindo-se, já se vê, que estes estavam muito deformados; existem porém outras *Maratecas* (nos districtos de Santarem, Portalegre e Evora, — casaes e herdades).

[2] *Naturalis Historia*, IV, 117.

[3] Cf. *O Archeologo Português*, I, 212.

nos uma inscripção romana a cidade de *Ammaia*[1]. Os montes que ficam a NE. de Portalegre são-nos tambem conhecidos pela litteratura antiga: o escriptor Cornelio Boccho, que ha todas as razões para crer que era lusitano[2] (vivia no sec. I da E. C.), diz que d'elles se extrahiam pedaços de crystal de admiravel peso, «perquam mirandi ponderis»; mas elle menciona esses montes de modo vago, dando-lhes o nome da cidade: *iuga Ammaeensia*[3]; cfr. tambem hoje «Serra de Portalegre» (na antiguidade tinhamos denominações analogas: *iugum Cyneticum, promunturium Olisiponense, metallum Vipascense,* etc.).

A última cidade importante que devo aqui mencionar é *Aritium Vetus,* conhecida por uma inscripção romana e por outros textos[4]; ficava, ao que se crê, no territorio de Alvega, na margem esquerda do *Tagus.*

Este rio fecha a mesopotamia pelo N. e pelo NO.; nasce nos Celtiberos, atravessa a terra dos Véttones, dos Carpetanos e dos Lusitanos, até morrer no oceano[5]; ao seu porto se refere Avieno (*Ora maritima,* vv. 174–177):

> At qui dehiscit inde prolixus sinus,
> Non totus uno facile navigabilis
> Vento recedit: namque medium accesseris
> Zephyro vehente, reliqua deposcunt notum.

Das lezirias ou dos esteiros do Tejo se poderá entender o que diz Estrabão na *Geogr.,* III, III, 1. O rio abunda em pei-

---

[1] *Corp. Inscr. Lat.,* II, 158: MVNICIP(*es*) AMMAI(*enses*).—Cf. tambem *Corp. Inscr. Lat.,* II, 501, onde se falla de um individuo natural de Ammaia: *Aventinus Ammaiensis.* — Ptolemeu, II, 5, cita mesmo o nome Ἀμμαία. — Sobre o que diz Plinio, vid. infra.

[2] Vid. *O Archeologo Português,* I, 69 sqq.

[3] Este passo de Boccho é-nos conhecido apenas por uma citação de Plinio, *Naturalis Historia,* XXXVII, § 24. Vid. igualmente Peter, *Historicorum Romanorum Fragmenta,* Leipzig 1893, p. 297.

[4] *Corp. Inscr. Lat.,* II, 172; *Mon. ling. Iber.,* p. 223.

[5] Estrabão, III, III, 1.

xes e ostras[1]; na sua foz tem vinte estadios de largura[2]. A alguma distancia d'ella avulta, no meio do rio, uma ilhota, — notavel pela sua vegetação[3], — ilhota que deve corresponder ao moderno Almourol, e que se avistava do alto da cidade de *Moron*, que era muito bem fortificada e importante[4]. O Tejo, alem de navegavel em certa extensão[5], é rico de ouro, e a esta celebridade natural do rio alludem muitos auctores antigos. Sem querer espraiar-me em citações, lembrarei apenas alguns. Ovidio diz nas *Metamorphoses*, II, 251:

Quodque suo Tagus amne vehit, fluit, ignibus, aurum...

Silio Italico, nos *Punicorum*, I, 155, falla do *auriferi fontis*, II, 404, das *opibus Tagi*, e em XVI, 560, tem o verso:

Qua Tagus auriferis pallet turbatus harenis...

em Catullo, XXIX, 20, figura o *amnis aurifer Tagus*; em Juvenal, III, 54-55, lê-se:

..... opaci
Omnis harena Tagi, quodque in mare volvitur aurum...

ideia que se repete mais adeante, XIV, 298-299:

..... aurum
Quod Tagus ..... volvit .....

e tambem se encontra em Lucano, na *Pharsalia*, VII, 755:

Quidquid Tagus expulit auri.

---

[1] Estrabão, III, III, 1.

[2] Estrabão, III, III, 1. — O estadio correspondia a uns 185 metros (1/8 da milha romana).

[3] Estrabão, III, III, 1.

[4] Estrabão, III, III, 1. Talvez haja alguma relação phonetica entre *Moron* e *Almourol* = *Al-morol*; cf. já o que diz D. Francisco Manoel de Mello (sec. XVII), *Cartas familiares*, centuria III, carta 62

[5] Estrabão, III, III, 1.

O ouro do rio tornou-se uma especie de *logar commum* nos poetas, o que não quer dizer que tambem alguns prosadores o não citassem.

Ainda dentro dos limites da mesopotamia lusitana ficavam algumas cidades notaveis, como Budua ou Burdua, Norba, Turgalium, Alea, — na Extremadura hespanhola.

Os productos naturaes que a cima mencionei, gados, lãs, minerios, alem de outros que, como hoje, deviam existir, davam a Estrabão motivo sufficiente para dizer que a mesopotamia era regularmente feliz ou fertil, — μετρίως εὐδαίμων [1]. Por isso tantos povoados a occupavam.

*

Continuemos a nossa digressão para o N., e entremos no territorio da Lusitania primitiva, que, como diz Estrabão, principia no Tejo, e continúa para cima [2]. Ahi encontraremos, conforme já notei, duas regiões secundarias: a comarca d'entre Tejo e Douro; e a *Callaecia*.

Comecemos pela primeira. Como fiz a respeito da região antecedente, considerarei aqui tambem em separado a costa e o interior.

O primeiro promontorio que nos apparece é o Cabo da Roca, limite occidental da serra de Sintra ou Cintra. O geographo romano Pomponio Mela chama-lhe *Magnum* [3]; Plinio chama-lhe igualmente *Magnum*, e alem d'isso *Olisiponense*, do nome da cidade vizinha, e tambem *Artabrum*, i. é., «dos Artabros» [4]. É antes á serra de Sintra em ge-

---

[1] *Geographia*, III, I, 6.

[2] *Geographia*, III, III, 3.

[3] *De situ orbis*, III, I, 50.

[4] *Naturalis Historia*, IV, 113. Os *Artabres* ou *Arrotrebae* (vid. IV, 111, 114, 119) ficavam porém muito para o Norte. Cf. a este proposito A. Haebler, *Die Nord- und Westküste Hispaniens* (já cit.), p. 23.

ral, do que ao Cabo da Roca, em especial, que se refere este passo de Avieno:

> ..... prominens surgit dehinc
> Ophiussae in auras [1],

onde *promineus* tem significação substantiva, «saliencia». Do cabo e da serra, conglobados em uma só designação, falla Ptolemeu: Σελήνη ὄρος, ἄκρον[2], «serra da Lua, promontorio», i. é., «promontorio formado pela Serra da Lua», «promontorio da Serra da Lua»; Marciano diz o mesmo[3].

Ao Cabo da Roca segue-se o Cabo Carvoeiro, que alguns AA.[4] tem querido identificar com o *Promunturium Lunae;* mas esta identificação não me parece justa, poisque nos geographos antigos, como vimos, este cabo anda associado ao monte: ora, nem no Cabo Carvoeiro, nem perto, ha monte algum, como eu verifiquei *de visu,* para o que fui lá de proposito em 1891[5]. Do Cabo Carvoeiro, como de outros mais, não sabemos qual era o nome antigo.

Em frente do cabo ficam as ilhas Berlengas, entre as quaes a Berlenga Grande. Esta ilha tem em Ptolemeu o nome de Λονδοβρίς[6]; eis o que diz o geographo: «junto da Lusitania fica a ilha de Londobris». Já C. Müller fez esta identificação[7]. Marciano tambem cita a ilha, denominando-a Λάνοβρις[8], fórma que differe da precedente na deslocação do accento, e em estar o δ absorvido no ν. Como porém é depois de se referir ao Cabo da Serra da Lua que Marciano menciona a ilha, dizendo «ἐνταῦθα παράκειται [νῆσος]

---

[1] *Ora maritima,* vv. 171–172.
[2] *Geographia,* II, 5, 3.
[3] *Périplo,* II, 13.
[4] Entre os ultimos, em data, F. Martins Sarmento, *Ora maritima,* 2.ª ed., p. 40.
[5] Cfr. *Revista Lusitana,* II, 308.
[6] *Geographia,* II, 5, 7.
[7] Ad Ptolemaeum (vol. I, p. 142 nota).
[8] *Périplo,* II, 13.

Λάνοβρις καλουμένη», i. é, segundo a traducção latina, «hic adiacet *insula* Lanobris appellata», póde d'aqui tirar-se argumento contra a identificação que a cima fiz entre este promontorio e o da Roca, e suppôr-se que o promontorio da Lua é o Carvoeiro; mas, se a razão da vizinhança da ilha é importante, não o é menos a falta de uma serra no Cabo Carvoeiro: d'onde se deve concluir que, ou o verbo παράκειται não tem aqui valor tão absoluto como *adiacet*, ou, o que parece mais provavel, que as ideias do geographo eram um tanto confusas acêrca d'estas paragens, por isso que o Cabo Carvoeiro, deante do qual estão as Berlengas, fica logo a seguir ao da Roca.

Desde o Cabo Carvoeiro até á foz do Mondego a costa não offerece accidentes dignos de nota. O Mondego tem nos AA. antigos os nomes de *Munda* [1] e *Monda* [2]; o primeiro é certamente o primitivo, (cfr. tambem *Munda?* nome de uma cidade antiga de Hespanha), e d'elle veiu *Monda*, por alteração do *u* em *o*, como em *Dorius* de *Durius*. A moderna fórma, i. é, *Mondego*, assenta nessa: *Mondego* < Mondaecus, com o suffixo -aecus, que tambem, ao que parece, se vê em *Callaecus*, e existe no português *-êgo* [3]. Em Estrabão o rio tem o nome de *Mulindas* =

---

[1] Mela, III, 8; Plinio, IV, 115.

[2] Ptolemeu, II, 5; Marciano, II, 13.

[3] Cf. Diez, *Grammaire des langues romanes*, II, 283–284, e F. Adolfo Coelho, *Vestigios das antigas linguas da Peninsula Iberica*, Porto 1884 (separata da *Revista de Guimarães*, III, 169–189). Este suffixo tem certa extensão nas linguas nacionaes e no onomastico da Iberia: por ex.: port. *ninhego, labrego*, hesp. *pinariego, veraniego*; á mesma classe creio pertencer *Lamego*, nome que se encontra em Portugal e na Galliza, e de cuja familia são *Lamega* (Portugal) e *Lamegos* (Galliza), — derivados, como supponho, de *lama*. O *Lamego* (= * *Lamaecu-*) da Beira já figura em moedas visigoticas do sec. VII nessa mesma forma: vid. Heiss, *Monnaies des rois wisigoths*, Paris 1872, p. 105. — Ha muitos nomes de origem latina, citados na litteratura antiga, que se conservam ainda hoje no onomastico da Peninsula, por ex.: *Lucus, Emerita*, etc.; cf. tambem *Pinetum, Robo-*

Μουλιάδας[1], que os commentadores tem emendado em Μούνδας, de accôrdo com as outras fórmas do nome do rio. O Mondego nasce na Serra da Estrella; «cavou-se antigamente junto a este rio muito ouro, e se vêem a cima de Pena Cova e noutros lugares os sinaes manifestos d'onde se tirava, e muitos montes de pedra, que os trabalhadores ajuntavão para apurar o ouro»[2]; elle, depois de atravessar a Beira Alta e a Baixa, e tornar ameno e fecundo o *campo de Coimbra,* entra no mar junto da Figueira, que por esse facto se chama *da Foz.* Ahi perto está o Cabo Mondego, cujo nome antigo se ignora.

Ao Norte do Cabo Mondego fica, tambem no Atlantico, a foz do *Vacua,* hoje «Vouga». A fórma *Vacua* é-nos dada por Estrabão: Οὐακούα[3], que está mal accentuada; a accentuação exacta devia ser Οὐάκουα, que concorda com as leis phoneticas do português[4], e com um codice de Marciano, onde se lê o genetivo Οὐάκουα[5]. Outra fórma do nome do rio é *Vagia,* dada por Plinio[6], — evidentemente errada[7]. O Vouga vem das serras da Beira-Alta, e, de

---

retum. — Ptolemeu cita entre os Véttones uma cidade chamada *Lama* (II, v, 7); é provavel que não exista parentesco entre esta palavra e *Lamego.* — Julgo sem nenhum fundamento a restituição *Lame-āco-n feita pelo Sr. Holder no seu *Alt-Celtischer Sprachschatz.* s, v.; o Sr. Holder baseou-se, como penso, na forma *Lameacum* dada por Hübner no *Corp. Inscr. Lat.,* II, p. 818, mas esta é manifesto lapso por *Lamaecum.*

[1] III, III, 4.

[2] Fr. Bernardo de Brito, *Geographia da Lusitania,* 1597, fl. 5.

[3] III, III, 4.

[4] De facto a fórma portuguesa *Vouga* só póde explicar-se por *Vácua,* por intermédio de * *Vágua,* * *Vauga.* Nos documentos latino-medievaes encontra-se *Vauga,* que julgo não corresponde á fórma intermédia que acabo de indicar, mas que supponho ser mera latinização de *Vouga.*

[5] Citado por Müller, ad Marcianum, I, p. 548, nota.

[6] *Naturalis Historia,* IV, 113.

[7] Já o Sr. Adolfo Coelhò propôs a correcção d'ella in *Mélanges Graux,* p. 231.

mesmo modo que o Monda, é navegavel apenas num pequeno percurso, como diz Estrabão [1].

O ultimo rio memoravel na zona geographica de que estou tratando é o *Durius* ou *Dorius,* hoje «Doiro» ou «Douro», conhecido de muitos auctores antigos, como Estrabão, na fórma Δούριος [2], Mela, na fórma *Durius* [3], Marciano, na fórma Δόριος [4], e outros. É grande rio, que desde a sua origem, na Hespanha, até á sua foz, anda uma extensão de 1:370 estadios [5], sendo susceptivel de navegação no percurso de uns 800 estadios [6]. Desagôa no mar, não longe de *Cale* [7].

Depois de percorrida assim rapidamente a costa, voltemos ao Tejo, e lancemos os olhos para o interior do país.

A primeira cidade que tenho de mençionar é *Olisipo,* «Lisboa» [8], nas margens do *Tagus,* onde hoje está. Muitos auctores antigos fallam d'ella, como Varrão [9], Plinio [10], etc. As fórmas do nome variam: *Olisipo, Olisippo, Ulisipo,* nos AA. latinos e nas inscripções; Ὀλισσίππων, Ὀλισσείππων,

---

[1] *Geographia,* III, III, 4.

[2] III, III, 2, etc.

[3] III, 8.

[4] II, 13.

[5] Marciano, *loc. cit.*

[6] Estrabão, III, III, 4.

[7] Acêrca de *Cale* vid. por ex.: o *Itinerario d'Antonino,* p. 421, da ed. de Wesseling, Amsterdam 1735, que dá a fórma *Calem;* e o anonymo de Ravenna, p. 307, da ed. de Pinder & Parthey, Berlim 1860, que dá a fórma *Calo.* A mais antiga menção d'esta cidade encontra-se nos «Fragmentos Historicos» de Sallustio, apud Servio, ad *Aeneid.,* VII, 728, onde, segundo a luminosa correcção de Voss, ha-de ler-se *Gallaecia* e não *Gallia,* vindo por isso a ser a nossa cidade de *Cale* a citada naquelle passo, e não uma cidade francesa; a nota de Voss está transcrita no vol. II da edição de Pomponio Mela, *De situ orbis,* feita em Leiden em 1748, p. 743.

[8] O seu primitivo assento é provavel que fosse no monte em que se ergue o castello de S. Jorge.

[9] *De Re rustica,* II, 1, 19.

[10] *Naturalis Historia,* IV, 116.

etc., nos AA. gregos; em escritos mais modernos[1] encontra-se *Olisipona,* na qual assenta a fórma actual «Lisboa». De Lisboa ter sido em tempos modernos «rainha do oceano» ninguem infira que na epocha remota de que estou tratando ella fosse muito grande, apesar do rio que a banha, majestoso pelas suas agoas, notorio, como vimos, pelo ouro que encerrava nas suas areias. Ainda assim, auctores ha que a julgaram digna de lhe dar por fundador nada menos que Ulisses, «oppidum .... Ulixi conditum», no dizer de Solino[2]; este êrro tem comtudo como principal base a tal ou qual consonancia que ha entre *Olisipo* e Ὀλυσεύς (= Ὀδυσσεύς), da qual resultou, segundo creio, a orthographia Ὀλυσίπων; como, a julgar do que se lê nas inscripções, a pronúncia popular do nome da cidade foi em certa epocha *Ulisipo,* teve-se aqui outra analogia com o nome latino do heroe grego, *Ulixes* ou *Ulixis*[3], o que daria maior incremento á lenda[4]. Um dos montes vizinhos, que penso não era outro senão o Monsanto, tinha caracter sagrado; os AA. latinos dão-lhe o nome de *Mons Sacer*[5]. Ou neste monte, ou perto d'elle, localizavam os antigos uma notavel superstição, qual era a de as egoas conceberem do vento, e de darem á luz d'essa maneira cavallos muito velozes, embora de curta vida[6]; para o nosso caso a superstição só tem

---

[1] Por ex.: na *Cosmographia* do anonymo de Ravenna, p. 307 (ed. de Pinder & Parthey, Berlim 1860). Suppõe-se que o texto primitivo d'esta obra data do sec. VII da E. C.

[2] *Collectanea rerum memorabilium* (ed. de Th. Mommsen, Berlim 1895), cap. XXIII, § 6.

[3] As fórmas correctas em latim são estas, e não *Ulysses.*

[4] Sabida é a tendencia que tinham os auctores antigos para explicarem nomes geographicos e ethnographicos por nomes historicos de fama. Na Iberia ha tambem muitos exemplos d'ella.

[5] Vid. o que a este proposito escrevi in *Rivista di Storia antica,* vol. II (Messina 1897), pp. 5-6.

[6] Varrão, *De Re rustica,* lib. II, cap. I, § 19 (vid. o meu cit. art. na *Rivista di Storia antica);* Plinio, VIII, 166, etc. — D'este assunto tratou com ampla erudição Antonio Pereira de Figueiredo nas

importante pelo facto da menção da raça especial dos cavallos. Quanto ao local preciso, nada se sabe dizer ao certo: André de Resende inclinava-se a que fosse o Monte-Junto e a Serra d'Albardos [1]; mas talvez nessa raça cavallar se possa ver o protótypo da que hoje é famosa no Ribatejo.

Nas serras d'esta zona da Extremadura conhecem-se algumas estações pre-romanas: citarei as do Monte-Junto, onde é sobretudo notavel o castro de Pragança, com os seus numerosos artefactos de metal.

Ainda nas margens do Tagus, ao N. de Olisipo, erguia-se numa altura a cidade de *Scallabis* ou *Scalabis*, «Santarem», citada por Plinio [2], por Ptolemeu, etc. [3] Na mesma latitude, da banda do mar, achava-se *Eburobrittium*, tambem citada por Plinio [4], etc., que creio ficava junto da Amoreira de Obidos, a julgar do fragmento de uma inscripção romana que lá encontrei, e que hoje está no Museu Ethnologico Português. Ahi perto fica um castro, em S. Mamede de Obidos, onde se fizeram, a expensas do Museu Ethnologico, algumas excavações, e se encontraram vestigios

---

Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa, IX, p. 100 sqq.; mas não se lembrou dos seguintes versos da *Iliada* de Homero, XVI, 148-151 (ed. de Brach), onde se diz que os cavallos guiados por Automedon foram concebidos do vento Zephiro por uma Harpia:

Τῷ δὲ καὶ Αὐτομέδων ὑπαγε ζυγὸν ὠκέας ἵππους,
Ξάνθον καὶ Βαλίον, τὼ ἅμα πνοιῇσι πετέσθην,
τοὺς ἔτικε Ζεφύρῳ ἀνέμῳ Ἅρπυια Ποδάργη,
βοσκομένη λειμῶνι παρὰ ῥόον Ὠκεανοῖο.

Cf. as notas de Brach a este passo, e Gubernatis, *Mythologie Zoologique*, I, 371-372; e alem d'isso A. Haebler, *Die Nord- und Westküste Hispanien*, já cit., p. 37-38.

[1] *De antiquitatibus Lusitaniae*, I, 58, ed. de Roma 1597.

[2] *Naturalis Historia*, IV, 117.

[3] II, 5, 4.

[4] IV, 113.

archeologicos analogos aos do castro ou *castello* de Pragança.

De *Collippo*, «Leiria», lembra-se Plinio[1]; o adjectivo *Collipponensis* encontra-se nas inscripções da epocha romana[2]. Provavelmente a primitiva cidade estava no monte em que hoje se vê o castello medieval.

É preciso ir agora muito longe, lá para o Nascente, a fim de encontrar outra cidade famosa: a capital dos *Igaeditani*. Não consta dos AA. o seu nome primitivo: talvez fosse **Igaedi* ou **Igaedium*[3]; posteriormente tornou-se **Igaeditania*, pois só elle explica a fórma que se encontra nas moedas visigoticas, i. é, *Egitania*[4], e o nome moderno, i. é, *Idanha*[5]. Uma inscripção romana encontrada na aldeia de S. Salvador, entre Monsanto e Valverde, menciona o *terminus Augustalis*, ou demarcação de fronteiras posta pelo imperador Augusto, entre os Igeditanos e os Lancienses Oppidanos[6]; o *oppidum* d'estes Lancienses chamava-se pois *Lancia*[7].

Atravessando as gigantescas montanhas do centro da Beira e o rio Zêzere, chegaremos a *Conimbriga*, que corresponde a «Condeixa-a-Velha»[8], onde ainda se vêem muitas ruinas, que todavia datam de tempos posteriores áquelles de que estou tratando[9]. Não longe de *Conimbriga* estava

---

[1] IV, 113.

[2] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 340, etc.

[3] Cf. *Laminitani*, de *Laminium* ou *Lamini*.

[4] Acêrca dos *Igaeditani* vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 460, etc. Quanto ás moedas, vid. Heiss, *Monnaies des rois wisigoths*, p. 103.

[5] Entre *Egitania* e *Idanha* ha a forma portugueza archaica *Eidãia*, que vem em Viterbo, *Elucidario*, s. v. EIDAYA (falta-lhe o til)

[6] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 460.

[7] Em Ptolemeu, II, 5, 7, ha *Lancia Oppidana* (nos Vettones); cf. as notas de Müller a este passo, no vol. I, p. 140.

[8] Á cêrca d'esta cidade vid. Borges de Figueiredo, «Oppida restituta», no *Boletim da Sociedade de Geographia*, 5.ª serie, n.º 10 (1885), p. 585 sqq.; e cf. tambem *O Archeologo Português*, III, 147-148.

[9] Cf. *O Archeologo Português*, IV, 305-308.

Aeminium, «Coimbra», situada nas frescas margens do Munda[1].

Á região de entre Munda e Vacua pertence uma cidade cujo nome na sua mais antiga fórma nos é só conhecido pelas moedas visigoticas, mas que data naturalmente de tempos muito anteriores: é *Viseu,* que naquellas moedas se chama *Veseo*[2]. No mesmo caso está *Lamego,* que, como se disse a p. 27, n., póde ter-se denominado outr'ora **Lamaecu-* ou **Lamecu-*[3]. A p. 22 vimos que no santuario de Endovellico se encontraram ex-votos em que figurava a imagem do porco, do que, disse eu, poderia concluir-se que a actividade dos alemtejanos no exercicio da criação d'estes animaes provinha já de remotas eras; tambem numa ara apparecida nas margens do Rio Paiva se esculpiu a figura de um porco[4]: sem querer tirar agora uma inducção semelhante áquella, notarei sómente que ficamos assim conhecendo, por testemunho irrefragavel, um dos elementos da fauna da região beirã na antiguidade.

No extremo Nordeste da região que em tempos modernos recebeu o nome de *Beira,* que comprehende as cidades ultimamente mencionadas, corre o rio *Cuda*[5], «Coa», em

---

[1] Vid. sobre ella tambem Borges de Figueiredo, «Oppida restituta», in *Boletim da Sociedade de Geographia,* 5.ª serie, n.º 2 (1885), p. 67 sqq.

[2] Heiss, *Monnaies des rois wisigoths,* p. 106.

[3] Nos *Monumenta Linguae Ibericae,* n.º LVII, vem uma inscripção onde se encontra, segundo a leitura do Sr. Hübner, a fórma *lamaticom,* a proposito da qual o auctor allemão escreve: «*Lamaticom* fortasse nomen loci est *Lamego* hodie dicti»; mas a fórma *lamaticom* não poderia dar *Lamego,* e unicamente poderia dar **lamago,* como se vê em *Vidago, vinhago, gentiaga,* etc., onde está representado o suffixo -aticum. E curioso que esta inscripção fosse achada no logar chamado *Lamas* (*de Moledo:* na Beira-Alta).

[4] *Corp. Inscr. Lat.,* II, 5247.

[5] Este nome não se encontra nem na litteratura antiga, nem na epigraphia, mas encontra-se apenas o seu derivado geographico *Transcudanus* = *trans*-CUD-*anus:* vid. *Corp. Inscr. Lat.,* II, 760; e cf. *ibidem* o n.º 5261.

cujas vizinhanças estava a communidade ou *civitas Aravorum*, «Devesa», perto de Marialva[1], e a *civitas Lanciensium Transcudanorum*[2], cujo local preciso porém se ignora.

Alem das cidades referidas, muitas outras nesta zona se podem citar, ainda sem localização bem determinada, como *Arabriga, Tubucci, Sellium, Tulabriga, Langobriga*[3], etc. Em circumstancias identicas se acha um *mons sacer* que Justino colloca de modo vago na *Gallaecia*[4], e o *Mons Herminius*[5], mau grado aquelles que o identificam com a Estrella ou com outras serras. A região beirã é riquissima em *castros*, por causa da natureza montanhosa do solo; raro se encontrará um monte que não encerre um: isto explica

---

[1] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 48; e cf. *Revista Archeologica*, IV, 65.

[2] Este povo é mencionado na inscripção da ponte de Alcantara: LANCIENSES TRANSCVDANI: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 760. Temos pois:

a) *Lanciences Transcudani*, ou d'alem-Coa;

b) *Lanciences Oppidani*, que confinavam, como vimos a p. 32, com os *Igaeditani*.

[3] *Langobriga*, segundo o Itinerario d'Antonino, ficava entre *Aeminium* e *Cale*, localização a que não se oppõe o Ravenate, que a sitúa entre *Olisipo* e *Cale*. Nenhuma d'estas localizações implica que *Langobriga* estivesse numa linha recta tirada de *Olisipo* ou de *Aeminium* para *Cale*, pois tambem o Itinerario cita, por ex., *Serpa* entre *Ebora* e *Pax Iulia*, etc. Ora, numa região archeologicamente bem definida, entre Marialva e Freixo-de-Numão, onde se tem encontrado lapides romanas (vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 428-462), fica, no concelho da Meda, uma aldeia chamada hoje *Langroiva*, *Langrouva* (pronúncia popular) e *Longroiva*, em doc. medievaes *Longobria* (sec. X: *Port. Mon. Hist.*, Dipl. et Ch., n.º LXXXI) e *Longrovia* (sec. XII: Viterbo, *Elucidario*, s. v. «Bemquerença», vol. I, 1.ª ed., p. 188). Phoneticamente, *Langrovia* póde vir de Langobriga (isto está de accordo com as leis da lingua portuguesa). A geographia antiga não contradiz que Langroiva esteja no territorio de *Langobriga*, pois essa aldeia occupa o vertice de um triangulo cujos outros vertices são, — indo de *Pax Iulia* para o Norte —, *Aeminium* e *Cale*. — Sobre *Langobriga* = Lango-briga, cf. *Rev. Celt.*, XVI, 99.

[4] *Historia Philipina*, XLIV, III.

[5] Vid. *Bellum Alexandrinum*, XLVIII, 4; Dião Cassio, XXXVII, 52. — Cf. tambem, para o estudo da questão, Borges de Figueiredo in *Revista Archeologica*, IV, 62 sqq.

que os nomes de cidades terminados em -briga, que significa «monte fortificado», fossem ahi relativamente tão numerosos como acabamos de ver.

Fóra do territorio português, mas ainda nos limites da Lusitania, no mais lato sentido da expressão, temos, por exemplo, *Caurium, Capera, Mirobriga, Sentica, Bletisa, Salmantica,* — na Extremadura hespanhola e em Leão.

*

A ultima região que nos falta percorrer é a *Callaecia* ou *Gallaecia*[1], que de modo geral comprehende as nossas provincias de Entre-Douro-e-Minho, e de Tras-os-Montes, e a moderna Galliza. Da delimitação da *Callaecia* falla Estrabão quando diz que os Gallegos ficão ao N. do Douro[2]; cf. tambem Plinio na *Naturalis Historia,* IV, § 119, onde se lê que o Douro separa da Lusitania os Gallegos[3].

A costa portuguesa é quasi sem accidentes; não assim porém a costa gallega.

A cima do *Durius* ou *Dorius,* de que já fallei, fica o rio *Avus,* «Ave»[4], mencionado por Mela[5] e Ptolemeu[6]. É um pequeno rio, que nasce na serra da Cabreira, e que um pouco augmentado de agoas, em virtude de outros

---

[1] A mais antiga fórma do nome é *Callaecia* (variante *Callecia,* — em gr. Καλλαικία).

[2] III, IV, 20.

[3] Sem embargo, o mesmo A., *ibidem,* sitúa a Gallaecia ao N. dos Bracaros. Plinio parece estabelecer assim distincção entre *Gallaecia* (geographia) e *Gallaeci* (ethnologia).

[4] A fórma *Ave,* com *-e,* ou se ha de explicar pelo genetivo *Avi* («flumen Avi»), o que não sería estranho, ou por influencia do nome commum *ave,* segundo o processo linguistico denominado *etymologia popular:* a favor d'esta última explicação está o facto de se chamar «Entre-ambas-as-Aves» o sitio onde no *Ave* entra o *Vizella* ou *Avizella* (= Av-ic-ella, nome deminutivo de *Ave*); nessa expressão é *Ave* dado como feminino. Cf. *Revista Lusitana,* III, 222.

[5] III, 1.

[6] II, 6, 1.

rios que a elle affluem, desagôa no mar entre Villa do Conde e Azurara. No seu percurso através da fresca provincia do Minho, passa perto de varios castros, e entre elles, como mais importantes, os de *Sabroso* e da *Citania,* do ultimo dos quaes já falla Fr. Bernardo de Brito, em fins do sec. XVI, na *Geographia da Lusitania,* fls. 5 *v* [1].

Entre os rios Avus e Nebis commemora Ptolemeu o Ἄυαρον ἄκρον [2] = *Avarum promunturium.* Em virtude da analogia de sons, real ou apparente, que existe entre *Avus* e *Avarum,* tem alguns AA. localizado este promontorio na foz d'aquelle rio, fazendo-o corresponder assim a uma das pontas que por ahi fórma a costa [3].

Ainda entre o Avus e o Nebis fica, segundo Pomponio Mela [4], o rio *Celadus* [5]. Geographicamente não póde deixar de lhe corresponder o Cávado, que, tendo sua nascente em Tras-os-Montes, morre no mar, junto de Esposende. O nome português antigo do *Cávado,* era *Cádavo,* e este relaciona-se com a familia de palavras a que pertence *Cadaval, Cadavaes, Cadaveira* etc., e que tem por base o nome commum *cádavo,* que hoje existe como tal em gallego, e que significa «gamón ó ganzo, palo de tojo chamuscado, hierba», segundo o *Dicc.-gall.-cast* de Valladares y Nuñez [6].

---

[1] Tanto a respeito de um como do outro existem alguns folhetos e artigos, de Sarmento, Hübner, etc. Cf. *Corp. Inscr. Lat.,* II, pp. 896-897; O *Arch. Port*, VI, 53 sqq; e *Relig. da Lusit.*, I, indice s. v.

[2] II, 6, 1.

[3] Müller numa nota ao citado lugar de Ptolemeu suppõe, levado da semelhança phonetica de *Avarum* e *Aveiro,* que o promontorio corresponde ao sítio d'esta cidade; mas tenho tal semelhança como meramente casual, pois Aveiro fica muito ao Sul do ponto de que se trata, e o nome archaico d'esta cidade é *Aaveiro* (hoje ainda na pronúncia o primeiro *a* é aberto, embora atono: *àveiro*).

[4] III, I, 70.

[5] Em alguns mss. *Celandus.* Mas a melhor lição é a que dou no texto.

[6] D'esta etymologia me occupei num artigo publicado no *Clamor do Bombarral* (jornal), n.º 42 (1892).

O rio *Nebis,* conhecido de Mela [1], Ptolemeu [2], etc., nasce no termo da villa da Barca, e tambem morre no mar. Parece que Estrabão se equivocou chamando *Baenis* ao *Minius* [3], pois *Baenis* está certamente por *Naebis* = *Nebis,* tendo havido aqui uma metathese, como em Νίμιος = Μίνιος [4], e em *Millia* = *Limia* [5]. A moderna fórma *Neiva* corresponde a *Nebis,* mas não directamente; tem de se admittir *Nebia como fórma intermedia, pois só por esta se póde explicar, segundo as leis phoneticas, *Neiva* [6].

Chegamos agora á foz de um rio de grande nomeada, pelas lendas que lhe andam annexas, as quaes a seu tempo citarei: é o *Limia,* «flumen oblivionis», que vem dos Celtiberos e dos Vacceus [7], e desagôa, no Atlantico junto da pittoresca Vianna. Nos codices estrabonianos tem este rio as fórmas incorrectas Λιμαίαν, Λημαίαν (acc.).

Depois d'elle, apparece-nos o Ancora, cujo nome antigo ignoramos, mas em cujo valle se encontram numerosas ruinas de povoações pre-romanas [8].

O último rio importante da costa portuguesa é o *Minius,* mencionado por Estrabão [9], Mela [10] e outros. Hoje chama-se *Minho.* É o maior rio da Lusitania [11], navegavel na extensão de 800 estadios, a contar da foz. Vem do territorio dos Cantabros [12].

---

[1] III, 10.
[2] II, 6, 1.
[3] III, III, 4.
[4] Em Appiano, c. 72.
[5] Em alguns codices. Vid. Müller, ad Ptolemaeum, I, 143.
[6] Para a adopção da fórma popular *Nebia podia contribuir a terminação *-ia* de *Limia.* São frequentes na lingoagem os factos d'estes natureza.
[7] Estrabão, III, III, 4.
[8] Martins Sarmento, n-*O Pantheon*, 1880-1881, p. 2.
[9] III, III, 4.
[10] III, 10.
[11] Estrabão, III, III, 4.
[12] Estrabão, III, III, 4.

Na embocadura do rio Minho no oceano ha uma ilha, com um ancoradouro formado por dois molhes, segundo Estrabão[1]. Á mesma ilha, se refere, segundo penso, Avieno na *Ora maritima,* vv. 164 sqq.:

> ..... post pelagia est insula
> Herbarum abundans adque Saturno sacra:
> Sed uis in illa tanta naturalis est,
> Vt, siquis hanc innauigando accesserit,
> Mox excitetur propter insulam mare,
> Quatiatur ipsa, et omne subsiliat solum
> Alte intremescens, cetero ad stagni uicem
> Pelago silente.

Esta ilha é, no meu entender, a nossa Insoa. A descripção d'ella no estado actual corresponde á que faz Avieno. Lê-se no *Portugal antigo e moderno,* III, 395: «Mesmo no meio do rio Minho ha um ilheu de rochedos graniticos, que divide em duas a barra, sendo a do S. chamada *barra portuguesa,* e a do N. *barra gallega* .... Fica este ilheu entre a villa portuguesa de Caminha e a aldeia gallega [de Campos-Ancos]. Sobre o rochedo ou rochedos se construiu a fortaleza da Insoa. Na baixa-mar descobre uma restinga de areia; mas na prea-mar as ondas banhão as muralhas, e não poucas vezes embravecidas galgam por cima d'ellas com fragor. Em occasião de temporaes fica incommunicavel com a terra, porque nenhum barco se atreve a ir lá .... No rio Minho ha outras muitas insoas, todas planas e cobertas de uma especie de *murraça* (herva marinha), que vão ceifar os moradores das duas margens, mas só na falta de outra, porque é fraca, e o gado só com muita fome a póde comer». Os pontos de concordancia entre a Insoa e a ilha a que se referem as duas notícias contidas nas obras de Estrabão e Avieno são pois: 1) a situação na embocadura do rio Minho, — πρόκειται δὲ τῆς ἐκβολῆς αὐτοῦ νῆσος (Estrabão); 2) a abundancia da mur-

[1] *Geographia,* III, III, 4.

raça, — *herbarum abundans* (Avieno); 3) a braveza do mar em certas circumstancias, — *vis tanta naturalis* (Avieno). Por isso a hypothese que apresento parece-me ter base [1].

Para alem da foz do rio Minho, no Atlantico, fica a *ora maritima* gallega, toda recortada de golphos, e com algumas ilhas nas anfractuosidades. Ahi se nos depara em primeiro lugar o promontorio Ὀρούιον, que parece corresponder ao *Aryium* e *Aruium* de Avieno, hoje Cabo Silleiro; depois vem as ilhas que os Romanos chamaram *Siccae;* vem a foz do *Laeros,* a ilha *Aunos,* a foz do *Sars* e do *Tamaris,* o promontorio *Nerium,* a foz do *Mearus* ou *Naris,* o *Cornu Trileucum,* a foz do *Navialbia,* já no Mar Cantabrico.

Até aqui descrevi a costa; seguindo agora o mesmo methodo que tenho seguido, passarei a fallar das regiões mediterraneas, ou do interior.

Logo perto de *Cale* e do *Durius* se nos deparam alguns castros: Guifões, sobre o rio Leça [2]; Alvarelhos, não longe do *Avus* [3]; Monte-Cordova, no concelho de Santo Thyrso [4].

No concelho de Marco-de-Canaveses havia, entre outras, uma povoação protohistorica, cujo nome nos foi conservado em parte por uma inscripção latina da epocha romana:

---

[1] Os editores de Estrabão, Müller & Dübner, não sabendo da existencia de uma ilha nas bocas do rio Minho, porque nem todos os mappas a mencionam, dizem sem mais: «Insula illa non est ante Minii (*Minho*) ostia, sed ab eo boream versus (*isla Cies*) ad maris recessum». Ad Strabonem, p. 753. Vê-se o nenhum fundamento de tal emenda a um texto tão positivo e tão conforme com a verdade actual. Se a ilha da Insoa é pouco importante, não é mais importante do que ella nenhuma das Cies. — Em 1902 estive á vista d'estas e da Insoa.

[2] Vid. *O Archeologo Português,* IV, 270.

[3] Vid. Ribeiro Fortes, *A estação archeologica d'Alvarelhos,* Porto 1899. — D'este castro acho já noticias medievaes: por ex., em um doc. do sec. XI (*Port. Mon. Hist.,* Dipl. et Ch., n.º 533): «*kastro Alvarelius* discurrente rribulo Aue in territorio Portugalensis».

[4] Vid. *O Archeologo Português,* I, 12 e 145.

-ongóbriga[1]; perto d'essa povoação corre o rio *Tamaga*[2], hoje chamado Tamega, affluente do Douro.

Como a *Callaecia* é muito montanhosa, não admira que abundem nella os castros. Não acabaria nunca, se fosse a mencioná-los todos; contentar-me-hei, pois, com remetter desde já o leitor para *O Archeologo Português,* onde encontrará abundancia de notícias. Em todos ou quasi todos os concelhos dos districtos do Porto, Braga, Vianna, Villa-Real e Bragança os ha. Eu mesmo tenho por lá visitado muitos. Alguns d'estes castros tem já uma litteratura, como por exemplo, o de Avellans[3], arredores de Bragança, onde appareceu uma inscripção romana em que figura o *ordo Zoelarum*[4]. Do castro de Santo Ovidio (Fafe) provém uma das célebres estátuas lusitanicas de guerreiros[5]. De Sabroso e Citania fallei acima. Infelizmente não sabemos os nomes que na epocha pre-romana correspondiam a estes castros, como por outro lado nem sempre podemos localizar as cidades de que nos fallam os textos antigos.

No Entre-Douro-e-Minho, μεταξὺ δὲ τοῦ Μινίου καὶ τοῦ Δουρίου, cita-nos Ptolemeu estas cidades pre-romanas: *Bracara, Caladunum, Tuntobriga* (= Tongobriga?), *Araducca*[6]. Pelo menos duas d'ellas deviam mais ou menos coincidir com modernos castros, como o provam as terminações dos seus nomes *-briga* e *-dunum,* que significam «mon-

---

[1] Vid. *Revista Lusitana,* I, 236-237; e *Corp. Inscr. Lat.,* II, 5564.

[2] Esta palavra não nos foi conservada em antigos textos senão no derivado *Tamagani:* vid. *Corp. Inscr. Lat.,* 2477.

[3] A povoação que lá existe hoje chama-se mesmo *Castro d'Avellans.* Aqui cito alguns trabalhos a seu respeito: *Panorama,* VIII (1844), 269; *Memorias de Litteratura Portuguesa,* V (1783); *Archivo Pittoresco,* V, 83-85; *Diario Illustrado,* 1880, n.º 2631; *Primeiro de Janeiro* (ou em Janeiro de 1877, ou proximo); *Relatorio* de Pinheiro in *Revista de Guimarães,* V, 71; artigo de Borges de Figueiredo in *Revista Archeologica,* I, 85.

[4] *Corp. Inscr. Lat.,* 2606.—Dos *Zoelae* ha várias notícias na litteratura antiga e epigraphia.

[5] Vid. *O Archeologo Português,* II, 30-32.

[6] II, VI, 38.

tanha», «fortaleza», como veremos adeante. *Bracara,* que na epocha romana se chamava *Augusta,* estava conhecidamente no sitio da moderna Braga; a respeito d'ella temos muitos textos. É curioso que Ausonio, nas suas *Clarae urbes,* n.º IX, citando a rica Bracara, diga que ella ficava á beira-mar:

Quaeque sinu pelagi iactat se Bracara diuos ...

o que deve interpretar-se por este facto: que os Bracaros, segundo Ptolemeu [1], habitavam um territorio banhado pelo oceano, τὰ... ἐπὶ θαλάσσῃ; e que, sendo Bracara a capital d'elles, Ausonio, que escrevia lá de longe uma poesia, e não um tratado geographico, tomou a parte pelo todo, dando pois a Bracara situação maritima. Á mesma serie de cidades pertencem tambem estas ptolemaicas: *Complutica* e *Pinetum,* que por terem nomes latinos, pouco importaria omittir aqui. Com quanto não possuamos texto algum que se refira ás thermas que hoje se chamam *de Vizella,* não ha dúvida que ellas erão conhecidas nesta epocha, porque ahi se encontraram inscripções romanas com varios nomes indigenas, e entre elles o de um deus de que a seu tempo fallarei.

Outro nome latino de cidade lusitana (do tempo dos Flavios) é *Aquae Flaviae,* hoje Chaves [3], denominação cuja primeira parte tem por origem as «thermas» que ahi ha; como nos arredores se tem encontrado inscripções com nomes indigenas, não é improvavel que a cidade romana tivesse por base uma cidade pre-romana, mas nada posso ao certo affirmar a tal respeito.

Ptolemeu cita ainda nos limites, ao que parece, do nosso país, *Volobriga* e *Coeliobriga,* cujas terminações não desdizem, como notei a cima, da natureza physica da região que estamos percorrendo, região montanhosa, povoada de

---

[1] *Geographia,* II, VI, 38.
[2] Ptolemeu, *Geographia,* II, 6, 38.
[3] Cf. *Corp. Inscr. Lat.,* II, 5682.

castros (*brigae*). Carlos Müller propõe identificação entre *Volobriga* e *Aobriga*[1], o que me não parece nada provavel. Quanto a *Coeliobriga*, este nome foi já comparado com *Caeilobricoi*, que se lê numa inscripção indigena da região de Viseu[2].

Por uma inscripção romana conhecemos a *civitas Banien-s(ium)*[3]; a séde do territorio d'estes Banienses devia ser pelas alturas de Moncorvo.

A cidade de Bragança (pop. *Brègança*, ant. *Bregança*, **Bergança*) parece corresponder a uma antiga **Brigantia*, segundo o que notei n-*O Archeologo Português*, III, 57.

Para lá do Minho, na região correspondente á actual Galliza, muitas povoações se podiam citar, mas não tenho de fallar d'essa região com tanta minudencia como do meu proprio país. Plinio cita, por exemplo, na jurisdição dos Bracaros, o *oppidum Abobrica* e o *castellum Tyde*[4]. Não ha dúvida que *Tyde* = *Tude* é a moderna cidade de Túy. A situação de *Abóbrica* = *Abóbriga* é que não é tão clara[5].

---

[1] Ad Ptolemaeum, vol. I, p. 163.

[2] Vid. Hübner, *Monumenta linguae Ibericae*, p. 185 (e *Corp. Inscr. Lat.*, II, p. 165; e *La arqueologia de España*, p. 60); cf. tambem Müller, *ibidem*, p. 163.

[3] Cf. *O Archeologo Português*, II, 169.

[4] *Naturalis Historia*, IV, § 112.

[5] O Sr. Hübner, no *Corp. Inscr. Lat.*, II, p. 346, suppõe identica a fórma *Abobrica* a *Aobriga* (*Corp. Inscr. Lat.*, II, 2477) e a *Avobriga* (cujo derivado *Avobrigensis* vem no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4247), e accrescenta que em *Avobriga* lhe parece entrar o nome *Avus* (rio). Já D. Detlefsen, no *Philologus*, XXXVI, 657-658, combateu a opinião do Sr. Hübner quanto á explicação de *Avobriga* pelo nome do rio Ave; effectivamente, no systema geographico de Plinio, *Naturalis Historia*, IV, § 112, o *oppidum Abobrica* fica antes ou ao pé do rio Minho, e por isso longe do *Avus* ou Ave, que corre ao Sul, a grande distancia. Por qualquer lado que estudemos a historia e geographia antigas, as difficuldades são ordinariamente enormes. Aqui, por exemplo, se por um lado é tentador o explicar *Avobriga* por *Avo-briga*, o que está perfeitamente de accôrdo com a phonologia celtica e com o facto de um dos castros do Ave poder chamar-se realmente *Avóbriga*; por outro lado é tambem muito natural que

O mesmo A. sitúa na jurisdição de Lugo o *Noeta oppidum*[1].

A respeito de outros povos e cidades d'esta região dá algumas noticias interessantes Ptolemeu, *Geogr.*, II, 6, 21.

Tão extensa como é a Lusitania primitiva, pois que, como vimos, começa no Tejo, e continúa para o N., medindo de extensão 3:000 estadios[2], como quem dissesse 111 legoas, não admira que offereça á consideração do visitante multiplos aspectos physicos, possua variados climas, e no seu solo esconda riquezas de toda a especie.

Ao oriente e ao N. erguem-se altas e asperas serranias; do lado do mar, na Extremadura e Beira occidentaes, e em parte do Entre-Douro-e-Minho, o terreno é porém por vezes plano, apenas interrompido por alguns montes de pequena altitude[3]. Embora os sitios montanhosos tenham clima rigoroso, e passem, agronomicamente fallando, por

---

Aobriga corresponda a *Avobriga*, por syncope do *v* intervocalico, e que *Avobriga* provenha de *Abobrica*, por degeneração do *b* em *v*,— vindo nós a ter a serie: *Abobrica* = *Abobriga* > *Avobriga* > *Aobriga*. Fernandez-Guerra, in *Revista Archeologica*, II (Lisboa 1888), 89-92, livrou-se de difficuldades admittindo tres cidades, cada uma d'ellas respectivamente com um d'aquelles nomes: *a*) *Aóbriga*, correspondente a *Orense*, que Fernandez Guerra deduz, sem bons fundamentos, de *Auriensis* < > *Aobrigensis* (mas *Auriensis* é evidentemente latinização medieval de *Orense;* por outro lado o grupo *us* devia estar reduzido a *s*); *b*) *Abobriga*, correspondente ao nosso ilheu da Insoa, de que fallei a cima, p. 38 (todavia Plinio diz *oppidum Abobrica*, e não *insula*, citando comtudo ao pé as *insulae Siccae*); *c*) *Avobriga*, que elle suppõe fosse uma cidade junto do Ave. Não ha dúvida que podia haver cidades com nomes iguaes ou semelhantes, como hoje acontece; mas o que é certo é que, se sabemos que *Abobrica* = *Abobriga* ficava perto do rio Minho, nada sabemos da situação das outras duas, nem se todas constituiam uma só ou não.

[1] *Naturalis Historia*, IV, § 111.

[2] Estrabão, III, III, 3.

[3] Estrabão, III, III, 3.

estereis e pobres[1], o país comtudo abunda de frutos, gado e metaes preciosos[2]; para a riqueza e fertilidade da maior parte d'elle contribuem os numerosos rios que a cima citei, e que o atravessam de E. a O., perpendicularmente ao Tejo[3], alguns d'elles, segundo disse, notaveis pelo ouro que encerram, como tambem não raro o são os montes[4]. Da producção do chumbo falla Plinio nestas palavras: «nunc certum est in Lusitania gigni et in Gallaecia summa tellure harenosa et coloris nigri»[5]. Tratando de modo geral da Provincia Tarraconense, em cujos limites se comprehendia o territorio que estou agora a descrever, diz ainda o mesmo auctor: «omnisque dicta regio a Pyrenaeo metallis referta auri, argenti, ferri, plumbi nigri albique»[6]. Testemunho da existencia de carvalhos na Lusitania temo-lo em Estrabão, quando diz que um dos alimentos dos montanheses era a bolota, δρυεβάλανος[7]. No que são propriamente frutas de mimo, achamos outra notícia, e interessante, em Plinio, que conta que tem fama na Belgica e nas margens do Rheno as ginjas ou cerejas lusitanas[8]; como porém a Lusitania pliniana seguia do Douro para o S., não se póde dizer se as palavras do naturalista se relacionam precisamente com o país do N. do Tejo. No mesmo caso está a notícia dada por elle a respeito do *coccum*, «imperatoriis dicatum paludamentis»[9]. Posso aqui igual-

---

[1] Estrabão, III, III, 5.—Sobre a aspereza do clima vid. o mesmo auctor, III, III, 8, e as respectivas observações de Müller.

[2] Estrabão, III, III, 5.

[3] Estrabão, III, III, 4.

[4] Justino, XLIV, III, *Epitome hist. Philipp.*—Sobre o ouro da Lusitania cf. tambem Plinio, *Naturalis Historia*, XXXIII, 78.—Em especial sobre o *Callaicum aurum* vid. Marcial, *Epigram.*, IV, 39, e XIV, 95.

[5] *Naturalis Historia*, XXXIV, § 156.

[6] *Naturalis Historia*, IV, 112.

[7] *Geographia*, III, III, 7.

[8] *Naturalis Historia*, XV, 103.

[9] *Naturalis Historia*, XXII, 3.

mente citar a referencia que Varrão faz á gordura dos porcos da Lusitania na sua obra *De Re rustica,* II, IV; esta referencia combina com a que acima vimos a respeito dos porcos do Alemtejo e da Beira em epochas antigas [1]. Mais particular é a allusão de Gracio Falisco aos cavallos da Callaecia, os quaes, ainda que não por tão longe como as *cerasi* de que ha pouco fallei, tambem eram celebres fóra do seu lugar de origem:

Callaecis lustratur equis scruposa Pyrene [2].

Na impossibilidade de citar tudo quanto na litteratura antiga se relaciona com o assunto, — nem para o alvo que tenho em vista é preciso isso, — vou encerrar esta descripção com a traducção textual do que se lê (em grego) num fragmento historico de Polybio, e que tem especial referencia á região do N. do Tejo [3]. Este fragmento foi-nos conservado por Atheneu (escriptor do sec. III da E. C.), no principio do liv. VIII dos Δειπνοσοφισταί, e faz parte do liv. XXXIV das *Historias* de Polybio, livro que, como outros, do mesmo A., já não existe na sua totalidade: «Descrevendo no liv. XXXIV das suas *Historias* as excellencias da Lusitania, — país da Iberia, a qual os Romanos chamam agora *Hispania* —, Polybio Megalopolitano diz que lá, pelo bem temperado do clima, os animaes e a gente são prolificos, e os frutos jámais se estragam no país: tanto assim, que as rosas alli, os goivos brancos, os espargos, e outros productos da Natureza semelhantes a estes, só deixam de dar durante tres meses. O peixe do mar, já pela sua abundancia, já pela sua boa qualidade, já pela sua belleza, differe muito do que se cria no Mediterraneo.

---

[1] Cf. tambem Thurneysen, *Sagen aus dem altem Irland,* Berlim 1901, p. 1, onde o texto varroniano se cita a proposito de tradições celticas da Irlanda.

[2] *Cynegeticon,* v. 514.

[3] Num auctor do sec. III-II A. C., como é Polybio, só póde entender-se por Lusitania essa região, pois que Estrabão, que é posterior a elle, assim ainda a define: vid. *Relig. da Lusit.,* vol. I, p. XXI.

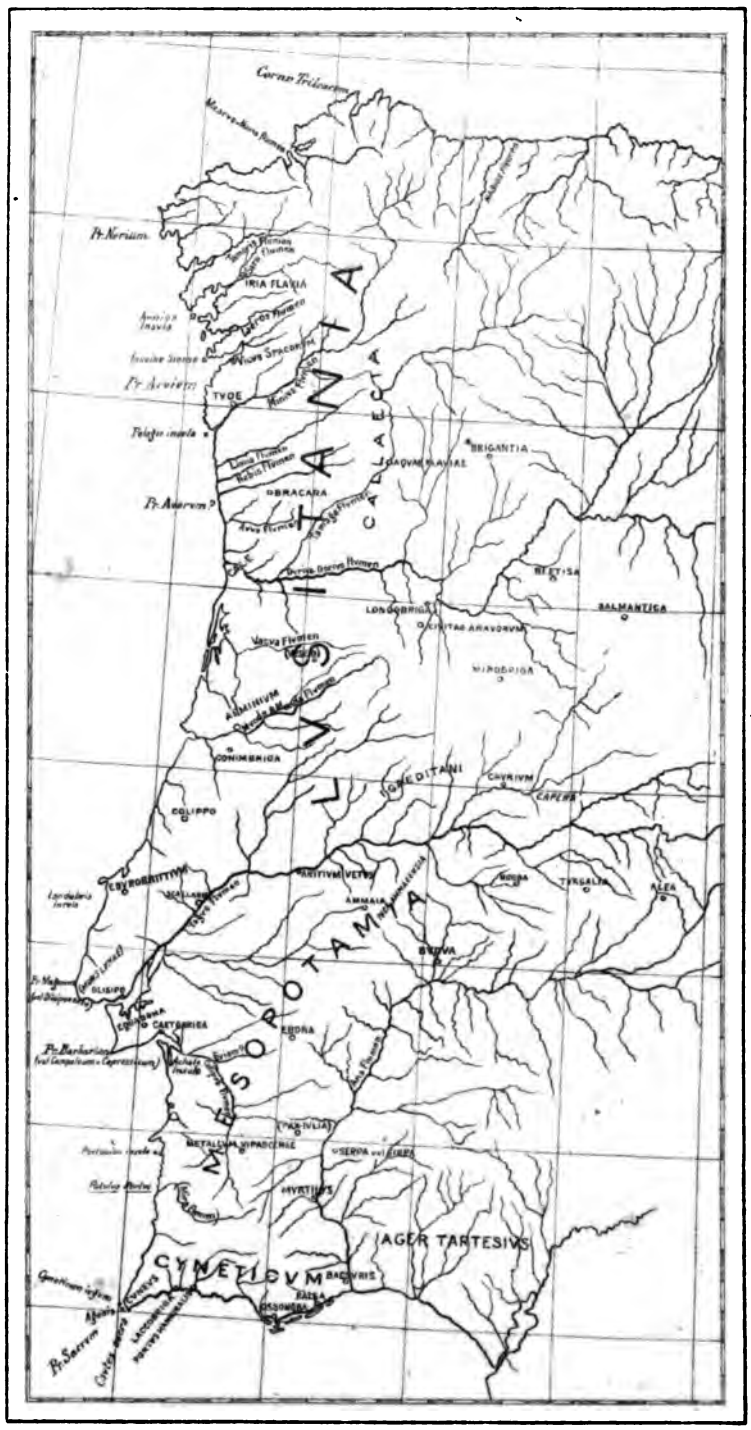
E o siclo (medimno) de cevada custa uma dracma; o de trigo nove obolos alexandrinos; a metreta de vinho uma dracma. E o cabrito mediano e a lebre um obolo cada um. O preço dos cordeiros regula entre tres e quatro obolos. Um porco gordo, de cem minas de pêso, vale cinco dracmas, e uma ovelha duas. Um talento de figos tres obolos. Um vitello cinco dracmas, e um boi, que já possa jungir-se, dez dracmas. A carne dos animaes bravos, a que quasi nem se attribue valor, dá-se de convite e gratuitamente»[1].

*
* *

Eis ahi, nas paginas precedentes, a summula da geographia do territorio que vae desde o *Cyneticum*, através da mesopotamia de entre Tejo e Guadiana, até o Mar Cantabrico, que banha as costas da *Callaecia*.

É territorio bastante accidentado: planicies onde o trigo ostenta louras messes, ou onde pastam pacificamente os gados por entre as azinheiras; valles de doce fresquidão, em que a videira, a ginjeira, a figueira pagam com bons juros os cuidados do lavrador; montanhas que não se sabe por onde mais nos cativem, se pela majestade dos seus contrafortes revestidos de matagaes, se pela riqueza dos seus veios metalliferos. No *Cyneticum* e na mesopotamia os rios são pouco numerosos e pouco fartos de agoa, se exceptuarmos os dois das extremidades e o Calipus; á proporção porém que se caminha para o N., as arterias fluviaes augmentam em número, o que torna viçoso e fecundo o país, — e então admiramos ora correntes caudalosas como o Durius e o Minius, ora placidas como o Munda e o Avus, de cada uma das quaes é licito ás vezes dizer o que do Arar diz Cesar nos *Commentarios da guerra gaulesa*, I, 12: «ut oculis in utram partem fluat iudicari non possit». A estas differenças que se notam á superficie do

[1] Da edição de 1839 (Paris, Didot), t. II, cap. VIII, p. 113-114.



Mappa da Lusitania protohistorica

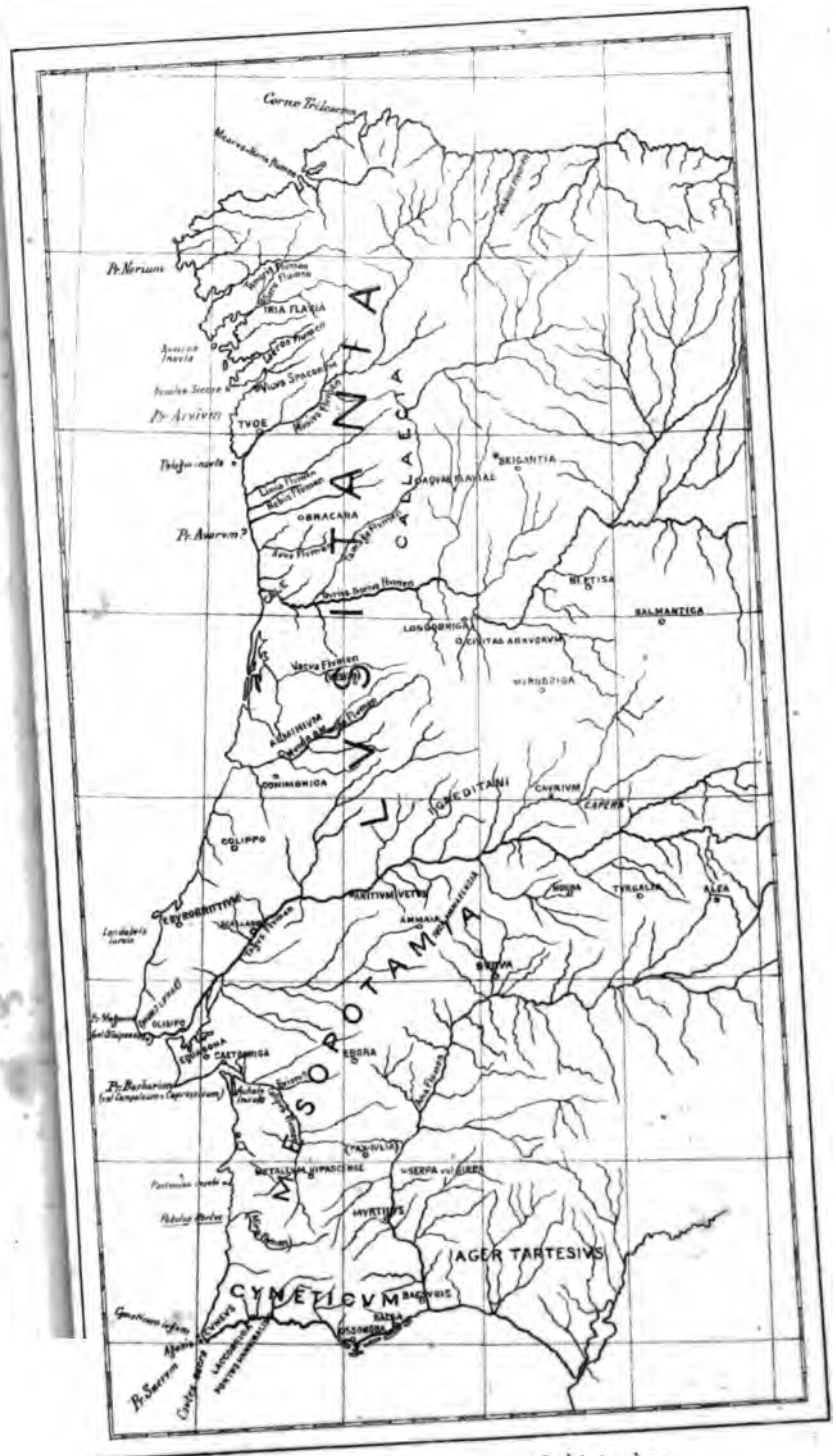
E o siclo (medimno) de cevada custa uma dracma; o de trigo nove obolos alexandrinos; a metreta de vinho uma dracma. E o cabrito mediano e a lebre um obolo cada um. O preço dos cordeiros regula entre tres e quatro obolos. Um porco gordo, de cem minas de pêso, vale cinco dracmas, e uma ovelha duas. Um talento de figos tres obolos. Um vitello cinco dracmas, e um boi, que já possa jungir-se, dez dracmas. A carne dos animaes bravos, a que quasi nem se attribue valor, dá-se de convite e gratuitamente»[1].

*
* *

Eis ahi, nas paginas precedentes, a summula da geographia do territorio que vae desde o *Cyneticum*, através da mesopotamia de entre Tejo e Guadiana, até o Mar Cantabrico, que banha as costas da *Callaecia*.

É territorio bastante accidentado: planicies onde o trigo ostenta louras messes, ou onde pastam pacificamente os gados por entre as azinheiras; valles de doce fresquidão, em que a videira, a ginjeira, a figueira pagam com bons juros os cuidados do lavrador; montanhas que não se sabe por onde mais nos cativem, se pela majestade dos seus contrafortes revestidos de matagaes, se pela riqueza dos seus veios metalliferos. No *Cyneticum* e na mesopotamia os rios são pouco numerosos e pouco fartos de agoa, se exceptuarmos os dois das extremidades e o Calipus; á proporção porém que se caminha para o N., as arterias fluviaes augmentam em número, o que torna viçoso e fecundo o país, — e então admiramos ora correntes caudalosas como o Durius e o Minius, ora placidas como o Munda e o Avus, de cada uma das quaes é licito ás vezes dizer o que do Arar diz Cesar nos *Commentarios da guerra gaulesa*, I, 12: «ut oculis in utram partem fluat iudicari non possit». A estas differenças que se notam á superficie do

[1] Da edição de 1839 (Paris, Didot), t. II, cap. VIII, p. 113–114.



Mappa da Lusitania protohistorica

solo correspondem differenças de clima: sereno ou quente para o S., aspero para o N. Que cousa mais triste que um descampado alemtejano! Pelo contrário, como os olhos se regalam ao pousarem na verdura das veigas do Minho, ou ao percorrerem a orla do mar do Algarve, tão ajardinada quasi toda ella!

Numerosas povoações occupam este vasto territorio, ou assentes em regiões planas, como Ossonoba, Balsa, Ebora, Bracara, ou construidas nos pincaros de montanhas, e por isso ás vezes no celtico da Lusitania especificadas com os expressivos nomes de *briga* e *dunon*. Se restam ainda muitissimas ruinas que attestam a existencia das nossas velhas cidades, — todavia a quasi todas as que a litteratura antiga e a epigraphia nos ensinam a conhecer deve applicar-se o seguinte melancolico verso de Avieno, *Ora maritima,* 247:

Famam atque nomen sola liquit caespiti!

Esse grande número de povoações, ás quaes tornarei a referir-me quando adeante me occupar da ethnographia, mostram como o país era densamente habitado, o que não admira, poisque desde os mais remotos tempos se encontrava em condições climatericas para isso, e desde então tinham vindo para cá povos provenientes de toda a parte.

C) Ethnologia lusitana

De certo alguns dos povos que nos são conhecidos dos tempos protohistoricos pelos textos antigos se relacionam com as primitivas tribus prehistoricas, como já se disse no vol. I d'esta obra, p. 63. Não é porém facil, no estado actual da sciencia, estabelecer claramente essas relações.

Possivel não é tambem separar de modo nitido da prehistoria a protohistoria, como no mesmo volume se ponderou a p. 407. O estudo da epocha dos metaes está ainda muito atrasado entre nós, para que, por exemplo, possa fixar-se uma chronologia analoga á que o Sr. Montelius

fixou em relação á França no Congresso Internacional de Archeologia e Anthropologia prehistoricas celebrado em Paris em 1900[1]. Espero que os materiaes que colligi no castro de Pragança (Extremadura), e que estão actualmente no Museu Ethnologico Português, alguma luz derramarão neste sentido; todavia não tenho podido, por causa de muitos outros trabalhos, consagrar-me detidamente ao seu estudo.

Este castro mostra bastantes semelhanças com os de Sabroso e da Citania (Minho), postoque os dois ultimos apresentem algumas particularidades muito notaveis, em relação a Pragança. É assim que em Sabroso e na Citania se notaram elementos da chamada *civilização mycenense*[2] (epocha do bronze), revelados em esculpturas de pedra, os quaes ainda não se descobriram, pelo menos até hoje, em Pragança. Elementos analogos apparecem noutras estações do Norte de Portugal. Sobre o estylo mycenense das sepulturas de Cintra e do Algarve (fins do neolithico, e comêço dos metaes), vid. *O Arch. Port.*, VII, 129.

Os castros nem sempre contém vestigios de uma só epocha: vid. esta obra, vol. I, pp. 48 sqq. e 79. No castro de Sabroso, que deve ascender ao periodo neolithico[3], encontra o Sr. Cartailhac materiaes que elle attribue á 1.ª idade do ferro (sec. IX–V A. C.).[4] No Museu de Guimarães existem fibulas de bronze de Sabroso, iguaes ás de Pragança, que pertencem porém á 2.ª idade, isto é, á chamada de *La Tène* ou celtica (sec. V–I A. C.). Fibulas semelhantes se descobriram em Tras-os-Montes[5]. Tambem

---

[1] Vid. *L'Anthropologie*, XII (1901), p. 622–623.

[2] Virchow in *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa (1880), pp 647–672; Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, p. 293; Martins Sarmento in *Portugalia*, I, 1 sqq.

[3] Vid. Cartailhac, *Les âges préhistoriques*, p. 274; e *Religiões da Lusitania*, I, 54.

[4] *Ob. cit.*, p. 281.

[5] Vid. *O Archeologo Português*, V, 250 e 336.

em parte na 1.ª idade do ferro classifica o Sr. Cartailhac a célebre necropole de Alcacer do Sal[1]. Á mesma idade faz ascender Estacio da Veiga, com maior ou menor probabilidade, o cemiterio archeologico de Bensafrim, no Algarve[2].

Ao passar agora a occupar-me dos povos protohistoricos de que a cima fallei, isto é, d'aquelles cujos nomes e relações mutuas nos são indicados pelos AA. greco-romanos e pelos textos epigraphicos, considerarei em separado, para maior clareza da exposição, a ethnogenia e a ethnographia.

a) Ethnogenia

Pelas suas condições especiaes, de situação, clima e producção, a Iberia, como já ponderei, attrahiu a si, desde os mais antigos tempos, povos estranhos. A História diz-nos que, antes dos Romanos, aqui estiveram Phenicios, Ligures, Gregos, Celtas, Africanos.

Alguns AA. antigos, que se referem a este ponto, dão-nos mesmo listas de povos. Varrão, citado por Plinio, *Nat. Hist.*, III, 3, diz que «in universam Hispaniam .... pervenisse Iberos et Persas et Phoenices Celtasque et Poenos». O geographo Estrabão, fallando das invasões dos Καρχηδόνιοι (= Carthagineses), accrescenta que antes d'estes tinham invadido a Peninsula os Tyrios (= Phenicios), aos quaes se seguiram os Κελτοί (= Celtas), ahi representados no tempo d'elle não só pelos Celtiberos e pelos Berónes[3], mas tambem pelos Κελτικοί (= Celticos)[4].

Por Iberos, lat. *Ibēri* = *Hibēri*, gr. Ἴβηρες, entenderia Varrão uma emigração dos da Asia, levado da homophonia dos nomes, pois que Varrão era grammatico, e comprazia-se

---

[1] *Ob. cit.*, p. 261.
[2] *Antiguidades prehistoricas do Algarve*, IV, 250 sqq.
[3] *Geographia*, III, IV, 5.
[4] Sobre os Celticos, vid. o que digo adeante.

em descobrir etymologias[1]. Para os antigos AA., porém, a palavra *Iberi,* applicada á Peninsula, designa em geral o conjuncto dos povos primitivos d'ella; de facto, este nome é de origem geographica, tirado de *Ibērus* = *Hibērus* ou Ἴβηρ, hoje *Ebro.* A designação de *Iberia* = *Hiberia* ou Ἰβηρία applicou-se talvez a principio só á região banhada pelo rio Ebro[2]; depois é que se estenderia a toda a Peninsula.

A menção dos Persas na lista de Varrão tem dado lugar a diversas conjecturas. É possivel que o polygrapho latino confundisse aqui tambem a Iberia europeia com a asiatica, pois Estevão de Byzancio diz que havia duas Iberias, uma voltada para as columnas de Hercules, outra para os Persas, πρὸς Πέρσας[3]; a segunda d'estas affirmações não é rigorosa[4], mas podia a inexactidão provir de epochas passadas, tanto mais que os Medos, que ficavam mais vizinhos dos Iberos asiaticos do que os Persas, foram muitas vezes na litteratura antiga confundidos com estes.

Fallemos agora mais particularmente dos restantes povos mencionados, isto é, dos Phenicios, Ligures, Gregos, Celtas e Africanos (Carthagineses principalmente).

---

[1] A procedencia asiatica dos Iberos do Occidente tem sido discutida muitas vezes, e ha a este respeito varios trabalhos. Ainda no Congresso dos Orientalistas, reunido em Vienna em 1886, apresentou E. Bonnell uma memoria em que procura estabelecer relações de parentesco entre os Iberos-Vasconços e os Iberos Caucasicos, baseando-se para isso em textos dos AA. greco-romanos, no onomastico antigo, na comparação grammatical do vasconço com o accadico e o georgiano, e na ethnographia: vid. *Verhandlungen des* VII. *internationalen Orient-Congresses,* Vienna 1889, p. 1 sqq. (Hochasiatische und malayo-polyn. Sect.).

[2] D'Arbois de Jubainville, *Les premiers habitants de l'Europe,* 2.ª ed., I, 27.

[3] *De Urbibus,* ed. de Th. de Pinedo (judeu português do sec. XVII), Amsterdam 1778, pp. 318-319.—Cf. Ursin, *De Lusitania provincia Romana,* 1884, p. 15, nota.

[4] Cf. já o nosso Pinedo, *ib., ib.* (vid. a nota antecedente).

1. Phenicios[1]

Antes da fundação da colonia phenicia de Gades, que se suppõe ter-se realizado cêrca do sec. XII A. C.[2], havia já, ao que parece, vestigios de estabelecimentos orientaes na Peninsula[3]. Antigas lendas, conservadas por Diodoro Siculo[4] e por Trogo Pompeu[5], contam que Hercules (=Melkart, i. é, os Phenicios) vieram da Asia para a Iberia. É porém da fundação da colonia de Gades que data a verdadeira colonização phenicia da Peninsula.

Esta colonização manifestou-se sobretudo no Sul da Iberia. Com effeito, temos muitas moedas, embora de epochas tardas, cunhadas em Abdera, Sexi, Gades, Malaca, etc., com caracteres phenicios; de algumas d'estas cidades dá tambem Estrabão notícias especiaes. Fallando da Turdetania, diz o geographo grego que ainda no seu tempo a maior parte das cidades d'esse país, e os arredores d'ellas, eram phenicios[6]. Como a Turdetania, segundo vimos a cima, p. 15, n., tinha grande extensão, a ponto de nesta denominação se haver comprehendido o Sul de Portugal, não é sem interesse para nós referir taes factos.

O que na Iberia seduzia os Phenicios eram as riquezas mineiras: sobretudo a prata e o cobre. Com o cobre da Peninsula, e o estanho que iam buscar ás Cassiterides, fabricavam o bronze: «et du bronze ainsi fabriqué, ils fournissaient le monde entier»[7]. Se de cá levavam os bel-

---

[1] O mais importante trabalho sobre este povo, em relação á Iberia, é o de Movers, *Die Phönizier,* 1811-1850 (Vid. vol. II, II, cap. 12, «Colonien in Spanien»).

[2] Movers, *ob. cit.,* II, II, 126-127.

[3] Vid. Movers, *Die Phönizier,* II-II, Berlim 1850, 588 sqq.

[4] *Bibliotheca Historica,* ed. de Dindorf & Müller, Paris 1842, IV, 18.

[5] *Epitoma Historiarum Philippicarum,* de Justino, ed. de F. Rühl, Leipzig 1886, XLIV, IV, 15.

[6] *Geographia,* III, II, 13.

[7] D'Arbois de Jubainville, *Les premiers habitants,* I, 196.

los metaes, traziam em compensação outros elementos do commercio. No valle do Betis, perto de Carmona, encontrou o Sr. Bonsor preciosos objectos de marfim, que datam da epocha phenicia[1].

Do que fica dito se vê que a acção dos Phenicios não se limitou á orla meridional da Iberia, e pelo contrário se fez sentir um pouco para o Norte. É certo que Movers estendeu essa acção ainda por mais longe[2], mas Hübner já notou o excesso[3]. Resta saber se tambem ella se manifestou no Occidente. Directa ou indirecta, mal se póde negar, porque, sendo de origem phenicia os alphabetos chamados ibericos[4], tem-se encontrado inscripções ibericas no Algarve e no Alemtejo, e ha moedas de Salacia com legendas ibericas; alem d'isso, segundo o que ultimamente me constou, appareceram inscripções ibericas em Tras-os-Montes, comquanto eu nada até hoje saiba das condições do seu apparecimento, o qual porém não seria para estranhar, pois já se conheciam inscripções ibericas no N. da Hespanha. Se os nomes geographicos acabados em *-ipo* ou *-ippo* são de origem phenicia, como quer Gesenius[5], seguido neste ponto por Movers[6], teriamos igualmente de reconhecer a acção dos Phenicios em Lisboa, antigamente chamada *Olis-ipo, Olis-ippo, Ulis-ippo, Ulis-ipo,* como vimos a p. 18,

---

[1] Vid. E. Hübner, *Objectos del comercio fenicio encontrados en Andalucia,* Madrid 1900 (extracto da *Revista de Archivos*), pp. 5, 15 e 16. E vid. principalmente G. Bonsor, *Les colonies agricoles pré-romaines de la vallée du Bétis,* Paris 1899 (extracto da *Revue Archéologique*).

[2] *Die Phönizier,* II-II, cap. 12.

[3] No *Jahrbuch des kaiserl. deutschen archäeologischen Instituts,* vol. XIII (1898), p. 119.

[4] Citei a respectiva bibliographia n-*O Archeologo Português,* III, 186.

[5] *Scripturae linguaeque Phoeniciae Monumenta,* Leipzig 1837, p. 423, s. v., «Hippo», e p. 420, s. v., «Baesippo». Diz elle: «Hipponis nomen potius idem est quod *Ioppe,* hebr. יפו pr. *pulchritudo, splendor,* ita a Latinis conformatum, ut ab ἵππος ductum videri posset» (p. 423).

[6] *Die Phönizier,* II-II, p. 639 e nota 145.

e em Leiria, antiga *Collippo* (e cf. o rio *Calipus?*), segundo se disse a p. 18. É possivel que os objectos de marfim e de ambar que tem apparecido em estações pre-romanas do Sul de Portugal provenham da mesma epocha. Como se sabe, a patria, por excellencia, do ambar eram as margens do Mar Baltico e do Mar do Norte, onde os Phenicios iam tambem buscá-lo. Quem visita os museus do Norte da Europa pasma da quantidade de objectos antigos de ambar, que nelles ha; isso me aconteceu a mim em 1899. Os metaes em que a Lusitania abundava[1] constituiam poderosa attracção; e os cubiçosos commerciantes de Tyro não lhe resistiriam tambem.

2. Lígures[2]

Nos antigos havia quem distinguisse Lígures de Iberos: entre os auxiliares de Hamilcar enumera Herodoto: Ἰβήρων, Λιγύων....[3]; Seneca, fallando da lingua dos Iberos da Sardenha, escreve: «totus sermo ex conversatione Graecorum *Ligurumque* a patrio descivit»[4]. Havia tambem quem distinguisse Lígures de Celtas: vid. Hecateu, *Fragm.* 22; Scylax, §§ 18, 3, 4. Mas tanto entre os antigos, como entre os modernos, se tem muitas vezes estabelecido confusões entre esses diversos povos. Da lingua dos Lígures

---

[1] Cfr. *Religiões da Lusitania,* vol. I, p. 74; e acima, p. 15-16.

[2] É sabido com que ardor F. Martins Sarmento havia tomado a peito a defesa da importancia dos Lígures na nossa ethnologia; seus livros e artigos o provam. Se no que vou dizer me não refiro a esses trabalhos, não é por menos attenção para com o seu auctor, por quem sempre tive muita estima, como por vezes o tenho mostrado, mas porque, afastando-me eu de muitas das suas theorias, a discussão d'ellas tomar-me-hia muito tempo e espaço, e por isso preferi seguir impessoalmente o meu caminho.

[3] Lib. VII, 165.

[4] *Ad Helviam,* cap. VII, § 8-9.—Este trecho e o antecedente foram já citados por Diefenbach, *Die alten Völker Europas,* 1861, pp. 100-101. Sobre o de Seneca vid. tambem D'Arbois de Jubainville, *Les premiers habitants,* I, 68.

resta-nos muito pouca cousa; todavia o Sr. D'Arbois de Jubainville julga que ella era differente da dos Celtas, embora indo-europeia [1].

Sobre os Ligures da Iberia ha raras notícias. Ellas tem sido reunidas já varias vezes [2]. Num passo de Thucidides lê-se que os Sicanos, povo iberico, foram expulsos do rio Sicano pelos Ligures para a Sicilia [3]. Resta porém dúvidas sobre a situação d'este rio Sicano, se era na Iberia propriamente dita, se era na Iberia, no seu sentido mais lato, quando abrangia tambem parte da Gallia [4]. Do *lago* ou *pantano ligurico,* d'onde nasce o rio Tartesso, ou Guadalquivir, falla Avieno na *Ora maritima* [5]. Estevão de Byzancio colloca tambem na mesma região uma cidade *ligustina,* cujos habitantes se chamam *Ligures,* em gr. Λίγυες [6]. Os Ligures apparecem ainda em passos bastante obscuros de Avieno; deve alem d'isso notar-se que o *Ligus* do v. 196 da *Ora maritima* é apenas uma conjectura, posto que muito provavel, de Schrader, pois a editio princeps tem *lucis,* e o codex vetus Ortelianus tem *locos* [7].

Se agora passamos á região portuguesa, maior escassez de notícias encontramos, pois póde apenas citar-se com alguma verosimilhança o nome geographico a que na tabula de bronze romana de Aljustrel corresponde o gentilicio *Vipascensis* [8], onde parece entrar o suffixo *-asco,* que se suppõe ligurico [9]. Varios outros factos linguisticos que se

---

[1] *Les premiers habitants,* I, 365. *Revue Celtique,* XXIII, 221. Kretschmer e K. Pauli são tambem pelo indo-europeismo: vid. *Revue Archéologique,* 1903, p. 66.

[2] Vid., por exemplo, Müllenhof, *Deutsche Altertumsk.,* I, 81, 126 e 165. D'Arbois de Jubainville, *Les premiers habitants,* I, 379.

[3] *Histor.,* VI, II (ed. de Haase).

[4] Cf. D'Arbois de Jubainville, *Les premiers habitants,* I, 365.

[5] Vv. 284-285, ed. de Holder.

[6] Ed. de Pinedo, Amsterdam 1778, p. 422; e vid. as notas d'elle.

[7] Vid. Holder, nota ao v. 196.

[8] No *Corp. Inscr. Lat.,* II, 788.

[9] Vid. F. Adolfo Coelho, in *Revista Archeologica,* III, 13; e D'Arbois de Jubainville, *Les premiers habitants,* II, 104.

tem citado como prova da existencia de elementos liguricos no Occidente da Iberia são muito incertos.

Segundos os calculos do Sr. D'Arbois de Jubainville, os Lígures estavam ainda na Iberia no sec. VI A. C. [1]

8. Gregos

É muito conhecida a influencia grega na Peninsula, para que, neste breve resumo que estou fazendo, eu tenha de me demorar com ella.

Nos meados do sec. VII navegadores de Samos visitam Tartesso (= Cadiz) [2]. Meio seculo depois, os Phocenses estabelecem-se em Massalia (= Marselha) e fundam várias colonias nas costas do Mediterraneo, entre ellas algumas no NE. da Peninsula [3]; assim se estabeleceram intimas relações entre a Gallia e a Iberia, as quaes depois vemos claramente manifestadas nas moedas. Em Ampurias (= ant. Emporias) encontram-se com frequencia moedas massaliotas [4]. As moedas gregas cunhadas em Emporias não podem ser anteriores ao sec. IV A. C. [5]

Das intimas relações que continuou a haver entre Massalia e o NE. da Iberia falla mesmo uma inscripção funeraria recentemente apparecida em Ampurias, que eu vi no museu episcopal de Gerona em 1899:

ΘΕΣΠΙ
ΑΡΙΣΤΟΛΕΟΥ
ΜΑΣΣΑΛΙΗΤΑ
ΧΑΙΡΕ

---

[1] D'Arbois de Jubainville, *Les premiers habitants*, I, 65.

[2] Herodoto, *Hist.*, IV, 152, ed. de C. Müller (Didot).

[3] Vid. os respectivos textos em D'Arbois de Jubainville, *Les premiers habitants*, II, 308.

[4] Pujol y Camps, no *Nuevo metodo de clasificación de las monedas autonemas*, de Delgado, III, 121.

[5] Lenormant, in *Revue Numismatique*, 1840, p. 12.

e que significa: «Thespis, filho de Aristoleo, massaliota, adeus!»; parece datar do sec. I A. C., e foi já publicada na *Ephemeris Epigraphica,* VIII, 510–511, por Hübner, segundo informações que lhe ministrou o fallecido arcipreste geronense D. Ramon Font, que foi quem tambem a mim m'a mostrou.

Os antigos AA., quer gregos, quer romanos, escreveram algo sobre colonizações gregas em eras remotas no Occidente da Iberia: é assim que, por exemplo, Plinio diz: «A Celenis conventu Bracarena, Helleni, Grovi, castellum Tyde, Graecorum sobolis omnia»[2], onde *Helleni* deve encobrir um nome indigena de som semelhante, *Tyde* é instinctivamente aproximado de *Tydeus,* e *Grovi* de *Graii*[3]. Como já notei na *Revista Lusitana,* III, 33, nada d'isso merece credito. O mesmo havia notado antes de mim F. Martins Sarmento n-*O Instituto,* XXIII (1876), 1 sqq. e 49 sqq. Cf. tambem Hübner, *Mon. ling. Iber.,* p. LXXXVIII. Sem embargo, é possivel que Gregos estivessem nas costas maritimas da Lusitania anteriormente á epocha romana.

Na necropole de Alcacer do Sal, a que acima me referi, encontraram-se varios productos de commercio grego, cuja data o Sr. Cartailhac fixa entre os sec. VI e III A. C.[1] Cf. tambem o que d'essa necropole diz o archeologo Rossi no *Bulletino dell' Istituto di corresp. arc. per l'anno 1875,* p. 74–75.

As mais antigas notícias positivas de nomes gregos existentes em monumentos archeologicos de Portugal datam somente da epocha romana, e provém da epigraphia (inscripções lapidares, etc.

---

[1] *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal,* p. 251 sqq.
[2] *Naturalis Historia,* IV, 112.
[3] Sobre *Grovi* < > *Graii* vid. adeante.

4. Celtas[1]

Para o estudo que vou fazer dos Celtas da Lusitania sirvo-me dos textos dos AA. greco-latinos e do onomastico.

Entre os AA. antigos podemos citar em primeiro lugar Herodoto (sec. v A. C.) que no liv. I das *Historias,* cap. 33, e liv. IV, cap. 49, diz que havia Celtas no extremo Occidental da Europa, junto dos Cynesios ou Cynetes[2]. Postoque Herodoto entre aqui numa minudencia, convem não dar a este passo valor exaggerado.

Estrabão é mais rigoroso. Fallando da mesopotamia comprehendida entre o Tagus e o Anas, diz que ahi habitam, *na maior parte d'ella,* povos *Celticos*[3]. Ora esta região abrangia parte da Extremadura e as duas últimas provincias do Sul. Se é justa a correcção de Groskurd[4], temos outra menção dos *Celticos* da mesma região na *Geographia* de Estrabão, liv. III, cap. II, § 1. Entre os *Celticos* era famosa, segundo Estrabão, a cidade de Conistorgis: III, II, 2; d'ella fallam ainda outros auctores.

Para Plinio, *Naturalis Historia,* IV, 113, a Lusitania vae do Douro até o extremo Sul. Depois da menção ethnographica que elle faz nos §§ 114–116, respectiva á região

---

[1] Sobre os Celtas da Iberia ha alguns trabalhos especiaes: Phillips, *Die Wohnstze der Kelten auf der pyrenaischen Halbinsel,* Vienna 1872; Kiepert, *Beitrag zur alten Ethnographie des iberischen Halbinsel* in *Monatsberichte der könig. preuss. Akademie,* 1868, p. 144; Adolfo Coelho, na *Rev. Lusit., Rev. Archeologica, Rev. de Guimarães, Mélanges Graux,* etc.; H. d'Arbois de Jubainville, *Les Celtes en Espagne* (na *Rev. Celtique,* XIV e XV); F. P. Gorofalo, *Sui Celti nella Penisola Iberica* (no *Bolet. de la Acad. de la Hist.* de Madrid, 1899, p. 97 sqq.) e *Sui Celti della Lusitania* (na *Rev. Lusit.* VI, 43 sqq.).; L. Saralegui, *La época céltica en Galicia,* Ferrol 1894. — O assunto d'este capitulo foi já por mim traduzido em francês e publicado na *Rev. Celtique,* XXIII, 74 sqq.

[2] Ed. de Müller (Didot), pp. 83 e 198.

[3] *Geographia,* III, I, 6.

[4] Vid. Müller, p. 951, nota critica á p. 116, divis. 48.

situada entre o Tejo e o Promontorio Sagrado, accrescenta que ahi habitam *gentes Celticae*[1]. No liv. III, § 13, diz o mesmo auctor: «Quae autem regio a Baete ad fluvium Anam tendit .... Baeturia appellatur, in duas divisa partis totidemque gentis:

a) *Celticos,* qui Lusitaniam attingunt, Hispalensis conventus;
b) *Tardulos,* qui Lusitaniam et Tarraconensem adcolunt[2], iura Cordubam petunt»[3];

e depois continúa: «Celticos a Celtiberis ex Lusitania advenisse manifestum est....»: isto é, os Celticos da Beturia são de origem celtiberica e vieram da Lusitania. Estas palavras constituem uma observação á palavra *Celticos* mencionada no §-*a*. Taes Celticos da Beturia habitam ainda perto da Lusitania (*Lusitaniam attingunt*), por isso que de lá vieram. Plinio, para provar a proveniencia celtiberica dos Celticos da Beturia, cita varios nomes de cidades, que são os mesmos nos dois países (i. é, na Beturia e na Celtiberia), e entre elles: *Nertobriga, Segida, Ugultuniacum;* alem d'isso cita na Beturia Celtica, entre outras, a cidade de *Turobriga*. Alguns d'estes nomes são positiva-

---

[1] Isto é: «Gentes Celticae Turduli et circa Tagum Vettones». Claro está que entre *Celticae* e *Turduli* se ha-de entender que está uma virgula, pois que os *Turdulos* não são *Celticos,* o que Plinio confirma no liv. III, § 13.

[2] «Estão vizinhos», «avizinham».

[3] Plinio estabelece aqui uma symetria rhetorica, entre:

qui ..... attingunt
qui ..... adcolunt

(empregando os synonimos *attingunt* e *adcolunt,* para evitar a repetição do verbo), e entre:

Hispalensis ..... conventus
Cordubam ..... iura.

mente celticos: *Nertobriga* = N e r t o - b r i g a «castello da fôrça»[1], e *Turobriga* = T u r o - b r i g a (pelo menos pelo segundo elemento, pois *briga* é conhecidamente nome celtico[2]). *Segida,* que tem como variante noutros textos *Segeda* = S e g - e d a, parece igualmente celtico[3]; em *Ugultiniacum* é celtico, quando mais não seja, o suffixo. Importa notar esta concordancia do onomastico com o texto em que Plinio falla dos Celticos do Sul da Iberia. Verdade é que, entre os argumentos apresentados pelo auctor romano para provar a sua these, elle proclama a conformidade da lingoa dos Celtiberos com a dos Celticos da Beturia: «manifestum est .... *lingua*»; sendo a mesma, ou quasi a mesma, a lingoa, não admira que ella se revelasse tambem nos nomes das povoações.

Esta concordancia entre os textos e o onomastico não é unica. Ptolemeu, *Geographia,* II, v, 5 (ed. de Müller), fallando dos Celticos da Lusitania, dá-lhes como cidades, entre outras: *Lacobriga, Mirobriga, Arcobriga, Meribriga,* — nomes onde entra o mesmo elemento celtico *briga,* que vimos a cima. Cf. ainda o Itinerario de Antonino, que na estrada «ab Olisipone Emeritam» colloca *Mundobriga* ou *Montobriga,* nomes que contém o mesmo elemento.

Na região de Entre-Tejo-e-Guadiana, que estou estudando, ha ainda mais nomes geographicos celticos, alem d'esses, e ha muitos nomes de homens e alguns de deuses, a que póde attribuir-se essa origem, com maior ou menor segurança. Entre as cidades mencionarei *Caetobriga* = *C a e t o - b r i g a, Equabona* = *E q u a - b o n a;* com este último nome cf. outros, de fóra da Lusitania, em que entra o mesmo elemento b o n a, que parece relacionar-se com o

---

[1] Cf. D'Arbois de Jubainville, *Revue Celtique,* XIV, 387.

[2] O nome *briga* significa «altura», «castello», e provém do thema b r i g -, que se encontra no irlandês archaico *bri* «montanha», e noutras lingoas celticas. O nominativo irl. *bri* perdeu a guttural, mas esta encontra-se ainda no genetivo *breg* < *b r i g o s.

[3] Cf. D'Arbois de Jubainville, *Revue Celtique,* XV, 20-21.

all. *Bau,* «edificio»[1]. *Ebora* poderá tambem ser celtico[2]. Nas inscripções da epocha romana achamos muitos elementos de estudo. Na região de *Ebora* ou Evora adorava-se o deus *Runesius,* sobre cuja celticidade vid. o que escrevi noutra parte[3]; no santuario de *Endovellicus,* «o deus optimo», perto de Terena, encontraram-se, alem do nome do deus, outros nomes celticos[4]. Será celtico o nome *Cominius,* de Elvas[5], embora tambem gentilicio romano, que talvez se relacione com o gaul. *Adminius* e o irl. ant. *mín,* «doce», «claro», vindo pois a decompor-se em *Co-min-iu-s* = Co-min-io-s, sendo *co-* um prefixo, e *-io-s* um suffixo adjectivo com a respectiva desinencia de nominativo; o feminino correspondente é *Cominia,* que apparece, tambem como nome proprio, na mesma inscripção. Á terminação lat. *-u-s* correspondia em celtico ou gaul. *-o-s;* por isso escrevi a cima *Cominios.* Numa inscripção de Elvas lê-se tambem o nome *Gallus*[6], que não póde ser mais celtico do que é, quanto á significação; cf. *Galla* numa inscripção de Troia-de-Setubal[7]. Numa inscripção de Benavilla[8] lê-se *Lobesa* e *Lovesus* (em genetivo *Lovesi*); cf. *Lovessus, Lovessius, Lobessa,* noutras inscripções: parece entrar nessas palavras o th. lovo-, «luz», que se encontra no bret. *gou-lou*[9].

A respeito da região que se estende desde o Tejo até o Douro não se conhecem textos em que se mencionem Celtas; compensa-nos porém esta falta o onomastico. Em uma inscripção de Lisboa encontra-se *Cantius*[10], nome muito

---

[1] Vid. Holder, *Alt-celt. Sprachschatz,* s. v. *bona.*
[2] Vid. *O Archeologo Portuguêz,* v, 333.
[3] In *O Arch. Port.,* v, 333.
[4] Vid. *Revue Celtique,* xxii, 308 sqq., e *Revista Lusitana,* vi, 321.
[5] No *Corp. Inscr. Lat.,* ii, 5214.
[6] No *Corp. Inscr. Lat.,* ii, 5216.
[7] In *O Arch. Port.,* i, 58.
[8] Vid. *O Arch. Port.,* i, 224; cf. *Corp. Inscr. Lat.,* ii, 165.
[9] Vid. V. Henry, *Lexique étymolog. du breton,* s. v.
[10] No *Corp. Inscr. Lat.,* ii, 193.

repetido no campo celtico, e que se decompõe talvez em *Cant-iu-s,* por *Cant-io-s,* do th. canto-, «brilhante», «branco»[1]. Em Cintra ou Sintra apparece outra vez *Cominius*[2]. Em Mafra apparece-nos *Aleba*[3], que o Sr. Holder, *loc. cit.,* s. v., compara com *Alef,* nome de um rei de Cornualha; vale a pena notar que numa inscripção de Alcantara (Hespanha), se lê *Aleba Celti fi(lia)*[4], onde *Celti,* genetivo de *Celtus* ou *Celtius,* nome do pae de *Aleba,* não póde tambem ser mais celtico do que é: esta inscripção constitue um como que registo de nascimento ou titulo genealogico celtico de *Aleba.* De Torres-Vedras é uma inscripção que diz que *Q. Iulius Tongius* erigiu um monumento funebre á memoria de *M. Iulius Gallus,* um e outro, como se vê, da mesma *gens;* ora *Tongius* é palavra celtica decomponivel em *Tongi-u-s* = Tongi-o-s, do th. tongo-, a que corresponde em irl. ant. o verbo *tongu,* «juro»; ao lado d'esse nome apparece-nos *Gallus,* que, como diz Cesar[5], é a palavra latina correspondente a *Celta;* e o Gallus de que se trata era parente de Tongius: por tanto um nome como que confirma a celticidade do outro. Entre as cidades attribuidas por Ptolemeu aos Lusitanos da região d'entre Tejo e Douro contam-se *Arabriga* e *Tala-briga*[6], em cujos nomes apparece o conhecido *briga.* Uma inscripção de Leiria tem *Albonius*[7], nome que, ainda que tambem gentilicio romano, poderá ser celtico e decompor-se em *Alb-on-iu-s* = Alb-on-io-s: o elemento Alb- significa o mesmo que o lat. *albus*[8]; sobre o suffixo *-on-io-s* vid. Zeuss, *Grammatica Celtica,* pp. VII

---

[1] Holder, *Alt-celt. Sprachschatz,* s. v.

[2] No *Corp. Inscr. Lat.,* II, 286.

[3] No *Corp. Inscr. Lat.,* II, 5223.

[4] No *Corp. Inscr. Lat.,* II, 755.

[5] *De Bello Gallico,* I, I, 1, ed. de Benoist & Dosson: «qui ipsorum lingua *Celtae,* nostra *Galli* appellantur».

[6] *Geographia,* II, v, 6.

[7] No *Corp. Inscr. Lat.,* II, 5230.

[8] Vid. W. Stokes, *Urkeltisches Sprachschatz,* p. 21.

e 772: cf. tambem *Albonica* = *Alb-on-ica,* nome de uma cidade hispanica citada no *Itinerario*[1]. Da região dos Igaeditani são as inscripções de *Trebaruna* e da *Victoria,* onde, alem de *Trebaruna,* se lêem outros nomes celticos, taes como: *Tongetamus, Tongius, Ardunnus*[2]. Á mesma região pertencem inscripções com estes nomes: *Toutoni* (genet.)[3] = *Tout-on-i,* aparentado com muitos nomes gauleses, por ex.: *Touto-rix, Teuto-matus,* onde entram os elementos touta, teuta, com que se relaciona o irl. *túath,* «povo»[4]; *Reburrus*[5], já ha muito dado como celtico[6]; *Amminius*[7], que talvez esteja por *Am-minius,* e seja variante de *Adminius,* citado a cima; *Boudica*[8], que se decompõe em *Boud-ica,* sendo o primeiro elemento o mesmo que se encontra em *Boudillus* = *Boud-illus* (cfr. *Cet-illus), Boudius,* etc., a que corresponde o irl. *buaid,* «victoria», = boudi[9]; *Camalus*[10], que se decompõe em *Cam-al-us,* onde entra o suff. *-al-*[11] e o elemento Cam-, que se relaciona com o irl. *camh, cumachta,* «potestas». Em Condeixa, cujo nome antigo, como se disse a p. 32, é *Conimbriga,* onde entra o já citado elemento celtico *briga,* apparecem várias inscripções em que, por exemplo, se lê: *Lobessa*[12], de que fallei a cima; *Gallius*[13], derivado de *Gallus,* e que está no mesmo caso que os nomes *Gallus* e *Galla* citados ha pouco. Uma inscri-

---

1 Pag. 213 da ed. de Parthey & Pinder.

2 Vid *O Arch. Port.,* I, 226–229; e cf. *Revue Celtique,* XVII, 111.

3 No *Corp. Inscr. Lat.,* II, 440.

4 Cf. tambem D'Arbois de Jubainville, *Les noms gaulois chez César et Hirtius,* Paris 1891, p. 15.

5 No *Corp. Inscr. Lat.,* II, 448.

6 Zeuss, *Grammatica Celtica,* 1877, pag. 779.

7 No *Corp. Inscr. Lat.,* II, 454.

8 No *Corp. Inscr. Lat.,* II, 455.

9 W. Stokes, *Urkeltischer Sprachschatz,* p. 175.

10 No *Corp. Inscr. Lat.,* II, 453.

11 Sobre o qual se veja Zeuss, *Gramm. Celtica.* 766, 2.ª ed.

12 No *Corp. Inscr. Lat.,* II, 381.

13 No *Corp. Inscr. Lat.,* II, 376; e n-*O Arch. Port.,* IV, 304.

pção de Viseu contém *Viriatus*[1], palavra derivada da celtiberica viriae[2]; da mesma região é uma inscripção que contém *Reburrus*[3], sobre o qual se veja o que se disse supra. Do aro de Lamego temos: *Caturo*[4], em que entra o thema catu-, a que corresponde o ant. irl. *cath*, «batalha», e que se encontra em muitos nomes gauleses, como *Catu-márus*, «grande na batalha», *Catu-rig-es*, á letra «reis da batalha», etc.; a inscripção 5256 do *Corp. Inscr. Lat.*, vol. II, contém *Catur*..., que ou está por *Caturo*, ou por *Caturus*, como na mesma *Camal*... por *Camalus*; na inscripção 5257 lê-se *Celtius*, derivado de *Celta*, como *Gallius* citado a cima, e que tem como parallelos *Celtios* e Κέλτιος, citados por Holder[5]. Em uma inscripção de Castello de Paiva lê-se *Tameobrigus* = Tameo-brigus[6], cujo segundo elemento, pelo menos, é celtico[7]; cf. tambem *Brigus* numa inscripção de Famalicão[8].

Segundo a interpretação que me parece dever dar-se a um passo de Pomponio Mela, podemos considerar habitada de Celticos a região situada ao N. do *Durius*, «Douro»[9]. O onomastico vem em apoio d'ella.

Numa inscripção do Marco de Canaveses lê-se ....*bricensis* = *-brigensis*[10], derivado de um nome acabado no já conhecido *briga*. O nome *Turiacus*, de uma inscripção de

---

[1] No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5246.
[2] Cf. *O Arch. Port.*, II, 23.
[3] No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 411.
[4] No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5250.
[5] No *Celt. Sprachschatz*, I, 976.
[6] No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2377.
[7] Vid. Adolfo Coelho in *Revista Lusitana*, I, 371.
[8] No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5561.
[9] *Chorographia*, III, 9. O A. falla primeiro de Celticos em geral: «totam Celtici colunt» (*totam* refere-se a *frontem*, que elle tinha citado pouco antes); depois especifica alguns ramos ethnicos que tem nomes especiaes: *Grovi*, etc. Da sequencia das idéas vê-se claramente que *frons* no texto se applica á região supramencionada.
[10] No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5564.

Santo Thyrso[1], é celtico, quando mais não seja, pelo suffixo[2]. Numa inscripção de Ronfe, ao pé de Guimarães, lê-se *Durbedicus* e *Cloutius*[3]: sobre a celticidade do primeiro vid. o artigo citado na nota[4]; o segundo deriva do mesmo thema de que deriva *Cloutaius* (noutras inscripções da Peninsula), e que se relaciona com o irl. *cloth*, «famoso», lat. *inclitus*, *inclutus* = *in-clutus*, gr. κλυτός. Numa inscripção de Pombeiro[5] lê-se o já nosso conhecido *Lovesius*. As inscripções da Citania, que era uma *briga*, no sentido celtico, contém *Caturo Viriati*[6], *Caturo Camali*[7], nomes que já a cima estudei[8], e *Medamus*, que é talvez tambem celtico. Nas inscripções de Vizella[9] lê-se: *Medamus* com o suffixo superlativo *-amus*); *Camalus* e *Caturo*, já citados; *Reburrinus*[10], derivado de *Reburrus*; e *Rectugenus*[11] = *Rectu-genos*, formado segundo os processos da linguistica celtica[12]. Em inscripções de Braga temos igualmente: *Camalus*[13]; *Camala*[14], feminino de *Camalus*; *Reburrus*[15]; *Ambimogidus*[16] = *Ambi-mogidus*[17], e o nome divino *Tongoenabiagus*, que eu fui o primeiro a ler correctamente, e que se decompõe em *Tongoe-nabi-agus* = Tonge-nabi-aco-s, onde entram elementos celticos.

---

[1] No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5551.
[2] Cf. Adolfo Coelho in *Revista Lusitana*, I, 375.
[3] No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5563.
[4] Adolfo Coelho in *Revista Lusitana*, I, 369.
[5] No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2380.
[6] No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 558.
[7] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5590.
[8] No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5594.
[9] No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2402 e 2403.
[10] No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2402.
[11] No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2403.
[12] Vid. D'Arbois de Jubainville in *Revue Celtique*, XV, 23.
[13] No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2445 e 2447.
[14] No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2445.
[15] No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2447.
[16] No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2419.
[17] D'Arbois de Jubainville, *Les noms gaulois chez César*, p. 75.

Somos chegados á região do rio *Limia*, «Lima». D'aqui para cima tornamos outra vez a ter textos especiaes sobre os Celtas. Ao fallar dos povos da Lusitania, diz Estrabão: «Os ultimos são os Artabros, que habitam em volta do cabo chamado Νέριον, onde termina a costa occidental e septentrional. Junto d'elle vivem os Celticos, da mesma origem dos que vivem junto do Anas»[1]. Para explicar tal communidade de origem, conta Estrabão o seguinte: tendo os *Celticos* do Anas e os Turdulos feito uma expedição para o Norte, desavieram-se depois da passagem do rio Lima; a esta desavença succedeu a perda do chefe, pelo que elles ficaram espalhados por alli, e o rio se chamou *do esquecimento*[2]. Esta explicação é em parte uma lenda; o proprio geographo emprega a palavra φασί, «dizem». Assim como hoje o nosso povo attribue aos Mouros os acontecimentos importantes, era natural que, na epocha de Estrabão ou na dos AA. que elle seguiu, acontecimentos semelhantes se attribuissem aos Celtas, que tinham sido em data o último grande povo dominante. Mas resta um facto positivo como base de toda a narração: é a existencia de *Celticos* ao Norte do Lima, região que comprehende o Alto-Minho e parte da Galliza. Pomponio Mela cita ahi tambem o *promunturium quod Celticum vocamus*[3], e, depois de mencionar varios ramos (no meu entender: vid. supra, p. 63) dos Celticos, taes como os *Grovi*, os *Praesamarchi*, etc., falla dos *Artabri* da Galliza, *etiamnum Celticae gentis*[4]. Plinio, pelo seu lado, menciona os *Celtici cognomine Neri*[5]. Vejamos agora alguns elementos colhidos no estudo do onomastico. O citado nome *Artabri* é variante phonetica ou graphica de *Arrotrebae* = *Arro-trebae*, cujo segundo elemento é o mesmo que se encontra no tambem citado

---

[1] *Geographia*, III, III, 5.
[2] *Geographia*, III, III, 5.
[3] *Chorographia*, III, 9.
[4] *Chorographia*, III, 13.
[5] *Naturalis Historia*, IV, 111.

nome divino *Trebaruna*[1]. Na Galliza temos *Praesamarchi*, e *Brigantium Novion*, igualmente celticos, segundo o Sr. D'Arbois de Jubainville[2]. Da Galliza e de Trás-os-Montes são: *Cala-dunum, Nemeto-briga, Calu-briga, Abo-briga:* de *briga* já fallei a p. 59, n.; quanto a *dunum* = dunon, é conhecidamente o irl. *dún*, «oppidum», «arx», elemento celtico que apparece tambem no onomastico da Gallia, etc. Parecido a *Brigantium* é o nome moderno da cidade de *Bragança*, que parece presuppõe uma fórma antiga *Brigantia[3]. Celticos parece tambem serem os nomes *Bedunus* (de homem) e *Bandua* (divino), de inscripções brigantinas da epocha romana[4]. A *Turo, -onis*, de uma inscripção do mesmo territorio, attribue o Sr. D'Arbois de Jubainville igualmente origem celtica[5]. Ultimamente foram publicadas outras inscripções de Trás-os-Montes com nomes celticos, como: *Reburrinus* e *Reburinus Bouti* f(ilius), *Deogena Careti* (filia)[6]; o nome *Deógena* é formado como *Rectugenus*, citado a cima, e decompõe-se em *Deo-gena*, querendo dizer «filha de um deus», pois o primeiro elemento, ou *Deo-*, que tambem se encontra na Hispania em nomes de povoações dos Vettones, dos Autrigones e dos Turmogos (i. é: *Deo-briga, Deo-brigula*), está por **Devo* = *deivo-s, lat. *dīvu-s*, e o segundo elemento, ou *-gena*, é a fórma feminina de -gĕno-s; cf. gr. Διο-γένη-ς e διο-γενή-ς.

Como não é estudo completo o que estou a fazer, mas simplezmente uma indicação, bastará o que fica dito. Em resumo, vê-se que temos textos que nos fallam de Celtas, de modo vago, no SO. da Iberia (Herodoto)[7], e de modo

---

[1] Cf. D'Arbois de Jubainville, *Revue Celtique*, xv, 4.

[2] In *Revue Celtique*, xv, 3-4.

[3] Cf. *Rev. Celtique*, xv, 2; e *O Arch. Port.*, iii, 57. E vid. supra, p. 42.

[4] *Corp. Inscr. Lat.*, ii, 2498 e 2507.

[5] In *Revue Celtique*, xiv, 388.

[6] Citados n-*O Arch. Port.*, iii, 224, v, 79 e 144 (artigos do Sr. A. Pereira Lopo).

[7] Não se deve porém esquecer que os antigos entendiam muitas vezes por Celtas povos diversos: Ukert, *Geogr.*, i, 244.

preciso, na região de Entre-Tejo-e-Guadiana (Estrabão, Plinio e Ptolemeu) e na região que vae do Douro até o extremo Norte da Lusitania (Estrabão, Mela e Plinio); e que pelo onomastico confirmamos a existencia de Celtas nestas mesmas regiões, e nas intermedias, isto é, entre Tejo e Douro[1]. Se exceptuarmos Herodoto, os outros AA., quando se referem aos nossos Celtas, denominam-nos adjectivamente, — Κελτικοί, *Celtici* —, como quem dissesse «ramos dos Celtas», i. é, dos Celtas classicos.

A vinda dos Celtas suppõe-se que sería pelos sec. VI–V A. C.[2] Chegando á Peninsula, encontraram-se com os Phenicios, os Lígures e os Gregos, que eram, como vimos, os povos historicos que anteriormente a elles tinham vindo para cá. O caracter da influencia dos Celtas na Hispania resulta do proprio onomastico: nomes locaes que significam «fortalezas militares», taes como os que são compostos de *briga* e *dunum*, que vimos a cima; outros que significam «victoria», como, segundo parece, *Segeda*, *Segisama*, e talvez *Saguntum* = * Seg-untum (cf. *Carn-untum*); ha mesmo um nome que reune estes dois elementos: *Segobriga* = Sego-briga, «fortaleza da victoria»! Alem d'isso encontrámos nomes pessoaes do mesmo caracter, por exemplo: *Camalus-Camala*, *Caturo*, *Boudica*. Mas os Celtas ligaram-se intimamente em muitos pontos com os indigenas, como o mostra a lingoa das inscripções; a palavra *Celtiberi*, que se applica a povos do centro da Peninsula, é o melhor testemunho d'estas relações e fusões.

A influencia dos Celtas chegou até á epocha romana; antes porém de virem os Romanos, elles tiveram de se haver com os Carthagineses, de quem agora vou fallar.

---

[1] De certo os nomes de pessoas nas inscripções não são sempre guia segura para determinações geographicas, porque um individuo póde viver ou morrer longe da patria; mas não se póde duvidar da importancia de um conjunto tão grande de factos em concordancia entre si, como os que cito no texto.

[2] Vid. D'Arbois de Jubainville in *Revue Celtique*, XIV, 358.

5. Africanos

A vizinhança em que estão as costas do Sul da Iberia com as do Norte da Africa devia fazer que desde os mais remotos tempos se criassem communicações ethnicas e commerciaes entre estas duas regiões.

De facto, na *Ora maritima* de Avieno lêem-se os seguintes versos que nos conservam uma noticia dada por Euctémon, escriptor atheniense do sec. v A. C.:

> Ultra has columnas [1], propter Europae latus,
> Vicos et urbis incolae Carthaginis
> Tenuere quondam [2]....

noticia d'onde se conclue que já havia estabelecimentos carthagineses na Iberia por volta dos seculos VI-V A. C. Tambem no *Périplo* que tem o nome de Scylax (ao que parece, do sec. IV A. C.) se falla dos mesmos estabelecimentos nos referidos logares, isto é, ἀπὸ Ἡρακλείων στηλῶν [3], expressão que corresponde, como se vê, ao *ultra has columnas* de Avieno [4].

Estes estabelecimentos carthagineses «alem das Columnas» *(alem,* em relação aos Gregos e Romanos; em relação a nós é *aquem)* eram evidentemente no *ager Tartessius* de Avieno, onde estava Gades, antiga cidade, como vimos, phenicia. Importantes são a tal respeito as seguintes palavras de Justino, que reproduzem o texto, mais

---

[1] De Hercules.

[2] Ed. de Holder, vv. 375–377. Nesta edição lê-se *quodam*, por lapso typographico, em vez de *quondam*. — Sobre Euctémon vid. os vv. 337 e 350. Cf. Müllenhoff, *Deutsche Altertumskunde*, I (1890), 203 e sqq.

[3] Ed. de C. Müller (Didot), *Geogr. Graeci Minores*, I, 16. — Sobre Scylax vid. a mesma obra, p. XXXIII e sqq.

[4] Vid. tambem sobre o assunto Movers, *Die Phönizier*, III, II, 589, 629 e 659.

antigo, de Trogo Pompeu: «Post regna deinde Hispaniae primi Karthaginienses imperium provinciae occupavere. Nam cum Gaditani a Tyro, unde et Karthaginiensibus origo est, sacra Herculis per quietem iussi in Hispaniam transtulissent urbemque ibi condidissent, invidentibus incrementis novae urbis finitimis Hispaniae populis ac propterea Gaditanos bello lacessentibus, auxilium consanguineis Karthaginienses misere. Ibi felici expeditione et Gaditanos ab iniuria vindicaverunt et maiore iniuria partem provinciae imperio suo adiecerunt» [1]. Por *Gaditani* devem entender-se aqui os Phenicios de Gades.

A esta primeira phase dos estabelecimentos carthagineses na Iberia seguiram-se as conquistas de Hamilcar, no anno de 238 ou 236 A. C. A occupação da Peninsula pelos Carthagineses continuou no tempo de Hasdrubal, até o de Annibal ou Hannibal, em que, por occasião da segunda guerra punica, elles deixaram a Hispania nas mãos dos Romanos. A conquista carthaginesa é-nos contada sobretudo por Polybio (sec. II A. C.) e por Tito Livio (sec. I antes e depois da E. C.).

Á chegada de Publio Cornelio Scipião Africano (denominado *Maior*) á Hispania, os Carthagineses estavam assim distribuidos: Magão, com suas tropas, aquem [2] das Columnas de Hercules, no país dos Conios; Hasdrubal, filho de Gescão, na foz do Tejo, na Lusitania; outro Hasdrubal, no país dos Carpetanos [3]. Por *Conios,* em grego Κόνιοι, deverão entender-se os Cuneos ou *Cunetes,* habitadores do *Cyneticum,* de que se fallou a p. 8.

Esta noticia, e a breve menção em Mela [4] e S. Isidoro [5], da cidade chamada *Portus Hannibalis,* que ficava na região

---

[1] *Epitoma histor. Philipp.*, ed. de Rühl, 1886, pp. 247-248.
[2] No sentido romano, *além.*
[3] Polybio, *Histor.*, x, 7.
[4] *De situ orbis,* III, I.
[5] *Etymolog.*, xv, 9.

do Sacro Promontorio, são os unicos documentos historicos que conheço da estada dos Carthagineses no nosso país. Á archeologia estão, porém, ainda talvez reservadas algumas revelações, especialmente em territorio algarvio.

Os Carthagineses continuaram na Hispania as explorações mineiras já emprehendidas pelos Phenicios, e a estes succederam tambem na actividade commercial. Como tactica politica, para a melhor consolidação do poder, costumavam enviar para a Africa tropas da Peninsula, e vice-versa: «Afri in Hispania, in Africa Hispani», segundo diz Tito Livio [1]. Da epoca da occupação da Iberia pelos Carthagineses restam interessantes series monetarias, emittidas cá.

Alem dos Libyphenicios, citados, por exemplo, por Avieno como antigas populações do *ager Tartessius* [2], e contados tambem por Tito Livio entre as tropas mandadas por Annibal para a Hispania, — Libyphoenices, mixtum Punicum Afris genus [3] —, não menciona a historia outros povos vindos da Africa senão os Carthagineses [4]. É claro que fallo em relação á epocha de que estou tratando, porque em relação á epocha romana temos, por exemplo, conhecimento da vinda de Mouros, — *Mauri, Maurusii, Mauretani.*

Não comporta a natureza d'este livro o entrar em maiores minudencias.

---

[1] *Ab urbe condita,* XXI, 21.

[2] *Ora maritima,* p. 421. Sobre os Libyphenicios e Bastulo-Phenicios cf. H. d'Arbois de Jubainville, *Les premiers habitants,* I, 62. Cf. tambem Movers, II, II, 591, o qual relaciona a civilização dos Libyphenicios com os primitivos vestigios phenicios da Iberia.

[3] *Ab urbe condita,* XXI, XXII.

[4] Pela numismatica sabemos que houve no Sul da Iberia populações especiaes que cunharam as moedas denominadas libyphenicias, de systema ponderal romano, com legendas em caracteres *sui generis,* ao lado de legendas latinas; estas populações suppõe-se que vieram igualmente do Norte da Africa.

*
* *

Aos elementos ministrados pelos textos e pela Linguistica, dos quaes deduzi a notícia que acabo de dar dos povos protohistoricos da Lusitania, esperar-se-hia que se addicionassem elementos ministrados tambem pela Anthropologia, em virtude das íntimas relações que existem entre esta sciencia e a Ethnogenia; mas os estudos da Anthropologia nacional estão, como disse acima, ainda no berço, e nada posso, pois, aqui accrescentar a tal respeito.

*

Foram esses povos que, sobrepondo-se ás raças primitivas da Lusitania [1], ou cruzando-se com ellas, constituiram os Lusitanos protohistoricos, no sentido mais lato da palavra.

b) Ethnographia

Depois de termos estudado a Geographia, e travado relações com os povos protohistoricos que invadiram a Lusitania, vamos ver agora, de modo breve, qual a organização social e instituições dos Lusitanos, os locaes em que estes viviam, o que é que se sabe das linguas que elles fallavam, os costumes que tinham, e quaes os seus caracteres geraes. D'aqui o distribuir eu o meu assunto por outros tantos paragraphos.

1. Organização social (grupos ethnicos) e instituições

Em virtude da dilatação dos tempos protohistoricos, e dos escassos elementos de que dispomos para a apreciação dos grupos sociaes, não posso seguir ordem chronologica. Não deve por isso entender-se que todos os grupos ethnicos que adeante vou mencionar viviam contemporaneamente uns ao lado dos outros.

---

[1] Vid. esta obra, vol. I, 64 sqq.

Começarei a minha exposição pelo Sul, como já fiz a respeito da Geographia.

No Cyneticum ou Algarve encontramos o povo que Herodoto e Herodoro chamam Κυνήσιοι e Κύνητες, que Avieno chama CYNETES, Justino *Curetes* = CUNETES, e Polybio Κόνιοι = CUNEI. Vid. supra, pp. 8, 57 e 69. A situação d'este povo é bem determinada por Avieno na *Ora maritima,* pois o Sacro Promontorio, ou extremidade occidental do Algarve, tem no poema o nome de *iugum Cyneticum*[1]; no territorio d'elle corre o *Anas*[2]; e ao oriente fica o *ager Tartesius, Tartessus* ou *Tartessius*[3].

Junto dos Cynetes vivia, segundo o referido poema, o povo dos CEMPSI[4], noutro passo chamados *Cemsi.* Como ao Occidente e ao Sul ficava o mar, e ao Oriente o *ager Tartesius,* segue-se que a sua situação sería ao Norte; todavia o mesmo Avieno diz que houve tempo em que elles occuparam a ilha *Cartare,* que ficava ao Oriente da foz do Anas, — *eam tenuere*[5]. Tambem Avieno, noutro poema, *Orbis terrae,* dilata os dominios d'este povo até os Pyreneus[6]. Se é justa a correcção de *iugum Cupresicum* em *Cempsicum,* de que fallei a p. 18 e n. 4, os Cempsos estendiam-se pois até o Cabo de Espichel.

Outro povo vizinho d'este, e de situação bastante duvidosa, é o dos GLAETES, que diz Herodoro que ficava ao Norte dos Cynetes[7], mas que parece ser o mesmo que os *Igletes* de Asclepiades (apud Estrabão) e os *Ileates* e *Saefes* de Avieno[8].

---

[1] V. 201.
[2] V. 205.
[3] V. 224.
[4] *Ora maritima,* vv. 200-201.
[5] Vv. 255-257.
[6] Vv. 480-481.
[7] *Fragmenta historicorum Graecorum,* II, 34 (ed. de Müller).
[8] Vid. sobre este ponto H. d'Arbois de Jubainville, *Les premiers habitants,* I, 55.

Os povos mencionados até aqui são dos mais antigos da Iberia.

Segue-se fallar dos TURDETANI. Já a p. 15, n. 6, vimos a grande extensão da Turdetania. Nos Turdetanos colloca Ptolemeu as cidades de *Balsa* e *Ossonoba*, o Sacro Promontorio, *Caetobriga*, e tambem *Myrtillis*[1]. Occupavam, pois, territorios que, numa concepção ethnographica anterior, eram habitadas pelos Cynetes e outros.

Na mesma região, isto é, entre o *Tagus* e o *Anas*, ficavam tambem os CELTICI de Estrabão, de Plinio e de Ptolemeu: vid. supra, pp. 57–59. Estes *Celtici* ou Celticos são, como o nome o diz, descendentes dos Celtas, isto é, certamente povos resultantes do cruzamento de Celtas com indigenas, como mais longe, na Hespanha, os Celtiberos o eram igualmente. Aos Celticos da mesopotamia de entre *Tagus* e *Anas* pertenciam as cidades de *Lacobriga*, *Mirobriga*, *Arcobriga*, *Arandis*, etc.

Ao Norte do Tejo ou *Tagus*, entre este rio e o Douro ou *Durius*, achamos os TVRDVLI VETERES, mencionados por Plinio[2], que os situa no pais do *Vacua* ou «Vouga» e do Mondego, e lhes dá como cidades *Eburobrittium*, *Collippo*, *Aeminium*[3], *Coniumbriga* e *Talabriga*: ficavam pois nas zonas occidentaes da Estremadura e da Beira, logo quasi a partir do *Tagus*. Com esta noticia combina uma de Pomponio Mela[4]; posto que no respectivo passo haja um erro geographico, o auctor romano attribue aos TVRDVLI VETERES tambem a área que, começando no *Promunturium Magnum*, abrange o territorio do *Monda* ou Campo de Coimbra, e chega ao Douro.

Na mesma extensa região de entre *Tagus* e *Durius*,

---

[1] *Geographia*, II, v.

[2] *Naturalis Historia*, IV, 113.

[3] Plinio diz *oppidum et flumen Aeminium* por erro, ao que parece; pois não consta de outros AA. que o *Monda* «Mondego» se chamasse *Aeminium*.

[4] *De situ orbis*, III, 8.

mas para o Nascente, temos os TRANSCVDANI, ou povos de alem do Côa, e os IGAEDITANI: uns e outros citei-os a pp. 32 e 34 d'esta obra.

Ainda ao Sul do Douro, menciona Plinio os PRESVRI[1], povos que na inscripção da Ponte de Alcantara (Hespanha)[2] tem o nome de PAESVRES, e constituiam um *municipium* na epocha romana. A mesma inscripção menciona na Lusitania os INTERAMNENSES, os TALORI, os ARAVI, os COLARNI; a este ultimo nome corresponde em Ptolemeu[3] o da cidade de Κέλαρνου.

Na ultima região, isto é, do Douro para o extremo Norte, habitavam os CALLAECI, segundo Estrabão[4]. Ahi colloca Pomponio Mela outros CELTICI[5], que poderemos agora considerar como povos resultantes especialmente da fusão de *Callaeci* com Celtas.

Entre estes *Celtici* distingue o mesmo Mela os GROVII, que habitavam o territorio banhado pelo *Avus*, *Celadus*, *Nebis*, *Limia*, *Minius*, a partir do *Durius*, isto é, o nosso Entre-Douro-e-Minho[6]; para Plinio, porém, que é um pouco menos antigo que Mela, os *Grovii* ou *Grovi* occupavam um territorio menos extenso, alem do Minho, onde ficava *Tyde* ou Tuy[7].

---

[1] *Naturalis Historia*, IV, 113.

[2] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 760.

[3] *Geographia*, II, V, 6.

[4] III, III, 2.

[5] *Chorographia*, III, 9.

[6] III, 10.

[7] *Nat. Hist*, IV, 112. — A boa forma é GROVII ou GROVI, e não *Gravii*, que se lê em Silio Italico, *Punica*, I, 235, e III, 366, por influencia talvez de *Graii*. Com este nome geographico se relaciona *Crovia*, nome de mulher, numa inscripção callaica (*Corp. Inscr. Lat.*, II, 2550), facto que mostra a exactidão da fórma *Grovii*, abstrahindo do *G* = *C*, pois estas letras alternam com frequencia nas inscripções e nos manuscritos. Ha na epigraphia da Peninsula varios outros exemplos de nomes proprios provindos de nomes ethnicos, como *Taporus* (de Tapori), *Vasconius* (de Vascones), *Vettonianus* (de Vettones), etc.; cf. *O Arch. Port.*, VII, 245.

Tambem entre o *Durius* e o *Minius* situa Ptolemeu os CALLAICI BRACARI [1]. A significação da palavra *Bracari* variou com os tempos. Os *Callaici* em Estrabão [2] occupam as montanhas, numa área menos extensa que depois: cf. esta obra, vol. I, XXII.

Ainda ao Sul do Minho ficavam os LEUNI e SEURBI de Plinio [3]; o geographo Ptolemeu [4], que é um pouco posterior a Plinio, menciona em posição mais septentrional, já na Galliza, os Σεουῤῥοί ou Σεȣουῤῥοί, nome que, como já viu Cortés y López [5], parece variante de *Seurbi* [6].

Para o Oriente, na região que hoje corresponde a Trás-os-Montes, ficavam os TURODI de Ptolemeu [7]. Acêrca do *ordo* ZOELARVM vid. o que diz Hübner no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 363.

Ao Norte do Minho, mas em país não português, cita Plinio [8] numerosos povos, como QVERQUERNI, LIMICI, EQVAESI, COELERNI, BIBALLI, HELLENI [9], CILENI, PRAESTAMARCI, COPORI [10], TAMARCI, NERI, ARROTREBAE, nomes que apparecem, em parte, e com algumas variantes, noutros auctores e nas inscripções da epocha romana.

---

[1] *Geographia*, II, VI, 38.

[2] *Geographia*, III, III, 2.

[3] *Naturalis Historia*, IV, 112.

[4] *Geographia*, II, 6, 27.

[5] *Diccionario de la España antigua*, III (1836), 335.

[6] No *Boletin de la Academia de la Historia*, XLII, 213, vem publicada uma importante inscripção de Astorga em que se lê SEVRBVS, que o Sr. Fidel Fita compara com os Σεουῤῥοί de Ptolemeu; fica assim averiguado que o trecho de Plinio se deve corrigir em *Seurri*.

[7] *Geographia*, II, VI, 39.

[8] *Naturalis Historia*, III, 28; IV, 111-112.

[9] Temos aqui de certo orthographia grega, devida á casual consonancia entre o nome d'este povo e *Helenus* = Ἕλενος. A terminação *-eni* era indigena, como o prova o nome *Cileni*, que se segue na lista.

[10] É notavel a semelhança phonetica que existe entre *Copori*, *Tapori* e *Talori*. Sobre estes dois ultimos vid. supra.

Limito-me á precedente enumeração, pois não posso, nem aqui é preciso, fazer trabalho completo.

Entre os nomes dos antigos povos ha muitos que evidentemente designam habitantes de uma cidade, como, por exemplo, *Balsenses* e *Aeminienses* [1] — cidadãos de *Balsa* e de *Aeminium;* ha porém outros, que podemos ficar em dúvida se são ethnicos, se são, como aquelles, apenas geographicos. Em certos casos os nomes dos povos derivam de nomes de rios, como: *Limici,* já citados a p. 75; *Tamagani,* na inscripção da ponte de Chaves [2]; *Transcudani,* mencionado a p. 34. Tambem aconteceu que no decorrer dos tempos um nome ethnico se tornou ás vezes geographico: assim os *Igaeditani* eram um povo, ignorando nós qual o nome da sua capital; depois porém formou-se o derivado **Igaeditania,* d'onde saiu a moderna fórma *Idanha* [3]. Factos semelhantes aconteceram noutros paises: por exemplo, de *Parisii,* povo gaulês, cuja capital era *Lutetia,* veiu o nome da capital da França.

Do que deixo escrito conclue-se que não havia unidade social na Lusitania, mas que as populações d'esta estavam distribuidas por tribus. Como diz um nosso illustre historiador, embora referindo-se a outras epochas, «a tendencia de cada povoação para constituir uma individualidade propria é tão innata, que vemos ainda agora, apesar da completa diversidade de circunstancias que se davam noutros tempos, cada villa, cada aldeia com a sua feição particular, os seus costumes proprios» [4].

As tribus lusitanicas tem ás vezes nos AA. romanos a designação de *populi.* Os *populi* comprehendiam agrupamentos ethnicos menores, denominados *civitates.* Assim Plinio, fallando do *conventus* dos Bracaros, na epocha

---

[1] Em Plinio, *Naturalis Historia,* IV, 118.

[2] *Corp. Inscr. Lat.,* 2477.

[3] Cf. supr., p. 32.

[4] Gama Barros, *Historia da administração publica em Portugal,* I, 34.

romana, diz que este se compunha de «XXIIII *civitates*, CCLXXXV capitum, ex quibus praeter ipsos Bracaros, *Biballi, Coelerni, Callaeci, Equaesi, Limici, Querquerni..*»[1]. A inscripção da ponte de Chaves menciona dez *civitates* ou «communidades», entre as quaes algumas das referidas por Plinio[2]. Os *Naebisoci*, mencionados na mesma inscripção, constituiam tambem uma *civitas*[3]. Pela epigraphia temos noticia de muitas outras communidades: *civitas Baniens(is)* ou *Baniens(ium)*, em Trás-os-Montes[4]; *civitas Aravor(um)*, ao pé de Marialva[5]; *civ[itas] Aeminiens(is)* ou *Aeminiens(ium)*, hoje Coimbra[6]. Todos estes nomes são indigenas. Não devemos esperar todavia que os textos, tanto os epigraphicos, como os litterarios, façam sempre nitida distincção entre *populi* e *civitates*. Na Gallia a *civitas* subdividia-se ainda em *pagi;* com relação á Lusitania não conheço textos neste sentido.

Entre os *Celtici* que habitavam ao N. do Douro, cita Pomponio Mela, como tribu secundaria, os *Grovii:* vid. supra, p. 74 e nota. Podemos suppor que com relação a outras tribus haveria subdivisões semelhantes.

A respeito das divisões do país em varios *territorii* na epocha romana, as quaes podem corresponder tambem a epochas anteriores, — divisões feitas com marcos ou *ter-*

---

[1] *Naturalis Historia*, III, 28.

[2] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2477 e 5616. Ha pequenas variantes orthographicas: *Bibali* e *Quarquerni*.

[3] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5616. Esta palavra suppunha Borges de Figueiredo (vid. *Boletim da Sociedade de Geographia*, vol. V, n.º 6) que derivava de *Nebis*, «rio Neiva»; mas, como o *-s* creio ser desinencia de nominativo, e não pertencer ao radical, um derivado de *Nebis* com o suffixo *-oci* devia ser **Nebioci* e não *Nebisoci* ou *Naebisoci*. Que *-oci*, i. é *-oc-*, póde ser suffixo, mostra-o o nome ethnico CLOVNIOQ = CLOVNIOQ(*um*) ou *Cluniocum* numa moeda de *Clunia*, citada por exemplo nos *Mon. ling. Ibericae*, p. 73.

[4] *O Arch. Port.*, II, 168.

[5] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 429.

[6] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5239.

mini—, cf. o que succintamente se diz no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 460 (Beira), na *Arqueología de España* [*y Portugal*] de Hübner, p. 105; e vide supra, p. 32.

Muitas tribus, pelo menos as de certa extensão, eram independentes entre si; sem embargo alliavam-se ás vezes, ou para expedições, ou na occasião de perigo commum, ou ainda noutras circunstancias. De allianças por expedições vimos um exemplo, mais ou menos lendario, a p. 65, entre Celticos e Turdulos. De allianças na occasião de perigo commum são testemunho as guerras do tempo de Viriato (sec. II A. C.).

Da existencia de *gentilitates,* agrupamentos especiaes, que, ao que parece, tinham por base a familia, e que possuiam cultos proprios, fallam varias inscripções da epocha romana: cf. *gentilitas Desoncorum ex gente Zoelarum* no *Corp. Inscr. Lat.,* II, 2633. Á *gens Pinton(um)* refere-se uma inscripção de Condeixa-a-Velha, incluida tambem no *Corp. Inscr. Lat.,* II, 365. Entrar a este respeito em pormenores não se póde, por causa da penuria dos elementos de informação.

O povo, como por toda a parte, nesta epocha, compunha-se de *livres* e *escravos*[2].

A respeito do govêrno das tribus tambem são deminutas as noticias: este era, pelo menos em muitos casos, monarchico; os AA. antigos, ao fallarem da Iberia, empregam não raro expressões com *rex, regulus,* δυνάστης, e outras semelhantes[1]. Referindo-se á lenda da origem do uso do mel entre os Cunetes (no Algarve), menciona Justino o seu *rex vetustissimus* Gargoris[3].

Já que fallei do Sul, lembrarei que os Turdetanos tinham leis escritas em verso[4].

---

[1] Cf. E. de Hinojosa, *Hist. general del derecho español,* I (1887), 62–63, nota.

[2] Cfr. Justino, *Epit. Hist. Philip.*, XLIV, IV.

[3] *Epit. Hist. Phil.*, XLIV, IV.

[4] Estrabão, *Geographia,* III, I, 6.

Da administração da justiça lusitanica dá-nos Estrabão dois espécimes, pois nos relata que os condemnados á morte são precipitados de um alto, e que os parricidas são apedrejados [1].

2. Locaes de habitação

Os principaes locaes de habitação das tribus protohistoricas do nosso país eram nos altos das montanhas. Das povoações de então (fortalezas) restam ainda muitos vestigios, que hoje se chamam geralmente *castros* ou *crastos*. O nosso povo dá este nome, ou outro analogo, ao cume de um monte, ou a qualquer altura, em que ha ou houve aterros artificiaes (destinados ás antigas obras de fortificação), pannos de muralhas, fossos e restos de habitações.

---

[1] *Geographia*, III, III, 7. Ambos estes processos de punição tinham muita voga na antiguidade.

Os Romanos, por exemplo, precipitavam os criminosos do *saxum Tarpeium*. Quanto aos Gregos, conta Plutarcho que Esopo foi precipitado da rocha Hyampia, um dos cumes do Parnaso: vid. *De sera numinis vindicta*, XII. Nos costumes da idade-media temos um exemplo d'estes castigos na *Cronica rimada del Cid*, vv. 700-701 (ed. de Duran), onde se diz dos condes que Rodrigo trazia presos perante o rei:

> Judgaron Portogalesses a bueltas con Galisianos,
> dieron por juysio, que fuesen despeñados.

De apedrejamento tambem não faltam exemplos, e d'elle restam ainda vestigios nos costumes medievaes e modernos. Sobre os costumes modernos vid. *Tradições populares de Portugal*, § 213. — Na Beira-Alta o povo chama ás pedras, com que se podem atirar pedradas, «armas de Santo Estevão», por este santo ter recebido o supplicio do apedrejamento. — No romance popular da *Condessa* diz-se a respeito do filho d'esta, que o rei:

> Mandou-o deitar na praça,
> Para ir a apedrejar...

vid. *Cantos do Archipelago Açoriano*, por Theophilo Braga, Porto 1869, p. 250. — Na lenda medieval dos sete infantes de Lara, um dos castigos propostos a D. Sancha para serem infligidos a seu irmão Ruy Velázquez é o apedrejamento: vid. R. Menéndez Pidal, *La leyenda de los infantes de Lara*, Madrid 1896, p. 34.

As pedras das muralhas dos castros apresentam ás vezes um modo especial de juncção, pois tem os angulos no sentido vertical, còmo se vê no eschema junto (fig. 1.ª e 2.ª), feito deante dos restos das muralhas do Castro de Santiago dos Arados, no concelho de Marco de Canaveses. Os fossos

Fig. 1.ª (Castro dos Arados)

Fig. 2.ª (Castro dos Arados)

são em parte artificiaes, em parte constituidos por valles. As paredes das casas póde acontecer que já não existam; em compensação acham-se pelo local cinzeiros, fragmentos de olaria, instrumentos domesticos, mós de moinho, etc. Na fig. 3.ª representa-se uma vista do castro do Monte Redondo, no concelho de Braga: restos de muralhas[1]. O

[1] Segundo uma photographia que me foi obsequiosamente ministrada pelo estudioso archeologo vimaranense o Sr. Albano Bellino, que explorou as ruinas d'este castro.

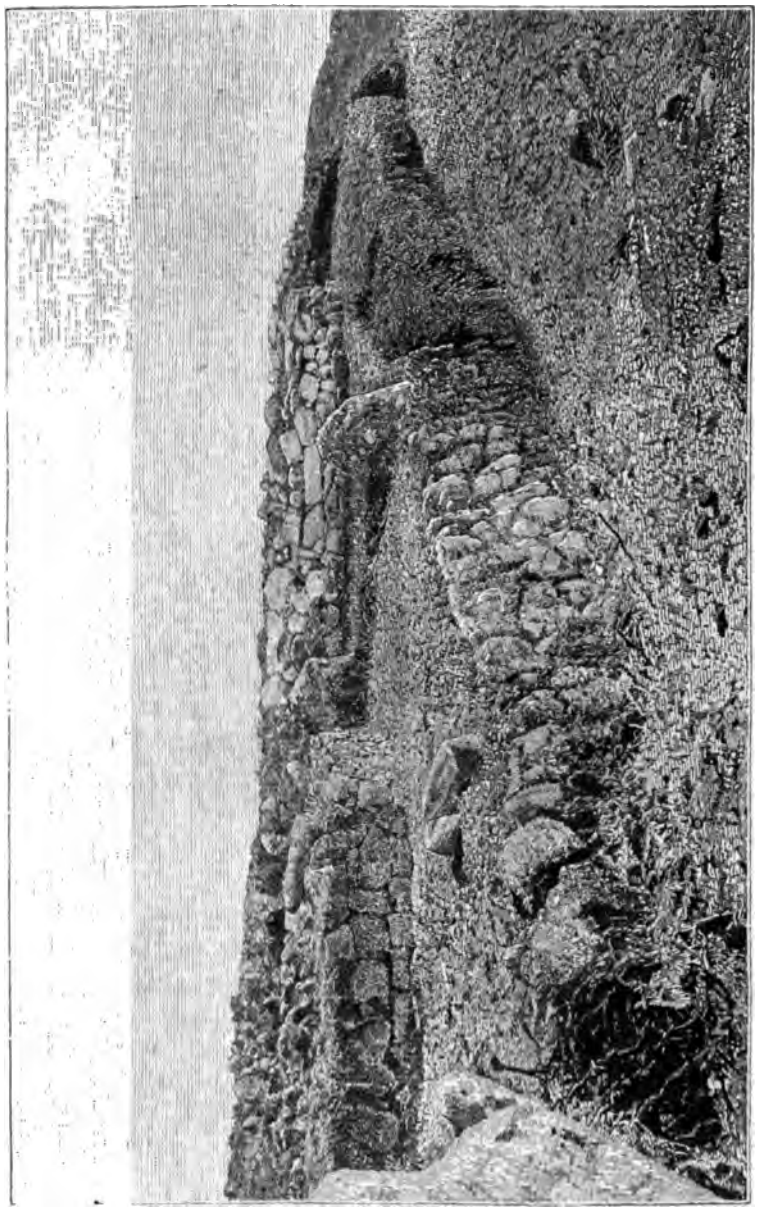


Fig. 3.ª (Castro do Monte Redondo)

monte em que assenta o castro nem sempre é insulado, mas póde estar ligado a outro por um dos flancos. Perto dos castros passam ordinariamente correntes de agua.

Além do nome *castro,* que o povo applica, sempre porém como *nome proprio,* e nunca como *nome commum,* ha outros no nosso onomastico e no gallego, como *castello, castêllo, coroa, cividade, cêrca, cristello, crestim, castrilhouço, castellinho, citania, cidadelhe,* etc., nomes que recebem epithetos, por exemplo, *velho,* como acontece com varios montes chamados *castellos velhos.* A maior parte d'esta nomenclatura, e as lendas que o povo conta dos castros, em que quasi sempre figuram guerras, fazem tambem comprehender qual era o primitivo uso d'elles.

O nome dos castros na epocha protohistorica era em celtico *briga* e *dunon,* como se disse a p. 59 e 66. Em latim classico corresponde a estes nomes *oppidum* (e *oppidulum*); no latim da decadencia a palavra *castrum* significava tambem «oppidum», e nesse sentido permaneceu em português, gallego e noutras lingoas. Uma inscripção do *Corp. Inscr. Lat.* menciona junto de Alvega o *oppidum vetus Aritiense*[1], e outra menciona na Galliza o *castellum Meidunium*[2].

Os castros datam dos tempos prehistoricos: vid. esta obra, I, 48 sqq. A maior parte d'elles acabaram na epocha romana, mas muitos continuaram a existir ainda depois. Os proprios AA. romanos fallam dos castros peninsulares. Assim, nos *Commentarii de bello Hispaniensi* lê-se o seguinte: «Grande parte das cidades d'esta provincia estão tambem defendidas geralmente por montes, e construidas em sitios de sua natureza elevados, de modo que é difficil o accesso e as subidas para lá»[3]. Aos castros do

---

[1] II, 172.

[2] II, 2520.

[3] Cap. VIII. — Esta obra attribue-se a Hircio, amigo de Julio Cesar; mas a attribuição é incerta.

Sul do nosso país encontra-se esta referencia na *Ora maritima* de Avieno:

> Cempsi atque *Saefes* arduos collis habent
> Ophiussae in agro [1].

É no Norte e Centro do país, como parte mais montanhosa, que os castros predominam; mas ha-os por todo o Portugal e na Galliza. Nos diversos volumes d-*O Archeologo Português,* em todos elles, se tem publicado muitas noticias de castros: para lá remetto o leitor [2]. Entre os nossos castros, de civilização protohistorica pura ou quasi pura, occupa logar importante o de Sabroso, no districto de Braga, onde Martins Sarmento fez escavações e descobriu muitos materiaes archeologicos, que hoje estão guardadas no Museu de Guimarães: fragmentos de ceramica ornamentada, fibulas, braceletes, pedras com esculpturas de caracter mycenense.

Em muitos castros encontram-se com frequencia casas redondas, — systema architectoral que se conhece tambem noutros paises, na antiguidade. Na fig. 4.ª apresenta-se a vista de uma casa do castro do Monte-Redondo, perto de Braga [3].

O que resta dos castros dá-nos ideia de alguns dos aspectos da vida das populações antigas. Todos elles demonstram o estado de sobresalto mais ou menos permanente em que estas se achavam. Se, por exemplo, em Sabroso e

---

[1] Vv. 195-196. Em vez de *Saefes* deverá talvez ler-se *Glaetes:* cf. o que se disse supra, p. 72.

[2] Vid. em especial: I, 161 (Castello de S. Miguel o Anjo, por Felix Alves Pereira); v, 14 (Castro de Lombeiro, com uma planta, por A. Pereira Lopo); VII, 15 (Cidade Velha de Santa Luzia, por J. L. de V.).—Vid. tambem: varios artigos de Martins Sarmento na *Revista de Guimarães;* «Noticia archeologica sobre o monte da Cividade» por R. Severo & F. Cardoso, na mesma *Revista,* vol. III, p. 137 sqq.; e *Religiões da Lusitania,* I, indice, s. v. «castros».

[3] Tambem segundo uma photographia tirada pelo Sr.ᵉ Albano Bellino.

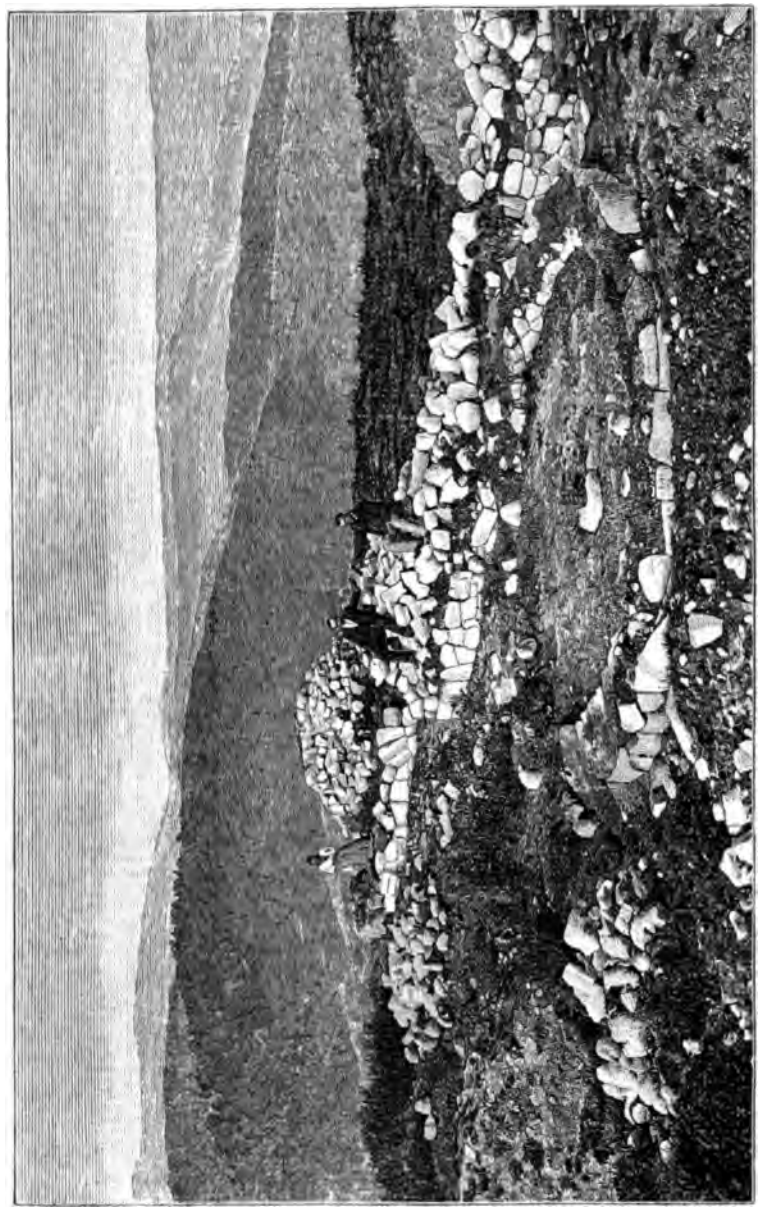


Fig. 4.ª (Casas do castro do Monte Redondo)

na Citania havia tal ou qual riqueza, é certo que grande numero de castros estava em condições bastante modestas, para não dizer miseraveis. Comprehende-se como a vida sería penosa para populações que se vissem apertadas por um cêrco, fechadas no alto de uma montanha, sem poderem descer ás planicies vizinhas! Muitos castros serviriam apenas de refugio em occasião de perigo; não ha duvida, porém, que muitos outros eram povoações propriamente ditas.

Não devemos suppôr que os castros constituiam os unicos centros de habitação. É natural que tambem houvesse simples edificios campestres, como havia sem dúvida importantes povoações nas baixas: assim Ossonoba e Balsa, duas cidades algarvias, cujos nomes não-latinos revelam a sua procedencia pre-romana, eram situadas em terrenos planos, — a segunda á beira-mar, a primeira, ou igualmente á beira-mar, ou perto. No *Corp. Inscr. Lat.* apparece varias vezes a palavra *vicus* «aldeia», designação que, comquanto latina, traz juntos a ella nomes indigenas: *vicus Baedorus,* talvez perto de Condeixa[1]; *v(icus) Talabara,* talvez perto da Idanha[2]; *v[ico metulli Vipascensis]*, perto de Aljustrel[3]. No *Corp. Inscr. Lat.,* II, 170, citam-se tambem uns *vicani,* habitadores de certo *vicus,* cujo nome proprio todavia não se sabe exactamente. *Vigo,* na Galliza, foi da mesma sorte na origem um *vicus.*

3. Lingoas

Grande e povoada como era a Iberia, fallavam-se nella varias lingoas; o proprio Estrabão o nota: «nem a lingoa é uma só»[4]. A esta diversidade idiomatica correspondia

---

[1] *Corp. Inscr. Lat.,* II, 365.

[2] *Corp. Inscr. Lat.,* II, 453.

[3] *Corp. Inscr. Lat.,* II, 5181-37.

[4] *Geographia,* III, I, 6. Dizer que o geographo falla de variedades dialectaes de uma só lingoa, e não de lingoas diversas entre si, sería forçar a interpretação do texto.

certa diversidade alphabetologica: por um lado, temos o citado geographo que no-lo diz [1]; por outro lado, a epigraphia numismatica e a epigraphia lapidar mostram que existiam diversos systemas alphabetologicos na Peninsula, que, comquanto não muito differentes uns dos outros, apresentavam todavia certas dissemelhanças [2]. Esta coincidencia é, porém, meramente accidental, pois nem diversidade de lingoas importa de modo algum diversidade de alphabetos, nem vice-versa: a mesma lingoa póde ser escrita em mais de um alphabeto, por exemplo o gaulês, de que restam inscripções compostas, ora com letras latinas, ora com letras gregas; e um só alphabeto póde servir para com elle se escreverem as lingoas mais dissimiles entre si, como vemos actualmente.

Ao lado de idiomas indigenas, cujos nomes antigos não sabemos, deve ter-se fallado na Iberia phenicio, punico, grego, celtico e ligurico : no capitulo consagrado á ethnogenia vimos as razões d'isso. De um dos primitivos idiomas peninsulares resta ainda um ramo: o vasconço, — posto como a Esphynge á entrada da Peninsula, nas duas vertentes dos Pyreneus, de algum modo a indicar com as sombras que envolvem a origem d'elle e as suas relações com outros idiomas do mundo, se algumas mantem, que a Iberia, pelo que toca á historia antiga, está cheia de mysterios, e embaraça os investigadores com difficeis problemas, e mesmo com enigmas que esperam ansiosamente pelo seu Édipo.

---

[1] No texto lê-se: χρῶνται γραμματικῇ, οὐ μιᾷ [δ'] ἰδέᾳ. Alguns interpretes traduzem γραμματική por «litteratura», mas creio que deve traduzir-se por «alphabeto». Tendo eu proposto ao douto professor de grego do Curso Superior de Lettras, e meu prezado amigo e mestre, o Sr. Epiphanio Dias, esta interpretação, elle a confirmou, fazendo-me notar que, se se tratasse de «litteratura», o auctor empregaria ἔχω «ter», ou uma expressão equivalente, e não χρῶμαι, pois não se diria «servir-se de litteratura» (χρῶμαι «utor»: sirvo-me), mas dir-se-hia «ter litteratura».

[2] Vid *Monumenta linguae Ibericae*, passim.

Os documentos que possuimos para o conhecimento directo das lingoas antigas da Peninsula são, alem do vasconço: as inscripções ibericas; certas palavras avulsas, como *paramus*, que se lê numa inscripção de Leão [1]; várias expressões que os AA. classicos citam como peculiares da Peninsula, por exemplo, *caelia* ou *celia*, *caetra* ou *cetra*, *viriae*; e tambem o onomastico, quer o archaico, quer o moderno. Nas lingoas hodiernas de Hespanha e Portugal ha tambem alguns elementos que devem ascender ás epocas pre-romanas, por exemplo as palavras *esquerdo – izquierdo*, e os suffixos *-arro*, *-orro*, — o que tudo existe actualmente ainda em vasconço [2].

As inscripções ibericas são de duas especies: em caracteres indigenas e em caracteres latinos. Em Portugal tem-se encontrado algumas, de ambas as especies: temos inscripções lapidares, em caracteres ibericos, encontradas no Alemtejo e no Algarve, pelo menos [3]; temos uma inscripção indigena, mas em caracteres latinos, encontrada no districto de Viseu, em Lamas de Moledo [4]; e temos moedas de Salacia com legendas ibericas [5]. Ha tambem moedas bi-lingues. Se todavia as inscripções se podem ler, não se sabe que lingoa ou lingoas ellas representam.

O onomastico até hoje mais estudado é o de procedencia celtica: a p. 57 sqq. dei algumas indicações bibliographicas e exemplos. O celtico da Peninsula, que poderc-

---

[1] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2660.

[2] Vid. F. Diez: *Etym. Wörterbuch*, II-b, s. v. «izquierdo»; e *Grammaire des langues romanes*, II, 341.

[3] Vid. *Monumenta linguae Ibericae*, de E. Hübner, p. 192 sqq.; e *O Arch. Port.*, III, 185, e V, 40.

[4] Vid. *Monatsberichte* da Academia de Berlim, 1868, pp. 6–11, onde Hübner lhes consagra um extenso artigo; e vid. mais, do mesmo A.: *Corp. Inscr. Lat.*, II, 695; *La arqueología de España* [*y Portugal*], p. 60; e *Mon. ling. Iber.*, n.º LVII (o n.º LVI creio ser apenas latim mal copiado).

[5] Vid. *O Arch. Port.*, I, 81, II, 280, e VI, 83, onde se cita toda a bibliographia.

mos chamar de modo geral *celtiberico,* é natural que contivesse diversos elementos dialectaes: o Sr. H. d'Arbois de Jubainville, ólha, por exemplo, como tal a reducção de *ct* a *t,* que se observa na palavra iberica *Ambatus,* correspondente á gaulesa *Ambactus,* onde *ct* soava *cht* [1]. Com relação ao vocabulario, parece que havia na Peninsula mais predilecção pelo emprêgo de *briga* do que pelo de *dunon* ou *dunum,* comquanto estas palavras fossem mais ou menos synonimas entre si [2]. Ao celtico da Peninsula ha uma breve, mas importante, referencia no seguinte passo de Plinio, a que já alludi acima, p. 58: «Celticos a Celtiberis ex Lusitania advenisse manifestum est sacris *lingua,* oppidorum *vocabulis*» [3].

Ao ouvido dos Romanos, habituados á *urbanitas* da linguagem latina, os idiomas da Iberia afiguravam-se como extremamente rudes e desharmoniosos. Silio Italico (sec. I–II da E. C.), referindo-se á Callaecia do tempo das guerras de Hannibal, diz que ella enviava para os combates a sua gente,

Barbara nunc patriis ululantem carmina linguis, [4]

onde o verbo *ululare* tem a significação geral de soltar gritos ou cantos barbaros; cf. o substantivo *ululatus* neste passo de Cesar a respeito dos Eburones (Belgica): «suo more victoriam conclamant atque *ululatum* tollunt» [5]; e neste de Titio Livio: «Galli occursant in ripa cum variis *ululatibus* cantuque moris sui» [6], — para não accumular aqui

---

[1] *Ambactus* corresponde a «servus», — palavra formada do prefixo ou preposição *ambi* = gr. ἀμφί, e de **actos* = lat. *actus*. Cfr. Holder, *Alt-celtischer Sprachschatz*, s. v.

[2] Vid. supra, pp. 59 e 66.

[3] *Naturalis Historia*, III, § 13.

[4] *Punica*, III, 348.

[5] *De Bello Gallico*, V, 37.

[6] *Ab urbe condita*, XXI, XXVIII.

mais exemplos[1]. Alguns AA. chegam mesmo a não querer citar os nomes ethnicos ou geographicos, por os acharem pouco sonoros: Estrabão, depois de referir os nomes de varios povos ibericos, como *Pleutauri, Bardyetae* e *Allotrigae,* diz que omitte «outros nomes ainda peores de pronunciar», καὶ ἄλλα χείρω[2]; Pomponio Mela, escreve: «Cantabrorum aliquot populi amnesque sunt, sed quorum nomina nostro ore concipi nequeant»[3]; finalmente Plinio observa: «Lucensis conventus populorum est sedecim, praeter Celticos et Lemauos, ignobilium, ac barbarae appellationis»[4].

As lingoas da Iberia, com excepção d'aquella que hoje está representada ainda pelo vasconço, a qual poderemos denominar proto-vasconço, existiram apenas até os primeiros seculos da era christã. A existencia d'ellas durante parte do tempo da dominação romana é-nos attestada: pelas citadas inscripções ibericas em caracteres latinos; pelas moedas bi-lingues; por varios nomes geographicos, como *Brutó-briga, Augustó-briga, Caesaró-briga* e tambem *Gracch-urris,* compostos cada um de um elemento celtico ou iberico, e de um elemento latino, o que mostra a coexistencia de todas essas lingoas; e finalmente por textos de AA. romanos, como alguns que vou citar. Cicero, por exemplo, diz na sua obra *De divinatione*, composta no anno de 44 A. C., que, se os deuses mandassem aos homens sonhos inintelligiveis, sería como se os Hispanos ou os Carthagineses se apresentassem a fallar em pleno senado[5]; men-

---

[1] O Sr. Theophilo Braga, no *Parnaso português moderno*, Lisboa 1877, pp. XXXVIII–XLI, suppõe que o *alalála* gallego, a que elle attribue origem turaniana, é o *ululare* latino. Phantasias do audacioso professor e historiador! O verbo ululare está em gallego representado por *oubear,* fórma que faz presuppor a intermedia **oubar,* correspondente á portuguesa *uivar.*

[2] *Geographia,* III, III, 7.

[3] *Chorographia,* III, § 15.

[4] *Naturalis Historia,* III, § 28.

[5] Lib. II, cap. 64.

cionando Tacito os acontecimentos do anno de 25 da E. C., e entre elles a morte de Lucio Pisão, conta que o assassino d'este, um aldeão termestino (Provincia Tarraconense), depois de preso e posto a tratos para que indicasse os seus cumplices, «voce magna, *sermone patrio,* frustra se interrogari clamitavit[1]»; Adriano (117–138), cuja mãe era de Gades, tinha o accento hispanico, e todos se riram d'elle no senado quando, na sua qualidade de questor, leu lá uma vez um discurso do imperador, — segundo o que narra Espartiano[2]. Temos assim pois testemunhos litterarios da duração das lingoas ibericas pelo menos até o sec. II da nossa era.

Com os progressos da romanização, que no sec. III da E. C. estava acabada, aconteceu que, exceptuando a área em que ficou vivendo o proto-vasconço, o resto da Iberia se tornou patrimonio do latim. Os Turdetanos, no dizer de Estrabão, tinham já perdido no tempo d'elle (sec. I antes e depois da E. C.) o idioma patrio[3], e foi de certo este povo iberico o primeiro que o perdeu, ou um dos primeiros.

4. Costumes

Este assunto podia tratar-se em varios capitulos; mas por brevidade, e porque não se torna necessario, para o proseguimento da presente obra, nem entrar em grandes desenvolvimentos, nem estabelecer muitas divisões, condenso aqui as principaes noticias.

Os costumes variavam bastante, de acordo com a variedade das terras e dos povos. Havia diversos graus de civilização. O proprio Estrabão, quando falla dos povos da Lusitania, situados entre o Tagus e os Artabros, nota

---

[1] *Annales,* IV, XLV.
[2] *Hadrian.*, cap. III *(Scriptores historiae Augustae).*
[3] *Geographia,* III, II, 15.

differenças entre os costumes dos montanheses ou castrejos [1], e os dos habitantes das planicies [2].

Nas montanhas os homens trazem cabellos compridos, como as mulheres, os quaes elles precisam atar quando entram em combate; andam vestidos de saios, e dormem no chão. As mulheres trajam vestuarios de côr [3]. Pela archeologia sabemos que se usavam na Lusitania xorcas de ouro [4].

Quanto ás comidas, utiliza-se a carne de bode e fabrica-se uma especie de pão feito de landes de carvalho sêccas; a bebida ordinaria é a agoa e a cerveja de cevada. Sem embargo, celebram-se frequentemente grandes banquetes, em que os convivas, ora assentados em um poial de pedra, uns após os outros, conforme a respeitabilidade dos annos ou da posição social, passam os acepipes de mão em mão, ora de taça em punho, bebendo vinho, se põem a dançar em coros, ao som das flautas e das trombetas [5].

Das danças dos Lusitanos falla tambem Diodoro Siculo [6].

Não constituem as danças e a musica os unicos divertimentos dos montanheses; tambem fazem jogos gymnicos, hopliticos e hippicos, em que fingem combates, e se exercitam no pugilato e em corridas, como povos guerreiros que são [7].

---

[1] Ha no Alto-Minho uma povoação chamada Castro-Laboreiro, cujos habitantes se chamam *castrejos*, ou em lingoa popular *crastejos*, porque o povo tambem diz *Crasto* (vid. o meu opusculo *Uma excursão ao Soajo*, Barcellos 1882, p. 34). Emprégo aqui *castrejos*, em sentido lato, para designar de modo geral os habitantes dos castros ou crastos.

[2] Estrabão, *Geographia*, III, III, 7.

[3] Estrabão, III, III, 7.

[4] Cfr. *O Arch. Port.*, II, 17 sqq. É provavel, porém, que nem todas as xorcas ahi descritas datem dos tempos protohistoricos. De xorcas figuradas em estatuas de guerreiros vid. espécimes *ibid.*, p. 30.

[5] Estrabão, III, III, 7.

[6] *Bibliotheca*, V, 34.

[7] Estrabão, III, III, 7.

Na arte da guerra, sim, é que elles se tornaram famosos, e isto applica-se tanto aos habitantes dos castros ou castrejos, como aos habitantes das planicies. Diz Diodoro Siculo que os Lusitanos marcham para a guerra com passo cadenciado, e cantando hymnos [1],—costume que tem parallelos em outros povos; o mesmo A. trata os Lusitanos pelos mais fortes dos povos ibericos. Estrabão demora-se a descrever-lhes o escudo redondo e o punhal da cintura, a espada, a lança, a couraça de linho, a cota de malhas e o capacete de coiro com penachos; algumas d'estas noticias são confirmadas pela archeologia [2]. Na estatua de um guerreiro proto-historico achada em Trás-os-Montes, e hoje conservada no Museu Ethnologico, o guerreiro é figurado com capacete conico [3]. Outra arma guerreira dos Lusitanos era a funda [4].

Quem se mostrava eximio guerreiro não podia deixar de ser eximio caçador. É perfeitamente natural que os Lusitanos o fossem tambem: a isso os levava a indole e a necessidade. Confirma-o um texto de Polybio, em que este, no trecho que adduzi a cima, p. 46, cita como comestivel a carne de animaes bravos.

Da importancia da pesca no mar da Turdetania, fallam Polybio e Estrabão: moluscos, atuns, etc. [5] O segundo d'esses AA. chama tambem piscoso ao Tejo [6]. A importancia d'esta industria reflecte-se nos typos monetarios, onde figura por vezes o peixe, como nas moedas emittidas pelas cidades do Sado (Salacia) e do Anas (Myrtilis).

Além dos peixes, os rios offereciam á actividade dos Lusitanos outras riquezas: o ouro. No decurso d'esta obra

---

[1] *Bibliotheca*, v, 34.

[2] Vid. *O Arch. Port.* II, 97; adeante publíco algumas gravuras de estatuas de guerreiros lusitanos. Sobre as armas dos Lusitanos, vid. tambem Diodoro Siculo, *Bibliotheca*, v, 34.

[3] Vid. O *Arch. Port.*, VII, 23.

[4] Cf. Estrabão, III, IV, 15.

[5] Estrabão, III, II, 7. Polybio é ahi citado.

[6] III, III, 1.

me tenho já referido por vezes á industria mineira. Estrabão e outros AA. dão a tal respeito bastantes informações [1].

A travessia dos estuarios effectuava-se em eras remotas em barcas de coiro: assim o conta Estrabão [2]. Tambem Avieno falla do uso de embarcações feitas de pelles, entre os habitantes das ilhas Oestrymnides [3]. A este uso de barcas de coiro succedeu na epocha romana o de barcas feitas de troncos de arvore escavados [4]: os Gallos, entre outros, procediam do mesmo modo [5].

Na secção d'esta obra consagrada á Geographia tive occasião de me referir á riqueza agricola do solo. Se os montanheses viviam vida miseravel, os da planicie, os que habitavam junto dos bellos rios, os que tinham boas terras ao seu dispor, sabiam tirar proveito das condições naturaes. Eram bem conceituados os vinhedos do Tejo, e, se é justa, como parece, uma correcção proposta por C. Müller ao texto estraboniano, tambem os olivedos [6]. Aos productos do campo juntava-se a criação de gado: cabrum, vaccum, suino, cavallar; vid. supra, pp. 11, 21, 22, 30, 33 e 46.

Facilitado por estas excellentes condições, o commercio devia ter certo desenvolvimento, sobretudo nas regiões mais ricas.

As transacções commerciaes nos povos do interior, que estavam sociologicamente mais atrasados, realizavam-se por meio de trocas de mercadorias, e de barrinhas ou laminas de prata dadas em paga do que se adquiria [7]. Taes

---

[1] Cf. supra, pp. 20, 24, 44, etc. E o vol. I, 74–76.

[2] Estrabão, III, III, 7.

[3] *Ora maritima*, v. 103 sqq. As *Oestrymnides* suppõe-se serem as Ilhas Britannicas.

[4] Tito Livio, XX, XXVI.

[5] Estrabão, III, III, 7.

[6] *Geographia*, III, III, 1.

[7] Estrabão, III, III, 7.

meios são muito usados nos povos barbaros e nos selvagens. Os povos do Sul do Tejo começaram a ter moedas propriamente ditas proximo da epocha da dominação romana, ou nos principios d'esta: a cima citei, no capitulo das *Lingoas,* as moedas de Eviom (depois chamado Salacia) escritas em caracteres indigenas[1]; todas as outras moedas, embora ás vezes com allusões a costumes locaes, como as de Myrtilis e Ossonoba, tem já inscripções latinas.

Em contraste com os povos das montanhas e do interior estavam os Turdetanos, povo a que dou aqui a significação lata que lhe dei a p. 15, n. 6; Estrabão attribue-lhes a posse de obras historicas e poeticas[2]. Com isto concorda o que sabemos da existencia dos alphabetos ibericos, que se encontram com certa frequencia no Alemtejo e Algarve[3].

Alguns dos povos das margens do Douro apresentam costumes analogos aos da Laconia, diz Estrabão, pois untam o corpo com oleos e utilizam estufas aquecidas com pedras em brasa; alem d'isso tem uma só refeição diaria[4].

Estrabão acha ainda outro ponto de contacto entre os costumes da Lusitania e os da Grecia: quando falla das cerimonias dos casamentos, diz que estas se celebram como as dos Gregos[5].

Os enfermos traziam-nos para a rua, solicitando-se para elles os conselhos dos que ali passassem e tivessem padecido doenças semelhantes[6].

O que respeita aos usos funerarios expo-lo-hei adeante, ao occupar-me das religiões.

---

[1] Cf. *O Arch. Port.*, VI, 81 sqq.

[2] *Geographia,* III, I, 6.

[3] Vid. supra, p. 85.

[4] III, III, 6.

[5] III, III, 7.—É claro que neste passo e no antecedente o geographo estabelece meras comparações, e não filiações ethnicas.

[6] Estrabão, *Geographia*, III, III, 7.—Cf. Vergilio, *Aen.,* XII, 395, ed. de Benoist, t. III, Paris 1882, e a nota respectiva.

5. Caracteres geraes dos Lusitanos[1]

As variedades ethnogenicas e geographicas, os multiplices generos de vida, e o diverso grau de instrucção produziam naturalmente outras tantas modalidades no caracter dos Lusitanos.

Rudes e bravios os que vivem nas montanhas, onde o clima é aspero e a vida difficil; de costumes doces, os habitantes do Sul, onde gozam de certo bem-estar intellectual, por se acharem mais proximos dos centros da civilização (bacia do Mediterraneo): vemo-los no entanto a todos sempre intrepidos e arrogantes na guerra. A intrepidez militar e o sentimento da independencia nacional são os seus carateres dominantes.

Diodoro Siculo diz que elles passam pelos mais valentes dos povos ibericos[2], embora o mesmo A. accrescente que na adversidade se apresentam muito menos corajosos que

---

[1] É curioso notar que em 1820 se imprimiu em Lisboa uma tragedia de Pimenta de Aguiar, intitulada *Caracter dos Lusitanos*. O assunto passa-se no tempo de Viriato, que ahi é mais uma vez assassinado. Ao saber da morte, exclama Curio, general indigena:

> ..... Roma inimiga,
> Só podias, por mãos de vil perfidia,
> Dos Lusitanos alcançar victoria!

Ormia, esposa de Curio, responde-lhe banhada em lagrimas:

> Já não existe o pay da liberdade!

Foi por esse tempo tambem que Almeida Garrett deu a lume a 1.ª edição do *Catão* (1822).

Para defenderem as ideias politicas que occupavam os espiritos no primeiro quartel do sec. XIX, os poetas de então voltavam-se para o passado, e buscavam na historia symbolos d'ellas.

[2] *Bibliotheca*, v. 34.

os Celtiberos[1]. Uma anecdota contada por Valerio Maximo dá ideia do heroismo dos nossos maiores: tendo Decimo Junio Bruto subjugado quasi toda a Lusitania, apertára num cêrco a cidade de Cinginnia[2]; como esta lhe resistisse tenazmente, o capitão romano propôs-lhe resgate: comtudo os habitantes responderam unicamente que os seus antepassados lhes haviam deixado armas para defenderem a cidade, e não ouro para comprarem a liberdade a um capitão avarento[3].

A vida montanhesa, cheia de privações, produzia habitualmente a sobriedade: esta virtude é memorada por Estrabão em mais de um logar[4]. De um lado, em certos casos, a falta de meios de subsistencia, do outro o instincto bellicoso, levavam ás vezes os Lusitanos a fazerem por toda a Peninsula incursões armadas, para praticarem roubos e se locupletarem[5]. Com isto se relaciona outra qualidade que Estrabão nota nelles: a habilidade que tinham para armarem embuscadas[6].

O caracter de barbarie dos povos montanheses[7], e, em geral, dos povos do Norte da Peninsula, manifesta-se tambem nos productos artisticos, como o provam as esculpturas lapidares do typo dos *berrões* transmontanos e das *estatuas callaicas*[8]. Os povos do Sul acham-se em boas

---

[1] *Bibliotheca*, v, 34.

[2] Ha nas edições de Valerio Maximo variantes d'esta palavra, por exemplo, *Cinninia*, etc., que nada tem com *Citania*, como alguns suppuseram.

[3] *Fact. et dict. memorabil.*, vi, cap. 4, § 1 (Estrang.).

[4] *Geographia*, III, iii, 6 e 7.

[5] Diodoro Siculo, *Bibliotheca*, v, 34. Conf. Estrabão. III, iii, 5.

[6] Estrabão, *Geographia*, III, iii, 6.

[7] O quadro que Estrabão pinta d'esses povos é analogo ao que o mesmo autor pinta dos habitantes da Corsica: *Geogr.*, V, ii, 7. Tratando-se de povos barbaros, não admira que entre uns e outros se encontrem pontos de contacto.

[8] Cf. *O Arch. Port.*, vii, 26 (artigo meu), e viii, 2 (artigo do Sr. Pierre Paris).

condições, conforme já se notou a cima[1]; isto em parte explica que a civilização romana ahi se radicasse com muita intensidade, como o attestam ainda hoje os numerosos monumentos que restam d'ella.

Do estudo dos phenomenos religiosos, que constitue o assunto d'este livro, resultarão outras informações.

---

[1] Cf. tambem Polybio, *Hist.*, XXXIV, IX.

RELIGIÕES PROTOHISTORICAS

Da diversidade de povos que, como vimos a pag. 71 sqq., houve na Lusitania resultou que muitas foram tambem as divindades que elles adoraram, numerosos os cultos annexos a estas, e várias as crenças.

Talvez se esperasse que, no que se vae dizer, se considerasse cada povo, cada tribu, em separado, pois que a Lusitania não constituia um unico corpo social; não se faz porém assim, pois que muitas vezes não póde determinar-se a que povo ou tribu pertenciam os deuses ou os cultos, e tambem para que o assunto não fique demasiadamente dividido.

Este será tratado em duas secções principaes: na primeira estudar-se-hão, começando na natureza physica e terminando no homem, as divindades, as crenças geraes e os cultos, — trabalho baseado no estudo dos textos dos autores classicos, da epigraphia, dos monumentos archeologicos, do onomastico, e ainda, por vezes, da tradição moderna; na segunda expôr-se-hão alguns factos de ordem ritual, que, pelo seu caracter avulso, não teriam facilmente cabimento na primeira.

Como observação generica ao methodo aqui adoptado, convem ponderar que, visto conhecermos a epocha protohistorica quasi só por documentos provenientes de epochas propriamente historicas, se torna necessario fazer trabalho reconstructivo, apreciando cada deus e cada culto por testemunhos posteriores aos tempos a que elles originariamente pertencem.

SECÇÃO I

Divindades, crenças e cultos

A variedade de deuses e de cultos de que se fallou a cima representa ainda assim deminuta parte do patrimonio religioso dos nossos antepassados protohistoricos. De muitos factos, que deviam necessariamente existir, não temos conhecimento, por motivos obvios; todavia é de esperar que a archeologia possa de futuro archivar alguns mais: ninguem está mesmo no caso de prever quaes as surpresas que ella felizmente ainda um dia nos proporcionará, ou aos nossos vindouros.

Posto que os documentos que possuimos acêrca das religiões protohistoricas não se nos apresentem tão obscuros como os concernentes ás religiões prehistoricas, nem por isso deixaremos de encontrar por vezes problemas difficeis de resolver.

Custaria pouco esboçar theoricamente, com o auxilio da ethnographia, tanto antiga como moderna, um quadro copioso das crenças e ritos da epoca de que me estou occupando, preenchendo-se assim as lacunas que ficam existindo no systema hierologico geral; mas, como já aconteceu na 1.ª parte da presente obra, não deseja o autor sair dos limites da observação, ou, a ter de sair d'elles, sairá o menos possivel, e sempre apoiado no methodo comparativo.

I. Phenomenos celestes e atmosphericos

Estudar-se-ha em paragraphos separados o que se refere aos astros e o que se refere á atmosphera.

A) Astros.

1. Conta Possidonio, historiador grego dos sec. II–I A. C., que os povos do litoral acreditavam que o sol não só augmentava de volume, quando mergulhava no mar, mas

que produzia nessa occasião certo ruido, como se as agoas rechinassem durante a extincção do lume do astro. Esta superstição, que nos é transmittida por Estrabão, — pois das obras de Possidonio só restam fragmentos —, refere-a o geographo, embora incredulamente, quando descreve o Promontorio Sagrado [1]. Da mesma superstição temos outro testemunho na historia de Decimo Junio Bruto: depois que este general romano conquistou a Gallaecia (por 137 A. C.), seguiu pelo litoral, e viu, não sem algum terror e receio de sacrilegio, o sol cair no mar, e a chamma apagar-se-lhe nas agoas [2]. Tambem Artemidoro (sec. I A. C.), no dizer de Estrabão, affirmava que o sol parecia no occidente cem vezes maior, e que a noite se seguia repentinamente ao dia. Do augmento apparente do volume do sol procura o proprio Possidonio dar explicação physica [3].

A crença em que o sol no occaso produzia estridor era muito natural, desde o momento que se suppunha que elle desapparecia realmente na agoa [4]: se uma brasa, quando se introduz num liquido, se apaga com ruido, porque não succederia o mesmo ao sol, que é corpo ardente? [5] Por isso a superstição de que estou tratando não é especial á Lusitania, encontra-se noutros logares da Peninsula, e

---

[1] Estrabão, *Geogr.*, III, I, 5. E C. Müller, *Fragmenta historicorum Graecorum*, III, 294; vid. tambem as notas d'este autor ao referido passo.

[2] L. Floro, *Epit. rer. Rom.*, II, XVII.

[3] Apud Estrabão, *loc. cit.*

[4] «Onde vae o sol-posto repousar? Que é do seu poder? Segundo a mais antiga concepção, elle mergulha-se no mar, apagando o seu lume nas ondas frias». J. Grimm, *Deutsche Mythologie*, II[4], 619

[5] A propria figura do sol, em certas circunstancias, concorria para tal concepção. Quantas vezes elle não toma no occidente o aspecto de brasa rubra e vivissima, que despede em volta de si, no firmamento, um clarão como de incendio? Para o selvagem o parecer torna-se facilmente ser. Depois a imaginação fazia que o ruido se ouvisse realmente.

mesmo fóra d'ella [1]. A origem não se lhe póde marcar ao certo; mas talvez não se erre, pondo-a nos tempos prehistoricos, pois tal crença pertence ao numero d'aquellas que, pela sua simplicidade e espontaneidade, apresentam caracter muito primitivo.

2. Do culto dos astros nesta epoca poderão ter-se como prova duas inscripções de Turgalium (Lusitania hespanhola) em que se lê *Lux divina* [2]; embora esta designação seja romana, talvez se applique a uma divindade local.

3. Acêrca das figuras constituidas pela meia-lua e rosetas ou estrellas, insculpidas em lapides sepulcraes, vid. adeante. — Nas moedas de Eviom vê-se um globulo (disco solar) dentro de um crescente (vid. a fig. 5.ª da pag. 110). Temos aqui um symbolo religioso, talvez de origem phenicia. — A respeito da *Serra da Lua* vid. adeante.

---

[1] Da superstição referida ao Sul da Hispania, fala Juvenal (*Satir.*, XIV, 226):

Audiet Herculeo stridentem gurgite solem...

e Ausonio (epistola a Paulino, XIX):

Condiderat iam Solis equos Tartesia Calpe,
Stridebatque freto Titan insignis Hibero.

Tacito menciona-a no seu livro sobre a Germania, cap. XLV: «sonum.. emergentis (solis) audiri», cap. XLV. Nos tempos modernos: «sur la côte de la Haute-Bretagne, beaucoup sont persuadés qu'au moment où l'astre se plonge dans la mer, il fait entendre un bruit très fort; on l'entend de très loin», — diz P. Sébillot, *Légendes de la mer*, II, 12. D'esta extensão geographica da superstição se vê, como digo no texto, quanto ella era natural. Cf. as minhas *Trad. pop. de Portugal*, pp. 1 e 12. — A crença de que o sol se mergulha no mar está tão propagada, que nem vale a pena citar exemplos; cf. comtudo Tuchmann, in *Mélusine*, II, 555, onde cita factos do antigo Peru, da California e do Sul da Africa. Cf. a nota anterior, onde citei Grimm. — O Sr. Theophilo Braga cita o passo de Estrabão, e põe-no em parallelo com a lenda da origem do ambar relacionada com os Ligures: vid. *Historia da poesia popular*, I, 302-303. Estes factos nada tem porém commum entre si.

[2] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 676 e 677.

B) Atmosphera.

O que posso dizer sobre este ponto é extremamente escasso.

Vem em Justino, resumida de Trogo Pompeu, uma importante noticia a respeito do raio; estuda-la-hei porém no capitulo seguinte, pois ella tambem se relaciona com o culto da terra.

A pp. 30–31, quando me occupei da geographia, referi-me á lenda da concepção das egoas pelo vento nas vizinhanças de Olisipo. Não tenho de aqui insistir nisto, pois que tal facto, puramente mythologico, não pertence em rigor á religião.

II. A terra: montes, metaes e pedras

1. No dizer de Columella, havia junto do mar lusitano, para o occidente, um monte que os povos tinham por sagrado [1]. Este monte, como mostrei na *Rivista di storia antica* [2], não era outro senão o que numa obra de Varrão [3] se localiza ao pé de Olisipo com a designação erronea de *Tagro* [4], e corresponde á moderna Serra de Monsanto, cujo nome, decomponivel em *monte* e *santo* [5], conserva ainda, na sua ultima parte, o primitivo caracter religioso. Por ahi se localizou tambem a lenda da concepção das egoas pelo vento, de que falei a pp. 30–31 e 103.

Os montes deviam impressionar muito a imaginação dos antigos, tanto pelo seu aspecto majestoso e solitario, como

---

[1] *De Re Rustica*, lib. vi, cap. xxvii.

[2] Vol. ii, pag. 6. A explicação foi acceite pelos criticos.

[3] *De Re Rustica*, lib. ii, cap. i, § 19.

[4] tagro = sacro. Na copia do respectivo manuscrito, o escrevente confundiu o s com o t; a confusão de c com a é, como se sabe, facillima. Á confusão ajudaria o nome tagvs, no ablativo tago, do rio vizinho do monte.

[5] A evolução phonetica foi: *mont(e) santo* >*montsanto>*monssanto = *Monsanto*. Cf.: *Monsul* = *monte (do) sul*; *Fonseca* = *fonte-sêcca*.

pelas riquezas mineraes que encerravam: comprehende-se, por conseguinte, que se lhes prestasse culto. Neste ponto os Lusitanos estão de acordo com os demais povos: na Italia, por exemplo, ha outro *Mons Sacer*[1], e os Gallos tem em certa região dos Alpes um deus «quem in summo sacratum vertice *Poeninum* montani appellant»[2].

Se no nosso Monsanto existia tambem um deus, com seu templo,

> .. hunc .. frondoso uertice collem,
> Quis deus incertum est, habitat deus ..[3],

ou se tudo se limitava á divinização da propria montanha, considerada como tal (Naturalismo elementar), ou, quando muito, habitada por um espirito (Animismo)[4], — eis o que não poderá facilmente decidir-se.

Esta crença é do número das que pertencem ao primitivo patrimonio religioso dos povos; não se lhes póde marcar origem historica.

2. Das riquezas mineraes da Lusitania fallei no capitulo respectivo á Geographia. Estrabão diz que na Turdetania os rios e as torrentes hibernaes arrastam areias misturadas com ouro, que os indigenas recolhem[5]. No resto da Peninsula devia por vezes succeder o mesmo.

Justino, tratando da Gallaecia, «auro quoque ditissima», diz que nos confins d'ella, em sitio porém que elle não especifica, ha um monte santo, *mons sacer,* que não póde ser cavado com instrumento de ferro, pois isso é sacrilegio, mas que, se ahi cair um raio, e abrir a terra, o que acontece vulgarmente nesta região, é então permittido recolher o ouro posto a descoberto, o qual os povos consideram como dadiva do deus[6]. Tal processo de descobrir o

---

[1] Forbiger, *Handbuch der alten Geographie,* II, 356.
[2] Tito Livio, *Ab urbe cond.,* XXI, XXXVIII, 9.
[3] Vergilio, *Aen.,* VIII, 351.
[4] Cf. o vol. I d'esta obra, p. 96.
[5] *Geogr.,* III, II, 8.
[6] Justino, *Epit. historiarum,* XLIV, III.

ouro encontra-se noutros povos incultos, por exemplo na Africa [1] e na America [2].

A noticia de Justino acima transcrita é importante debaixo de tres aspectos, pelo que toca á religião:

1.º O *deus* a que nella se allude é evidentemente o da montanha, especie de «genius loci» ou «numen loci», talvez deus sem especial denominação, mero espirito invisivel e vago;

2.º O ferro é considerado como metal impuro, não podendo pois com elle violar-se, *nefas violare,* os dominios da divindade da montanha.

3.º O acto da colheita do ouro, *aurum colligere,* fazia-se certamente com alguma cerimonia, pois que um *munus dei* não podia receber-se sem veneração.

O primeiro facto concorda com o que se disse a cima, no § 1.º Se com relação á montanha de ao pé de Olisipo só sabemos que ella era santa, *mons sacer,* a respeito d'esta adquirimos mais uma noção, isto é, ficamos sabendo que ahi habitava um deus, entidade poderosa, que muitas vezes concedia aos seus fieis parte do ouro que possuia. — Sobre crenças e superstições a respeito do descobrimento de minas metalliferas, vid. P. Sébillot, *Les travaux publics et les mines dans les traditions et les superstitions,* Paris 1894, onde a crença callaica tambem é citada. Na mesma obra ha um capitulo sobre os genios das minas, p. 443 sqq.

---

[1] Das terras do Abexim, ou Abyssinia, diz Fr. João dos Santos (sec. XVI), *Ethiopia Oriental:* «Tem estas terras ouro, prata, cobre e estanho, mas os moradores d'ellas tem tão pouco artificio, que o não sabem tirar das minas, e somente se aproveitão d'aquelle que as chuvas descobrem nas regueiras, com a corrente das agoas»: liv. IV, cap. IX (1.ª ed.). Cf. tambem o liv. I, cap. XVII: «.. quando chove, .. então andão os Cafres todos polas regueiras dos campos e das serras, em busca do ouro, que então fica descuberto com as enxurradas e correntes das agoas, onde se achão muytas lascas e pedaços de ouro».

[2] Oviedo y Valdés (sec. XVI), *Historia de las Indias,* ed. de 1851 (Madrid), pp. 135-136.

O segundo facto, — caracter impuro, e por isso sacrilego, do ferro —, encontra-se noutras religiões, notavelmente na romana: nella, com effeito, em certas cerimonias, evitava-se tambem o emprego d'esse metal, e quando era necessario cortar com instrumento de ferro arvores, mesmo velhas, no bosque sagrado dos Arvaes, fazia-se um *piaculum*, ou expiação, pelo sacrilegio commettido [1]. — Com esta crença se relaciona a de que o ferro, e ás vezes outros metaes, são adversos aos elfos, ás feiticeiras, e em geral aos sortilegios, crença que está muito espalhada [2], e que certamente data de quando os metaes entraram pela primeira vez no uso industrial [3].

Com relação ao terceiro facto, — colheita cerimoniosa do ouro —, notarei o seguinte. Dos Indios da America diz o já citado Oviedo y Valdés (sec. XVI) que elles, quando estavam para recolher o ouro nas areias dos rios, passavam vinte dias guardando castidade e jejuando [4]. Na Africa oriental suppõe-se que, se um branco chegar perto de um negro que esteja occupado no trabalho da mineração, o ouro foge logo [5]. Comparaveis a estas cerimonias são as que os Arabes observavam na colheita do incenso [6], os ha-

---

[1] Marquardt, *Le culte chez les Romains*, Paris 1889-1890, tomo I, pp. 222 e 282 n. 5, tomo II, p. 202; Preller, *Römische Mythologie*, Berlim 1881-1883, tomo I, pp. 112 e 130, tomo II, p. 135.

[2] Tylor, *La civilisation primitive*, tomo I, Paris 1876, pag. 166; *Mélusine*, VII, 175 sqq. e 205 sqq.; *Tradições populares de Portugal*, Porto 1882, p. 100.

[3] Helbig, *Die Italiker in der Poebene*, p. 80 sqq. (apud Marquardt, *ob. cit.*, I, 282-283, n. 5); Tylor, *ob. cit.*, I, 166; Wuttke, *Der deutsche Wolksaberglaube*, 2.ª ed., § 119.

[4] *Hist. de las Indias*, ed. de 1851 (Madrid), pp. 135 e 136.

[5] Gamitto, *O Muata Cazembe*, Lisboa 1854, p. 41. (Este texto de Gamitto foi-me indicado pelo Sr. Pedro de Azevedo).

[6] «.. feruntque III non amplius esse familiarum quae tus per successiones id sibi vindicent, sacros vocari ob id, nec ullo congressu feminarum funerumque, cum incidant eas arbores, aut metant pollui, atque ita religione merces augeri». Plinio, *Nat. Hist.*, XII, p. 54, tambem citado por Oviedo, *loc. laudato*.

bitantes de Lemnos na extracção da *terra sigillata* [1], os Gallos na apanha do visgo [2]; e outras podiam ainda citar-se.

Pena é que Justino não entrasse em mais pormenores; mas o que elle diz de modo tão conciso parece-me que fica assim sufficientemente esclarecido.

3. Relacionada com o raio temos a superstição das ceraunias, que os Lusitanos julgavam serem boas para preservarem dos effeitos das trovoadas. A ella me referi no vol. I d'esta obra, pp. 403–404 e notas respectivas. Aqui adduzirei um interessante texto de Solino, que provavelmente se baseia numa obra, hoje perdida, de Cornelio Boccho (sec. I da E. C.) [3]: «Nas costas da Lusitania existe em grande quantidade a pedra preciosa chamada *ceraunium*, superior ás da India; é da côr do pyrópo, e a sua qualidade experimenta-se com o lume: se resiste á acção d'este, julga-se que tem virtude contra o raio» [4]. Esta superstição lusitanica encontra-se igualmente em Santo Isidoro [5], pouco mais ou menos com as mesmas palavras [6].

Está tão espalhada, e é tão conhecida a superstição da pedra do raio, que não vale a pena citar parallelos [7].

4. De uma cerimonia religiosa em que entram pedras, contada por Artemidoro, tratarei adeante, quando me

---

[1] Vid. *Revue Archéol.*, 3.ª serie, 1895, XXVII, pp. 318–320, onde se cita Galeno, *De simpl. med. temp.*, IX, II.

[2] Vid. H. Gaidoz, *La religion gauloise et le gui de chêne*, Paris 1880 (extr. da *Rev. de l'hist. des relig.*, II, pp. 68–81), onde se analysa e se reduz ás justas proporções um texto de Plinio a este respeito (*Nat. Hist.*, XVI, 249 sqq.).

[3] Cf. Plinio, *Nat. Hist.*, XXXVII, p. 97.

[4] *Collectanea rerum memorabilium*, cap. XXIII (Berlim 1895, ed. de Mommsen), p. 104.

[5] *Opera*, vol. I, Madrid 1778, p. 412.

[6] A respeito dos AA. citados, cf. tambem Marinho de Azevedo, *Antiguidades de Lisboa*, I, Lisboa 1652, p. 121.

[7] Vid. porém os que reuni nas *Tradições populares de Portugal*, Porto 1882, p. 63, n. 51, a que hoje eu podia addicionar muitos mais.

occupar do *Promunturium Sacrum,* ou Promontorio de S. Vicente-Sagres, a uma de cujas extremidades rochosas, que irrompem pelo mar dentro, chama Avieno, por causa da santidade do logar, *cautes sacra* [1].

5. A respeito de *Endovellico,* que supponho ser originariamente deus de uma montanha, vid. adeante, cap. IV; e a respeito da *Serra da Lua,* o cap. VII.

III. Bosques sagrados. Plantas em geral

1. Entrar num bosque, rico de arvores seculares e gigantescas, onde a grandeza dos vegetaes causa espanto, e as proprias sombras infundem mysterio, era para os antigos, como ainda hoje para os povos incultos, fonte de sentimento religioso. Disse-o bellamente Seneca *(Epist.* 41): «Si tibi occurrit vetustis arboribus et solitam altitudinem egressis frequens lucus, illa proceritas silvae et secretum loci et admiratio umbrae fidem numinis facit».

Podemos suspeitar que de tal sentimento comparticipariam os povos da Lusitania, pois na Callaecia existia uma cidade chamada *Nemetobriga* [2], palavra celtica composta de dois elementos, nemeto- e briga, sendo o primeiro elemento o thema de nemeton, que significava «bosque sagrado», «santuario», em irlandês antigo *nemeth* e *nemed* «sacellum»: nesta hypothese *Nemetobriga* quer pois dizer «castello do bosque sagrado», castello em que existe um bosque sagrado ou um santuario. Tambem podia explicar-se nemeto- pelo thema do nome de homem Nemetos = *Nemetus,* vindo pois *Nemetobriga* a ser um composto analogo a *Augusto-briga* e *Julio-briga,* nomes de cidades; mas é mais provavel a primeira explicação, pois ha *Augusto-nemetum,* na Gallia, que manifestamente, significa «santua-

---

[1] Vid. o que escrevi a cima, p. 10 e n. 4.

[2] Cfr. supra, p. 66 (Em Ptolemeu: Νεμητόβριγα).

rio de Augusto», e corresponde, quanto á ideia, a *Lucus Augusti,* nome de várias cidades antigas, entre as quaes uma na Callaecia, agora chamada *Lugo.*

2. É sabido que nas aras, cippos e outros monumentos se figuravam muitas vezes intencionalmente instrumentos de sacrificio, cabeças de animaes sacrificados, ramos de arvores sagradas, etc.; de modo que, quando encontrarmos factos analogos, devemos procurar saber se elles se relacionarão com as divindades a quem os monumentos são dedicados [1].

No Museu de Guimarães existe um cippo, vindo de Castro de Avellãs (Trás-os-Montes), consagrado ao deus *Aernus,* na parte superior do qual se vêem tres ramos, ou talvez mais propriamente tres arbustos, dispostos com symetria, e em logar preeminente, pois occupam o frontão [2]; no Museu de Bragança existe um cippo funerario, tambem proveniente de Castro de Avellãs, no qual se vêem tres ramos ou arbustos analogos, embora aqui, a julgar do desenho [3], pareça ver-se uma lande em cada um dos dois lateraes: se não fosse o segundo monumento, poderiamos pensar que o primitivo culto de *Aernus* seria comparavel ao de *Ardbinna* ou *Arduinna,* deusa da floresta Arduenna, na Gallia *(Arduenna silva,* hoje Ardennes), descrito por Brambach [4], e onde o nome da divindade vem acompanhado

---

[1] Vid. Montfaucon, *L'antiquité expliquée,* tomo II (2.ª ed.), p. 129; Daremberg & Saglio, *Dictionnaire des antiquités grecques et romanes,* tomo I, p. 351. A cada passo se encontram nos museus provas do que digo no texto: aras consagradas ás *Matres* (deusas), com figuras de frutos; aras da *Fortuna,* com a cornucopia; aras do Juppiter gaulês, com a roda; etc.

[2] Borges de Figueiredo, que publicou a inscripção na *Revista Archeologica,* I, 91, chama-lhes *palmas;* e o mesmo repete Hübner no *Corp. Inscr. Lat.,* II, 5652. Mas não parece que o sejam, por causa da disposição das pernadas.

[3] Vid. *O Archeologo Português,* III, 192.

[4] *Corp. Inscr. Rhenanarum,* n.º 589.

de duas arvores[1]; todavia o segundo monumento leva a crer que, se os ramos ou arbustos eram symbolicos, o symbolo se referia ao culto dos mortos[2].

Á mesma classe de symbolos religiosos pertencerão porventura as espigas e ramos de arvores que se vêem nas moedas lusitanicas de *Eviom, Myrtilis* e *Baesuris,* cujas respectivas faces aqui represento[3]:

Fig. 5.ª (Reversos de moedas de Eviom)

Fig. 6.ª (Reverso de uma moeda de Baesuris)

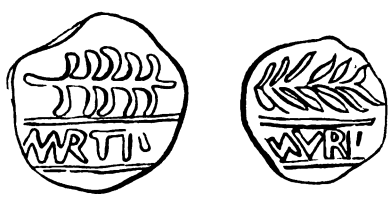


Fig. 7.ª (Reversos de moedas de Myrtilis)

---

[1] Talvez se possa comparar com este monumento o da deusa *Hludana,* que vi no Museu de Bonna (ou Bonn) na Allemanha, e no qual se figura igualmente um vegetal.

[2] Adeante publicam-se gravuras dos dois monumentos.

[3] Cf. *O Archeologo Português,* VI, 83–86.

Espigas e ramos figuram-se frequentemente nas moedas antigas, já como typos, já como symbolos. É costume por vezes explicar as espigas pela fertilidade do país em que as moedas são cunhadas; mas já P. Gardner discordou d'esta opinião ao tratar das moedas de Metaponto (Italia), em que tambem se vêem figuras de espigas, que aquelle autor julga antes estarem em connexão com o culto de Demeter, deusa das searas [1].

Para attribuir caracter sagrado aos ramos e espigas das nossas moedas fundo-me, de um lado, no que está geralmente estabelecido acêrca de iguaes symbolos e typos nas moedas antigas [2], e do outro, em que taes figuras se acham associadas, por exemplo, ao hippocampo, cuja significação religiosa não offerece dúvida.

3. O culto das arvores e dos bosques está muito espalhado, tanto nos povos indo-europeus como noutros. Nas epocas subsequentes áquella de que estou tratando encontram-se várias fórmas d'elle, que em parte, pelo menos, podem ascender aos tempos protohistoricos.

IV. Endovellico

O santuario de Endovellico ficava no alto do outeiro de S. Miguel da Mota, não longe de Terena, no concelho do Alandroal (Alemtejo), outeiro que pertenceu ao Sr. Manoel Ignacio Bello, e onde ainda ha pouco tempo existia uma capella cujas paredes em grande parte se compunham de lapides d'aquelle santuario. A capella tinha por orago S. Miguel Archanjo.

Entre os deuses da Lusitania é Endovellico o de que restam mais monumentos, e tambem aquelle a respeito de quem mais se tem escrito. A historia do deus é excepcionalmente importante. O tratá-la com a amplitude que me-

---

[1] *The types of Greek coins*, Cambridge 1883, p. 43.

[2] Cf. Gardner, *The types of Greek coins*, já cit.; e C. Jullian in *Revue des études anciennes*, IV, 277, n. 4, e 279, n. 2.

rece tomar-me-hia aqui muito espaço, e ella ficaria em grande desproporção com as dos outros deuses estudados na presente obra. Por isso, e porque tenho certo interesse em me occupar de Endovellico de modo especial, pois que a exploração das ruinas do santuario foi a minha estreia archeologica, e logo com auspiciosa felicidade, resolvi escrever ulteriormente, e publicar, uma monographia circunstanciada sobre o assunto, limitando-me eu por agora a expôr apenas o mais essencial, e em resumo.

Para maior clareza da exposição, subdivirei este capitulo em varios paragraphos, a que juntarei um appendice final.

1. Noticia historico-bibliographica.

Quem primeiro salvaguardou lapides de Endovellico foram, como diz com razão Rocha Espanca [1], os constructores medievaes do castello do Alandroal e da igreja da Senhora da Boa-Nova, ao pé de Terenna, pois nas paredes d'esta ultima estão encravadas ainda hoje duas pedras com inscripções, e num muro d'aquelle esteve outr'ora uma.

No sec. XVI o illustrado duque de Bragança D. Theodosio I mandou transportar do outeiro de S. Miguel para Villa Viçosa, onde tinha o seu solar, e metter na frontaria do mosteiro de Santo Agostinho, sete lapides [2], de que actualmente se conservam só algumas. O mesmo duque organizou uma collecção manuscrita de inscripções de toda a Peninsula, a qual foi vista no referido seculo e extractada por Venturino, na descripção da *Viagem do Cardeal Alexandrino;* nella se continham tambem inscripções de Endovellico [3]. Com esta

---

[1] No *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa,* 3.ª serie, n.º 4 (1882), p. 253.

[2] André de Resende, *De antiquitatibus Lusitaniae,* Evora 1593, fls. 231.

[3] Hübner dá um extracto do texto de Venturino no *Corp. Inscr. Lat.,* II, Suppl., p. LXXXI, segundo um ms. do sec. XVII, existente na Bibliotheca Publica de Dresda, na Saxonia (F 128). Herculano traduziu uma parte da descripção da *Viagem do Cardeal,* segundo o Cod. n.º 1:607 da Bibliotheca do Vaticano: vid. *Opusculos,* vol. VI, Lisboa 1884, p. 49; mas a parte traduzida não contém o que respeita a Endovellico.

noticia combina o que a respeito de D. Theodosio I se lê em Caetano de Sousa: «Da util curiosidade d'este principe se fizerão varios volumes de relações, a que chamavão depois *Os livros das muitas cousas*» [1].

No mesmo seculo se occuparam das inscripções de Endovellico outros estrangeiros: um certo *Sygeus*, viajante, de quem copiou Pigghe (em latim: Pighius) algumas; Scaliger; e o anonymo Taurinense. Vid. sobre isto Hübner no *Corp. Inscr. Lat.*, vol. II, p. 17, e (Suppl.) pag. 807, e alem d'isso os logares respectivos da *Praefatio* e do *Index auctorum*, onde se dá noticia de todos os mss. em que se encontram copias de inscripções.

Entre nós, apesar da curiosidade que deviam naturalmente despertar antigualhas descobertas em S. Miguel da Mota, foi só depois da publicação das *Antiquitates Lusitaniae* de André de Resende, em 1593, e da parte I da *Monarchia Lusitana* de Fr. Bernardo de Brito, em 1597, que Endovellico adquiriu celebridade. Com effeito, Resende publicou pela primeira vez oito inscripções [2], e Brito, reproduzindo e traduzindo algumas d'ellas, contou a proposito uma historia maravilhosa e absolutamente phantastica, segundo a qual o templo de Endovellico fôra fundado pelo capitão carthaginês Maharbal, e o deus não seria outro senão Cupido, do qual ahi houvera uma estatua de prata, com asas nos pés [3].

Já em 1616 as inscripções appareciam colligidas na grande obra de Gruter (em latim: Gruterus), *Corpus Inscriptionum*, p. LXXXVI e LXXXVIII, segundo os textos dados por André de Resende e Scaliger.

Muitas foram as dissertações provocadas pelos trabalhos precedentes: umas encorporadas em obras maiores, outras feitas de proposito. Habituados como todos estavam ao pantheon greco-romano, comprehende-se a impressão que causaria nos espiritos cultos o facto de apparecer no interior da Lusitania, no alto de uma montanha erma, certo número de inscripções lapidares em que se lia a palavra *Endovellicus* precedida do grandioso epitheto de *deus*!

Em 1637 publicou Thomas Rheinesio em Altemburgo uma memoria intitulada *De deo Endovellico ex inscriptionibus in Lusitania repertis*, que não vi ainda, mas que se encontra citada em várias obras, e na qual, diz Hübner, foi intercalado um trabalho

---

[1] *Hist. genealogica da casa real*, VI, p. 78.
[2] *Ob. cit.*, p. 232 sqq.
[3] *Ob. cit.*, fls. 137 sqq.

intitulado *Dei Endovellici indigitamentum* de Luis Alphitander, em que se compara falsamente o nome da divindade com *Tubal* e o allemão *Teufel* [1]. Do trabalho de Rheinesio vem um resumo a p. 1010 da obra do mesmo autor, intitulada *Syntagma inscriptionum antiquarum*, Leipzig-Franckfort 1682 [2]; ahi diz elle acertadamente que suppõe que Endovellico era deus topico, circunscrito a pequena área geographica, e combate Herwart, *De admirandis theologiae ethnicae mysteriis*, cap. IV, que suppunha que «deum hunc Endovellicum fuisse sagittam seu acum magneticam pyxidi nauticae inclusam et vitro tectam»! No citado *Syntagma* se acham várias inscripções transcritas de André de Resende.

Pelo que toca a autores portuguezes temos, no sec. XVII, referencias a Endovellico, pelo menos, nas obras de Ayres Varella [3], Oliveira Cadornega († 1690) [4], Fr. Antonio da Purificação [5], Faria e Sousa [6], e Dr. Gonçalves de Novaes [7]: uns reproduzem a nar-

---

[1] Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, p. 17, e *Histoire de l'Académie des inscriptions et belles lettres*, tomo III, Paris 1746, p. 181. Hübner accrescenta que a memoria de Rheinesio appareceu tambem «in Crenii museo philologico et historico», Amsterdam 1699, p. 303 sqq.

[2] Cf. *ibidem*, p. 179.

[3] *Theatro das antiguidades de Elvas* (ms.), liv. I, cap. IX e cap. XI. Ayres Varella terminou a sua obra em meados do sec. XVII: vid. Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, I, 82-83. O ms. primitivo d'esta obra considera-se perdido, mas existem quatro cópias de parte d'elle: uma, na Bibliotheca da Universidade de Coimbra; outra, em mão particular, em Campo Maior (pertenceu á bibliotheca da casa dos Carvajaes d'essa villa); outra (do sec. XVIII), em poder do Sr. A. Thomás Pires, de Elvas, que a herdou de seu pae; outra (do sec. XIX), em poder do Sr. Torres de Carvalho, que a herdou do Dr. Santa Clara. Devo estas noticias ao Sr. Pires, que ao mesmo tempo me enviou um extracto dos capp. respectivos a Endovellico.

[4] *Descripção de Villa Viçosa*, ms. da Bibliotheca de Evora, apud Espanca, *Boletim da Soc. de Geog.*, 1882, p. 254. — A respeito de Cadornega, vid. Espanca, *Compendio de noticias de Villa Viçosa*, Redondo 1892, p. 414, e Barbosa, *Bibl. Lus.*, s. v. Modernamente está-se imprimindo a *Historia das guerras angolanas*, do mesmo.

[5] *Chronica dos eremitas de Santo Agostinho*, parte II, anno de 1656, liv. VI, tit. VI, §§ 8.º e 9.º, fls. 199-v. sqq.

[6] *Europa Portuguesa*, tomo I, Lisboa 1678, pt. I, cap. X, p. 97 sqq. — Cf., do mesmo A., *Epit. de las hist. port.*, ed. de 1675, pag. 98.

[7] *Relação do bispado de Elvas*, Lisboa 1635, fls. 33 sqq.

ração mentirosa de Brito; outros dão noticias das inscripções e monumentos.

O que os historiadores com maior ou menor fundamento diziam do deus alemtejano chegou a ter echo na voz dos poetas: Bras Garcia de Mascarenhas († 1656), no *Viriato Tragico*, v, 89-120, faz longa descripção do templo e das cerimonias religiosas, conforme o que a imaginação havia criado:

Onde hoje está, antigamente estava
Aquelle templo sumptuoso e rico
Do Deus Cupido, e que então chamava
O romance vulgar Endovellico [1].

. . . . . .

Permanecem vestigios respeitosos,
Que sempre alguns de grandes cousas restam;
E sarcophagos tristes, de amorosos
Trophéos, que inda letreiros manifestam [2].

No sec. XVIII continuou o fervor litterario para com Endovellico, quer na historiographia, quer na poesia.

Como ás inscripções authenticas se havia já, pelo menos no sec. XVII, addicionado na Hespanha uma falsa, dada como existente em Toledo [3], esta tornou-se assunto de uma communicação feita por Freret em 1714 á Academia das Inscripções de Paris, intitulada *Recherches sur le dieu Endovellicus et sur quelques autres antiquitez ibériques*, onde, como é natural, ha muitas inexactidões, mas onde se encontra uma observação digna de aprêço acêrca dos oraculos do deus [4]. O trabalho de Freret foi combatido por Velazquez nas *Observaciones sobre Endovelico*, que ficaram ineditas [5].

Entre os mss da Bibliotheca da Academia de Historia de Madrid [6] compulsei uma *Dissertatio de Endovellico et Neto Hispa-*

---

[1] Canto v, est. 91. O autor do poema pronunciava *Endovellíco*, com accento no *i*, como a rima o prova.

[2] Canto v, est. 92.

[3] Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 282*.

[4] Vid. *Histoire de l'Académie Royale des inscriptions et belles lettres*, tomo III, Paris 1746, p. 178 sqq.

[5] Vid. Hübner, *Corp. Inscr. Lat.*, II, 282*.

[6] Est. 22, gr. 5.ª, n.º 93.

norum diis de Antonio Martinez de Quesada († 1751), em que se julga provavel que Endovellico corresponda a Apollo. Com esta dissertação estava uma «Nota de D. Miguel Casiri *sobre el dios Endobellico*», em que o autor quer provar que o nome do deus é punico, africano ou phenicio.

Na *España Sagrada* de Henrique Florez ha um capitulo *Del dios Endovelico*. O autor conhece as inscripções publicadas por André de Resende, mas reprodu-las segundo outra copia. Do facto de em uma inscripção se fallar em um *signum argeteum* conclue com razão Florez que havia no local um templo [1].

Em 1760 publicou em Madrid o presbytero hespanhol D. Miguel Perez Pastor mais uma *Disertación sobre el dios Endovellico y noticia de otras deidades gentílicas de la España antigua;* suppõe que a palavra *Endovellicus* é celtica, explicando-a a seu modo por *Bellenus* e *Belinus,* e discute as etymologias expostas até então.

Nos mss. de D. José Cornide Saavedra, guardados tambem na Bibliotheca da Academia de Historia de Madrid [2], onde os examinei, existe um caderno intitulado *Dioses de la provincia lusitana,* com uma secção que diz *Inscripciones del Dios Endovelico,* copiadas em 1798 [3].

Até aqui, como vimos, o deus Endovellico andou quasi sempre por mãos hespanholas. Trabalho especial, feito em Portugal no sec. XVIII, não conheço nenhum, pois não posso dar esse nome a um insignificante artigo que vem no *Diccionario fabuloso,* inedito, de João Barbosa de Araujo [4].

As obras pertencentes ao sec. XVIII, em que, a proposito de outros assuntos ou de outras inscripções, se falla de Endovellico, são muitas, tanto em Portugal, como lá fóra. Sem pretender esgotar a materia, citarei algumas.

Adeante de todas, temos a 2.ª ed. do *Corpus Inscriptionum* de Gruter, feita em 1707; as inscripções vem, como na 1.ª (citada a cima), a pp. LXXXVII-LXXXVIII. Depois apparecem successivamente:

---

[1] Vol. XIV, p. 114 sqq. da 2.ª ed. (1786).

[2] Est. 18, gr. 35, n.º 37.

[3] Esta secção creio que é a que vem publicada como segundo appendice á memoria de Visitação Freire, que cito adeante.

[4] Codice alcobacense n.º 388 (= 324 moderno), na Bibliotheca Nacional de Lisboa, tomo III, fls. 535.

o *Santuario Mariano*[1], a *Antiquité expliquée*[2], a *Historia Genealogica da Casa Real*[3], os *Annales d'Espagne et de Portugal*[4], as *Memorias de Braga*[5], a *Chronica da Serra de Ossa*[6], as *Memorias Parochiaes*[7], a *Academia dos humildes e ignorantes*[8], a *Geographia historica*[9], a *Thebaida Portuguesa*[10], o *Elucidario*[11], o *Vocabulario Português e Latino*[12], — obras que se baseiam ou na *Monarchia Lusitana* de Fr. Bernardo de Brito, ou nas *Antiquitates* de André de Resende, e que por isso nada adeantam ao que já se sabia. Apenas Montfaucon observa racionalmente a respeito de Endovellico: «ce grand nombre d'inscriptions prouve que son culte étoit fort établi dans ce pays-là», e das tentativas etymologicas diz: «espèce de recherche qui ordinairement ne mene pas à grand' chose». Argote nota tambem com verdade, alludindo naturalmente a Brito, que o que alguns dos nossos escritores dizem d'este deus e dos sacrificios que se lhe faziam «são cousas pouco averiguadas, e extrahidas de autores menos authenticos».

Assim como no sec. XVII Braz Garcia de Mascarenhas se lembrou de Endovellico, assim no XVIII o autor anonymo da tragedia intitulada *Osmia*, Lisboa 1788, embellezou o scenario do acto 1.º com um «bosque consagrado ao deos Endovellico com a sua ara em forma de anta», e fez que na scena IV um dos protagonistas da peça dissesse voltado para a anta:

> Estes povos que ornárão tantas vezes
> De festoens essas aras.....

---

[1] De Fr. Agostinho de Santa Maria, vol. VI, 1718, p. 221.
[2] De Montfaucon, tomo II, 1722, pp. 439-440.
[3] De D. Antonio Caetano de Sousa, tomo VI, 1739, p. 78.
[4] De D. Juan Alvarez de Colmenar, tomo III, 1741.
[5] De Argote, tomo III, 1744, pp. IV-V.
[6] Fr. H. de Santo Antonio, 1745, fls. 81-83.
[7] Ms. da Torre do Tombo: vid. *O Arch. Port.*, II, 136.
[8] Vol. II, 1760, p. 193.
[9] De L. Caetano de Lima, tomo II, 1786, p. 255.
[10] De Fr. Manoel de S. Caetano Damasio, 1793, tomo I, p. 4, nota, e tomo II, p. 31, nota, segundo uma carta ms., verdadeira ou não, de Fr. Martinho de S. Paulo (sec. XVI).
[11] De Viterbo, tomo II, s. v.
[12] De Bluteau, *Suppl.*, vol. I, 1727, s. v.

ideias em verdade fantasticas, pois que as antas não eram aras: mas assim se suppunha então [1].

Passarei agora a fallar dos trabalhos do sec. XIX.

De Sousa Coutinho ha no *Jornal de Coimbra*, vol. VIII, 1815, p. 192, um artigo sobre o assunto, mas sem valor nenhum: o autor, alem de citar a inscripção falsa de Toledo, perde-se em divagações etymologicas.

Não lhe são superiores as *Observações sobre a divindade que os Lusitanos conhecêrão debaixo da denominação d'*ENDOVELLICO, por Visitação Freire, publicadas primeiro no n.º 34, pp. 149-160, do *Investigador* [2], e depois na *Historia e memorias da Academia das Sciencias*, 2.ª serie, tomo I, parte I (tomo XIII da coll.), p. 81 sqq., d'onde se fez uma separata com o mesmo titulo, Lisboa 1842: como outros prestidigitadores linguisticos, Visitação Freire explica o nome do deus por *End* «divindade» e *Belus, Belenus, Bal*, etc.

Mais importante, embora não isenta de defeitos, é a memoria de D. José Cornide que vem appensa ao folheto precedente: nella publica o viajante hespanhol (gallego) as duas inscripções da igreja da Boa-Nova [3], e interpreta, embora sem razão, por *Luciferi* o nome do rio *Luciféce* (ou *Luçaféce*), que passa perto d'aquella igreja, suppondo tambem sem fundamento que Endovellico era equivalente a Lucifer; a esta memoria, que tem a data de 1801, juntou-se uma collecção das inscripções de Villa Viçosa e de Alandroal, que penso ser a mesma que citei a cima, na p. 116.

Le dieu Endovellice (sic) é o titulo de um opusculo de H. Faure, sem data, extrahido do *Bulletin de la Société d'émulation de l'Allier*; o autor reproduz, acceitando-a, a narração phantasiosa de Fr. B. de Brito, e transcreve algumas das inscripções conhecidas.

Nas *Erinnerungen aus Südeuropa* do Dr. Christian Bellermann, Berlim 1851, em que se encontram bastantes documentos archeologicos, ha uma referencia ao culto de Endovellico, e uma nota historico-bibliographica a este respeito [4].

Quando Hübner fez a sua primeira viagem a Portugal, escreveu

---

[1] Vid. *Religiões da Lusitania*, vol. I, pp. 5-6.

[2] Assim diz Innocencio no *Diccionario Bibliographico*, I, s. v. «D. Antonio da Visitação Freire de Carvalho».

[3] Cfr. *Memorial histórico hespañol*, XXVIII, 258 (carta de Cornide a Cenaculo, com data de 3-XII-1799.

[4] Pp. 211-212 e 283-284.

uma relação d'ella nas actas da Academia de Berlim, e teve pois ensejo de tambem fallar do deus alemtejano, resumindo em breves, mas exactas palavras, o estado do assunto [1], — o que depois foi traduzido, com pequena ampliação, nas *Noticias de Portugal*, Lisboa 1871. Hübner preparava-se assim para vir a tratar do deus mais desenvolvidamente no *Corpus Inscriptionum Latinarum*, onde de facto, no vol. II, 1869, p. 17, indicou todos os estudos feitos a respeito de Endovellico de que elle teve conhecimento, e todas as inscripções descobertas até áquella data. Estes trabalhos de Hübner encaravam methodica e criticamente a historia do nosso deus, o que contrastava com a serie de desconchavos e temeridades historicas que se contém nas obras e artigos que até aqui tenho mencionado.

Não obstante a salutar sobriedade com que escrevia o sabio allemão, ainda em 1870 o Sr. Theophilo Braga, então muito moço, publicava nos *Estudos da idade media* um capitulo intitulado *Mythologia iberica* — ENDOVELLICO —, em que não ia alem do que dissera Visitação Freire alguns decennios antes.

Em 1878 reproduziu o Sr. Gabriel Pereira na *Renascença*, p. 42 sqq., com o titulo de *Mythologia iberica, — inscripções endovellicas de Villa Viçosa —*, o texto das cinco lapides d'esta ultima villa, fazendo algumas considerações sobre os cultos indigenas, e referindo-se ao que disseram Visitação Freire, Hübner e Theophilo Braga; nota ahi com razão que o suffixo *-icus* de *Endovellicus* é comparavel ao de outros deuses ibericos, como *Bormanicus* (mas *Bandiarbariaicus*, que tambem cita, pertence certamente a outra classe). O mesmo autor inseriu no *Manuelinho de Evora*, n.º 38 (1881), um artigo intitulado *As inscripções de Endovellico*, onde, alem de nova edição das epigraphes da Boa-Nova, publica mais tres ineditas de S. Miguel da Mota.

Somos chegados ao anno de 1882, em que Rocha Espanca deu a lume no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 3.ª serie, n.ºs 4 e 5, a sua memoria *O deus Endovellico dos Celtas do Alemtejo*, fruto de uma viagem que elle fez ao outeiro de S. Miguel da Mota. Sobre ella vid. o que escrevi n *O Archeologo Português*, III,

---

[1] *Epigraphische Reiseberichte aus Spanien und Portugal* (extr. dos *Monatsberichten der königl. Akad. der Wiss. zu Berlin*, de 1860 e 1861, p. 769).

pag. 132. Nessa memoria apparecem copiadas pela primeira vez algumas inscripções.

Na *Revista Archeologica,* III (1889), pag. 145 sqq., deu o Sr. G. Pereira nova fórma ao artigo publicado antes, como vimos, no *Manuelinho,* e juntou uma planta do templo ou ermida de S. Miguel da Mota, então já bastante arruinado; as paredes d'este templo, como se ponderou acima, eram em parte construidas com lapides de Endovellico. Diz elle: «A ermida está em ruinas; é o gallinheiro do *monte;* não é barbarie o destruir de vez os paredões; será grande perda o deixar que algum curioso nacional ou estrangeiro aproveite as pedras; estas seriam um ornamento no museu de Evora ou nos museus de Lisboa .. Eu peço que salvem esses monumentos».

Tudo isto se fez depois, e os monumentos estão salvos, pois tendo eu ido á villa do Alandroal em 1890, e entrado em relações com o Sr. Manoel Ignacio Bello, dono do local onde estava a ermida de S. Miguel, obtive que este Sr. consentisse que eu arrancasse da ermida todas as lapides lusitano-romanas que lá havia, com o que elle prestou á nossa archeologia serviço nunca assaz louvado. Esta extracção realizou-se a expensas do Governo, para o que muito contribuiu a boa vontade do Sr. Antonio Ennes, então inspector geral das bibliothecas e archivos [1]. As lapides foram transportadas, em grande número, para a Bibliotheca Nacional, d'onde passaram posteriormente para o Museu Ethnologico Português: são não sòmente aras, cippos e tabulas com inscripções, mas tambem esculpturas, restos architectonicos, etc.

Publiquei no mesmo anno, com o titulo de *O deus lusitano Endovellico* [2], um pequeno relatorio dos trabalhos a que então procedi no outeiro de S. Miguel, e ahi dei a lume algumas epigraphes ineditas, que foram seguidas de outras no opusculo *Novas inscripções de Endovellico,* publicado em 1890-1891 [3].

---

[1] Ao tempo era ministro do reino o Sr. Conselheiro Antonio de Serpa, e director geral de instrucção publica o Sr. Conselheiro Antonio Maria de Amorim, ambos os quaes patrocinaram tambem este assunto, o segundo informando favoravelmente a respectiva proposta que da Inspecção Geral das bibliothecas lhe foi dirigida, e o primeiro mandando proceder á extracção das lapides.

[2] Separata do jornal *O Dia,* n.º 848.

[3] Separata da *Aurora do Cavado* (Barcellos).

No 1.º Supplemento do vol. II do *Corpus Inscriptionum Latinarum* (1892), reproduziu Hübner as inscripções publicadas por Espanca (n.os 5201-5209) e por mim (n.os 6265-6269c); alem d'isso publicou pela primeira vez algumas cópias que lhe enviei (n.os 6329-6336).

Em 1894 publiquei o opusculo *Quid apud Lusitanos verbum* a e d e o l i *significaverit*.., onde fallei da lapide do hemiplegico, de que adeante me occupo; e em 1895, n-*O Archeologo Português*, I, p. 43, inseri mais uma nova inscripção de Endovellico, acompanhada de uma gravura do monumento em que ella se encontra.

Se exceptuarmos algumas obras em que se falla incidentemente do nosso deus, como diccionarios ou tratados de geographia[1], diccionarios encyclopedicos[2], e poucas mais[3], creio que deixo citado tudo ou quasi tudo o que, no campo da historia, se tem escrito, em opusculos ou artigos especiaes, a respeito d'elle.

Para terminar, e para seguir o mesmo processo que segui até agora, resta-me lembrar que tambem no sec. XIX Endovellico figurou na poesia. Bastar-me-ha citar um exemplo. No poema *Isabel*, de Costa e Silva, 1832, cap. III, p. 37, diz-se:

> ..... do mar á beira
> Cadix se eleva, fundaçom Phynicia,
> Onde as nuvens a cupula envolverom
> Do templo de *Endovellico!*

Postoque não houvesse nenhum templo de Endovellico em Cadiz, nem esse deus fosse venerado fóra da área em que estava o seu *fanum*, Costa e Silva deixou-se levar do facto de em Cadiz ou Gades

---

[1] *Diccionario abreviado*, de Almeida, III, p. 99 (1866); *Portugal antigo e moderno*, de Pinho Leal, IX, p. 546 (1880); Espanca, *Noticias de Villa Viçosa*, Redondo 1892, pp. 83 e 86.

[2] *Dicionario enciclopédico hispano-americano*, VII, 325 sqq. (1890), onde se reproduz e addita o que disse Masdeu, no sec. XVIII, na *Historia crítica de España*.

[3] Por exemplo: *Poesia popular española y mitologia y literatura celto-hispanas* de D. Joaquín Costa, Madrid 1881, pag. 261; *Restos de la declinación céltica y celtibérica* de Fidel Fita, Madrid 1878, p. 158 sqq. (etymologia erronea). A Endovellico se refere D. Manoel Murguia na *Galicia*, Barcelona 1888, p. 149 etc. (suppõe, sem fundamento algum, que elle era a divindade superior dos Gallegos); e o *Lexikon der griech. und. röm. Myth.* de Roscher, s. v.

ter sido célebre o templo de Hercules (propriamente *Hercules Gaditanus*), e de na inscripção falsa de Toledo, que o escriptor português certamente conheceu, apparecer o nome de Endovellico ao lado do de Hercules.

*

Por mais que eu quisesse encurtar a bibliographia precedente, não me foi possivel; e só o poderia fazer, se me limitasse a uma sêcca enumeração de nomes e datas. Mas essa extensa litteratura prova bem a importancia que, desde o sec. XVI para cá, se ligou ao culto de Endovellico!

2. Monumentos archeologicos.

Do santuario de Endovellico restam á hora actual estes monumentos: aras, tabulas e cippos, já com inscripções latinas, já anepigraphos; esculpturas de homens, de animaes e diversas; pedras excavadas em fórma de pia. Por occasião da exploração archeologica que realizei no local, em 1890, appareceram tambem fragmentos de objectos de barro e de vidro, e moedas romanas de cobre do sec. IV.

Aquelles monumentos estão distribuidos da maneira seguinte:

a) Cinco inscripções em Villa Viçosa, na Igreja dos Agostinhos: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 130, 131, 136, 138 e 142 (as outras que lá houve foram emparedadas por occasião da reedificação da igreja)[1];

b) Duas inscripções encravadas na Igreja da Boa Nova, ao pé de Terena (*Corp. Inscr. Lat.*, II, 141, e 140 = 5201), que reproduzo aqui, segundo as cópias que tomei em 1904:

ENDOVEL
LICO SACRVM
3 TERENTIA C F
.....STATVA

SITNIA·Q·F
VICTORINA
3 IIX · VISVQ · SIT
ONI · IIQIISIRIS
5 PATRIS · SVI EN
DOVELIICO P · C

[1] Cf. Rocha Espanca, no *Boletim da Sociedade de Geographia*, 1882, p. 279.

inscripções que tambem vem no *Corp. Inscr. Lat.,* 141 e 5201 [1];

c) Tres monumentos em poder do Dr. Silva Marques, que consistem em duas lapides com inscripções, que vem no *Corp. Inscr. Lat.,* II, 5203 e 5207 imperfeitamente copiadas, e em uma estatueta, — monumentos que foram levados de S. Miguel da Mota;

d) Os restantes monumentos no Museu Ethnologico Português, tendo já apparecido no *Corp. Inscr. Lat.* algumas das inscripções contidas nelles: vid. vol. II, 6265–6269, e 6329–6336; cf. tambem *O Arch. Port.,* I, 43.

A inscripção que Rèsende diz ter sido mettida numa parede do castello do Alandroal, affirma Rocha Espanca [2] que se conservava lá no seu tempo; mas eu não a encontrei, apesar das buscas a que procedi.

A proposito das inscripções convem notar que ás vezes o nome do deus é indicado apenas pelas iniciaes, na fórmula D · E · S = *D(eo) E(ndovellico) S(acrum)*, pois que, sendo as aras postas no santuario, toda a gente comprehendia o que queria dizer o E, sem mais explicação alguma [3]. To-

---

[1] Na 1.ª d'estas inscripções, l. 4, Hübner rejeita sem motivo a lição STATVA, dada por Cornide; mas Espanca leu STATVA, e eu assim li tambem sem duvida nenhuma (só se deve notar que antes ha uma falha grande na pedra). De algumas letras só resta parte.

Na 2.ª inscripção, l. 3, Hübner tem inexactamente apenas um I na primeira palavra; nas linhas 5–6 o nome do deus póde ser ENDOVELLICO = *Endoveleco,* ou, o que é mais provavel, ENDOVELLICO, pois que a 7.ª letra da l. 6 está deteriorada. A transcripção é: *Sit(o)nia Q. f(ilia) Victorina, ex visu Q. Sitoni Equestris, patris sui, Endovellico p(onendum) c(uravit),* como Hübner já indica. A restituição de *Sitonia* por *Sitnia* confirma-se com *Sitoni* = *Sitonii,* genetivo de *Sitonius,* na 3.ª e 4.ª linhas.

[2] *Loc. cit.,* p. 279.

[3] Factos analogos succediam noutros santuarios, como veremos adeante. Tambem nas inscripções funerarias a fórmula mais commum é D · M · S · = *D(iis) Ma(nibus) S(acrum);* apesar de abreviadas, ninguem as confundia com outras. — O mesmo succedia naturalmente noutros paises: cf. D S S = *D(eo) S(ancto) S(ilvano),* na *Revue Archéologique,* 1889, p. 440.

davia o escrever o nome por extenso, tanto neste, como noutros casos, é o processo ordinario; o que leva a suppôr que isso teria importancia cultual. Tambem os nomes dos dedicantes ás vezes apparecem reduzidos a meras iniciaes: vid. adeante [1].

Alem da inscripção falsa de que fallei a cima, p. 115, dada como existente em Toledo, tambem se attribuiu a Endovellico uma inscripção em que se suppôs ler-se a phrase ENDO CASTRORUM [2], cuja primeira parte serviu várias vezes para sobre ella se architectarem etymologias phantasmagoricas. Hübner diz d'esta inscripção ou *titulus:* «male lectus est, aut interpolatus, aut falsus omnino» [3]; admira que ao erudito epigraphista não occorresse que ENDO é má leitura em vez de GENIO [4]. Exemplos de GENIO CASTRORVM ha muitos, como é sabido: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, VIII, 2529; XIV, 7; etc.

3. Significação do deus.

Depois de tão variadas dissertações que se tem escrito sobre Endovellico, e de tão largos vôos que se tem dado á phantasia para se explicar o nome, e portanto a significação, do deus, julgar-se-ha temeridade vir eu ainda insistir no assunto; sou comtudo forçado a isso pelas condições do meu trabalho.

Parece á primeira vista que o estudo philologico daria no caso presente muita luz; infelizmente dá pouca. Na *Revue Celtique,* XXII, 308 sqq., publiquei um artigo em

---

[1] Estes factos não são nada raros, tanto em Portugal, como fóra: cf. Cagnat, *Épigraphie de la Moselle,* p. 53. Ainda hoje muitos dos ex-votos populares contém frequentemente os nomes dos dedicantes em abreviatura.

[2] Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, p. 807.

[3] *Loc. cit.*

[4] Cf. já Levy Maria Jordão, *Portugalliae inscriptiones Roman.*, Olisipone 1869, tomo I, p. 8, n.º 26; ahi se lê GENIO CASTRORVM entre as inscripções de Endovellico. Levy remette o leitor para Argote, *De antiquit.* (tomo V, 2.ª ed.), p. 347: aqui lê-se porém ENDO CASTRORVM, e o ENDO é sem motivo comparado com a palavra *Endovellico.*

que mostrei que a palavra *Endovellicus* póde ser celtica, e corresponder a *Endovellicos,* por *Andevellicos = *Ande-vell-ico-s, onde o vulgar elemento *ande* é particula intensitiva, e o elemento adjectival -vell-ico-s deriva do thema *vello-, a que em gallês e bretão, dialectos celticos modernos, corresponde *gwell* «melhor», — vindo pois a palavra completa a ter pouco mais ou menos a significação de «optimus», em português «muito bom». Tal significação, é, como se vê, completamente vaga, pois tanto podia applicar-se a Endovellico, como a outro qualquer deus. Os exemplos porém de factos analogos abundam: na Gallia temos os *dii Casses* «les dieux très beaux» [1]; em Roma a *Bona Dea,* etc. Entre os nomes dos dedicantes que figuram no santuario de Endovellico existem alguns cujo caracter celtico se póde admittir; isto apoia a etymologia proposta a cima. Como base das deducções linguisticas temos o facto de o santuario ficar situado numa região em que os Celtas estiveram, como se indicou a p. 60.

Vejamos se por outros meios poderemos precisar um pouco mais a natureza do deus.

Um facto que desde já se deve estabelecer é que Endovellico era divindade topica, isto é, protectora da região em que a adoravam, *numen loci,* e cujo culto estava pois circunscrito a ella. De facto os monumentos archeologicos, e em grande número, só se encontraram em S. Miguel da Mota (pois os dois da Boa-Nova, o do castello do Alandroal, e um que encontrei na parede de um campo ao pé d'esta villa provieram tambem, muito presumivelmente, de lá). O outeiro de S. Miguel da Mota apresenta vestigios de antiga fortificação: um aterro artificial ao Nascente, numa extensão de mais de cem passos, analogo ao dos castros.

Como o culto se celebrava no alto de um outeiro despido de vegetação importante, e sem fontes, que só existem nas abas, sou levado a crer que Endovellico não era na origem senão um deus propriamente d'esse outeiro.

---

[1] *Revue Celtique,* XXII, 309.

Para os povos antigos as montanhas eram frequentemente motivo de veneração e respeito; dos Germanos diz Tacito: «deorumque nominibus appellant secretum illud

Fig. 8.ª (Ara consagrada a Endovellico)

(«solidão»), quod sola reverentia vident» [1]. Já a cima indiquei exemplos de montanhas sagradas na Lusitania; a

[1] *German.*, cap. IX.

abundancia que ainda hoje entre nós ha de montes que se chamam *santos* prova que na antiguidade muitos devia tambem haver, pois que os nomes modernos constituem

Fig. 9.ª (A ara da fig. 8.ª vista de outros dois lados)

echos de crenças velhissimas. A minha hypothese firma-se em diversos outros factos e considerações.

Nas offerendas que os devotos levavam ao deus figura o porco, como consta do monumento aqui gravado (e visto por differentes faces), nas fig. 8.ª e 9.ª, tiradas d-*O Ar-*

cheologo Português I, 44–45. O culto das montanhas é uma especialização do culto geral da terra: ora é sabido que á deusa romana *Tellus* «a Terra» se sacrificava uma porca, a *porca praecidanea*[1]. Sem dúvida o sacrificio do porco apparece noutras circunstancias, mas tambem não é aquelle o unico argumento em que me fundo.

Na Grecia «os deuses chtonicos, diz Bouché-Leclercq, são deuses medicos por excellencia: é por isso que Demeter, Plutão, Dionyso, Pan, Serapis, e de modo geral os heroes que desceram ao seio da terra, são curandeiros; é por isso que a incubação, com seus sonhos e visões nocturnas, foi sempre o methodo particularmente adequado para a adivinhação medica»[2]. Que Endovellico tambem representou papel de deus curandeiro consta de varios documentos. Segundo a inscripção do castello do Alandroal, Caio Julio Novato cumprira um voto que havia feito a Endovellico pela saude, *pro salute,* da sua querida Vivennia Venusta[3]. O mais importante documento d'esta especie é comtudo uma lapide em que se figura um hemiplegico (paralysia dos membros de um dos lados), a qual contém tambem uma inscripção (fig. 10.ª)[4]; a hemiplegia é esquerda, e comprehende-se que o doente fosse melhorado ou curado por suggestão, o que prova que a doença era de origem nervosa. Talvez na lapide em que na mão esquerda de um devoto[5] se representa uma ave (fig. 11.ª), esta tenha alguma relação com o gallo e gallinha que, segundo o testemunho dos antigos[6], se offereciam a Esculapio, costume que tem um parallelo numa superstição do país de Galles, referida por Simpson[7]. No mesmo caso estará outra lapide

---

[1] Preller, *Römische Mythologie,* II, 90.

[2] *Hist. de la divination dans l'antiquité,* III, 275.

[3] *Corp. Inscr. Lat.,* II, 134.

[4] No Museu Ethnologico.

[5] Vestido de *tunica manicata,* cingida de uma *zona.*

[6] Vid. Roscher, *Lexikon der griech. u. rom. Mythologie,* I, 630.

[7] *Scottish magical charm-stones,* Edimburg 1863, p. 7, nota (separata dos *Proceedings of the Antiq. Soc. of Scott.,* vol. IV).

em que se figura a parte anterior de um animal que parece cão; encontrariamos assim mais um parallelo entre Endovellico e Esculapio [1]. Um dos processos que outr'ora

Fig. 10.ª (Ex-voto, do paralytico, a Endovellico)

[1] Cf. *Les chiens dans le culte d'Esculape*, de Salomon Reinach, Paris, 1884 (separata da *Rev. Arch.*); e *La seconde stèle des guérisons miraculeuses découvertes à Espidaure*, do mesmo, Paris, 1885 (separata da *Rev. Arch.*)

se adoptavam para se consultar uma divindade eram os sonhos, para o que se dormia nos templos ou nas vizinhanças d'elles; Endovellico era consultado da mesma maneira, o que se provará adeante: como os sonhos se consideravam filhos da terra, Γῆ, que na Grecia tinha um oraculo destinado ás consultas medicas [1], achamos assim mais um apoio á minha explicação da natureza de Endovellico.

Fig. 11.ª (Ex-voto a Endovellico)

Se este era pois divindade naturalistica, e mais particularmente da montanha, haveria perto do templo alguma cavidade ou antro d'onde se recebessem as inspirações d'elle, como nos casos apontados por Bouché-Leclercq [2]: assim se explicaria a formula *ex imperato averno,* que se lê numa inscripção do Museu Ethnologico, numa ara turícrema (fig. 12.ª):

ENDOVELLIC
SACRVM ▲ L ▲ T ▲ M
ET ▼ T ▲ M ▲ EX IM
PERATO AVER
NO ▼ A ▼ L ▼ F

[1] Bouché-Leclercq, *Hist. de la divination,* I, 283; II, 251 e 255.
[2] *Hist. de la divination,* II, 372-375.

inscripção em que deve entender-se que a palavra *imperato* é substantiva, e a palavra *averno* é adjectiva, — pelo que a expressão ou fórmula *ex imperato averno* significa «segundo a determinação avernal», i. é, «segundo a determinação que emanou de baixo»; todavia o que digo da existencia do antro ou cavidade é meramente conjectural, pois embora os crentes suppusessem que, conforme o que acabei de notar, os sonhos provinham do interior da terra, não era de absoluta necessidade que as determinações da divindade se recebessem num antro: podiam receber-se em sonhos, noutra qualquer parte.

Fig. 12.ª (Ara turicrema consagrada a Endovellico)

4. Culto.

O culto de Endovellico revela-se na existencia de um santuario, em que talvez elle tinha uma estatua ou mais, e a que se levavam offerendas em cumprimento de um voto (*ex voto*), algumas com inscripções versificadas (*carmina*), outras em que o deus recebe epithetos honorificos, e outras em que se falla de oraculos, que fazem presuppôr que havia alli sacerdotes. Estudemos rapidamente todos estes elementos cultuaes.

a) *Santuario.*

O santuario de Endovellico era, como se disse no começo d'este capitulo, no outeiro de S. Miguel da Mota, o que se prova pela existencia de numerosos restos d'elle, provenientes da epocha romana: *donis opulentum et numine* DEI, para fallar como Vergilio, *Eneida,* I, 447.

Primitivamente não haveria mesmo nenhum recinto especial: todo o outeiro seria sagrado. Depois, á medida que

a natureza divina se foi definindo no espirito dos crentes, passando-se da mera noção vaga de *numen* á de *espirito* e á de *deus,* fixou-se no topo do outeiro o local em que o culto se celebrava. Neste local appareceram, com effeito, as lapides e os outros objectos.

Tanto pelos AA., como pela archeologia, sabemos que na antiguidade não raro se edificavam templos nas alturas das montanhas; acho até particular semelhança entre o santuario de Endovellico e o de Saturno Balcaranense, no Norte de Africa, tal como foi descrito num trabalho do Sr. Toutain [1].

b) *Ex-votos.*

Assim como hoje quem se vê doente ou na imminencia de um perigo ou desgraça invoca os santos, a Virgem ou Christo, assim na antiguidade uma pessoa nas mesmas circunstancias invocava os deuses, fazendo-lhes *votos,* i. é, promessas de certos objectos (aras, estatuas, etc.), que depois lhes levava, quando se suppunha servida. Como nos objectos romanos d'esta especie se gravou frequentemente a expressão EX VOTO, que significa «segundo o que se prometteu», chama-se-lhes commummente *ex-votos;* mas taes objectos em latim chamavam-se *donaria.* Os *donaria* ou *ex-votos* do santuario de Endovellico são de muitas especies: aras, cippos, placas marmoreas, estatuas, ediculas.

Alguns d'estes monumentos estão ainda em bom estado de conservação, por exemplo, os que se representam nas fig. 13.ª a 16.ª, todos elles pertencentes ao Museu Ethnologico. A inscripção da fig. 13.ª diz: *Endovolico, ex v(oto): M(arcus) Liviu[s] Severus a(nimo) l(ibens),* e é aqui publicada pela primeira vez. O cippo representado na fig. 14.ª (altura $0^m,34$, largura na base $0^m,17$) contém tambem uma inscripção, a qual diz: *End(ovellico) sacr(um): pro vernaclam Treb(ia), Muse ser(vam), Q(uintus) L(icinius?) Catullus*

[1] *Mélanges d'archéologie et d'histoire,* da Escola Francesa de Roma, 1892.

a(nimo) l(ibens) v(oto) s(olvit), — e já foi inserida no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 6267-*a*, segundo o texto que eu havia antes publicado; na linha 3.ª a palavra *vernaclam*, regida de *pro*, está em vez de *vernaclã*, o que é frequente no latim das inscripções [1]. No cippo n.º 15 (dimensões: $0^m,31 \times 0^m,165$) lê-se: *Endovelico Iulia Maxima*, inscripção ainda inedita.

O monumento fig. 16.ª (altura $0^m,41$, largura na base $0^m,235$) está rachado pelo meio, mas nada lhe falta; ahi se lê a seguinte inscripção inedita: *Endovellico Vitalis, Messi Sympaerontis f(ilius), et servus a(nimo) l(ibentes) p(osuerunt)*; a palavra *Sympaerontis* está por *Symphaerontis*, segundo a pronuncia popular do *ph* = *p*, e corresponde á fórma grega Συμφέροντος, genetivo de Συμφέρων, que se encontra varias vezes nas inscripções, etc., como se póde ver em Pape, *Wb. der griech. Eigennamen*, vol. II, s. v., e a que corresponde como fórma feminina nas inscripções hispanicas *Sympherusa, Synperusa, Semperusa*, que vem no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 1223, 4400, 4561 e 1329. Cf. tambem *Symphorus*, ibidem, 470 e 4392.

Fig. 13.ª (Ex-voto a Endovellico)

Nas figuras seguintes represento meros fragmentos la-

[1] Cf. *pro salutem* numa inscripção de Olisipo: *Corp. Inscr. Lat.*, II, 177.

pidares que estão no Museu: na fig. 17.ª ($0^m,24 \times 0^m,17$) ha este começo de inscripção: *Endovellico Valeriu[s]..*; na fig. 18.ª ($0^m,28 \times 0^m,19$) o nome do deus está em iniciaes, segundo o que se notou a p. 123: *D(eo) E(ndovellico) s(acrum) Rest(itutus?)*; na fig. 19.ª ($0^m,19 \times 0^m,18$) lê-se apenas um resto de inscripção.

Figs. 14.ª e 15.ª (Cippos consagrados a Endovellico)

No monumento representado na fig. 20.ª, tosco monólitho de $0^m,43 \times 0^m,17$ (no Museu Ethnologico), ha esta inscripção inedita: *[End]ovolico Iulia Anus relictum a maioribus a(nimo) l(ibens) p(osuit;* a expressão *relictum* deve entender-se que se refere á ideia de *votum*. Por este voto ser cumprido em virtude de uma deixa de antepassados, e não em nome do proprio dedicante, é que provavelmente houve tão pouco escrupulo na escolha do monumento! O

cognome *Anus* é applicação do substantivo commum *anus*, que significa «velha».

No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 6333, publicou Emilio Hübner, por uma cópia que lhe enviei, tres fragmentos de um *car-*

Fig. 16.ª (Ex-voto a Endovellico)

men, composto, ao que parece, em honra de Endovellico; este fragmento, que está hoje no Museu Ethnologico, foi encontrado tambem por mim nas ruinas do santuario. Pena é que não esteja completo. Nelle poucas palavras se apuram. Por exemplo: .. [*fa*]*ma per gentes* [*di*]*cant et flu-m*[*ina*] .. *mihi roganti* .. [*m*]*ens plena ru*[*boris?*]. Será do sec. II ou III.

Importa notar que nem todas as aras ou cippos contém inscripções; alguns d'estes monumentos são anepigraphos: ha-os assim de granito e de marmore. Posto que pudessem as inscripções ter sido pintadas, e terem desapparecido com o tempo, o mais provavel é que estes monumentos fossem offerecidos por gente pobre, que não teve dinheiro com que occorresse á gravura das letras. Conhecem se outros exemplos de monumentos anepigraphos [2].

Fig. 17.ª (Ex-voto a Endovellico)

Ao lado de monumentos com inscripções e de monumentos mudos temos outros que estão providos de esculpturas; já a cima, pp. 126-127, vimos um em que se esculpiu uma palma, uma corôa e um porco; aqui represento, na fig. 21.ª, um cippo (altura $0^m,92$, largura na base $0^m,47$), em uma das faces do qual ha um genio alado, e na outra uma inscripção que diz: *M ▾ L ▾ Ni — Cellio — Deo Endo — vellico — Sacrvm Pr — Salvtem — L' Marcian — Filiae sve V ▾ A ▾ C ▾ S;* ella já vem

Fig. 18.ª (Ex-voto a Endovellico)

[2] Cf.: *Bulletin et mémoires des antiquaires de France*, VIII, 116, onde se falla de altares anepigraphos do templo de Saturno em Thala (Africa); e Flouest, *Études d'arch. et de myth.*, Paris 1885, p. 70. Em Portugal eu mesmo tenho encontrado outros, que estão no Museu Ethnologico.

no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5207, mas imperfeitamente copiada[1]. Muitas vezes as esculpturas nas aras e cippos são allusivas ao culto ou natureza da divindade a que se referem; outras vezes são ornatos tradicionaes.

Entre as offerendas do santuario de Endovellico contam-se com bastante frequencia estatuas e estatuetas. As que hoje existem são de marmore, mas na epocha do florescimento do templo havia-as mesmo de prata, como diz uma inscripção inserida no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 128: *signum argen'eum*. Aqui dou algumas gravuras de estatuetas: na fig. 22.ª representam-se uns restos de vestuario e de calçado; na fig. 23.ª a personagem está vestida de toga. Certas estatuas assentavam em bases de pedra, onde se gravavam inscripções; outras encaixavam numa especie de pia, vide fig. 24.ª; ás vezes as pias tinham tambem inscripções; outras finalmente tem uma especie de pedestal contínuo com ella, como a do paralytico, figurada a cima, p. 129, e uma que pertence ao Dr. Martins da Silva Marques, na qual se lê a inscripção que vem no *Corpus*, II, 5203.

Fig. 19.ª (Ex-voto a Endovellico)

A cabeça representada na fig. 25.ª parece não ter feito parte de estatua, mas constituir monumento independente. Na antiguidade, como hoje, era costume expôr nos templos representações symbolicas dos membros do corpo doentes.

Dos monumentos mais notaveis de Endovellico é sem duvida o que representa o paralytico (fig. 10.ª), a que já

[1] Este monumento é um dos que estão em poder do Dr. Martins da Silva Marques.

varias vezes me tenho referido; a notabilidade depende não sómente da natureza do monumento, bastante raro em si, e unico na nossa archeologia, mas de ahi se ler a palavra AEDEOLV, i. é, *aedeolum,* synonymo de *aediculum* ou *aedicula* [1]. Do mesmo modo que se offereciam aras ao deus, offereciam-se-lhe tambem imitações reduzidas de templos, que outra cousa não era um *aedeolum* [2].

Fig. 20.ª (Monólitho consagrado a Endovellico)

Todas as classes de pessoas concorriam ao santuario de Endovellico a levar ex-votos: ricos e pobres; nobres, plebeus e escravos. Numa inscripção figura um *ser(vus) marmorarius* [4], talvez um dos canteiros que fabricou algum ou alguns dos muitos *ex-votos* de Endovellico. Da riqueza e pobreza vimos provas no *signum argenteum* e nas aras anepigraphas; o apuro de certas esculpturas é tambem testemunho de riqueza. Se algumas inscripções nos fallam de escravos, e se da concisão dos nomes de outras devemos concluir que ellas pertenciam a gente

---

[1] Cf. o meu opusculo *Quid apud Lusitanos verbum* aedeoli *significaverit*.., Olisipone 1894.

[2] Acêrca de offerendas de ediculas ou ediculos aos templos vid. *Dict. des antiq. grecques et rom.* de Daremberg & Saglio, I, 94: os monumentos d'esta especie eram de barro, de prata, etc. — Adeante, no cap. IX, veremos a figura de uma edicula esculpida num rochedo. E quando me occupar da epocha romana veremos a fig. de uma de prata.

[4] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 133. Cf. O *Arch. Port.*, VIII, 164.

de pouca importancia, temos uma em que o dedicante faz ostentação de seus cognomes e da sua classe: *Sextus Cocceius Craterus Honorinus, eques Romanus!* como se lê no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 131, segundo um monumento ainda hoje existente em Villa-Viçosa. No sec. II–III da E. C. era costume a nobreza municipal, á imitação da romana, usar de dois, tres e mais cognomes[1].

Fig. 21.ª Cippo consagrado a Endovellico)

Depois de conhecermos os monumentos, conviria saber onde elles eram fabricados. Já o Padre Espanca notou que todos os que elle descreveu são de «marmore branco de Montes Claros, um pouco menos alvo que o de Estremoz, e perfeitamente igual ao de Bencatel e Rio de Moinhos, onde estão os propriamente chamados *Montes Claros*, hoje do concelho de Borba e outr'ora do termo de Estremoz»[2]. Emquanto não consigo que um especialista estude o assunto, contento-me com esta informação. Era natural que não muito longe do templo de Endovellico houvesse fabrica e deposito de aras e de outros mo-

---

[5] Cf. Hübner, in *Boletin de la Academia de la Historia*, XXV, 396; Rénier, *Mélanges d'épigraphie*, p. 13.

[6] *Boletim da Sociedade de Geographia*, 1882, p. 290.

numentos, como succedia na antiguidade junto a outros santuarios, e hoje ainda succede, por exemplo, em França (Marselha), etc., onde eu vi lojas em que se vendiam tabulas de pedra para servirem de ex-votos. As inscripções seriam em tal caso gravadas na occasião. Outras vezes porém tudo seria fabricado expressamente, á vontade do dedicante.

Fig. 22.ª (Ex-voto a Endovellico)

c) *Representação figurada do deus.*

Se todas as estatuas e estatuetas que se encontraram fossem iguaes, poderiam considerar-se como representações do proprio deus; ellas porém são desiguaes, e por isso devem, pelo menos algumas, attribuir-se a dedicantes. Entre as cabeças ha uma um tanto majestosa, que figuro sob o n.º 26, a qual porventura pertenceria a uma estatua de Endovellico; digo isto porém com todas as reservas.

Os epithetos dados a Endovellico nas inscripções são: *deus, sanctus, praesentissimus* e *praestantissimus.* Os mais vulgares são os dois primeiros. Os dois ultimos lêem-se na inscripção publicada no *Corp. Inscr. Lat.,* II, 131: *Deo*

Endovellico, praesentissimi[1] *ac praestantissimi nvminis*, phrase em que Espanca julgava haver um solecismo, tomando *numinis* como apposto syntactico de *Endovellico;* mas tal não ha, pois *numinis* não é apposto, é genetivo de

Fig. 23.ª (Ex-voto a Endovellico)

qualidade, e concorda com *praesentissimi* e *praestantissimi*. Todos estes epithetos se encontram com frequencia[2].

---

[1] Em PRAESENTISSIMI está o T enlaçado com o N.

[2] Numa inscripção de Roma: *praesentissimo numini loci montis Tarpei* (na *Rev. Arch.*, 1893, p. 394); *deus praesens*, Cicero, *Tusc.*, I, 12; *praesentia numina*, Vergilio, *Georg.*, I, 10, e Horacio, *Epist.*, II, 1, 134; *praesens Mercurius*, Horacio, *Sat.*, II, 3, 68, e *Carm.*, I, 35.

d) *Oraculos.*

Com razão disse Freret: «On pourrait.. conjecturer.. que le dieu Endovellicus avoit un oracle, de quelque nature qu'il fût, soit qu'il communiquât sa volonté par l'organe des prestres, ou par le moyen des songes; c'est au moins ce que signifient ces mots de la sixième inscription de Villa-Viziosa: EX RELIGIONE IVSSV NVMINIS. Les ordres de la divinité n'avaient pû estre connus s'ils n'avoient ésté

Fig. 24.ª (Pia de uma estatua consagrada a Endovellico)

donnéz d'une manière sensible; et c'est-là ce que l'on appelle un oracle»[1].

A inscripção a que Freret se refere vem no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 138. Ha outras com expressões analogas a esta, como: EX I· NVMIN, no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 129, que deve interpretar-se por EX I(VSSV) NUMIN(IS); EX VISV, *ibidem*, 140; EX RESPONSV, *ibidem*, 6265. Num fragmento inedito, existente no Museu Ethnologico Português lê-se: DEO IN[*dovelico*] SA[*ncto? ex*] RESP[*onso*]. E noutro, existente no mesmo Museu: DEO [*Endovel*]ICO .. EX R[*esponso*]

---

[1] *Histoire de l'Académie des inscriptions* de Paris, tomo III, 1746 pp. 182–183.

C·V...—Todos estes formularios são muito conhecidos na epigraphia e na litteratura [1].

A interpretação pelos sonhos era vulgarissima na antiguidade. Os doentes iam por vezes mesmo dormir nos templos (*incubatio*). Comprehende-se que a fé que os animava, e a excitação nervosa produzida nelles por todas as circunstancias que os rodeavam, fizesse que os seus sonhos alguma relação tivessem com as causas que lá os levavam. Já um poeta provençal da idade-media notou:

E ben sol aisso avenir
Qu'om somne segon son desir
Quan s'adorm sus el pensamen [2].

Os *somniorum interpretes* acabavam depois a obra, explicando as obscuridades que houvesse [3].

Fig. 25.ª (Ex-voto a Endovellico)

e) *Sacrificios.*

Quando tratei da natureza do deus, p. 124 sqq, fallei dos sacrificios que se faziam de animaes a Endovellico, e entre elles citei especialmente o porco, que se encontra figurado nos monumentos mais de uma vez.

---

[1] A resposta dos oraculos tinha particularmente o nome de *responsum*. Diz Vergilio, *Eneida*, VI, 799: *responsis divum*. Fallando do oraculo de Delphos, diz Tito Livio, I, LVI: *responsa sortium*.

[2] *Flamenca*, ed. de Paulo Mayer, Paris 1901, vv. 3448–3450. Isto é: «e bem costuma acontecer que se sonhe segundo o que se deseja, quando se adormece preoccupado com isso».

[3] É crença popular muito espalhada, que se póde perscrutar o futuro dormindo-se em certas condições. A este proposito eu podia juntar aqui muitos exemplos, quer do país, quer de fóra, tanto de hoje, como da antiguidade; mas o que digo basta.

Os sacrificios eram tão vulgares em todos os santuarios e a todos os deuses, que notavel excepção sería se elles não se celebrassem tambem em honra de Endovellico!

f) *Sacerdocio.*

A existencia de sacerdotes votados ao culto de Endovellico deduz-se do que se disse nos §§ *d* e *e* sobre os ora-

Fig. 26.ª (Cabeça do deus Endovellico?)

culos e os sacrificios: se os sonhos se interpretavam, natural é que a interpretação fosse feita por interpretes especiaes; se havia sacrificios, a elles presidiriam sacerdotes.

Infelizmente as inscripções e os monumentos não nos dão a tal proposito noticias directas.

5. Origem do culto.

Quando se trata da origem das cousas, é sempre difficil, quando não é impossivel, dar decisão.

A respeito do culto de Endovellico, sabemos que o nome do deus póde ser celtico, conforme o que se disse a p. 125; mas de ser celtico o nome não se conclue que o deus o fosse tambem; antes é mais provavel que, assim como os Romanos deram esplendor a um culto que já encontraram criado, assim os Celtas não fizessem senão traduzir na propria lingua a qualidade que já se reconhecia em certa divindade do país que elles conquistaram.

Com este modo de comprehender a origem do culto de Endovellico concorda a ideia que vimos se devia formar da natureza do *numen*[1], pois a crença de que as montanhas eram divinas estava muito arreigada no espirito dos Lusitanos primitivos[2].

Appendice a este capitulo

Duração do culto. — Sua extincção. — Substituição por cultos christãos

Talvez de origem pre-celtica, o culto de Endovellico definiu-se melhor, ao que parece, na epocha celtica, e teve o seu maximo esplendor na epocha romana. De deus primitivo da montanha, *genius loci*, Endovellico tornou-se milagroso, e foi nessa qualidade que attrahiu a si os fieis durante alguns seculos.

A paleographia das inscripções testemunha a existencia do culto ainda no sec. III. Uma moeda citei já a cima, como pertencente ao sec. IV.

Depois do sec. V é provavel que fosse christianizado; algumas esculpturas de caracter medieval fazem inferir isso. Aos Christãos se deve attribuir a mutilação das estatuas e de muitas inscripções. Os monumentos grandes escaparam em parte, por causa do seu volume. É notorio o furor com que os primeiros Christãos destruiam os idolos e os monumentos attinentes a elles.

[1] Vide supra, p. 125 sqq.
[2] Vide supra, p. 104 sqq.

Modernamente no local do velho templo pagão apparece-nos o de S. Miguel, que está hoje destruido. D'este templo a mais antiga noticia, que ha, data apenas do sec. XVII [1], pois o que no sec. XVI diz Resende não é bem explicito [2]; deve porém a invocação ser primitiva, pois sabe-se que os Christãos dos primeiros tempos olhavam aquelle santo como um dos genios tutelares da medicina [3], e é pois natural que a designação de *S. Miguel* succedesse immediatamente á de *Endovêllico*.

V. Atégina

ATÉGINA, como muitas outras divindades lusitanicas, é-nos apenas conhecida por intermedio da archeologia. Os monumentos que se referem a ella são de duas especies: lapidares e de bronze. Uns e outros contém inscripções romanas.

Percorramos em primeiro logar estas inscripções, e vejamos depois o que podemos averiguar acêrca da extensão geographica do culto de Atégina e acêrca do caracter da deusa e da importancia que ella tinha no espirito dos fieis.

1

DEA · ATAECINA TVR
BRIG · PROSERPINA
PERTVAM MAIESTATEM
TE ROGO ORO OBSE CRO
5 VTI VINDICES QVOTMIHI
FVRT·FACTVM EST QVISQVIS
MIHIIMVDAVIT·INVOLAVIT
MINVSVE FECITEAS . . . Q·I·S·S
TVNICAS VI . . . AFNVLA
10 LINTEA · II · IN . . . IVM · CV
IVS · I . C . V . . . M · IGNORO
IA . . . . . IVS
VI

1. **Textos epigraphicos.** A inscripção n.º 1 é a mais importante de todas. Está gravada numa tavola de marmore de $0^m,24 \times 0^m,22$, encontrada no sec. XVIII a 1 legua de Mérida, para onde foi transportada

[1] *Relação do bispado d'Elvas*, 1635, fls. 33 e 34.

[2] Rèsende, *De antiquit. Lusit.*, Evora, 1593, p. 231, diz que o duque D. Theodosio mandou levar inscripções *ex antiquo fano, quod extat iuxta oppidulum Therenuam*; — não especifica «S. Miguel».

[3] Cf. *O Archeologo Português*, I, 46.

depois: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 462, onde vem publicada. Ultimamente foi reproduzida por H. Dessau, *Inscriptiones Latinae selectae,* vol. II, parte I, Berlim 1902, n.º 4515.

O texto apresenta algumas particularidades phoneticas e lexicaes: *Ataecina,* com *c* por *g,* na lin. 1; *quot* por *quod,* na lin. 5; *imudavit* por *immutavit* (*-t-* intervocalico abrandado em *-d-,* segundo a phonetica do hespanhol e do português), na lin. 7; *minus fecit,* com a significação de «deixou de menos», na lin. 8; *paenula,* ao que parece, plural de **paenulum* (<> *paenula* nom. sing.) na lin. 9; na lin. 10 deve entender-se *in*[*dus*]*ium.*

Infelizmente ha algumas linhas que não podem completar-se, e falta o final da inscripção, que constituia, como veremos, uma *devotio.* — A sua transcripção é: *Dea Ataecina Turibrig*(*ensis*) *Proserpina: per tuam maiestatem te rogo, obsecro uti vindices quot mihi furti factum est; quisquis mihi imudavit, involauit, minusue fecit eas* [*res*] *q*(*uae*) *i*(*nfra*) *s*(*criptae*) *s*(*unt*)*: tunicas VI,* [*p*]*aenula lintea II, in*[*dus*]*ium, cuius.... m ignoro.... ia.... ius.... ui....*

Fig. 27.ª (Lapide de Atégina)

2

DEAE ATAECI
NAE TVROBRIGEN
3 INVICTAE ARTE
MAS CLAVDI
MARTILINI · SER
6 EX · VOTO
POSVI

A inscripção n.º 2 está gravada em uma ara de marmore branco de $0^m,85 \times 0^m,11 \times 0^m,85$: a gravura que publico é feita segundo uma photographia que o illustre Marquês de Monsalud, feliz possuidor da lapide, me enviou juntamente com a indicação das dimensões d'esta. Foi encontrada em Mérida, e publicada pela primeira vez no *Boletín de la Real Academia de la Historia,* XL, 542, pelo

referido Sr. Marquês de Monsalud, e reproduzida nos *Additamenta nova ad inscriptiones Hispaniae Latinas* de E. Hübner (obra postuma), n.º 42. — A sua transcripção é: *Deae Ataecinae Turobrigen(si) invictae Artemas, Claudi* (= *Claudii*) *Martilini*[1] *ser(vus), ex voto posui*[2]. — Do nome servil *Artemas* ha outros exemplos em inscripções da Iberia: *Corp. Inscr. Lat.*, II, 114, etc.

Fig. 28.ª (Lapide de Atégina)

3

DOMINAE
TVRIBRIG
ADAEGINA..
MARITVM
.....
.....

A inscripção n.º 3 provém de Medellín: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 605. — Aqui publíco nesta pagina uma photografia que o Sr. Marquês de Monsalud, actual dono da lapide, fez o favor de me enviar. — Falta o final. — A sua transcripção é: *Dominae Turibrig(ensi) Adaegina*[*e*] *maritum* .... — O nome da deusa apresenta *-d-* por *-t-*, phenomeno analogo ao que na inscripção n.º 1 vimos dar-se em *imudavit*.

---

[1] Hübner, *op. cit.*, diz que talvez em logar de *Martilini* deva ler-se *Martialiani*; mas o Sr. Marquês de Monsalud, a quem consultei, diz-me em carta de 11 de Novembro de 1903 que neste monumento «está escrito MARTILINI, tal como fué publicado».

[2] A inscripção, como o Sr. Marquês de Monsalud me informa na carta citada na nota antecedente, «está sumamente borrosa».

A inscripção n.º 4 está gravada numa placa de bronze que adhere inferiormente ás patas deanteiras de um bode do mesmo metal (vid. o desenho que publíco mais adeante). O monumento foi encontrado perto de Cáceres, e publicado a primeira vez pelo Sr. Fidel Fita no *Boletín de la Real Academia de la Historia,* VI, 430–432. — O texto da inscripção acha-se reproduzido no *Corp. Inscr. Lat.,* II, 5298. A sua transcripção é: *D(eae) s(anctae) T(uribrigensi) Ad(aegine) Victorin(us), ser(vus) C(orneliae) Severae, a(nimo) l(ibens) v(otum) s(olvit).* — O nome da deusa apresenta *-d-* por *-t-,* como na inscripção n.º 3.

4

D · S · T · AD
VICTORIN ·
SER · C · SE
VERAE
A · L · V · S

A inscripção n.º 5 está tambem gravada, como a do n.º 4, em uma placa de bronze adherente ás patas deanteiras de um bode do mesmo metal; só as lettras, em vez de serem feitas com traço pleno, são feitas de pontos. O monumento foi encontrado no mesmo sitio que o antecedente: vid. *Boletín de la Real Academia de la Historia,* VII, 46, onde se publica o texto da inscripção, mas não a figura do monumento. — O texto da inscripção acha-se reproduzido no *Corp. Inscr. Lat.,* II, 5299. A sua transcripção é: *De(ae) S(anctae) A(daegina) T(uribrigensi) Cocceius Modestianus v(otum) s(olvit).* — Transcrevi *Adaegina,* com *-d-,* para me conformar com o teor do texto antecedente, que é contemporaneo d'este; mas tambem póde subentender-se *Ataegina,* com *-t-,* como noutras inscripções.

5

DE · S · A · T
COCCEIVS
MODESTI
ANVS · V · S

A inscripção n.º 6 está gravada em uma ara de marmore branco, de $0^m,13 \times 0^m,25$, encontrada em Mérida (onde se conserva «na calle del General Castro, casa de los herederos de

6

DEAE · SAC
TVRIB
L · IVVENTI
VS · IVLIA
NVS · A · L · V · S

Don Santos Colomo»[1]). Foi publicada a primeira vez no *Boletín de la Real Academia de la Historia,* XXXVII, 323, pelo Sr. Marquês de Monsalud, e reproduzida nos *Additamenta nova* de Hübner, já cit., n.º 43. — A sua transcripção é: *Deae sanc(tae) Turib(rigensi) L(ucius) Iuventius Iulianus a(nimo) l(ibens) v(otum) s(olvit).*

7

D · S · A
T · P
PVITIA

A inscripção n.º 7 appareceu na aldeia de Cardenas (Mérida): vid. *Corp. Inscr. Lat.,* II, 461, onde é assim transcripta: *D(eae) S(anctae) A(taeginae) T(uribrigensi) P(roserpinae)....* O nome do dedicante da inscripção está incompleto.

8

VIRIAV
A · A · L · D
SVO · PC

A inscripção n.º 8 foi achada em Ibahernando, a 3 leguas de Trujillo, e publicada a primeira vez na *Revista de Extremadura,* II, 131 (cf. p. 151); reproduzida no *Boletín de la Real Academia de la Historia,* XXXVI, 448 (cf. p. 506, n. 4) e nos *Additamenta nova* de Hübner, n.º 101. — Transcripção: *Viriatu(s) Ataeginae a(ugustae) l(ibens) d(e) suo p(onendum) c(uravit);* em vez de *a(ugustae)* póde ser *a(nimo),* e em vez de *A(taeginae)* póde ser *A(daeginae).* — A respeito da lapide em que está a inscripção deu-me o Sr. D. Juan Sanguino y Michel, secretario da *Revista de Extremadura* (Cáceres), as seguintes informações, segundo carta que recebeu do Sr. D. Rufino Sánchez, de Ibahernando: «la lápida.. existe en la casa número 19 de la Plaza Mayor de este pueblo, propriedad de D. Francisco Fernández..; dicha lápida forma parte, con otras piedras, de la jamba izquierda de una de las puertas que existen en dicha casa, formando un poliedro regular de 73 centimetros de altura por 30 de ancho y 30 de grueso, de pedra de granito. La lápida está al revés, esto és, que el último

[1] Informação do Sr. Marquês de Monsalud, que teve a bondade de tambem me enviar um decalque da inscripção.

renglón ocupa la parte superior. Por dicha parte superior se comprehende que ha sido recortada la piedra, por la poca distancia que hay hasta donde empiezan las letras, quedando mucho espacio desde donde terminan las últimas hasta la parte de abajo de la piedra».

9

DEAE SANC..AE CRATR SCFRASAN.. TILIOSECC.. C

segundo a leitura de Cenaculo; ou:

DEAE SANCTAE GRATRo SAIITILIO CO....

segundo a leitura de Bayer.

A inscripção n.º 9 appareceu na herdade da Torre, em Quintos, districto de Beja, e estava gravada «en el borde ó boca de un grande almirez de piedra»: vid. *Corp. Inscr. Lat.,* II, 101, onde se citam as fontes.—Infelizmente o texto não se comprehende todo; só são claras as primeiras palavras *deae sanc*[*t*]*ae,* que se applicam sem duvida a Atégina. A lapide perdeu-se; pelo menos não está nem no Museu de Beja, nem no de Evora, onde ha outras lapides que foram do arcebispo Cenaculo, e onde ella pois poderia estar [1]. —Hübner publicou-a pela primeira vez no *Monatsbericht des königl. Akad. der Wissenschaft zu Berlin,* 1861, p. 759.—Em Quintos tem apparecido muitas antiguidades romanas: vid. *O Archeologo Português,* I, 340; V, 231; VIII, 162.

A inscripção n.º 10 está gravada numa ara de $0^m,54 \times 0^m,30$. Appareceu no districto de Beja (talvez em Quintos:

[1] Com relação ao Museu de Beja diz-me o conservador do mesmo, o Sr. J. de Vargas, em bilhete postal de 2-XI-903: «No Museu de Beja não existe a ara cuja inscripção v. deseja. Temos aqui uma padra cylindrica, que dizem pertencer ao bispo Cenaculo; mas não tem inscripção alguma, é ornamentada com differentes desenhos de folhas, aves, etc., está fragmentada, e a base superior é cavada em fórma de pia para agua benta».

Com relação ao do Museu de Evora, notarei que o *Catalogo,* publicado em 1903, e citado adeante, p. 152, não falla de nada.

cf. n.º 9); hoje guarda-se no Museu de Evora. Quem primeiro publicou a inscripção, mas imperfeitamente, foi Hübner no *Monatsbericht* da Academia de Berlin, 1861, p. 759; elle leu-a assim, quando esteve em Evora («descripsi», diz no *Corpus*): D · S · TVRVBRIG || L · VOCONIVS || V*alen*S. Depois foi a inscripção publicada pelo Sr. Gabriel Pereira no *Manuelinho de Evora,* n.º 64, de 11 de Abril de 1882, e nos *Estudos Eborenses,* II, 15; elle leu-a assim: || D · S · TVRVBRICI || L · V..ONIVS || V · S. Por fim, o Sr. A. F. Barata no *Catalogo do Museu de Evora,* Lisboa 1903, p. 74, dá d'ella esta cópia: D · S · TVRIBRICI || L · A NONIVS || ..... O, phantasiando lettras que lá não estão. Só por distracção se explica que Hübner interpretasse V S por V*alen*S, pois essas letras significam claramente *v(otum) s(olvit)*, como o Sr. Gabriel Pereira, no cit. numero do *Manuelinho,* já nota, ponderando que entre aquellas duas lettras não ha vestigios de outras lettras; o mesmo investigador diz com razão que a leitura *Voconius,* proposta pelo epigraphista allemão, é inadmissivel, porque entre V e O não cabia OC. As modificações introduzidas pelo Sr. Barata não tem nenhum pêso. — De um decalque (feito em

10

Fig. 29.ª (Ara de Atégina)

papel) que mandei tirar em Evora, vejo que a leitura exacta da inscripção é porém a seguinte: || D ▲ S ▲ TVRVBRIGE || L ▲ MONIVS || V S[1] || A ultima palavra da linha 1.ª termina por GE, e não por CI: o G é muito nitido; as hastes perpendiculares do E estão porém deterioradas, e foi esse facto que fez que a lettra fosse tomada por I; mas o que resta é bem claro. Na 2.ª linha não ha dúvida que a 2.ª palavra é MONIVS, embora as hastes extremas do M estejam um pouco estragadas (foi por isso que só se reparou na parte central da lettra, e se tomou essa parte por V), mas não tanto que não se reconheçam bem. Os pontos separativos na 1.ª e 2.ª linha são triangulares; entre as duas lettras da 3.ª linha a pedra acha-se um tanto carcomida, e no decalque não posso distinguir se ha ou não ponto (nem talvez na pedra a verificação será possivel). Da discussão precedente resulta que a inscripção diz: *D(eae) S(antae) Turubrige(nsi) L(ucius) Monius v(otum) s(olvit)*. O cognome *Monius* é bastante conhecido, pois não é mais que latinização do grego μονιός «solitario», e por extensão «javali», «lobo», derivado de μόνος «sòzinho»; mesmo na Peninsula se encontra elle outra vez, em uma marca de oleiro: *Corp. Inscr. Lat.*, II, 3970–332 (Tarragona). — Demorei-me um pouco em descrever esta lapide, pela sua excepcional importancia, e por ser a unica que, com o nome de *D(eae) S(anctae) Turubrige(nsi)*, se conhece em Portugal á hora presente. Juntarei ainda mais umas notas. Segundo diz o Sr. Gabriel Pereira no *Manuelinho*, numero cit., a ara é feita de marmore pardo e tosco, e «não está bem conservada; duas fortes depressões nos frisos superior e inferior mostram que a pedra foi em tempo utilizada para algum mister grosseiro». A figura que foi feita por um desenho executado em Evora pelo Sr. Guilherme Gameiro, desenhador do Museu Ethnonologico Português, confirma essa observação.

---

[1] Cf. *O Arch. Port.*, IX, 47.

Em algumas das inscripções precedentes (n.os 1 e 7) a deusa Ategina vem associada a Proserpina. Associações d'estas, de um deus classico a um deus indigena, costumavam fazer-se quando uma religião se sobrepunha a outra: por exemplo na Gallia temos *Apollo-Borvo* e *Mars-Camulos;* e ha muitos factos semelhantes noutros pantheons. Da associação de Ategina e Proserpina nas citadas inscripções podemos inferir que quando noutras inscripções, apparecidas tambem no Sul da Peninsula, se lê unicamente *Proserpina,* tal expressão é synonima de *Ataegina.* Foi por isso que Hübner, no *Corp. Inscr. Lat.,* II, 1126, ao dar a lista dos deuses hispanicos, incluiu Proserpina na serie em que está Atégina. No mesmo caso se acha uma inscripção consagrada a Libera, deusa que os Romanos identificaram com Proserpina. Em virtude d'isso tudo, vou aqui transcrever as inscripções de Proserpina e Libera. Ellas ajudar-nos-hão a definir o caracter de Proserpina.

11

Q · HELVIVS
SILVANVS
PROSERPIN
AE · VOTVM
S · AN · L · P

A inscripção n.º 11 foi encontrada no aro de Elvas, d'onde passou para Villa Viçosa: vid. *Corp. Inscr. Lat.,* II, 143. — Transcripção: *Q(uintus) H(elvius) Silvanus Proserpinae votum s(olvens*[1]*) an(imo) l(ibens) p(osuit).*—Hübner, *loc. cit.,* pensa que talvez o dizer-se que a inscripção appareceu no campo de *Elvas* provenha de nella figurar *Helvius;* mas não ha razão para emittir essa hypothese, pois no concelho de Elvas appareceram positivamente outras inscripções de Proserpina, como veremos.

A inscripção n.º 12 não se sabe onde appareceu. Os AA. que primeiro a copiaram dão-na como existente em Villa Viçosa: vid. *Corp. Inscr. Lat.,* II, 144. Provavelmente provém de Elvas, como a do n.º 11, e outras que adeante

---

[1] Ou *s(olvit)*?

12

PROSER
PINAE
SANCTAE
G · IVLIVS
PARTHENOP
AEVS · VOT
QUOT · FECIT
A · L · P

se citarão. — Os mss. em que ella vem apresentam algumas insignificantes discrepancias de texto, como se vê no *Corp. Inscr. Lat., loc. cit.* — Transcripção: *Proserpinae sanctae G(aius) I(ulius) Parthenopaeus vot(um) quot fecit animo l(ibens) p(osuit).* — O cognome *Parthenopaeus* (= Παρθενοπαῖος) é muito conhecido; na propria Peninsula apparece elle outra vez no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 1108. — Temos aqui tambem *quot* por *quod,* como na inscripção n.º 1. — Nesta inscripção Proserpina tem o epitheto de *sancta,* como *Ataegina* ou *Adaegina* nas inscripções n.ºs 4, 5, 6, 7 e 9: esta é mais uma razão para pôr Proserpina na mesma linha que Ategina.

13

PROSERPINAE
SERVATRICI
C · VETTIVS · SIL
VINVS · PRO · EV
NOIDE · PLAVTIL
LA · CONIVGE · SIBI
RESTITVTA
V · S · A · L · P

A inscripção n.º 13 foi primeiro publicada por André de Resende, que a dá como dos arredores de Villa Viçosa: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 145. Será tambem de Elvas? — Hübner diz que a singularidade do nome poderia dar logar a suspeita, tanto mais que a inscripção é só attestada por André de Resende; mas elle mesmo a compara com outras semelhantes, e accrescenta: «nec tamen damnaverim». Pela minha parte, não vejo motivo grande para suspeita. — Transcripção: *Proserpinae servatrici C(aius) V(ettius) Silvinus pro Eunoide Plautilla, coniuge sibi restituta, v(otum) s(olvens)*[1] *a(nimo) l(ibens) p(osuit).* — O nome *Eunois,* de origem grega, apparece noutras incripções: *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4393, etc.

A inscripção n.º 14 está numa ara de calcareo de $0^m,70 \times 0,37 \times 0,23$, apparecida na herdade da Fonte Branca,

[1] Ou (*solvit*)?

concelho de Elvas, em 1886: vid. sobre ella *O Archeologo Português,* I, 244, e VI, 234; tambem foi publicada na *Ephemeris epigraphica,* VIII, 358. Hoje é propriedade do Museu Municipal de Elvas. — A 2.ª palavra é *Toncius* ou *Tongius;* a 3.ª será *Andai[ti]* [1], palavra certamente celtica, como *Tongius;* a ultima lettra da clausula (lettra que falta) era *S* (= solvit) ou *P* (= posuit). = Temos pois: *Proserp(inae) Tongius Andai.. v(otum) a(nimo) l(ibens)....*

14

PROSERP
TONCIVS
ANDAI...
V·A·L...

A inscripção n.º 15 está em uma ara de calcareo, de $0^m,64 \times 0^m,39 \times 0,23$, apparecida na mesma herdade da Fonte Branca: vid. sobre ella *O Archeologo Português,* I, 245, VI, 234, e *Ephemeris epigraphica,* VIII, 358. Hoje pertence ao Museu Municipal de Elvas. — A 2.ª palavra não é difficil de ler. A 1.ª da 3.ª linha pergunta Hübner se será *Rustici,* mas o Sr. A. T. Pires, que, a meu pedido examinou a pedra, diz-me que o 2.º *R* é claro. No resto não ha duvida. Entre as lettras da clausula não ha pontos separativos. — Temos pois: *Deae Proserpinae H. Rustri(?) votum l(ibens) a(nimo).* [2]

15

DEAE PROSER
PINAE HII
RVSTRIVLA

---

[1] O Sr. A. Thomás Pires diz-me que não se poderá ler *Andai[tiae]*; teremos pois *Andai[ti]*, genetivo de *Anduitius,* posto que seja ainda assim muito duvidosa esta lição. O mesmo Sr., e meu amigo, diz-me que na 2.ª palavra é mais facil ler *g* do que *c*, — d'onde *Tongius.* Em Junho de 1904 visitei o Museu de Elvas; mas, já pelo mau estado da inscripção, já por a lapide não se achar em condições de poder ser examinada commodamente, não consegui adeantar nada ao que digo no texto.

[2] Em Junho de 1904 estive em Elvas, e tornei a examinar a pedra. Na 2.ª linha ha espaço entre E e H; depois do H vêem-se duas hastes. RVSTRI é claro. Na clausula só distingo VLA. A pedra não está porém, pela sua situação, em condições de se poder estudar convenientemente.

A inscripção n.º 16 provém de Castilblanco (provincia de Sevilha) e estava, ou está, *en la ermita de la Magdalena:* vid. *Corp. Inscr. Lat.,* II, 1044. Diz: *Proserpinae sanctae sacrum. L(ucius) Samnius Sulla, voto sanitate condemnat(us), an(imo)* [*l*] (*ibens*) *d(at)*.

16

PROSERPINAE
SANCTAE · SACRV
M · L · SAMNIVS · SV
LLA · VOTO · SANI
TATE · CONDEMNAT
AN *l* D

A inscripção n.º 17 provém da herdade de Revelhos, concelho de Arronches. Está gravada num cippo de «pedra broeira», de $0^m,63 \times 0^m,32 \times 0^m,14$, que hoje existe no Museu de Elvas. Foi publicada primeiro por Victorino de Almada, no seu livro *Concelho de Elvas,* II, 279, e interpretada por mim n-*O Archeologo Português,* I, 244, d'onde passou para a *Ephemeris epigraphica,* VIII, 358. — Diz unicamente: *Liberae,* dativo de *Libera*, synonimo de Proserpina. — A gravura que apresento é extrahida d-*O Archeologo Português,* VI, 213 (artigo de A. Thomás Pires).

17

Fig. 30.ª (Cippo de Libera)

NOTA. Já depois de redigido o que precede, encontrei no *Boletín de la Real Academia de la Historia,* XLII (1903), 235, a seguinte inscripção achada em Sant'Anna, perto de Ibahernando: I · NORBA' ‖ I · QVIIV · ‖ ACI'A'A · ‖ ARA P. V; o auctor do respectivo artigo interpreta a 3.ª linha por [*At*]*a(e)cina(e)*, mas, a julgar do texto epigraphico, esta interpretação é duvidosa.

2. **Área do culto.**

Em quasi todas as inscripções transcriptas a cima a deusa recebe o epitheto geographico de *Turobrigensis, Turubrigensis* ou *Turibrigensis,* o que mostra que a séde primitiva do seu culto foi em Turóbriga, onde ella tinha certamente um santuario notavel. — Eram frequentes na antiguidade epithetos semelhantes, por ex.: *Apollo Actiacus* (templo em Actium), *Hercules Gaditanus* (templo em Gades), *Venus Paphia* (templo em Paphos).

Turóbriga, segundo Plinio [1], ficava na Beturia Celtica (Betica). Convem fazer aqui uma observação. Plinio diz: «in Celtica: Acinipo, Arunda, Arunci, *Turobriga,* Lastigi, Salpesa [2], Saepone, Seripponi»; a simples inspecção d'esta lista mostra que os nomes estão alphabetados, conforme um costume de Plinio [3], e que *Turobriga,* com *T,* destoa entre nomes que começam respectivamente por *A* e *L,* d'onde se ha de concluir que a fórma do nome no tempo de Plinio, ou no do auctor mais antigo que elle seguiu, começava por outra letra, acaso por I, que deixaria de ser escrito em virtude de confusão com o *i* final da palavra precedente, como isto é vulgar; — teriamos assim: **Iturobriga* [4]. Neste caso *Turóbriga* seria alteração popular de **Ituróbriga* [5]. — Apesar de sabermos por Plinio, como

---

[1] *Naturalis Historia,* III, § 14, ed. de Detlefsen.

[2] Alguns dos mss. de Plinio tem *Alpesa.*

[3] Logo a seguir tem elle outra lista disposta na mesma ordem: *Arsam, Mellariam, Mirobrigam, regionis Osintiadis Sisaponem.*

[4] Effectivamente Hübner nos *Mon. ling. Iber.,* p. 243, tem: «Turobriga [Iturobriga] Baetur., Plin., III, 14», sem adeantar mais nada. É possivel que este assunto fosse tratado por Detlefsen no seu artigo «Die Geographie der Provinz Baetica bei Plinius» publicado no *Philologus,* XXX (1870), p. 265–310; mas não tenho á mão o periodico para poder verificar.

[5] Cf. *Glaetes* e *Igletes:* vid. supra, p. 72. — **Ituróbriga* ligar-se-hia philologicamente d'este modo talvez a *Iturium,* ilha na Gallia, citada por Plinio, *N. H.,* III, 79, a *Ityrius* e *Iturius,* nomes de homem, citados no *C. I. L.,* V, 2036 e 8110–96, e acaso a *Iturissa,* cidade dos Vascones, cit. por Ptol., *Geogr.,* II, 6, 66 (Ἰτουρίσσα). —

acabo de dizer, que Turóbriga ficava na Beturia Celtica,— e com esta noção concorda o proprio nome, que, pelo menos pela terminação *-briga,* é celtico—, não se pôde ainda determinar o sitio preciso d'essa cidade. Comtudo, talvez elle não fosse longe de Aroche, a antiga *Arucci,* porque ahi perto appareceu uma inscripção em que uma Baebia Crinita se appellida «sacerdotisa turobrigense» [1], isto é, natural de Turobriga [2]; Arucci ficava tambem, como Turóbriga, na Beturia Celtica [3]. Que Aroche corresponde a Arucci mostra-o, alem de semelhança dos nomes [4], o facto de ter apparecido alli uma inscripção em que a *civitas Aruccitana* faz uma dedicatoria a Julia Aggripina, mãe de Nero (sec. I da E. C.) [5].

De Turóbriga irradiou para differentes pontos o culto de Atégina, como o mostra o mappa junto, em que indico todas as localidades em que appareceram inscripções consagradas á deusa, quer invocada com o seu nome primeiro ou sómente com algum dos epithetos, quer com o nome de Prosérpina ou com o de Libera.

D'esse mappa se vê que o culto era principalmente nas duas bacias, oriental e occidental, do Guadiana ou *Ana,* e entre o curso septentrional d'este rio e o do Tejo ou *Tagus;* ha tambem uma inscripção proveniente da bacia do Guadalquivir ou *Baetis.* Temos, pois, de Norte para Sul e Oriente: Cáceres (n.os 4 e 5), Ibahernando (n.º 8), Mérida (n.os 1, 2, 6 e 7), Medellín (n.º 3), Arronches (n.º 17), Elvas ou Villa Viçosa (n.os 11, 12, 13, 14 e 15), Quintos (n.º 9 etalvez 10) e Castilblanco (n.º 16).

Em *Turubrigensis* e *Turibrigensis,* por *Turobrigensis,* temos alteração de *o* em *u* e em *i* na pronuncia vulgar, por aquella vogal estar em syllaba atona.

[1] No *Corp. Inscr. Lat.,* II, 964.

[2] E não: «sacerdotisa de *Ataecina*», como quer D. Joaquín Costa, *Poesia popular española,* 1881, p. 344, n. 3.

[3] Ptolemeu, *Geogr.,* II, IV, 11.

[4] Embora *-che* por *-cci* seja difficil de explicar.

[5] No *Corp. Inscr. Lat.,* II, 963.

O apparecimento de um ex-voto em um local não prova só por si que ahi houvesse um santuario, e sobretudo san-

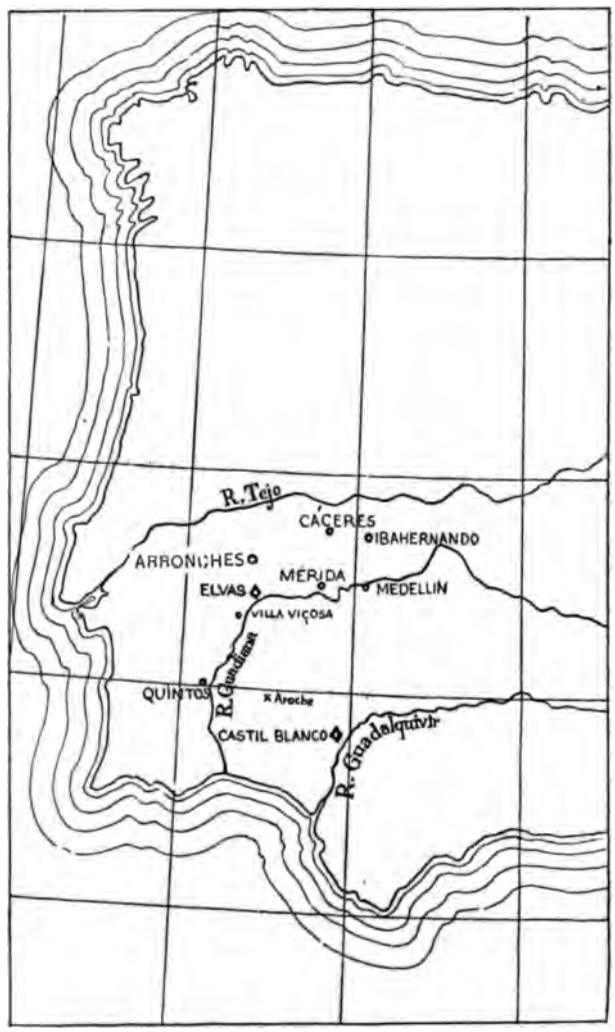


Fig. 31.ª (Mappa do culto de Atégina)

tuario notavel; póde muitas vezes o ex-voto ser devido a devoção individual. No nosso caso, todavia, a julgar do

numero e variedade de monumentos que appareceram juntos, póde sem grande dúvida suppôr-se que Atégina teve, pelo menos, santuarios em Mérida e Elvas, e talvez tambem por Quintos e por Cáceres. Como na inscripção de Ibahernando, n.º 8, a deusa é designada só por A = A(taegina), póde admittir-se que a lapide respectiva estava tambem num templo em que a deusa era tão conhecida, que bastava lembrá-la com uma lettra [1].

A área do culto era pois bastante extensa, pois abrangia parte não só da Lusitania, mas da Betica [2].

3. Attributos da deusa.

Para conhecermos os attributos ou significação de Atégina poder-nos-ha servir, como já outras vezes nos tem servido, a glottologia.

A palavra *Ataegina* estará por *Ate-gena [3]. Em tal caso **Ategena* será palavra celtica, composta do prefixo ate-, a que corresponde em irl. ant. *aith* [4], e que significa (em lat.) «iterum», «re-», e de -gena, que corresponde, na fórma e na significação, ao lat. *gen-i-ta*, participio de *gigno* = *gi-gno* «eu gero», thema puro ge(n)-, e á segunda parte do grego ἐν-γένη «neta».—O elemento *ate-* entra em muitas palavras celticas, como: *Ate-cingus, Ate-gnatu, Ate-gnia, Ate-merus, At-epomarus, At-eporix* [5]. O elemento *-gena*, tanto nessa fórma (feminina), como na masculina *-genu-s* = geno-s, entra tambem em muitas palavras celticas, como: *Aude-genu-s, Cintu-gena, Litu-gena,*

---

[1] A p. 123 citei outros exemplos de nomes divinos expressos por meras iniciaes.

[2] Postoque o meu trabalho verse essencialmente sobre a Lusitania, não devia eu neste caso scindi-lo, deixando de fóra a Bética. Á religião nem sempre pódem impôr-se fronteiras.

[3] D'Arbois de Jubainville in *Revue Celtique*, XIV, 389.

[4] Elle entra, por exemplo, no composto *aithgne* «recognitio»: vid. Zeus, *Gramm. Celt.*², p. 869.

[5] Holder, *Alt-celt. Sprachschatz*, s. vv.

Litu-genus, Nemeto-gena [1], e no irl. ant. *ingen* «rapariga» <eni-gena (cf. o masculino *Enignus*, nome proprio, =En-ig(e)nu-s) [2]. As proprias inscripções lusitano-romanas apresentam: *Deogena* = Deo-gena (em Trás-os-Montes) [3] e *Medugenus* = Medu-geno-s (no Alemtejo) [4], d'onde se vê que o elemento *-geno-s, -gena* era bem conhecido cá [5].

O prefixo *ate-* foi escrito *atae-* em *Ataegina*, certamente pela correspondencia que na phonetica do latim vulgar se estabeleceu entre *ae* e *e*: adeante veremos outros exemplos; e as proprias inscripções peninsulares contém bastantes, tanto em nomes proprios, como em nomes communs: *Aeuaristus* = Euaristus, *Laeonica* = Leonica, *Caeriali* = Ceriali, *Naeruae* = Neruae, *Faestiva* = Festiva, *optimae* = optime, *aeius* = eius [6]. Por isso não deve surprehender que tenhamos *Ataegina* em vez de *Ategina*. É porém curioso que, todas as vezes que o nome apparece escrito por inteiro, sempre se encontre *ae*, e nunca *e*; todavia o nome está representado pela inicial A tres vezes, e por AD uma vez, e ninguem sabe como é que nestes casos os lapicidas o representariam, se o escrevessem por extenso, isto é, se o representariam com *ae*, se com *e*. — A mudança de -gena em *-gina* explica-se talvez pelo facto de o *e* ser breve: temos analoga mudança no gaulês *Meduginus* = Medugenus [7], e no ogamico *Meddugini* [8] (cf. tambem, em marcas figulinas da Gallia, *Egenus* = *Eginus?* [9]).

---

[1] Holder, *op. cit.*, s. v. «-geno-s».

[2] Holder, *op. cit.*, «s. v. «-geno-s»; e W. Stokes, *Urkeltischer Sprachschatz*, Göttingen 1894, p. 111.

[3] Vid. supra, p. 66.

[4] No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 162.

[5] Sobre o sentido d'este elemento em nomes de pessoas, como aqui, vid. *Revue Celtique*, VIII, 181, e X, 167.

[6] Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, p. 1:182.

[7] *Corp. Inscr. Lat.*, XII, 21; mas a palavra apresenta algumas duvidas paleographicas.

[8] Apud Holder, *op. cit.*, s. v.

[9] Holder, *op. cit.*, s. v.

De tudo o que fica exposto se conclue que *Ataegina* póde realmente estar por *ate-gena, palavra que nessa hypothese significa «renascida»; como quem dissesse em latim: *re-genĭta* (de *regigno*), isto é «*renata*».

Esta explicação levar-nos-hia a admittir que Atégina era na origem deusa da terra e dos frutos da terra, que renascem todos os annos. A isto se ligará o epitheto de *invicta*, que se lê na 2.ª inscripção: *Dea Ataegina Turobrigensis invicta* [1].

Como vimos nas inscripções 1.ª e 7.ª, Atégina foi identificada com Prosérpina: nessas inscripções o nome d'esta deusa está apposto ao d'aquella, — *Ataegina Turibrigensis Proserpina* —, facto que tem parallelos noutros pantheons, por exemplo no gaulês, onde havia *Apollo-Grannos*, e outros [2]. Ora, fallando dos Romanos, diz Santo Agostinho: «praefecerunt.. *Proserpinam* frumentis germinantibus» [3]; creio que a qualidade aqui attribuida a Proserpina, de presidir á germinação dos grãos, concorda de modo eloquente com a que a cima attribui a Atégina. Noutro ponto da sua obra torna S. Agostinho a fallar de Prosérpina, citando palavras de Varrão: Prosérpina symboliza a fecundidade do campo; de ter havido uma vez esterilidade

---

[1] O epitheto *invictus* juntava-se aos nomes de varios deuses romanos, como Apollo, Juppiter, Hercules; cf. tambem *Medea invicta*, etc. A razão do epitheto deve naturalmente variar com cada deus.

[2] O Sr. D'Arbois de Jubainville, *Les Celtes*, Paris 1904, p. 215–216, é de opinião que quando numa inscripção romana apparece o nome de um deus barbaro, conjuncto com o de um deus romano, a juncção não foi feita em virtude de conformidade nos attributos dos dois deuses, mas por effeito de qualquer vaga semelhança; e cita em apoio d'isto o ter Lucano dado a Marte e Mercurio os epithetos de *Teutates* e *Hesus*. Salvo o devido respeito, e a muita consideração que tenho por tudo quanto escreve o meu mestre e amigo o Sr. D'Arbois de Jubainville, não posso neste ponto estar de accordo com elle, porque ha muitos factos em contrario d'essa opinião (por exemplo *Apollo-Borvo* que citei supra, p. 154); Lucano fallou como poeta, e não como mythologo.

[3] *De civitate Dei*, liv. IV, c. 8

resultou a lenda do roubo de Prosérpina por Orco ou Hades, que a levou para os infernos; quando ella voltou, voltou tambem a alegria e o viço á terra[1]. Comprehende-se que, existindo nos Iberos a crença numa deusa que desapparece algum tempo e depois renasce, *Ataegina* = *ate-gena (da ideia de *renascer* deduz-se evidentemente que antes do facto a que ella se refere houve um *desapparecimento*), lhe fosse posta em parallelo Prosérpina.

Com tal interpretação concorda tambem singularmente o facto de na inscripção 17.ª, se bem a interpreto, o nome de Prosérpina ter sido substituido por *Libera,* que, como se sabe, os Romanos assimilaram a Prosérpina, e que era primitivamente deusa da fertilidade agraria, e nessa circunstancia irmã de Liber (= Baccho, Dionyso). Convem ainda aqui citar Santo Agostinho, que em um logar da sua obra subordina a *Liber* e *Libera,* como a Saturno, a producção das sementes[2], e em outro logar diz que as mulheres tem particular veneração por Libera, e os homens por Liber[3], ambos elles considerados divindades da procriação. — Prosérpina corresponde na religião romana á -Perséphone e á Cora da religião grega. De um lado Cora-Perséphone e do outro Prosérpina-Libera eram respectivamente filhas de Demeter e Ceres, deusas da agricultura, igualmente equivalentes entre si. Á associação de Ceres, Liber e Libera se refere Tito Livio, que diz que Acilio Glabrio e Caio Lelio lhes erigiram tres estatuas de bronze[4]. Ha tambem várias inscripções lapidares em que Ceres vem associada a Prosérpina[5].

---

[1] *De civitate Dei,* liv. VII, c. 20.

[2] *De civitate Dei,* liv. VII, c. 19. — No *Bulletin et Mémoires des Antiquaires de France,* 1895, p. 156, figura-se, por exemplo, um hermes que representa *Liber* e *Libera,* cujas cabeças estão ligadas pelo occiput. Numa moeda da republica romana faz-se o mesmo: vid. Babelon, *Monnaies de la république romaine,* I, 329.

[3] *De civitate Dei,* liv. VI, c. 9.

[4] *Ab urbe condita,* XXXIII, 25.

[5] No *Corp. Inscr. Lat.,* I, 619; III, 547.

Para os Romanos, Prosérpina tinha tambem o caracter de deusa infernal, como esposa de Plutão (= Hades, Dis Pater); a associação das duas divindades manifesta-se em várias inscripções extra-peninsulares: *Plutoni Proserpinae*[1]; do caracter infernal da deusa falla Horacio:

> ..... nullum
> saeva caput Proserpina fugit[2].

Como os Ibero-Romanos tinham identificado Atégina com Prosérpina, transferiram para aquella não só os attributos agrarios d'esta, mas tambem os infernaes. É na qualidade de deusa infernal, identificada com Prosérpina (*Dea Ataecina,* vel *Ataegina, Turibrigensis Proserpina*) que se lhe faz na inscripção 1.ª uma *devotio.*

A *devotio* era uma cerimonia religiosa que consistia em, por meio de formulas (*carmina, verba solemnia, verba certa*), pôr á disposição de divindades subterraneas ou infernaes (Dii Manes, Dii Inferi, Dis Pater, Veiovis, Tellus, Saturnus, Demeter, Persephone etc.), certos individuos a quem se queria mal. Havia varios graus de *devotio,* desde a simplez praga ou maldição (*imprecatio, execratio* etc.) oral ou escrita, até, em certo sentido, á *consecratio capitis* (morte) e ao *ver sacrum* (sacrificio de todos os animaes e frutos nascidos na primavera, e expulsão dos homens nas mesmas circunstancias, logo que chegassem á adolescencia). Muitas vezes as formulas (chamadas *dirae* em latim, e ἀραί em grego; ha ainda outros nomes) eram gravadas em placas de metal (chumbo etc.)[3], que ora se introduziam nos tumulos, para assim as divindades subterraneas se apossarem d'ellas mais facilmente, ora se atavam a uma figura de

---

[1] No *Corp. Inscr. Lat.*, III, 5796; XII, 1833. E cf. H. Dessau, *Inscriptiones Latinae selectae,* II (Berlim 1902), n.º 3972.

[2] *Carm.*, I, XXVIII, 19-20. Aqui *fugit* póde traduzir-se por «deixa escapar».

[3] Vid. a figura de uma, com inscripção grega, no *Corpus Inscriptionum Graecarum*, vol. I (1828), p. 487.

cera que representava a pessoa contra quem se procedia, figura que era collocada nas encruzilhadas, ao alcance de Hecuba, ou noutros logares[1]; pela sua parte, o Sr. Salomon Reinach encontrou placas de chumbo, analogas a estas, num recinto consagrado a Demeter, Perséphone e Plutão (em Cnido)[2]. Como a tavola em que se gravou a inscripção de Atégina era de marmore, e com a área de $0^m,24 \times 0^m,22$, tinha talvez igualmente sido collocada em um templo.

É pena que a fórmula que constitue a inscripção de Atégina não esteja completa. Do que resta d'ella vê-se que certa pessoa pede á deusa que a vingue de um furto que lhe fizeram de seis tunicas, de um manto, de um *indusium*[3]. Na inscripção não se indica o nome de quem realizou a *devotio;* como porém o *indusium* era trage exclusivamente feminino[4], póde concluir-se que ella foi feita por uma mulher. Tratando das placas execratorias achadas em Cnido, de que ha pouco fallei, diz tambem o Sr. Reinach que os dedicantes d'ellas são pela maior parte mulheres, que em parte se vingam de roubos, entre os quaes figuram, por exemplo, braceletes e sáias (*jupons*)[5]. Bastante comparavel á inscripção de Atégina é a de Nodens, deus celtico da Britannia, a qual foi gravada em uma placa metallica de $0^m,075 \times 0^m,06$, e em que, segundo a interpretação que Hübner lhe dá, se diz que certo Silvano perdêra um anel e offerecera ao deus o valor de metade, a fim de que este contribuisse para se descobrirem os ladrões e o objecto[6].

---

[1] Vid.: Daremberg & Saglio, *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, s. v. «devotio»; Marquardt, *Le culte chez les Romains*, I, 331, 335, e II, 64.

[2] *Manuel d'épigraphie grecque*, Paris 1885, p. 151.

[3] Postoque os nossos diccionarios traduzam *indusium* por «camisa», esta palavra não tem correspondente exacto em português.

[4] Rich, *Dict. des antiq. rom. et gr.*, s. v.

[5] *Ob. cit.*, p. 151.

[6] No *Corp. Inscr. Lat.*, VII, 140.

Na inscripção de Atégina falta a fórmula final; podemos, porém, pela comparação com outras inscripções analogas da epoca romana, comprehender como ella seria. Vejamos pois alguns exemplos de fórmulas execratorias. Todas ellas se contém em inscripções gravadas em placas de chumbo apparecidas dentro de tumulos. Numa placa italiana, em que se invoca Dis Pater, lê-se, entre outras phrases, esta, em latim archaico: *quomodo moruos* (= *mortuus*), *qui istic sepultus est, nec loqui, nec sermonare potest, seic Rhodine*[1] *apud M. Licinium Faustum*[2] *mortua sit, nec loqui nec sermonare posit*[3]. Noutra placa italiana uma mulher pede a Dis Pater que considere Danae como inimiga, e a destrua[4]. Em placas africanas diz-se: *Demon, trado tibi hos, quos ut deteneas illos et inplicentur nec se movere possint;* e: *te rogo, qui infernales crates tenes, commendo tibi Iuliam Faustillam..ut eam celerius abducas;* e: *demando ut facias illum mortuum, deponas eum at* (= *ad*) *Tartara*[5]. Em todas essas fórmulas se pede ás divindades infernaes que se apoderem de certas pessoas que os dedicantes das inscripções julgam culpadas. É provavel que na inscripção de Atégina se dissesse que a ella e á morte ou á desgraça era tambem votado o auctor do roubo. Baseando-se nas letras que ainda restam do final da inscripção, Theodoro Mommsen chegou mesmo a propor a seguinte restituição, que não póde deixar de se considerar muito hypothetica (meros *supplementa elegantia*, como diz Hübner): *in [nox]ium, cuius [ego nomen cu]m ignoro, ta[men tu scis], ius vi[ndictamque a te peto]*[6].

Ainda a respeito d'esta inscripção notarei o seguinte. Com a expressão que se lê na linha 3.ª, *per tuam maies-*

---

[1] A pessoa contra quem se faz a imprecação.
[2] A pessoa enterrada no sepulcro.
[3] No *Corp. Inscr. Lat.*, I, 818.
[4] No *Corp. Inscr. Lat.*, I, 819.
[5] Na *Ephemeris epigraphica*, V, n.os 454, 455 e 896.
[6] No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 462.

tatem, póde comparar-se aquillo de Seneca, *Epistula* XCV: «primus est deorum cultus deos credere, deinde *reddere illis maiestatem suam,* reddere bonitatem, sine qua nulla maiestas est»; essa grande qualidade divina, a *maiestas,* é aqui posta bem em evidencia na phrase que se dirige a Atégina. Quanto á associação de verbos como os que se lêem na linha 4.ª, *rogo oro obsecro,* ella é muito frequente em latim; eis varios exemplos litterarios que colhi em differentes partes: *oro et hortor, rogo et oro, oro et obtestor, oro et quaeso, oro atque obsecro.* D'aqui se vê que a inscripção entra nas normas geraes do formulario religioso.

Á semelhança de muitas outras divindades antigas, Atégina-Prosérpina era tambem deusa medica: syncretismos do povo, que tem necessidade de recorrer por qualquer modo ás entidades sobrenaturaes, applicando a umas o que originariamente pertencia a outras! A inscripção 13.ª chama por isso á deusa: *servatrix* «conservadora (da saude dos homens)», e nella se diz que a esposa do dedicante, tendo estado enferma, foi restituida com saude ao marido: *coniuge sibi restituta.* A 16.ª pertence tambem á classe das inscripções feitas *pro salute:* nella com effeito se diz que certo individuo, *voto sanitate condemnatus,* erigíra um pequeno moimento em honra de Prosérpina; na referida expressão deve entender-se que *voto damnatus* está em vez do *voti damnatus* do latim classico, «obrigado pelo voto que fez, por ter sido attendido», e que *sanitate* estará em vez de *pro sanitate.*

É provavel que algumas das outras inscripções sejam d'esta mesma especie; mas não temos elementos para o podermos asseverar.

*

Cada uma das inscripções que tem os n.os 4 e 5 está, como se disse, gravada numa placa appensa a uma figura metallica que representa um bode ou cabra. As duas pla-

cas supponho que são iguaes; nas figs. 32.ª e 33.ª dou gravuras de uma d'ellas (vista por dois lados), segundo uma photographia que me foi enviada pelo Sr. D. Vicente Paredes y Guillén, de Cáceres, a qual concorda com o desenho publicado no *Boletin de la Real Academia de la Historia*, VI, 430–431. É evidente que se quis significar que o animal representado no bronze era offerecido á deusa. Já no capitulo respectivo a Endovellico vimos analogas offerendas de animaes, e adeante tornaremos a ver outras.

Fig. 32.ª (Ex-voto a Atégina: de um lado)

Parece que tambem poderão ser tidas na conta de offerendas feitas a Atégina tres outras figuras de bronze que existem no Museu de Evora, annexo á Bibliotheca Publica: vid. figs. 34.ª, 35.ª e 36.ª Estas tres figuras foram já publicadas várias vezes: vid. *O Archeologo Português*, I, 298–300, d'onde as reproduzo. A semelhança entre ellas e a de Cáceres é bastante grande, embora aquellas não estejam providas de placas com inscripções. Ignoro a procedencia exacta das figuras portuguesas, mas por ellas serem certamente do Alemtejo, e diversas inscripções de Atégina ahi terem, conforme vimos, apparecido, não é descabida a aproximação que estabeleço.

Como a cima considerei Atégina sob tres aspectos, — deusa agraria, deusa infernal e deusa medica —, seria interessante saber em qual d'estas qualidades recebia ella os bodes ou cabras como ex-votos. Difficil é porém a resposta,

Fig. 33.ª (Ex-voto a Atégina: de outro lado)

pois nessas tres qualidades os podia receber. Com a invocação de *Libera*, era irmã de Liber ou Baccho; ora o bode era sacrificado a este deus, como entre outros auctores[9], o

[9] Por exemplo: Vergilio, *Georg.*, II, 380; Ovidio, *Metam.*, XV, 114, e *Pont.*, IX, 31. O bode era sacrificado a outras divindades agrarias, por exemplo, a Fauno: vid. Horacio, *Carm.*, III, 18; I, 14.

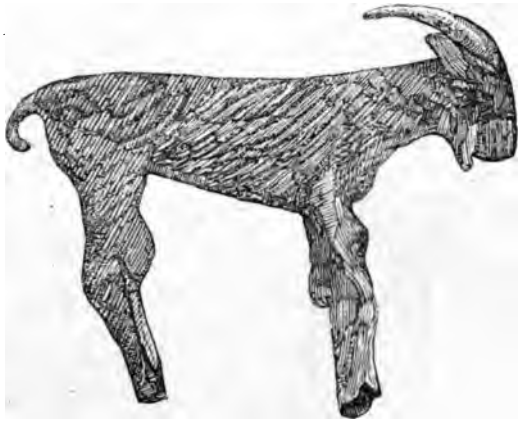


Fig. 34.ª (Do Museu de Evora)

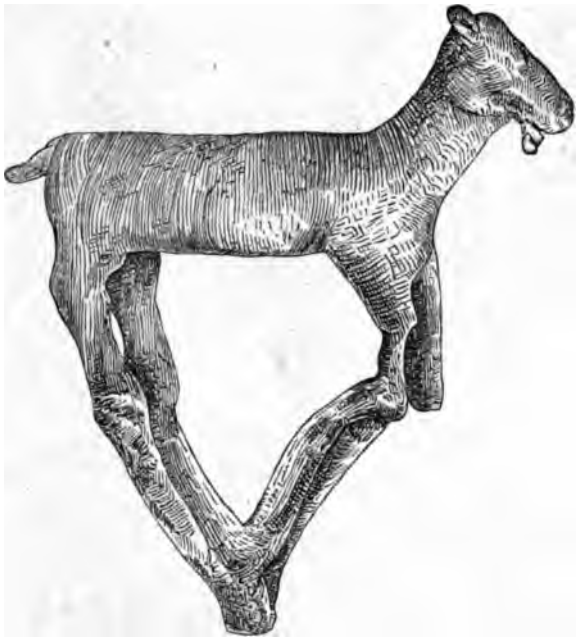


Fig. 35.ª (Do Museu de Evora)

testifica Horacio, *Carm.*, III, 8: *voveram . . album Libero caprum.* Com o titulo de deusa infernal, era mulher de Dis Pater, e com os attributos de deusa medica podemos considerá-la em plano analogo ao de Esculapio: ora da relação da cabra com estas duas divindades falla Servio, ad Vergilium [1]; da relação da cabra com Esculapio se trata

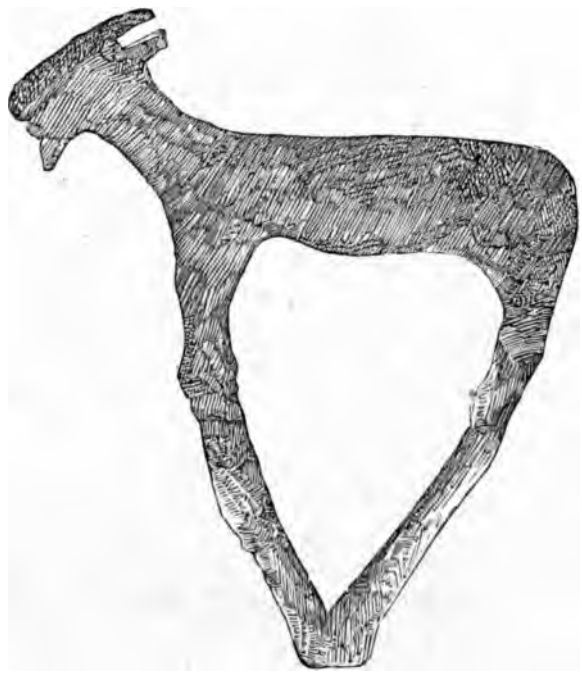


Fig. 36.ª (Do Museu de Evora)

tambem no *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines* de Daremberg & Saglio, I, 124.

4. Importancia do culto.

A multiplicidade de attributos que reconhecemos em Atégina, aos quaes agora mesmo me referi, fez que ella,

[1] Cit. por Forcellini, *Lexicon totius latinitatis*, s. v. «capra».

como vimos no § 2, fosse adorada em um territorio extenso; d'isto resulta que o seu culto era muito importante.

Pessoas de diversas categorias concorriam para elle: escravos, como Artemas, na inscripção n.º 2, e Victorinus, na inscripção n.º 4; individuos de condição livre, que ostentavam os *tria nomina,* por exemplo, Lucius Samnius Sulla, na inscripção n.º 16, Caius Vettius Silvinus, na inscripção n.º 13, Quintus Helvius Silvanus, na inscripção n.º 11, Lucius Iuventius Iulianus, na inscripção n.º 6, Gaius Iulius Parthenopaeus, na inscripção n.º 12.

Os dedicantes eram, uns de origem puramente indigena (celtica), como Tongius, na inscripção n.º 14, e Viriatus, na inscripção n.º 8; outros, ao que parece, de origem grega[1], a julgar dos nomes, como Eunois, na inscripção n.º 13, Parthenopaeus, na inscripção n.º 12, Monius, na inscripção n.º 10, Artemas, na inscripção n.º 2; outros, de origem romana, ou já completamente romanizados, como todos os restantes.

Em diversas inscripções o nome da deusa é citado apenas com iniciaes, por exemplo nas dos n.ºs 4, 5, 7 e 8, facto a que já me referi a cima, p. 161; isto revela que o nome era muito conhecido.

A variedade de epithetos que se dão á deusa,—*dea, domina, sancta, invicta, servatrix*—, e que correspondem á variedade dos attributos, é outro testemunho da importancia do culto de Atégina.

5. **Origem do culto.**

Com relação á origem do culto, tenho de fazer considerações analogas ás que já fiz noutras circunstancias.

Da possibilidade de ser celtica a palavra *Ataegina* não estamos auctorizados a concluir que a origem do culto o fosse igualmente, pois podiam os Celtas ter celtizado um culto indigena, como depois os Romanos romanizaram um culto celtico-iberico.

---

[1] Entenda-se porém que estes individuos, a serem de origem grega, pertencem á epoca romana.

Appendices

I

O meu amigo o Sr. D. Joaquin Costa consagra a Atégina um paragrapho na sua notavel obra *Poesía popular española y mitología celto-hispanas*, Madrid 1881, p. 342: reconhece tambem na deusa com razão, segundo creio, caracter agrario, mas embrenha-se a esse respeito em considerações etymologicas em que o não posso acompanhar.

Pelo seu lado, o allemão Steuding, levado da apparente semelhança que ha entre *Adaegina*, variante, como vimos, de *Ataegina*, e a antiga palavra irlandesa *adaig* (e *aidchè*) «noite», suppõe no *Lexikon der griechischen und römischen Mythologie* de Roscher, vol. I, Leipzig 1884-1886, p. 663, que a nossa deusa o seria da noite, o que estaria de accordo com a significação de Prosérpina, deusa com quem ella tinha sido identificada. Mas o irl. *adaig* está por *ăd-ăqī[1], o que nos leva longe de *Adaegina*. Alem d'isso o que é mais natural é que *Ataegina*, e não *Adaegina*, seja a fórma primitiva, porque no romanço iberico é *-t-* que se muda em *-d-*, e não ás avessas.

Hübner, na *Ephemeris epigraphica*, vol. VIII, p. 424, compara *Adaegina* com *Cabuniaeginus*, nome de um deus da Provincia Tarraconense; a comparação é legitima, mas resta explicar o que fica obscuro [2].

II

Depois de escrito o que precede, estive no Museu de Elvas, onde vi uma lapide apparecida nessa cidade, e offerecida áquelle Museu pelo Sr. J. J. de Assumpção Guerra. A lapide é de calcareo, e em fórma de cippo, de $0^m,75 \times 0^m,21$ (e $0^m,23$) $\times$ $0^m,06$ (e $0^m,09$). Contém uma inscripção, de que o meu amigo Antonio Thomás Pires, director honorario do Museu, e por cuja intervenção a lapide foi adquirida por este, já me tinha enviado um decalque para Lis-

---

[1] Vid. D'Arbois de Jubainville, *Grammaire celtique*, Paris 1903, p. 22.

[2] Este nome estará acaso por Cabuni-aeg-inu-s.

boa. Infelizmente ella é muito difficil de ler, por estar carcomida. Eis o que pude apurar:

Lin. 1. Não me parece duvidoso que deva ler-se *Dee Sancte* = *Deae Sanctae*.

Lin. 2. A 1.ª lettra está incompleta. A 3.ª lettra julgo-a antes P do que R. A ultima lettra é uma haste. Depois d'ella cabiam ainda talvez duas.

Lin. 3. A lettra que está antes do S póde ser N. Antes cabiam pelo menos duas. A ultima lettra póde ser N ou M. Depois, a caber alguma lettra, só cabia uma.

Lin. 4. A 1.ª lettra pode ser A = a(nimo) ou M = m(erito).

A pedra tem em cada um dos lados um vegetal, pouco mais ou menos como o represento aqui ao lado.

Supponho que na linha 1.ª temos os epithetos, que já conhecemos, de Atégina; a 2.ª e 3.ª linha devem conter o nome de quem dedicou o monumento; a 4.ª é a conhecida formula final da dedicatoria, ou clausula. — Os vegetaes representados lateralmente na pedra confirmariam o caracter agrario que attribui á deusa.

VI. Deusas-Mães

Com o nome de *Matrae, Matres, Matronae* são mencionadas em muitas inscripções da Celtica Continental (Gallias e Hispania) e Insular (Brittannia) e da Germania Inferior certas deusas de caracter benefico, e, ao que parece, dispensadoras da abundancia, e protectoras dos campos, dos bosques e talvez das fontes e dos logares [1]. Estas ins-

[1] Os principaes trabalhos sobre as deusas-mães, apparecidos até 1886, são citados por Karl Friederichs na sua dissertação *Matronarum monumenta*, Bonn 1886. Cf. alem d'isso: R. Mowat in *Mélusine*, I, 514; C. Jullian, *Gallia*, 209 sqq.; Rhys, *Lectures on the origin and growth of religion*, Londres–Edimburgo 1888, p. 100 sqq. («The Gaulish pantheon»); A. Maury, *Croyances et légendes*, Paris 1896, p. 7 sqq.; A. Allmer, in *Revue Épigraphique*, n.º 94, 1899, p. 38 sqq. Trabalho importante é tambem o de Max Ihm nos *Bonner Jahrbücher*, 1887, p. 1 sqq.; mas esse só o conheço de o ver citado.

cripções são redigidas em latim, excepto uma, que está em Nîmes (eu a vi lá no Museu lapidar em 1899), a qual uns suppõem redigida em celtico, outros em latim popular com palavras em umbrico (os caracteres empregados nella são os gregos) [1].

Existem varios monumentos lapidares em que se figuram as deusas-mães, por exemplo nos museus de Bonn ou Bonna, de Colonia, de St. Germain e de Lião de França, — e fallo d'estes, porque já os visitei. Ellas ahi appa-

Fig. 37.ª (Do Museu de Lião de França)

recem sob a fórma de tres (mais raro cinco) mulheres, geralmente assentadas, e com flores e frutos. A titulo de espécime de taes esculpturas, represento aqui, fig. 37.ª, a do museu de Lião de França, onde se lê que a dedicatoria ás *veneraveis mães* foi feita pelo medico Phleg[o]n [2]. No Museu de St.-Germain ha tambem várias figurinhas de barro que representam uma mulher a amamentar um ou

---

[1] Sobre a inscripção de Nimes vid.: W. Stokes, *Celtic Declension*, p. 52-53; e D'Arbois de Jubainville, *Grammaire celtique*, Paris 1903, p. 173.

[2] Esta estampa tem sido reproduzida varias vezes. Para aqui extráio-a do *Catalogue sommaire des musées de la ville de Lyon*, p. 160.

dois meninos, as quaes se suppõe serem igualmente imagens das mesmas deusas [1].

Ás Deusas-Mães dão-se com frequencia epithetos, como (em dativo) *augustis,* segundo vimos na figura 37.ª, *Treviris* e *Aufaniabus* no Museu de Bonna, *Axsinginehis* no de Colonia, NAMAYΣIKABO no de Nîmes (Nemausus), etc.; os epithetos barbaros referem-se a tribus, povoações, provincias, que as deusas protegiam e beneficiavam [2].

Foi preciso fazer esta especie de introducção para tornar mais claro o que vou dizer com relação á Lusitania.

Em Coruña del Conde (Castella-a-Velha) encontrou-se uma inscripção em que se lê, — vid. *Corp. Inscr. Lat.,* II, 2776:

T · FRATERNVS
MATRIBVS
GALAICIS ·
V · S · L · M

i. é: «Tito Fraterno cumpriu de boa mente a promessa que havia feito ás Deusas-Mães gallegas». Esta inscripção, comquanto encontrada fóra do territorio lusitano, pertence porém a elle pelo conteudo, porquanto a Gallecia ficava, como sabemos, na Lusitania. Nada ha que surprehenda no facto de um individuo fóra da sua patria se lembrar das divindades d'ella; no nosso caso o dedicante Fraterno era provavelmente Gallego. Mais raro sería o facto de um Germano vir satisfazer um voto á Hispania, e comtudo parece que isso succedeu a proposito das proprias Deusas-Mães: com effeito, na inscripção do *Corp. Inscr. Lat.,* II, 5413, diz-se que Marco Julio Grato consagrou um monumento ás Deusas-Mães Aufanias, i. é, *Matribus Aufaniabus* [3]; ora estas *Aufaniae* vimos já nós a cima que figuram num monumento do museu de Bonna, e não ha duvida que

[1] Cf. Reinach, *Catalogue* do Museu de Saint-Germain, 1895, p. 117.
[2] Cf. Vallentin, in *Revue Celtique,* IV, 29.
[3] O texto contém AVEANIABVS com E por F.

são germanicas, pois que se encontram muitas vezes em inscripções da Allemanha [1], em virtude do quê diz Hübner com razão: «Matres Aufaniae.. ab homine Germano videntur cultae esse in Hispania» [2].

Na Gallecia existia pois o culto das Deusas-Mães, lá particularmente honradas com o titulo de «gallegas», i. é: *Matres Gallaicae*. Pena é que d'ellas não exista nenhum monumento figurado; para supprir essa falta, foi que a cima estampei um desenho da Gallia. Este culto tinha sido de certo introduzido na Gallecia pelos Celtas, entre cujos descendentes gallegos, os *Celtici*, elle podia facilmente prosperar.

As inscripções peninsulares ministram outros exemplos do culto das Deusas-Mães na Peninsula Iberica, mas fóra do territorio que nesta obra me propus estudar: MATRIBVS, sem epitheto algum, numa inscripção de ao pé de Sepulveda, na Tarraconense [3]; parece que na fórma corrupta MATRVBOS numa inscripção de Muro de Agreda [4]; e talvez tambem na inscripção em que se lê ARA M · VETERIBVS, achada em Porcuna [5].

Difficil será distinguir das *Matres*, divindades de caracter tão pronunciadamente topico, outras divindades femininas que no cap. VII veremos provídas de nomes do mesmo modo geographicos, embora a estes venha por vezes associado o appellativo NYMPHAE. Os Romanos confundiram com as *Matres* ou *Matrae* as Parcas, que tambem constituiam triades ou grupos de tres divindades, e da mesma sorte confundiram com ellas as Fadas, na baixa latinidade *Fatae* [6]. Curioso é notar que em Valencia ha um monumento romano de quatro faces, numa das quaes se lê uma inscri-

---

1 Friederichs, *Matronarum monumenta*, p. 37.

2 *Corp. Inscr. Lat.*, II, n. 5413. Cf. do mesmo A.: *La arqueología de España [y Portugal]*, pp. 108-109.

3 *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2764.

4 *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2848.

5 *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2128.

6 Maury, *Croyances et légendes*, p. 7.

pção em honra das Fadas, vendo-se figurado em cada uma das tres restantes um busto de mulher[1]: estas tres mulheres são, como penso, tres Fadas.—Noutro logar d'esta obra voltarei a referir-me ao assunto.

VII. Lares. Nymphae. Numina. Dii deaeque

Vou agora occupar-me de uma curiosa serie de divindades que só conhecemos pela epigraphia, e cujos nomes estão expressos no plural. Ellas prestam-se a varias considerações, mas, antes de as expor, convem estudar os textos epigraphicos.

Nestes textos as divindades recebem, umas vezes, o titulo latino de *Lares* (a maior parte) e de *dii,* outras o de *Nymphae,* outras o de *dii deaeque* e *numina*—titulo ora seguido de uma determinação indigena, quer em concordancia com elle, sob a fórma de adjectivo, por exemplo, *Lares Turolici, Nymphae Lupianae,* quer em genetivo possessivo, por exemplo *dii deaeque Coniumbrigensium,* ora seguido de um adjectivo latino, por exemplo *Lares patrii,* ora sem mais designação alguma. Só uma unica vez o nome indigena da divindade, em fórma de adjectivo substantivado, vem desacompanhado de titulo latino: *Castaecis* (dativo).

1. **Lares *Tarmucenbaci Ceceaeci. Dii Ceceaigi.**

«Esta pedra se achou em hũa parede no lugar da Granjinha, distante da villa de Chaves hum 4.º de legoa, e a mandou transferir para o seu pumar, aonde de presente se acha, João Carneyro da Fontoura, em o mesmo lugar, cuja inscripção foy copiada fielmente, supposto que está

---

[1] *Corp. Inscr. Lat.,* II, 3727. A inscripção diz:

FATIS
Q. FABIVS
NYSVS
EX VOTO

muy gastada do tempo»: — assim se exprime em 1728 Thomé de Tavora e Abreu, natural de Chaves e secretario das armas da provincia de Trás-os-Montes [1]. A pedra, como se vê do desenho (fig. 38.ª), é em fórma de base, e talvez tivesse tido por cima uma estatua. A inscripção foi já publicada varias vezes: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2472, onde Hübner interpreta as duas primeiras linhas por *Laribus Tarmucenbacis Ceceaecis*, isto é, em nominativo, *Lares Tarmucenbaci Ceceaeci;* todavia a leitura não é certa, como o proprio Tavora e Abreu declara noutro logar: «cuja inscripção está tão gastada, que se lhe não podem conhecer algũas letras, e são as que levão pontinhos» [2]. — A lapide supponho que se perdeu, pois ha annos estive na Granjinha, e lá a procurei em vão, posto que eu encontrasse outras lapides interessantes, que recolhi no Museu Ethnologico.

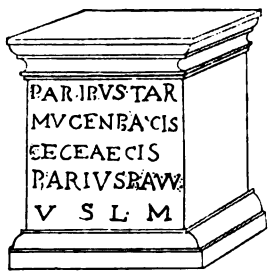


Fig. 38.ª (Da Granjinha)

Apesar do que fica dito, não devo separar da inscripção precedentemente estudada a que vem no *Corpus*, II, 2597, assim concebida: DIIS CEC || EAIGIS || IRIBA || MRCV || SAFTV || RI, que Hübner julga poder interpretar-se pouco mais ou menos por *diis Ceceaigis.. Marcus Aeturi*. Esta inscripção foi achada na Galliza, mas não se sabe precisamente onde (*loco Gallaeciae incerto*, diz o *Corpus*). Em verdade, as religiões da Lusitania tinham cunho local, e é raro que o culto de um deus ultrapassasse a fronteira em que se originou; como porém a Galliza, d'onde é a inscripção,

---

[1] Vid. *Noticias geographicas e historicas da provincia de Trás-os-Montes*, ms. da Bibliotheca Nacional de Lisboa, antiga marcação A $\frac{6}{7}$, moderna 221 (nucleo antigo), fl. 55–*r*, com um desenho da pedra.

[2] Ms. cit. fl. 54–*r*. — A inscripção tambem foi transcrita por Holder no *Alt-celt. Sprachschatz*, s. v.

confina com a região trasmontana a que pertence a lapide dos *Lares Ceceaeci,* — embora a Granjinha, onde se pensa que ella appareceu, fique afastada da raia —, não é illegitimo suppor que uns mesmos Lares fossem adorados do lado de lá e do de cá, pois podia o povo respectivo occupar uma área que abrangesse o tal *locus Gallaeciae incertus* e a Granjinha. — Ainda assim, isto que digo é pura hypothese, pois nos falta a limpidez dos textos epigraphicos.

2. **Lares *Cusicelenses.**

LARIBVS · CV
SICFLENSBVS
Q · NIVIVS · PLACI
DI · F · ENVINS
V · S · L · M

Esta inscripção é dada por Tavora e Abreu, que diz d'ella: «Em hũa povoação que se vê arruinada junto ao lugar do Couto de Argeris se achou a pedra do que vay copiada a inscrissão, a coal está hoje posta em hũa capella do mesmo logar. E como eu não fui copialla, receio que tenha alguns erros» [1]. Argeriz fica no termo de Chaves. — De Tavora e Abreu passou a inscripção para as *Memorias* de Argote e para outras obras: vid. *Corp. Inscr. Lat.,* II, 2469, onde o texto é restituido dubitativamente assim: *Laribus Cusic[e]lens[i]bus Q. [Ful]vius Placidi f. [Fla]vin[u]s v. s. l. m.* [2]; e como tal vem tambem em Holder, *Alt-celt. Sprachschatz,* s. v.

3. **Lares *Findenetici.**

A pedra em que se lia esta inscripção appareceu em um monte ao pé de Celleirós, 3 legoas de Chaves, — diz Tavora e Abreu, em 30 de Dezembro de 1721, o qual dá o desenho que na fig. 2.ª transcrevo [3]. De Tavora e Abreu

---

[1] Ms. cit., fl. 44-*v*. Sem desenho da lapide.

[2] Hübner diz que não viu o ms. de Tavora e Abreu, mas equivocou-se, pois elle é o mesmo d'onde extrahiu outras inscripções.

[3] Ms. já cit., 118-*r* e 118-*v*, com um desenho á penna.

passou a inscripção para Argote, e d'este para outros: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2471, onde o texto se restitue assim: *Albinus Balesini Laribus Findlneiicis libens posui,* — propondo porém Hübner que por *Findlneiicis* se deverá ler *Pindeneticis,* em virtude da analogia com *gens Pintonum* e *Pintamus;* a p. 1128 do *Corpus,* na lista dos deuses, Hübner põe mesmo *Lares *Pindenetici.* A mim parece-me que a comparação com *Pintonum* e *Pintamus* não é sufficiente para alterar em *P* o *F,* e por isso conservo a lição original, só interpreto com Hübner as ultimas nove letras por *-deneticis,* d'onde em nominativo: *Findenetici.* — Holder, *Alt-celt. Sprachschatz,* s. v., adopta a lição hübneriana. — A fórma *Balesini* (deriv. de *Balaesus?*) é tambem incerta.

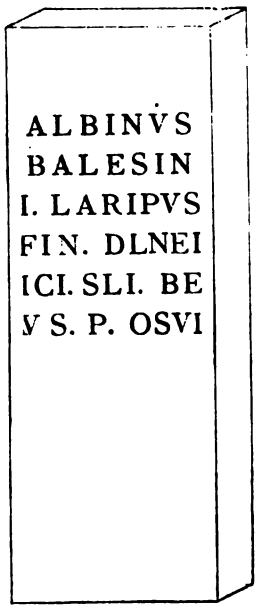


Fig. 39.ª (De Celleirós)

4. Lares Erredici.

Quem primeiro deu noticia d'esta inscripção foi Tavora e Abreu, já citado, o qual apresenta um desenho d'ella (fig. 40.ª) e diz, em 30 de dezembro de 1721, que a viu e examinou no adro da igreja de S. Pedro de Agostem, que fica a uma legua de Chaves, para o Sul. O desenho que publíco é conforme com o que elle traz. A pedra em que elle está gravado parece, como

Fig. 40.ª (De Agostem)

o proprio Tavora e Abreu confessa, ser base de estatua[1]. — De Abreu passou a inscripção para outros: cf. Hübner, *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2470, onde o texto é com toda a probabilidade restituido assim: *Laribus Erredicis Rufus ex voto.*

5. Lares Cerenaeci.

A inscripção diz claramente: *Laribus Cerenaecis Niger Proculi f(ilius) v(otum) l(ibens) s(olvit).* Quem primeiro deu noticia d'ella foi Francisco Xavier da Serra Craesbeeck (sec. XVIII) nas *Memorias.. d'Entre Douro e Minho,* ms. da Bibliotheca Nacional[2], fl. 5-*v.*, d'onde passou para outras: cf. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2384. Holder publica-a tambem no *Alt-celt. Sprachschatz,* s. v. — No tempo de Craesbeeck a lapide em que está a inscripção servia de pia de agua benta na igreja de Tuías, concelho do Marco de Canaveses. Com o andar do tempo deixou de ter esse uso, e foi transportada para o adro da igreja, onde jazeu alguns annos ao desamparo. Actualmente está no Museu Ethnologico, de que constitue um dos mais preciosos monumentos[3]. É uma bella ara turicrema de granito, de $1^m,01 \times 0^m,87$ (altura das letras: $0^m,07$ a $0^m,09$); vid. fig. 41.ª

Fig. 41.ª (Ara do Museu Ethnologico)

---

[1] Ms. já cit., fl. 117-*r* e 117-*v*, com um desenho á penna.

[2] Antigas marcações A $\frac{4}{28}$, e A $\frac{6}{3}$, moderna 217 (nucleo antigo).

[3] Postoque já ha muito eu andasse fazendo esforços para obter a lapide, foi só ultimamente que consegui que ella entrasse no Museu. Deve a archeologia nacional este grande serviço ao Sr. Dr. Car-

6. **Lares Turolici.**

A lapide que contém esta epigraphe estava, ou está ainda, em Freixo de Numão: foi Argote, *Memorias de Braga,* I, 162, quem primeiro deu noticia d'ella. D'essa obra passou para outras: vid. *Corp. Inscr. Lat.,* II, 431. O texto diz: *Catuenus Docquirici f(ilius) Laribus Turolic(is) consacr(avit).* — De *Catuenus,* quer nessa fórma, quer na feminina *Catuena,* ha outros exemplos (vid. Holder, *Alt-celt. Sprachschatz,* I, 849), e parece ser palavra celtica, formada de catu-, em irl. *cath* «batalha», e do suffixo -enus = eno-s, que se encontra em várias palavras celticas. *Docquiricius* é tambem palavra que apparece mais vezes: vid. Holder, *loc. citato.*

CATVENVS · D
OCQVIRIcI · F
LARIB · TVROL
IC · CONSACR

7. **Lares Gapeticorum gentilitatis. Lares publici.**

Esta inscripção, que provém da região de Capera (Lusitania hespanhola), propriamente da povoação hoje chamada *La Oliva,* transcrevo-a do *Corp. Inscr. Lat.,* II, 804. Significa: «Aos deuses Lares da *gentilitas* dos Gapeticos» [1]. — Ella differença-se das precedentes em vir a palavra *Lares* precedida do epitheto *dii,* e em estar em genetivo o nome do grupo ethnico a que as divindades pertenciam.

DIIS. LARIBUS
GAPETICO
RVM · GEN
TILITATIS

Mal podem deixar de se citar aqui agora duas outras, tambem encontradas na povoação de La Oliva, e publicadas no *Corpus,* II, 816 e 817, nas quaes figuram

---

los Côrte-Real, de Tuías, com quem, para isto, me pôs em relação S. Ex.ª o Sr. Conselheiro Campos Henriques, ministro da justiça. — Já depois da remessa da lapide, o Sr. Dr. Côrte-Real enviou para o Museu, como offerta, varios instrumentos da idade da pedra encontrados em uma propriedade sua, nessa região.

[1] A respeito das *gentilitates* vid. a cima, p. 78.

uns *cul(tores) Lar(um) pub(licorum)*. A expressão *Lares publici* é meramente romana, em contraste com *Lares privati*, e refere-se na origem aos *Lares compitales* ou *viales*[1]; mas no nosso caso é muito provavel que se applique aos deuses dos Gapeticos, que, embora venerados na epoca romana, tem de certo origem mais antiga.

8. **Dii deaeque Coniumbrigensium.**

TI · N CLAVDIVS
SANCIVS · EQ
CHOR · III · LVS
ITANORVM
DIS · DEABVSQ
CONIVMBRIC
S · L · M

Esta magnifica epigraphe appareceu em Freixo de Numão, e tem já sido várias vezes publicada: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 432. Não sei se ainda existe. Diz o seguinte: «Tiberio Claudio Sancio, cavaleiro da cohorte III dos Lusitanos, cumpriu de boamente o voto que havia feito aos deuses e ás deusas dos Coniumbrigenses»,—admittindo-se que *Sancius*, leitura proposta por Hübner, em vez de SAILCIVS, dada por outros AA. anteriores a elle, esteja bem[2]. Da fórma *Coniumbrica* (= *Coniumbriga* <> *Conimbriga*) d'onde provém *Coniumbricenses* = *Coniumbrigenses*, ha outros exemplos: vid. Hübner, *Mon. ling. Iber.*, p. 230[3]. — Evidentemente Tiberio Claudio era natural de Coniumbriga, i. é, Conimbriga; só assim se explica que uma inscripção consagrada ás divindades tutelares d'esta cidade apparecesse tão longe d'ahi, em Freixo de Numão, na região langobrigense[4].

Comparavel á inscripção precedente é est'outra que publiquei n-*O Arch. Port.*, VIII, 170, e que existe no Mu-

---

[1] Preller, *Römische Mythologie*, II, 109. Cf. Mommsen & Marquardt, *Le culte chez les Romains*, I, 303.

[2] Ha outros exemplos de *Sancius*, e ha tambem *Sancia*: vid. Holder, *Alt-celt. Sprachschatz*, s. v.

[3] É possivel que a mesma fórma CONIVMBRICA ou CONIVMBRIGA se occulte na inscripção n.º 391 do *Corpus*, vol. II; ha várias lições d'ella.

[4] Cf. supra, p. 34, nota 3.

seu do Instituto de Coimbra: LARIBVS || PATRIS || SEVERVS || TANGINI || VS · LME, i. é: *Laribus patriis Severus, Tangini (filius), v(otum) s(olvit) l(ibens) me(rito)*. D'ella se vê que a expressão *Lares patrii* é equivalente a *dii Coniumbrigensium*. O adjectivo *patrii*, applicado tanto a deuses, como a Lares, é corrente na epigraphia geral e na litteratura [1].

Em *dii deaeque Coniumbrig(ensium)* estão conglobados deuses e deusas, ou melhor *Lares* e *Nymphas*. É frequente encontrar nas inscripções epigraphicas e nas fórmulas religiosas modos de dizer, taes como: *sive deo, sive deae, dibus deabus, diis deabusque omnibus, omnibus diis* [2].

A expressão *dis deabusque Coniumbrig(ensium)*, onde o nome ethnico se segue em genetivo ao nome appellativo das divindades, apresenta estilo semelhante ao que observámos a cima, § 7, *diis Laribus Gapeticorum gentilitatis*. Não são raras as inscripções d'este teor em todo o *orbis Romanus*; cf. por exemplo: *diis deabusque Daciarum, diis deabusq(ue) Urbisalviensibus* (de Urbisalvia), *diis Syris, diis Mauris* [3]; ou sómente *dibus deabus* [4].

---

[1] Vid. varios exs. em Dessau, *Inscr. Lat. selectae*, II: 4341 *(diis patriis)*, 4349 *(dis patris Manalpho et Theandrio)*, 4495 *(diis patriis et Mauris conservatoribus)*; no *Corp. Inscr. Lat.*, III, 3529 *(regressus ad Lares patrios)*; em Tito Livio, *Ab urbe condita*, I, 47 *(dii penates patriique)*; em Ovidio, *Remedia amoris*, 237 *(forsitan a Laribus patriis exire pigebit)* e 239 *(nec te Lar patrius, sed amor revocabit amicae)*. Em Cornelio Nepote faz-se a seguinte distincção: «Athenienses.. deos publicos suosque patrios ac penates.. muris saepsisse», *Themistocles*, § VII, onde *dii publici* são «os deuses nacionaes, os venerados por toda a Grecia», *dii patrii* são «os da sua (cidade) patria», *penates* «os deuses domesticos»: vid. a ed. de Epiphanio Dias, p. 23, nota. Ainda hoje na nossa lingoa litteraria dizemos *lares patrios*, no sentido de «patria», como em alguns dos exemplos citados a cima, — só com a differença que nós ligamos a esta expressão sentido metaphorico, ao passo que os antigos lhe ligavam sentido real.

[2] Vid.: Grutero, *Inscript. antiq.*, vol. I; Dessau, *Inscr. Lat. selectae*, vol. II, pp. 126-127.

[3] Dessau, *Inscr. Lat. selectae*, II, 3921, 3990, 4282 e 4494.

[4] Dessau, *loc. cit.*, 4008.

9. Numina Lapitearum.

No concelho de Villa Real de Trás-os-Montes, na freguesia de Val-de-Nogueiras ou *Val-Nogueiras* (em pronuncia popular: *Vallongueiras*), ha um sitio em que existiu um recinto sagrado ou templo onde se prestou culto a varios deuses na epoca romana, como se prova com alguns monumentos e inscripções em latim e em grego [1]. Com quanto este culto deva ascender em parte aos tempos proto-historicos, resta-nos todavia hoje uma unica inscripção que tenha positivamente caracter pre-romano.

A inscripção a que me refiro tem de ser estudada no vol. III d'esta obra, conjuntamente com as outras e com os monumentos, pois tudo se relaciona entre si; por agora basta lembrar que nella se lê: *diis deabusque.. omnibusque numinibus et Lapitearum,* o que á lettra creio significar: «aos deuses e deusas e a todos os poderes divinos e tambem aos (poderes divinos) das Lapiteas» [2].

Por *Lapitearum,* em nominativo *Lapiteae,* entendo um nome de Nymphas. Com a expressão (*numinibus*) *Lapitearum* podem comparar-se est'outras que se lêem em inscripções da epocha romana: *numini deorum* [3], *numini et virtutibu*[*s Jovis..*] [4], *numinibus Augustorum* [5] *numini* [*Ny*]*mpharum* [6], *diis et numinib*(*us*) *aquarum* [7]. É curioso notar que ha outras inscripções gravadas em penedos nas

---

[1] Vid.: Argote, *Memor. do Arcebispado de Braga,* tomo I (Lisboa 1732), p. 325 sqq.; *Corp. Inscr. Lat.,* II, 2395; *O Arch. Port.,* I, 38 e 271, e III, 58 e 177.

[2] É notavel que Mommsen chegasse a propôr que em vez de LAPITEARVM se deveria ler AMPHITHEATRVM, o que parece não ter inteiramente desagradado a Hübner: vid. *Corp. Inscr. Lat.,* II, 2395. Mas não ha dúvida que na pedra se lê LAPITEARVM, com todas as lettras, como por mais de uma vez verifiquei lá mesmo.

[3] Dessau, *Inscr. Lat. selectae,* vol. II, n.º 3994.

[4] Dessau, *loc. cit.,* n.º 4303.

[5] Dessau, *loc. cit.,* n.os 4538, 4543, 4714 e 4850'.

[6] Dessau, *loc. cit.,* 3879.

[7] Dessau, *loc. cit.,* 3896.

quaes se lêem nomes em *-arum,* como *Fiduenearum,* de que fallo adeante, e IVNOMEIRVRNARVM [1].

A *diis deabusque,* expressão muito frequente nas inscripções dos povos barbaros, já a cima (§ 8) me referi.

10. **Fidueneae e *Cosunea** (?).

N-*O Arch. Port.,* I, 147 sqq., publicou Martins Sarmento as estampas que aqui reproduzo, est. II e III, e que representam duas faces de um penedo. Neste penedo ha várias palavras que constituem duas inscripções, ou duas partes de uma mesma inscripção, embora cada uma em sua face do penedo.

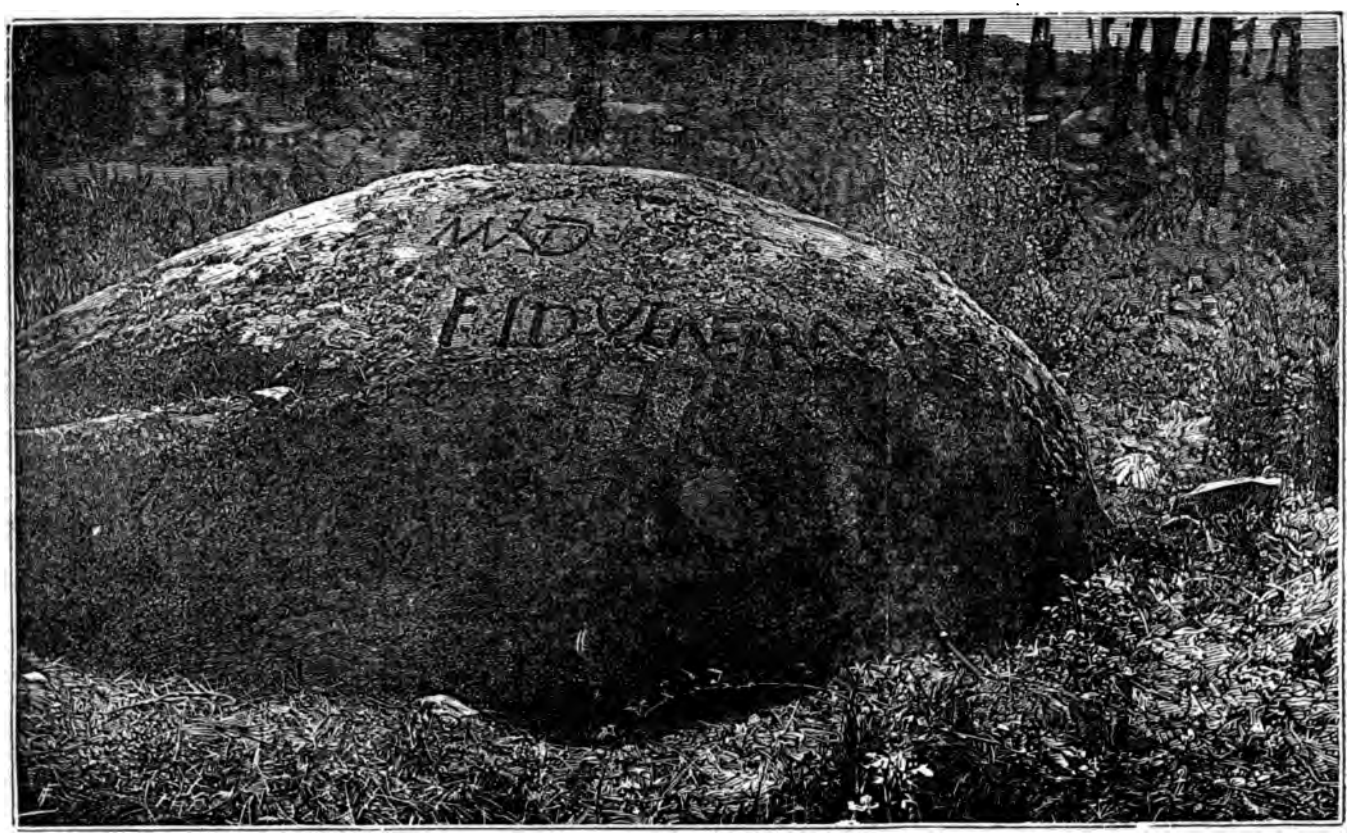
Uma das palavras é *Fiduenearum,* que já citei a cima (§ 9). Outra palavra transcreveu-a Sarmento como *niminid* ou *nimid,* accrescentando: «qualquer que seja a fórma da palavra, não póde duvidar-se, creio eu, que ella é a mesma que, por exemplo, o *nemed* = «sacellum» da glosa irlandesa; e sendo assim, ficamos sabendo que umas divindades, chamadas *Fiduenas,* tinham aqui o seu sanctuario» [2]. Que *Fiduenae* seja nome de divindades, isto é, de Nymphas, que recebiam culto neste sitio, não o nego, antes o apoio; quanto porém ao *nimid* ou *niminid,* não serei tão affirmativo como Sarmento, pois que á palavra irlandesa a que elle se refere devia na epoca da inscripção corresponder na Lusitania nemeton e não *nimid* ou *niminid* [3]. Mais tentador seria interpretar essa problematica palavra por *numinib(us),* se não fosse a lettra final, que é D e não B (a não ser que o que parece D seja o bojo inferior de um B, faltando o bojo superior): cf. *numinibus Lapitearum* no § 9. A palavra final é claramente HIC, que significa talvez «aqui».

---

[1] Vid. Hübner, *Mon. ling. Ibericae,* n.º XLIX.

[2] In *O Arch. Port.,* I, 147.

[3] Cf. o que escrevi a cima, p. 108. — Holder, *Alt-celt. Sprachschatz,* s. v. «nemeton», cita uma inscripção romana *nimidIs,* mas essa palavra, como diz Hirschfeld, póde estar por *Numidis;* tambem cita *nimidas,* mas em um texto de epoca muito posterior áquella a que pertence a nossa inscripção: portanto nenhuma d'essas fórmas confirma a seductora hypothese de Sarmento.



Est. II. Penedo de Eiriz (uma face).

Est. III. Penedo de Eiriz (outra face).

A primeira palavra da outra face do penedo, isto é, * *Cosuneae* (em dativo), será outro nome de divindade, i. é, * *Cosunea* (em nominativo) [1]. Não menos difficil é interpretar F · S que se lê no fim; como estamos em país barbaro, onde por vezes se sae do formulario epigraphico usual (cf. as inscripções de Panoias [2], a de *Tongoenabiagus* [3] e a de *Mirobiaeus* [4]), não sería por ventura estranho que F · S significasse *f(idem) s(olvit)*.

Hübner livrou-se provisoriamente de embaraços incluindo esta inscripção entre as ibericas [5], o que porém me parece não dever ser, pois pelo menos HIC, que se encontra tambem nas inscripções de Panoias [6], é vocabulo claramente latino.

O penedo está situado dentro de um pinhal, nas abas de um monte em que ha um extenso castro, chamado por muitos Citania de Eiriz. As *Fidueneae* (e **Cosunea?*) faziam certamente parte do pantheon dos castrejos na epoca que precede immediatamente a da conquista romana. O logar, pelo seu mysterio e solidão, não podia ser mais adequado a cultos naturalisticos.

11. Nymphae Lupianae.

A ara que se representa na fig. 42.ª foi encontrada nas margens do Vizella [7], e está hoje no Museu de Guimarães,

---

[1] Sem desejar aventurar-me em explicações d'esta palavra, citarei porém a proposito, a titulo de comparação: *Sunua*, nome de mulher em várias inscripções romanas de Portugal, e *Cusuneneoecus*, nome divino de que fallo mais adeante.

[2] Vid. os logares citados na nota 1 da pag. 187.

[3] Vid. adeante, p. 244 sqq.

[4] Vid. adeante, p. 235.

[5] Vid. *Mon. ling. Ibericae*, n.º LIII, onde cita outros trabalhos já publicados sobre o assunto. — Cf. do mesmo auctor: *Römische Herschaft in Westeuropa*, Berlim 1890, pp. 258–259; e Holder, *Alt-celt. Sprachschatz*, s. v. «Fidueneae».

[6] Vid. *O Arch. Port.*, III, 179.

[7] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 6288.

onde a examinei. É de granito, e mede: $0^{m},75 \times 0^{m},30 \times 0^{m},21$. Tem uma inscripção que diz: *Antonia Rufina voto Nymphis Lupianis libens animo posuit.* As lettras tem de altura $0^{m},04$ a $0^{m},05$.

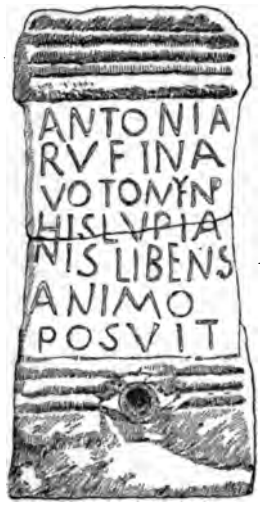


Fig. 42.ª (Do M. de Guimarães)

L. 3. *Voto* por *votum*, lat. vulgar.

L. 4. A lettra que está depois do V não é C nem F, como póde parecer, mas P com tòda a probabilidade.

A lapide apresenta em baixo um orificio moderno.

Tendo a lapide apparecido nas margens do rio Vizella, curioso é notar que havia na Germania um rio chamado *Lupia,* citado por varios autores [1], e que *Lupia, Lupius, Lupio, Lupianus* se encontram como nomes de pessoas em inscripções romanas da Peninsula e de fóra d'ella. A palavra *Lupianae,* que parece decomponivel em *Lupi-anae,* pertencerá a essa familia. Talvez o thema Lupi- ou Lup- (ligurico?) [2] contenha uma ideia relacionada com as aguas; mas nada ao certo póde affirmar-se [3].

12. Castaecae ou Castaeci.

A inscripção que transcrevo aqui ao lado appareceu em Santa Eulalia de Barrosas, entre S. Miguel das Caldas e

---

[1] Vid. Holder, *Alt-celt. Sprachschatz,* s. v.

[2] Segundo D'Arbois de Jubainville ap. Holder, *ob. cit.,* s. v. — Não parece que o thema seja latino (lupus), como diz Carnoy, *Le latin d'Espagne,* II (1903), 121.

[3] Apesar de, como vimos a p. 177-178, um Germano ter consagrado na Hispania uma inscripção ás *Matres Aufaniae,* divindades germanicas, ninguem supporá que as *Lupianae* se relacionavam com o rio *Lupia,* affluente do Rheno. Bastava a diffusão do thema (vid. Holder, *Alt-celt. Sprach.,* s. v.), para fazer pôr de lado essa hypothese.

Santo Adrião, e foi já publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2404. Diz: *Reburrinus lapidarius Castaecis v(otum) l(ibens) s(olvit) m(erito).*

REBVR
RINVS
LAPIDA
RIVS · CA
STAECIS
V · L · s
M

Hübner considera *Castaecis* como Nymphas; todavia, como esse nome não vem precedido nem de *Nymphis,* nem de *Laribus,* tanto póde elle ser masculino, como feminino, ainda que, nos nomes que temos visto até agora, só os femininos vem sem epitheto. — Com elle cf. *Castae,* nome de logar na Gallia; *Castaecis* decompõe-se verosimilmente em Cast-aecis.

13. Outras divindades.

Ha ainda no territorio da Lusitania, quer em Portugal, quer na Galliza, outras inscripções consagradas aos *Lares* e ás *Nymphae,* mas sem que estes nomes venham acompanhados de denominações indigenas. Na impossibilidade de dizer se em taes inscripções as palavras *Lares* e *Nymphae* se applicam a divindades puramente romanas ou a divindades indigenas, deixo o respectivo estudo para a secção referente á epoca romana. O mesmo digo a respeito de *dii Successi* [1], denominação que parece equivaler a *Bonus Eventus,* divindade latina.

*

Os Lares, na crença dos Romanos, eram divindades que protegiam não só as casas e os campos, mas os individuos, as cidades e mesmo certas collectividades. Havia *Lares viales* para os viajantes, *Lares vicorum* para os bairros, *Lares militares* para os soldados, *Lares compitales* para as encruzilhadas [2]. Segundo se lê num texto de Suetonio, o culto dos *Lares compitales* foi restaurado por Augusto,

---

[1] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 325.

[2] Vid. *Dict. des ant. gr. et rom.* de Daremberg & Saglio, s. v.; *Lexicon der griech. u. röm. Mythologie* de Roscher, s. v.; *Römische Mythologie* de Preller, II, 109.

que mandou que os altares d'elles, ou *compita* [1], se enfeitassem com flores na primavera e no verão [2].

Numa das inscripções que transcrevi a cima (n.º 7) vimos que a *gentilitas* dos Gapeticos tinha os seus Lares especiaes; noutra inscripção (n.º 8) a palavra *dii* é seguida de *Coniumbrigensium,* o que indica que os habitantes de Coniumbriga tinham tambem divindades proprias [3]. É natural que algumas das outras divindades lusitanicas em que a palavra *Lares* vem seguida de um epitheto indigena, com aspecto adjectival, *L. *Tarmucenb-aci Cece-aeci, L. Erred-ici, L. *Findenet-ici, L. Ceren-aeci, L. Turol-ici,* pertençam á mesma classe de divindades geographicas ou ethnicas; nem todas porém lhe pertencerão. O suffixo *-aci,* plural de *-a-cus* = *-a-gus,* encontra-lo-hemos no deus *Tongenabiagus* [4]; o suffixo *-aeci* parece ser o mesmo que se encontra em *Gallaeci,* nome ethnico; o suffixo *-i-ci,* plural de *-i-cus,* vemo-lo nos deuses *Endovellicus* e *Bormanicus.*

Escolheu-se a palavra *Lares* para caracterizar estas divindades masculinas, já pela semelhança que os Lusitano-Romanos acharam entre ellas e os Lares propriamente ditos, já pela voga que ao culto dos Lares foi dada, como vimos, por Augusto. Todavia nas nossas inscripções a palavra *dii* concorre por vezes com *Lares:* inscripções n.º 7 e n.º 8.

As Nymphas pertencem á classe dos espiritos divinos do genero feminino que povoavam os bosques, as montanhas, as aguas; habitavam principalmente as fontes [5]. Nas inscripções de todo o *orbis Romanus* ha muitas em que á palavra das «Nymphas» se aggrega uma ideia aqua-

---

[1] *Compitum* tanto significa encruzilhada, como altar ou edicula de Lares nesse logar.

[2] «Nonnulla .. ex antiquis cerimoniis, paulatim abolita, restituit: ut .. ludos compitalicios»; «compitales Lares ornari bis anno instituit, vernis floribus et aestivis». *Oct. Augustus,* XXXI.

[3] Fóra da Peninsula succedia o mesmo, por ex.: *Lares Albani.*

[4] Vid. adeante.

[5] Cf. *Odysseia,* VI, 123–124.

tica: *Nymphis Lymphisq(ue)*, *Fontibus et Nymphis, Nymphis fontis* [1]. Em inscripções de Capera (Lusitania hespanhola), a que me refiro adeante [2], veremos umas *Nymphae Caparensium* «Nymphas das aguas (banhos) de Capera». Se as nossas *Lapiteae* (n.º 9), *Fidueneae* (n.º 10) e *Lupianae* (n.º 11) são tambem Nymphas de fontes, o seu logar nesta obra devia ser mais adeante, no cap. XI, onde me occupo dos cultos fontanarios; como porém estamos na incerteza d'isto, tratei d'ellas aqui: se o não são das fontes, são-no certamente de alguma outra manifestação das fôrças naturaes.

Quanto aos seus nomes, apenas em *Lupianae* parece haver um suffixo adjectivo (geographico? [3]), o que aproxima este nome dos dos Lares; os restantes nomes são talvez substantivos.

As Nymphas apresentam certo parentesco e semelhança com as *Deusas-Mães*, de que me occupei no capitulo anterior: dizia-se *Nymphae Lupianae*, como se dizia *Matres Gallaecae* [4], — palavras do genero feminino e no plural, esta com o suffixo *-aecus*, aquella com o apparente suffixo *-anus*.

A semelhança dos Lares com as Nymphas manifesta-se em tudo o que se tem dito até aqui. No capitulo seguinte vou occupar-me do *Genius loci* e da *Tutela*, com os quaes os Lares se relacionam tambem: uma inscripção da Betica diz *Lar(es) et Genium* [5], e uma da Tarraconense diz *Laribus et [Tu]telae Genio..* [6]; fóra da Peninsula temos igual-

---

[1] Vid. Hermann Dessau, *Inscriptiones Latinae selectae*, II, 3859, 3862, 3880.

[2] Cap. XI (p. 277).

[3] Temos claramente umas Nymphas geographicas num dos textos epigraphicos transcritos por Hermann Dessau, *Inscriptiones Latinae selectae*, II, 3872: *[Ny]mphis Lauren[tib]us*, i. é, de *Laurentum*, cidade do Lacio.

[4] Vid. supra, p. 177.

[5] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 1980.

[6] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4082.

mente: *Genio (Marci) n(ostri) et Laribus, Genio Larum,* e de mais a mais: *diis deabusque Genioque loci*[1], — o que bem se comprehende, por isso que a dominação romana estabelecia por toda a parte não só cultos semelhantes entre si, mas formulario mais ou menos uniforme.

VIII. Genius. Tutela

Juntamente com os Lares e Nymphas os Romanos tinham o *Genius,* que «exprime o que ha mais subtil na concepção do ser divino»[2]. Os *Genii* existiam por toda a parte: *nullus enim locus sine Genio*[3]. Muitas vezes representavam-nos como serpentes[4]. Quasi synonimo de *Genius* era *Tutela:* já a cima, p. 193, vimos uma inscripção em que esta vem associada àquelle. Havia não só Genios de sitios determinados (fontes, etc.), mas de cidades, de individuos e de povos: *Genius loci, Genius populi Romani* são expressões frequentissimas na epigraphia latina.

Entre as inscripções da Peninsula ha muitas, quer em honra do *Genius,* quer da *Tutela.* Com relação á Lusitania, porém, só conheço tres em que taes palavras venham seguidas de nomes indigenas.

1. Genius Laquiniensis.

A ara granitica que represento na fig. 43.ª (segundo uma photographia) appareceu em S. Miguel de Vizella, e tem estas dimensões: $0^m,77 \times 0^m,29 \times 0,20$. A respectiva inscripção (cujas lettras medem $0^m,06$) foi já publicada no *Corpus,* II, 2405. Actualmente está no Museu de Guimarães: vid. *Revista de Guimarães,* XVIII (1901), 46, onde

---

[1] Dessau, *Inscr. Lat. selectae,* II, 3641, 3654 e 3666.

[2] Vid. *Dict. des antiq. gr. et rom.,* s. v. «Genius», p. 1488, col. 2. Cf. Preller, *Röm. Myth.,* I, 76.

[3] Servio, *ad Aen.,* V, 95.

[4] Cf. Verg., *Aen.,* V, 90–93.

foi de novo publicada pelo Sr. Abbade de Tàgilde [1]. Diz o seguinte: *V(otum) l(i)b(ens) s(olvit) m(erito) genio Laquiniesi Flau(s) Flavini fullo* [2].

Aqui o nome *Laquiniesi* é geographico, e está por *Laquiniensi,* pois nas inscripções, quando ellas reflectem a pronuncia do latim vulgar, encontra-se frequentemente *s* por *ns*. Comparaveis são as expressões: *Genius loci Ficariensis, Genius municipii Antik(ariensis)*, e com outro suffixo geographico: *Genius municipii Laminitani, Genius oppidi Sabetani* [3]. Ás vezes a designação geographica é substantiva, e vem em genetivo do singular: *Genius Lacimurgae;* ou é substituida pelo respectivo nome ethnico em genetivo do plural: *Genius municipii Florentinorum* [4]. Sem duvida havia uma cidade ou territorio com o nome de *Laquinia* ou *Laquinium,* de que deriva *Laquiniensis* [5].

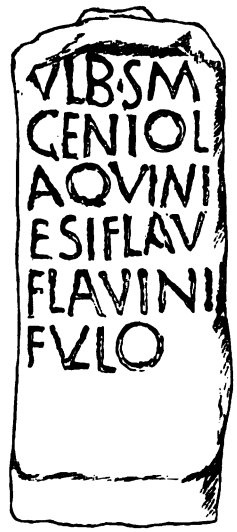


Fig. 43.ª (Do M. de Guimarães)

[1] A lição do *Corpus* era muito imperfeita, e as correcções propostas por Hübner e Mommsen foram infelizes.

[2] Nas costas da ara vêem-se as seguintes lettras, como verifiquei em 1903: GE · LA, que tem de altura 0m,075 a 0m,08. São pois maiores (e mais grossas) que as da frente. Supponho que o lapicida, verificando que a inscripção em taes proporções lhe não cabia, a interrompeu e a passou para o outro lado da pedra. É de notar que ella aqui começava pelo nome da divindade, como é normal, e não pela fórmula da dedicatoria, como começa na face anterior da ara; alem d'isso o nome da divindade ficava em abreviatura: GE · = *ge(nio)*.

[3] *Corp. Inscr. Lat.*, II, p. 1127.

[4] *Corp. Inscr. Lat.*, II, p. 1127.

[5] Quanto á terminação *-ia* ou *-ium*, cfr. *Lancia* e *Aeminium*, nomes de cidades lusitanicas. — A este *Laquinium* ou *Laquinia* é possivel que correspondesse o proprio local onde appareceu a lapide, ou um local vizinho.

A palavra *fullo* significa «pisoeiro» e «lavandeiro» [1].

O sentido da inscripção é pois: «Flau ou Flavo, pisoeiro (lavandeiro) de Flavinio (não *Flavino*), cumpriu de boa mente o voto que tinha feito ao genio Laquiniense».

2. **Genius -ongobrigensium.**

No Museu de Guimarães existe uma lapide de granito, representada na fig. 44.ª, de $0^m65 \times 0^m,35 \times 0^m,35$, em que se lê a seguinte inscripção, em boas lettras do sec. I da E. C., de $0^m,05$ de altura: [*g*]*enio* . . *ongobricensium* [*Fl*]*avius v. s. a. l. m.*, — estando porém as duas ultimas linhas em mau estado [2]. A 1.ª palavra era sem duvida *Genio*. A 2.ª palavra sería importantissimo conhecê-la, mas, como falta a 1.ª lettra, não podemos: Sarmento lembrou *Loncobricensium;* Hübner, sem rejeitar essa hypothese, lembrou tambem *Toncobricensium* [3]. — O

Fig. 44.ª (Do Museu de Guimarães)

[1] A *fullonica* era industria complexa: vid. *Dict. des antiq. gr. et rom.* de Daremberg & Saglio, s. v. «fullonica»; e Rich, *Dict. des antiq. rom. et gr.*, s. v. «fullo». Nessas obras vem várias estampas elucidativas do mister de *fullo*.

[2] Vid. Martins Sarmento, no *Boletim dos Arch.* do Carmo, IV, 70 e 105, e na *Revista Lusitana*, I, 236; Hübner, *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5564; e Abb.ᵉ Oliveira Guimarães, na *Revista de Guimarães*, XVIII, 51.

[3] Vid. os logares citados na nota antecedente. O mais provavel é que seja *Toncobricensium*, i. é, *Tongobrigensium*, pois Ptolemeu cita entre o Douro e o Minho uma *Tuntobriga* (II, VI, 38), a que corresponde no Ravenate, p. 318, 11, *Tonobrica:* e podem estas fórmas ser más lições de *Tongobriga*. É triste que, já pela incerteza dos codices em que nos foram conservadas as obras dos AA. antigos, já pela depredação de que tem sido victima a nossa archeologia, estejamos sempre a encontrar embaraços insuperaveis, quando procuramos romper as trevas do passado!

nome ethnico está aqui substantivado e no genetivo do plural, ao passo que no n.º 1 estava no singular, a concordar adjectivamente com *genius*.

Esta lapide foi encontrada no Freixo, concelho do Marco de Canaveses. O Freixo fica num *castro*, onde tem sido encontradas muitas antigualhas da epoca lusitano-romana. O nome primitivo do castro devia pois terminar em *-obriga*, como já Sarmento observa na *Rev. Lusit.*, I, 236.

3. **Genius Turgalensium.**

A inscripção transcrita ao lado foi encontrada em Trujillo, antigo *Turgalium*, na Lusitania hespanhola (Estremadura): vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 618. Ahi escreve Hübner: «*Genio Turg(alensium)* sive *Tur(galensium) v(otum) s(olutum)* esse certum est; nomen dedicantis latet». Não comprehendo porém o que elle quer dizer com *nomen dedicantis latet*, pois na inscripção lê-se claramente: *Ru[f]inus P[r]imigenius*.

GENIO
TVR · G
CCC · RV*f*
INVS · P*r*
IMIGE
NIVS
VS

4. **Tutela Tiriensis.**

A fig. 45.ª representa uma ara de $0^m,73 \times 0^m,40 \times 0^m,40$, cujas molduras foram cortadas. Esta ara appareceu numa parede da igreja de Santa Maria da Ribeira, perto da estação do Vesuvio (Douro), e hoje pertence ao Museu de Guimarães. Nella se lê uma inscripção, já publicada por Hübner [1] e pelo Sr. Abbade Oliveira Guimarães [2]: *Tutelae Tiriensi Pompe(i) Clitus Corinthu(s) Calvinus ex*

Fig. 45.ª (Do Museu de Guimarães)

[1] *Ephemeris Epigraphica*, VIII, p. 400, n.º 111-*a*.
[2] *Revista de Guimarães*, XVIII, 54.

voto [1]. — Tendo eu examinado a inscripção em Janeiro de 1901, notei que na 1.ª linha a 8.ª lettra é duvidosa: parece T ou L, mais porém T [2].

*

Tratei aqui d'estes *Genii* e da *Tutela*, porque, sendo-o de povos indigenas, como o provam os nomes ethnicos e geographicos que se lêem nas respectivas inscripções, é obvio que não passam de romanizações de divindades protohistoricas. As inscripções em que apenas apparece *Genius* ou *Tutela*, sem epitheto algum indigena, serão estudadas quando me occupar da epoca romana, conjuntamente, como já disse a cima, p. 191, com os *Lares*, *Nymphae*, etc., que estiverem nas mesmas circumstancias.

IX. Beira-mar e ilhas

Sendo a Lusitania banhada em grande extensão pelo mar, não admira que, tanto em relação á costa, como ás ilhotas adjacentes a esta, encontremos algumas noticias nas obras em que os antigos autores nos fallam das religiões do país. A tradição moderna amplia essas noticias.

A) Statio Sacra.

Na *Cosmographia* do Ravennate, IV, 43 [3], cita-se uma *Statio Sacra* entre as cidades de Balsa e Ossonoba. Se o Ravennate seguisse rigorosamente a ordem geographica na sua exposição, não existe dúvida que a *Statio Sacra* se havia de buscar pelas vizinhanças de Faro, i. é, no Cabo de *Santa Maria*, tanto mais que esta denominação data já

---

[1] Na lição do *Corpus* vem POMPEI por extenso, mas na inscripção não se lê I; alem d'isso as linhas não estão alli bem divididas.

[2] Sendo L, teriamos acaso na palavra respectiva um derivado de *Liria*, nome de uma cidade da Tarraconense.

[3] P. 306 da edição de Pinder & Parthey, Berlim 1860. O Ravennate suppõe-se que vivia no sec. VII da E. C.; mas as fontes em que elle bebeu os seus conhecimentos geographicos são muito mais antigas. Cf. Hübner, *La Arqueología de España* [*y Portugal*], § 28.

da idade-média [1]; mas o mais provavel é que o autor da Cosmographia invertesse a posição dos logares, e que *Statio Sacra* seja synonimo de *Promunturium Sacrum*.

B) Promunturium Sacrum.

Ao descrever o Promontorio Sagrado, ou Cabo de S. Vicente-Sagres, diz Estrabão, fundando-se nas palavras de Artemidoro, autor anterior a elle meio seculo, «que não se vê lá nenhum santuario de Héracles, como Ephoro inexactamente dissera, nem altar, d'elle ou de algum outro deus, mas que em muitos sitios ha grupos de tres e quatro pedras, que são pelos visitantes voltadas, em virtude de um costume tradicional, e deslocadas [2], *depois d'elles fazerem libações*» [3]. E mais diz o mesmo Estrabão, ainda segundo

---

[1] Vid. Geographia de Edrisi (sec. XII), edição de Dozy & Goeje, Leiden 1866: *Description de l'Afrique et de l'Espagne*, p. 217.

[2] O texto tem: μεταφέρεσθαι «ser deslocado», «ser transportado» etc. Müller, na edição da *Geographia* de Estrabão, p. 951, suppõe que em vez d'essa palavra deve ler-se: μεταστρέφεσθαι «voltar-se noutro sentido», «pôr no seu logar», etc. Tardieu, na traducção de Estrabão, 2.ª ed., vol. I, p. 223, nota, fundando-se na symetria que d'essa correcção resultava entre στρέφεσθαι e μεταστρέφεσθαι, adopta-a tambem, e traduz: «pierres que les visiteurs.. tournent dans un sens, puis dans l'autre». Todavia, como a razão da symetria não é sufficiente para que o texto deva ser alterado, e como tão obscuro elle fica com μεταστρέφεσθαι como com μεταφέρεσθαι, deixo-o como estava.

[3] Este logar de Estrabão parece estar corrupto; ahi se lê, conforme os codd.: ψευδοποιησαμένων (litteralmente: «tendo-se falsificado»), Meineke, no seu *Vindiciarum Strabonianarum Liber*, Berlim 1852. p. 14, propõe, seguindo o parecer de Coray: σπονδοποιησαμένων «tendo sido feitas libações»,—o que, nota Meineke, concorda com o facto de ser preciso levar agua, como Estrabão diz logo adeante. Vinha assim a simplez *libação* (σπονδοποιησαμένων) a ficar contraposta ao *sacrificio* propriamente dito (θύειν): aquella, permittida; este, prohibido.—Sem embargo, a agua tambem entrava, e naturalmente, nos grandes sacrificios sangrentos. Descrevendo o sacrificio feito por Eneias e Turno, diz Vergilio, *Aen.*, XII, 119: *alii fontem.. ferebant* («outros traziam agua de fonte»); e que nelle se derramava sangue vê-se do v. 214: *in flammam iugulant pecudes.*

Artemidoro, que alli «não é permittido sacrificar, nem ir de noite áquelle logar, porque se assevera que os deuses estão lá então; mas que os que vem para o ver pernoitam em uma aldeia vizinha, e *entram*[1] nelle depois, durante o dia, levando comsigo agua, por causa da falta d'ella».

Neste interessante passo dá-nos pois Estrabão tres noticias especiaes:

1) existencia de um santuario de Héracles no Promontorio Sacro — affirmada por Ephoro, negada por Artemidoro;

2) o verem-se ahi pedras sagradas, junto das quaes se celebravam ritualmente certas cerimonias religiosas;

3) santidade do logar, manifestada particularmente:

a) em lá se reunirem os deuses durante a noite (deve entender-se que a luz do dia os dispersava), reunião a que era vedada a assistencia dos mortaes;

b) em não se fazerem lá sacrificios importantes, mas só libações.

Discutamos cada uma d'estas noticias.

1. Santuario de Héracles. — É facto positivo o affirmar Ephoro que no Promontorio Sagrado existia um santuario: isto se deduz da refutação que d'esse facto pretende apresentar Estrabão pela bôca de Artemidoro[2]. Se alguem duvidar da existencia do santuario, é só pelo que diz Artemidoro; não se conhecendo senão a affirmação de Ephoro, e não existindo em contrário as palavras de Artemidoro, ninguem duvidaria. Mas que pêso tem a refutação de Artemidoro? Em primeiro logar, Ephoro compôs as suas Ἱστορίαι no sec. IV[3] a. C., ao passo que Artemidoro, au-

---

[1] Os codd. tem ἐπιβάλλειν «arremessar», que Meineke, *loc. cit.*, corrige vantajosamente em ἐπιβαίνειν «entrar».

[2] Como é sabido, as obras de Ephoro perderam-se; só nos restam d'ellas fragmentos, como, por exemplo, esta citação de Estrabão, por intermedio, ainda assim, de Artemidoro.

[3] Croiset, *Histoire de la littérature grecque*, IV, 655 sqq.

tor dos Γεωγραφούμενα, viveu no sec. I a. C. [1]: por isso podia muito bem ter existido um santuario nos dias de Ephoro, ou melhor, nos do autor mais antigo que elle seguiu, e estar já destruido nos dias de Artemidoro, i. é, alguns seculos depois; como Artemidoro não produz outro argumento senão que elle no local não viu nada que indicasse santuario ou altar de Héracles, segue-se que tal argumento nada prova. Em segundo logar, o ἱερόν «santuario», se podia ser templo propriamente dito, podia ser mero recinto sagrado, — e neste ultimo caso mais facilmente desapparecia, ou escapava á investigação de Artemidoro; tanto isto assim é, que o proprio Artemidoro diz «nem santuario, nem altar», admittindo tacitamente que o santuario podia consistir apenas em um altar, βωμός.

Do que fica exposto resulta que as palavras de Artemidoro, postoque elle tivesse estado no Promontorio, não infirmam a asserção de Ephoro, e que pelo contrário deve acceitar-se a notícia ministrada por este.

Por *Héracles* havemos de entender, não um deus grego, mas uma denominação grega do deus phenicio Melqart, que tinha santuarios junto dos portos em todas as colonias phenicias, e foi pelos Gregos assimilado a Héracles [2]. Na propria Peninsula havia santuarios analogos, o mais celebre dos quaes era o de Gades [3].

Depois do que a pp. 51-53 se disse da acção dos Phenicios no Sul da Peninsula, não póde causar estranheza que a achemos manifestando-se tambem na religião do Cabo Sa-

---

[1] Hübner, *La arqueologia de España* [*y Portugal*], p. 8; Müllenhoff, *Deutsche Altertumskunde*, I, 115.

[2] Perrot & Chipiez, *Histoire de l'art*, III, 74. Cf. Movers, *Die Phönizier*, II, II, 648-649. — Relação de Melqart com Héracles: Perrot & Chipiez, *ob. cit.*, III, 423 sqq.

[3] Sobre o culto de Heracles-Melqart na Hispania, vid. Movers, *Das phönizische Alterthum*, parte II, Berlim 1850, p. 648. — A respeito de Gades vid. supra, p. 51. — Do culto de Melqart-Heracles em Cadiz falla tambem Leclercq, *Divination*, III, 312, onde cita varias fontes historicas.

grado. Este formava um dos extremos da terra — τῆς οἰκουμένης ἁπάσης σημεῖον[1] —, ponto de passagem forçado para quem por mar ia para o Norte, ou vinha de lá; e é sabido como os antigos attribuiam caracter religioso aos promontorios, principalmente áquelles junto dos quaes a navegação se tornava perigosa[2]. Do perigo em que incorriam de se perderem no Oceano Atlantico os que, navegando do Norte, deviam dobrar o Sacro Promontorio para seguirem pelo Mediterraneo, dão testemunho formal os vv. 1165–1167 das *Argonauticas* de Orpheu, poema que data dos primeiros seculos da E. C.

2. Grupos de pedras sagradas. —Várias tem sido as hypotheses emittidas para explicar a natureza e significação das pedras de que falla Artemidoro.

Uns consideram-nas monumentos funerarios, e principalmente dolmens[3]; outros, como o Sr. Salomon Reinach, pedras balouçantes[4]. Movers relaciona as pedras do Promontorio com o culto dos bétylos, mas expõe a sua ideia

---

[1] Estrabão, *Geographia*, III, I, 4.

[2] Muitos promontorios antigos eram consagrados a divindades especiaes, ou tinham meramente o epitheto de *sagrados*, por exemplo: *Sacrum Promunturium*, na Hibernia e na Corsica; *Promunturium Iunonis*, na Hispania; *Promunturium Mercurii*, na Sardinia; etc. — E não só antigamente existia a religião dos cabos; tambem modernamente. Nas ilhas Celebes: «Quand il se rencontre quelque endroit dangereux pour les navigateurs, par exemple des promontoires, c'est que de mauvais esprits demeurent là» (*Mélusine*, III, 284). A respeito do que se passa nas costas maritimas da França vid. *Revue de l'École d'Anthropologie*, XIV, 192. Adeante veremos que, mesmo em Portugal, as costas maritimas estão cheias de santuarios christãos.

[3] Vid. Estacio da Veiga, *Antiguidades do Algarve*, I, 98-99, que cita a Fr. Bernardo de Brito (*Monarchia Lusitana*) e ao Barão de Bonstetten (*Essai sur les dolmens*, 1865).

[4] *Revue Archéologique*, 3.ª serie, XXI, p. 331; e cf. *L'Anthropologie*, 1891, p. 203, onde Reinach cita: *Association française pour l'avancement des sciences*, 1872, p. 726, e Taillefer, *Antiquités de Vésone*, I, 37, 176.

muito concisamente, e de fugida, pois, fallando do Héracles do Promontorio, acrescenta apenas: *mit einem Betylculte*[1]. O culto dos bétylos encontra-se «partout où s'est fait sentir l'influence de la Phenicie»[2]. Os betylos eram aerolithos, e suppunha-se que nelles existia vida divina, pelo que em certos logares sagrados os veneravam, ungiam e coroavam[3]. Segundo a mythologia phenicia, Uranos («o céu») teve de sua irmã Gê («a terra») quatro filhos: Elos (= Kronos), Baitylos, Dagon e Atlas[4]. Se os betylos originariamente não possuiam fórma regular, com o andar dos tempos tomaram-na: a maior parte das vezes vêmo-los representados como cones, por exemplo numa moeda de Byblos (Phenicia), e no monumento de Malta, consagrado a Melqart (hoje no Museu do Louvre)[5].

No vasto thesouro das tradições populares ha outros factos comparaveis aos antigos. Assim, por exemplo, na Irlanda, «si voulez avoir un bon vent, . . faites un tas de pierre sur le rivage, qui rassemble à quelque lutin, et attendez le bon vent en retour»[6].

Explicar com precisão em que é que consistia o costume notado por Artemidoro torna-se difficil. Podem pôr-se porém de parte as hypotheses dos dolmens e das pedras balouçantes: com dolmens não condizem as palavras do geographo grego; pedras balouçantes não póde admittir-se que lá as houvesse aos grupos de tres e quatro. A hypothese dos bétylos é tentadora, em virtude de elles terem origem phenicia, e haver existido no Promontorio um santuario de Héracles, e, como parece (vid. adeante), um de Kronos, — santuarios, que, segundo todas as probabilidades, devem da

---

[1] *Die phönizische Alterthum*, parte II, p. 648. Movers confunde porém neste passo o templo de Héracles com uma ilha.

[2] Perrot & Chipiez, *Histoire de l'art*, III, 59.

[3] Roscher, *Lexikon der griech. u. röm. Mythologie*, s. v. «Baitylos».

[4] Roscher, *loc. cit.*

[5] Vid. Roscher, *loc. cit.*; Perrot & Chipiez, *ob. cit.*, pp. 59-60 e 78.

[6] *Mélusine*, II, 237.

mesma sorte attribuir-se aos Phenicios; mas sería a influencia phenicia de tal modo fecunda e poderosa, que, ainda alguns seculos depois de extinctos os cultos d'aquelles deuses no Promontorio, e anniquilados os santuarios, ficaria da antiga religião testemunho tão vivaz como o que a cerimonia descrita por Artemidoro nos revela?

Em todo o caso não ha dúvida que as pedras do Promontorio tinham significação magica, ou ellas estivessem no caso de algumas das mencionadas, ou pertencessem á classe dos idolos e feitiços. Com relação á classe dos idolos e feitiços, bastará aqui referir alguns factos parallelos. Pausanias, geographo grego do sec. II da E. C., ao fallar da estatua de Hermes, situada na praça pública de Pharas, na Achaia, diz que havia junto d'ella umas trinta pedras quadrangulares a que os habitantes da cidade prestavam culto, dando a cada uma o nome de um deus [1]. «A Minahassa les Alfoures vénèrent deux pierres portant, l'une le signe du sexe masculin, l'autre celui du sexe féminin. La première est nommée *Tambarouka;* la seconde *Parong seraya.* Ils les honorent comme des divinités et célèbrent devant elles de grandes fêtes, surtout en temps de mortalité» [2]. Realmente, em todas as epochas, as pedras foram tidas, em certas circunstancias, como divindades ou symbolos d'ellas. Na ilha de Java suppõe-se que o paraiso está no alto da montanha de Gunung-Danka, e que é prohibido subir lá, por ser a morada sagrada das almas; no entanto Jonathan Rigg subiu, mas «il ne trouva au sommet que quelques pierres roulées provenant du fleuve et formant un des *balai* ou amas de pierres sacrées communs dans le district» [3]. Noutros povos malaios é costume dar ás imagens dos antepassados fórma de toscas estatuas de

---

[1] *Descripção da Grecia,* VII, XXII, edição de L. Dindorf, Paris (Didot), 1845.

[2] L. de Backer, *L'Archipel Indien,* Paris 1874, p. 220.

[3] Tylor, *Civilisation Primitive,* II, 78.

pedra, ou de simples cabeças, tambem de pedra, que se fixam no chão, em grupos [1].

Com o fim de saber se no Cabo de S. Vicente ou em Sagres corria hoje alguma lenda ou superstição popular que pudesse relacionar-se com os factos constantes da narrativa de Artemidoro, fui lá em Março de 1894, e não perdi as passadas. No extremo do Cabo, perto do pharol e das ruinas do convento de S. Vicente, ha varios monticulos de pequenas pedras, que o povo chama *moledros* e *melédros*, i. é, «moledos», dizendo mesmo «um moledro de pedras». A proposito d'esses *moledros* colhi da bôca do povo as duas seguintes noticias:

a) quando se leva do *moledro* uma pedra, e se deixa num sitio, ahi a pedra anoitece e não amanhece: i. é, vae-se de manhã ao sitio em que á noite se deixou a pedra, e esta já lá não está, e reapparece no *moledro;* é D. Sebastião quem de noite retira a pedra para o *moledro* [2].

b) quando se leva do *moledro* uma pedra, sem ninguem saber, e se colloca debaixo do travesseiro, apparece lá ao outro dia um soldado, que logo desapparece, para ir outra vez, já transformado em pedra, collocar-se no *moledro.*

Nestas noticias temos de distinguir varios elementos: as pedras são verdadeiramente objectos magicos, pois cada uma representa um soldado nella *encantado;* tornam para o seu sitio, como nas lendas das fundações das igrejas e ermidas as imagens achadas pelos pastores (ideia que já ascende á antiguidade classica); D. Sebastião figura ahi, em virtude de uma adaptação posterior ao sec. XVI, devida talvez á influencia sebastianistica dos frades de S. Vicente e á lenda muito vulgarizada segundo a qual o mysterioso aventureiro desthronado devia vir das bandas do oceano. Por um lado estes *moledros* assemelham-se aos monticulos

---

[1] Ratzel, *Las razas humanas,* I, 636–637.

[2] Esta lenda está actualmente um pouco apagada. O povo diz que os factos constantes d'ella succediam principalmente outr'ora.

chamados *fieis de Deus,* commemorativos de mortes [1]; por outro lado fazem lembrar certas superstições em que com as pedras se relaciona a ideia de casamento [2], ou segundo as quaes certos personagens são metamorphoseados em rochas [3].

Deante das superstições que assignalei como existentes hoje no Cabo de S. Vicente, ninguem resistirá ao desejo de as comparar ás cerimonias descritas no texto artemidoriano, e de estabelecer connexão entre umas e outras. Effectivamente a connexão impõe-se, dando-se o devido desconto ás differenças motivadas pela acção do tempo: o texto grego falla-nos de um grupo de pedras, a tradição moderna apresenta-nos os *moledros;* nos tempos antigos aquellas são voltadas e deslocadas, nos tempos modernos levam-se pedras dos monticulos. Sabido é que as tradições se modificam, ao passarem de geração para geração, pois

---

[1] Vid. *Tradições pop. de Portugal,* § 208; e S. Reinach in *Revue Archéolog.,* XXI, 3.ª serie, pp. 342–343. Cf. mais: *Dict. of Greek and Rom. Antiq.,* de Smith, s. v. «hermae», p. 602, col. 1–2; Réville, *Réligions des non civilisés,* I, 174, e *Rélig. du Méxique,* pp. 228 e 242; A. de Mortillet in *Revue de l'École d'Anthropologie,* XIV, 255.

[2] «En Provence, sur la montagne de la Sainte-Baume, on a décrit de petits amoncellements de pierres dits *castellets* ou *moulins de joie* qui sont l'œuvre des pèlerins de nos jours;.. les fiancés considèrent les castellets comme des espèces d'oracles: si, au bout d'un an, le tas de pierres a été dérangé, c'est que Sainte Madeleine ne bénira pas leur union» (Reinach, *loc. cit.,* pp. 342–343).—«On disait en Picardie aux jeunes filles: =Vos vos marierez ech' l'année ci vos avez des pierres ed' capucin dans vos poche. = C'était une allusion à la croyance populaire d'après laquelle toute jeune fille qui recueille un petit morceau de la pierre sur laquelle un capucin, prisonnier dans la grosse tour de Ham, laissa son empreinte, se marie avant l'année révolue» (P. Sébillot, in *Revue de l'École d'Anthropologie,* XII, 206).

[3] «Les menhirs des environs de Quiberon sont des soldats pétrifiés par Sainte Hélène» (*Revue Archéologique,* ibidem). As pedras dos *moledros* não podem comparar-se a menhires; mas quis notar a coincidencia de, tanto em Quiberon como em S. Vicente, os soldados estarem transformados em pedras.

nellas actuam muitas condições (cruzamento de outras tradições, influencia dos meios sociaes, etc.); já não sería pouco o haver chegado até nós um echo tão claro do passado!

3. **Santidade do logar.** — Os deuses, conta Artemidoro pela bôca de Estrabão, reuniam-se durante a noite no Promontorio, pelo que, acrescenta, ninguem podia lá ir nessa occasião: o logar tornava-se pois inviolavel. Além d'isso o mesmo autor observa que não se permittia que lá se fizessem outros sacrificios que não fossem, ao que parece, modestas libações.

Temos por conseguinte de considerar tres pontos: *a*) reunião nocturna dos deuses; *b*) inviolabilidade do recinto da reunião; *c*) interdicção de grandes sacrificios, com permissão porém de libações.

Vejamos cada um separadamente.

a) Em toda a parte o povo acredita na existencia nocturna de conciliabulos mysteriosos: a noite está sempre povoada de espiritos e avejões. É de noite que surgem as bruxas; que as feiticeiras se associam com o Diabo; que os medos opprimem os homens. Com a luz do sol, com os resplendores da manhã, os seres fantasticos somem-se, e a natureza volta ao sossego e regularidade habituaes.

Busquei saber o que a este proposito se crê ainda hoje na propria região em que está o Sacro Promontorio, e apurei o seguinte. Entre Sagres e o Cabo de S. Vicente, na Praia do Direito, apparecem medos e *pantasmas*. Varias pessoas m'o asseveraram, quando lá estive em 1894. Um rapaz, pescador, muito sincero, contou-me que viu elle mesmo um militar na praia a passear, de grande pera, espada, e listas azues nas calças: este militar estava encantado. Viu elle e viram os outros barqueiros que iam no mar [1]. Este facto concorda com o que a cima se disse dos

[1] Temos aqui certamente um caso de hallucinação visual, motivada pelas lendas que correm na localidade.

molédros. Nas duas circunstancias figuram militares.— Tambem o mesmo pescador me disse que se conta que mesmo de dia andam na praia mulheres «descarapuçadas»,— *pantasmas*,— e Moiros [1]. Á noite vêem-se em seu logar luzes a vaguearem da mesma maneira.—Outros pescadores informaram-me de que ha lá uma gruta onde a *companha* [2] ia dormir. Um dos da companha acordou de noite com um *pesadelo* sobre as pernas, a pesar-lhe muito; gritou, acordou os restantes da companha, mas só elle é que viu. Toda a companha depois fugiu d'alli. Um dia um pescador mais animoso quis experimentar, e foi lá dormir com varios companheiros: de noite acordou com o mesmo pesadelo, mas tambem só elle o viu; levantou-se, puxou o barco, e escapou-se.—Uma pessoa de Sagres disse-me que os medos apparecem em fórma de gallinholas por alli pela praia.— Em Beliche Velho dizia-se d'antes que se via ás vezes lá, de noite, a qualquer hora, *uma fantasma*, vestida de branco, que *antemorizava* todos; quem a via, fugia-lhe. Estes factos já hoje não se observam.—Em S. Vicente assevera-se que, logo que anoitece, apparecem por alli uns medos, «umas cousas brancas e outras pretas», com grandes meias encarnadas, e luzinhas na mão; e ouve-se a distancia uma musica surda, que se extingue pouco a pouco, lentamente, á proporção que as luzinhas vem lá de longe, dos matos para a praia.

É provavel que exista certa connexão entre estes factos da tradição moderna e os contados por Artemidoro. Para se interpretar o passado convem conhecer bem o presente. Foi por isso que emprehendi a viagem ao Cabo em 1894.

Na tradição de outros paises ha factos parallelos: bruxos que passeiam nas praias durante a noite; sereias que se aproximam cantando; deuses nocturnos que vem receber offerendas que lhes fazem; gigantes que transformam

---

[1] Moiros,—não Moiras. Faço a observação, porque lendas d'esta natureza referem-se geralmente a Moiras.

[2] Grupo de pescadores associados entre si.

em cavalleiros as rochas maritimas; figuras de generaes, de grande uniforme, que se mostram á beira da agua; fantasmas armados que vagueiam entre os penedos; fadas que pela manhã e á tardinha, no verão, andam, de toucas vermelhas na cabeça, pescando no mar; espiritos que de noite calafetam embarcações vindas não se sabe d'onde, as quaes porém desapparecem com os primeiros raios do luar; divindades que guardam bandos de patos pelas praias [1].

Para explicar um texto tão conciso como o de Artemidoro podem em verdade propôr-se varias hypotheses, sempre justificadas mais ou menos por documentos similares, colhidos na ethnographia geral: foi assim que o Sr. Adolfo Coelho considerou os deuses do Cabo *almas do outro mundo* [2], hypothese realmente sem grande novidade, pois que já quasi tres seculos antes d'elle Fr. Bernardo de Brito pensou, a esse respeito, tambem em culto de mortos [3]. É facto sabido que certos povos acreditam que as almas dos mortos moram em subterraneos, em sitios remotos, em ilhas, no alto de montanhas, nas regiões occi-

---

[1] Vid. *Mélusine*, II, 209, 282 e 451-452; P. Sébillot, *Légendes de la mer*, vol. I, Paris 1886, pp. 230-233; W. Gregor, *Folk-lore of the Nord-East of Scotland*, London 1881, pp. 64-65.

[2] *Compte-rendu du congrès de Lisbonne en 1880*, p. 442. Eis as suas proprias palavras: «Dans ces dieux il faut peut-être voir les âmes des morts, des revenants. Le passage de Strabon nous fournirait donc une preuve d'un culte fétichiste de pierres et de morts». A isto se cifra porém o que diz sobre o assunto.

[3] *Monarchia Lusitana*, vol. I, Alcobaça 1597, liv. I, cap. 3. Contando, com a linguagem imaginosa que o carecteriza, o passamento de Tubal, rei fabuloso da Iberia, diz Brito que o sepultaram no extremo da terra, i. é, no Promontorio Sagrado: «e tal foy o amor que lhe tiverão, que nunca se perdeu a memoria de sua sepultura, antes a visitavão e veneravão como cousa sancta; e introduzindo-se depois a idolatria e superstição gentilicas.. ficou inda hũa lembrança nos moradores da terra, e sem atinarem a causa, pello tempo a ter sepultado, tinham tanta veneração áquella parte da terra, que tanto que era noite ninguem se atrevia mais a passar por junto d'ella, dizendo que andavão os deuses naquelle logar».

dentaes, «là où le soleil descend chaque soir pour mourir quotidiennement» [1]: o Sacro Promontorio, que penetra pelo mar dentro, e cuja solidão só é interrompida pelos rugidos tristes e monotonos das ondas, sitio arido, onde a vida mal desponta em plantas rasteiras, estava perfeitamente adequado para que a elle se referissem concepções semelhantes ás mencionadas; todavia, cingindo-nos á lettra das lendas, tanto á das antigas como á das modernas, vemos que nenhuma d'ellas falla expressamente de mortos, e que todas fallam apenas ou de deuses nocturnos, ou de fantasmas e genios maritimos. De serem nocturnos os deuses não é forçoso concluir que o fossem da morte.

b) Se nos tempos a que se refere Artemidoro se deixava

---

[1] Tylor, *Civilisation Primitive*, II, 80. — Os antigos Irlandeses tinham duas maneiras de chegar ao país dos mortos, — uma por caminhos subterraneos, outra embarcando: vid. D'Arbois de Jubainville, *Le dieu de la mort*, Troyes 1879, pp. 5–6. A mesma concepção existe nos Bretões da Armorica: Le Braz, *La légende de la mort*, 2.ª edição, tomo I, p. XXXIV. Segundo outras lendas celticas, aproveitadas na litteratura medieval dos povos romanicos, S. Brandão, embarcado numa barca, vogou para o occidente, mar em fóra, á procura do paraiso: vid. a respectiva bibliographia em G. Paris, *La littérature française au moyen âge*, 2.ª edição, p. 283. (Nos mss. que pertenceram ao mosteiro de Alcobaça ha uma *Vida de Santo Amaro* que se relaciona com estas lendas: cf. *Romania*, XXX, 504 sqq., onde o Dr. Klob publicou o texto). Os Indios da America do Norte crêem que os mortos viajam durante meses até attingirem o país do oeste: vid. *Zeitschrift des Vereins für Volkskunde*, XI, 151, — artigo de Neglein. Numa lenda da Oceania conta-se que «un canot revenant des îles Fidji fut poussé par la tempête jusqu'à Bolotu, l'île des dieux et des âmes»: vid. Tylor, *Civilisation Primitive*, II, 80. No dizer dos Araucans, as almas dos mortos vão para o oeste, para alem do mar: vid. L. Marillier, *La survivance de l'âme*, Paris 1894, p. 6. «A Tahiti.. les âmes, après la mort, se rendent au promontoire de Taata: il y a là deux pierres, la pierre de vie et la pierre de mort; l'âme est aveugle, elle vient toucher au hasard l'une des deux pierres: si c'est la pierre de mort, elle est anéantie; si c'est la pierre de vie, elle commence aussitôt, sur des rochers flottants, une série de migrations»: vid. L. Marillier, *ob. cit.*, p. 23.

de ir de noite ao Cabo, não era por devoção para com os deuses lá reunidos, era por medo!

Com effeito, ainda hoje em certas aldeias de Portugal não se sae de noite sózinho, por causa das feiticeiras [1]. «Par une espèce d'accord tacite, il est entendu que la terre appartient, de jour, aux vivants, la nuit, aux morts» [2]. Na Bohemia, a quem tiver curiosidade de ver um espectro acontece alguma fatalidade [3]. Sébillot, fallando da Alta-Bretanha, conta uma historia em que figura um individuo que, indo de noite trabalhar num campo, ouviu uma voz mysteriosa que lhe disse: «Faut laisser la nuit à qui elle appartient!» [4]. Em Bornéo, o paraiso «se trouve au sommet du Kina Balu, et les guides indigènes.. ne voulurent pas se décider à passer la nuit dans cette demeure des esprits» [5]. Em Roscoff, na Baixa-Bretanha, «on croit à un grand sorcier rouge qui se promène sur le rivage pendant les nuits et précipite sans pitié dans les flots quiconque a la témérité de troubler la solitude de ses courses nocturnes» [6]. Conta Pausanias, escritor grego que já a cima citei, que, segundo a crença do vulgo, acontecia todas as noites, no campo da batalha de Marathona, ouvirem-se relinchar cavallos e verem-se homens a combater: quem ahi ia de proposito para observar o phenomeno era castigado pelos deuses; quem passava por acaso, nada soffria [7].

As lendas do Cabo Sagrado pertencem pois a uma categoria conhecida e bem definida.

---

1. Vid. os meus *Ensaios ethnographicos*, I, 41–42.

2 Le Braz, *La légende de la mort*, 3.ª edição, tomo I, Paris 1902, XLV.

3 Wuttke, *Der deutsche Volksaberglaube*, 3.ª edição, Berlim 1900, 772.

4 *Traditions de la Haute-Bretagne*, I, 204.

5 Tylor, *Civilisation Primitive*, II, 78.

6 *Mélusine*, II, 451.

7 *Descripção da Grecia*, I, XXXII, edição de L. Dindorf, Paris (Didot) 1845.

c) Já na nota 3 de p. 199 se ponderou que, segundo a luminosa correcção de Coray e Meineke, se realizariam no Sacro Promontorio libações, para as quaes era precisa agua.

As libações consistiam principalmente, como é sabido, em offerecer ás divindades certos liquidos que, conforme as circunstancias, se derramavam nos altares [1], ou se espalhavam nas aguas [2], etc. Estes liquidos eram: vinho puro ou misturado com agua; leite; sangue; azeite; hydromel; e outros. [3]. As libações podiam fazer parte de sacrificios mais complexos, ou constituirem, como aqui parece ser o caso, sacrificios por si mesmas.

O que Artemidoro affirma com relação a interdicção de sacrificios no Cabo dever-se-ha entender, como se lembrou a cima, p. 199, nota 3, de grandes sacrificios, i. é, sangrentos, por opposição a libações, ou sacrificios mais simples. Talvez se imaginasse que o sangue das victimas manchava a pureza santa do logar.

Segundo a ordem de ideias que tenho exposto, as libações de que se aqui trata seriam em honra dos espiritos ou deuses do oceano [4].

---

[1] Por ex.:

pateris.. altaria libant.

Verg., *Aen.*, XII, 174.

[2] Cf.:

..... extaque salsos
Porricit in fluctus ac vina liquentia fudit.

Verg., *Aen.*, V, 775-776.

[3] Inferimus tepido spumantia cymbia lacte
Sanguinis et sacri pateras.

Verg., *Aen.*, III, 66-67.

.... duo rite mero libans carchesia Baccho
Fundit humi, duo lacte novo, duo sanguine sacro.

Verg., *Aen.*, V, 77-78.

..... fuso crateres olivo.

Verg., *Aen.*, VI, 225.

Acêrca de libações de hydromel nos Gálatas, cf. C. Jullian, in *Revue des études anciennes*, V, 26.

[4] De outras oblações d'esta especie fallo adeante, p. 216, n. 1.

*
* *

O templo de Héracles, de que me occupei a p. 200 sqq., não é o unico testemunhado pelos antigos como existente no Sacro Promontorio. Ao descrever esta região, diz Avieno na *Ora maritima,* vv. 215–216:

> Inhorret inde rupibus *Cautes Sacra*
> *Saturni* et ipsa..[1]

onde *Cautes,* como se deduz do conjunto da descripção, significa o extremo oriental do Promontorio, i. é, a ponta que modernamente se chama *de Sagres*[2].

A termos de dar fé a esta noticia — e não ha motivo para lh'a negar — vemos que existiu aqui tambem um santuario de Saturno; só em *Saturnus* = Κρόνος devemos talvez subentender *El,* nome de um deus phenicio[3].

O Sacro Promontorio, assim provido de dois santuarios, um de Héracles (Melkart), outro de Kronos (El?), fica equiparado á ilha de Gadir (Gades, τὰ Γάδειρα, — hoje Cadiz),

---

[1] O poeta escreve *et ipsa,* porque no v. 165 tinha fallado de uma ilha tambem consagrada a Saturno.

[2] A palavra *Sagres* vem mesmo de sacris (empregada adjectivamente numa phrase como, por ex., cautibus sacris).

[3] «.. wo die Schriftsteller von einem phönikischen *Kronos* reden, wird zunächst immer an *El* zu denken sein»: E. Meyer, no *Lexikon der grich. und röm. Mythologie,* de Roscher, I, 1227. Sem embargo, Kronos foi confundido com outros deuses phenicios, Bel ou Βῆλος e Baal: *loc. cit.,* p. 1226. Cf. Movers, *Die Phönizier,* II, II, 59: «El oder Kronos, welcher mit Baal oder Bel identisch ist». — Como temos um escholio a Dionisio o Periegeta, segundo o qual as columnas de Héracles foram primeiro chamadas *de Kronos* (vid. Movers, *ob. cit.,* II, II, 62 e n. 15), póde inferir-se que na antiquissima fonte de que provém o poema de Avieno em que me baseio houve já confusão de Héracles com Kronos, e que os dois santuarios do Sacro Promontorio devem pois reduzir-se a um unico; mas será ir muito longe, e sem necessidade, no terreno das hypotheses. Alem d'isso a comparação que no texto estabeleço entre o Sacro Promontorio e Gades é a favor do que diz Avieno. — Por notavel confusão, o Sacro Promontorio é posto sob a invocação de Dionyso (= Baccho) nas *Argonauticas* de Orpheu, v. 1242, — obra que já acima citei.

na mesma zona maritima, embora longe, onde, segundo Estrabão [1], se viam tambem dois identicos santuarios, um de Héracles, ou Ἡράκλειον, ao Oriente, outro de Kronos, ou Κρόνιον, ao Occidente. Esta comparação do Sacro Promontorio com Gadir parece-me interessante.

Resumirei agora em breves palavras o que fica exposto. O Promontorio Occidental dos Cynetes, hoje S. Vicente-Sagres, era nos tempos protohistoricos duplamente sagrado: ahi corriam lendas populares, e se celebravam certas cerimonias ritualisticas; ahi havia santuarios phenicios. Aquellas lendas e cerimonias é natural suppor que fossem indigenas; quem sabe mesmo se já datariam dos tempos prehistoricos? Os cultos phenicios são certamente mais recentes que ellas. Ao passo que os santuarios de Héracles e Kronos se relacionavam com as grandes navegações do povo que os erigiu, as lendas e cerimonias pertenciam provavelmente ao patrimonio religioso dos humildes pescadores da costa.

Á dualidade de santuarios (Héracles e Kronos) correspondem agora dois nomes em que do mesmo modo a religião manifesta o seu cunho: *S. Vicente* e *Sagres* (= sacris). E pois provavel que, se o santuario de Saturno ficava ao oriente, em Sagres, o de Héracles ficasse no extremo opposto, onde ulteriormente se estabeleceu o culto de S. Vicente, hoje em decadencia. A reunião nocturna dos deuses devia tambem localizar-se no Cabo de S. Vicente propriamente dito, pois a noticia que Estrabão dá, de que lá não havia agua, só a essa extremidade convem.

Nem o actual caracter sagrado do Promontorio, nem as lendas hodiernas se cifram no que fica dito. Ha ainda mais que dizer.

Segundo a crença popular, o *leixão* ou *linxão de S. Vicente,* tambem chamado *O Gigante* (ilhota: vid. supra, p. 10), estava primitivamente pegado ao Cabo: S. Vicente

---

[1] *Geographia,* III, v. 3.

ia sentar-se no logar em que hoje ha uma capella de fronte, enfastiou-se de o ver alli, e foi com o dedo *mêminho,* i. é, meudinho ou minimo, e atirou-o ao mar; mas o dedinho quebrou-se-lhe, e constitue hoje uma reliquia ou *arrelique* da igreja de Villa do Bispo. Ainda agora se mostra na praia o buraco correspondente ao sitio do leixão [1]. S. Vicente tinha dois *corvinhos* comsigo [2].

---

[1] Ouvi tres versões d'esta lenda: uma em Villa do Bispo e duas no Cabo. — São muito vulgares em toda a parte lendas analogas.

[2] Na sé de Lisboa alimentam-se, como é sabido, dois corvos, que se relacionam com as armas da capital e com as lendas do Cabo. Quando os corvos morrem, são substituidos por outros. Ainda em 1903 dizia *O Seculo,* de 23 de janeiro: «Como nos demais annos, a igreja festejou hontem o dia de S. Vicente, o santo padroeiro de Lisboa e Algarve. Na Sé Patriarchal houve, ás onze da manhã, missa de pontifical, a instrumental, com assistencia do Sr. Cardeal Patriarcha e quasi todo o cabido.. Terminada a missa, o Sr. Cardeal Patriarcha deu a beijar a reliquia de S. Vicente. Em seguida á cerimonia da reliquia, *muita gente foi ver os corvos que estão no pateo*». Este costume, officialmente mantido, e de certo com toda a gravidade, tem, como muitos outros, raizes pagãs, e ha d'elle parallelos em diversos paises. Cf. *Revue Celtique,* XIX, 96 (num poço sagrado do país de Galles, dois peixes que morrem de 50 em 50 annos são substituidos por outros); Réville, *Religions des peuples non civilisés,* I, 65 (serpentes sagradas, sustentadas pelo Estado de Dahomey); *Wallonia,* VI, 162 (urso sustentado nos jardins do mosteiro de Saint-Ghislain, na Belgica; dizia-se dos romeiros: «que l'on allait servir Saint-Ghislain et son ours»); *La Tradition,* XVI, 314 (ursos de Berna, na Suiça). — Da lenda dos corvos e correlativa trasladação do corpo de S. Vicente do Cabo para Lisboa trata Gaspar Estaço, *Varias antiguidades,* Lisboa 1625, cap. XXVI e XXVII, onde cita outros autores. Cf. D. Duarte, *Leal Conselheiro,* cap. XXXVI, e Camões, *Lusiadas,* III, 74. O corvo figura em muitas lendas pagãs e christãs. Na mythologia germanica estavam associados a Wuotan dois corvos: Grimm, *Deut. Mythologie,* 4.ª ed., III, 122; *Revue Archéologique,* julho-agosto de 1896, p. 112. Lenda do corvo de S. Bento: *Benedictina Lusitana,* de Fr. Leão de S. Thomás, I, 57. Vid. outros exemplos em Maury, *Croyances et légendes,* Paris, 1896, p. 274-275. A respeito do corvo vid. tambem: *Revue celtique,* I, 32; D. Joaquim Costa, *Poes. pop. esp.,* p. 296, n. 1; *Revue des études anc.,* V, 253. — É-me impossivel estudar numa nota esta lenda, com o desenvolvimento que o caso pede.

Quem segue de Villa do Bispo para o Cabo de S. Vicente passa por um «monte», ou casal, chamado *Valle Santo,* que tem effectivamente ao pé um valle. Não pude averiguar precisamente a origem lendaria d'esta denominação; ella porém é muito importante, porque mostra pelo seu lado a tenacidade da reputação *de sagrado* que sempre o Cabo teve.

Para melhor elucidação dos leitores, aqui lhes apresento um esboço cartographico do Sacro Promontorio com as designações modernas (vid. est. IV)

C) Do Sacro Promontorio á Serra da Lua.

Percorrendo-se a costa, desde o Sacro Promontorio, cujas lendas ficam estudadas na precedente secção, até á Serra da Lua, a que na secção seguinte vou referir-me, encontram-se varios santuarios catholicos com tradições antigas que não sería difficil provar que ascendem a epochas anteriores ao christianismo.

Em Sines, por exemplo, temos S. Torpes, de que já fallei nesta obra, vol. I, pp. 21–23. A vinda do cadaver d'este santo ás praias portuguesas acha-se revestida de circunstancias maravilhosas; no seu culto, em que figuram peixes, a noção do sacrificio pagão está bem manifesta [1].

A Senhora do Cabo (de Espichel), que appareceu á beira-mar, em fórma de imagem, a um Saloio e a uma Caparicana [2], e que é festejada no verão com grandes romagens (*cirios*), pertence á mesma categoria [3].

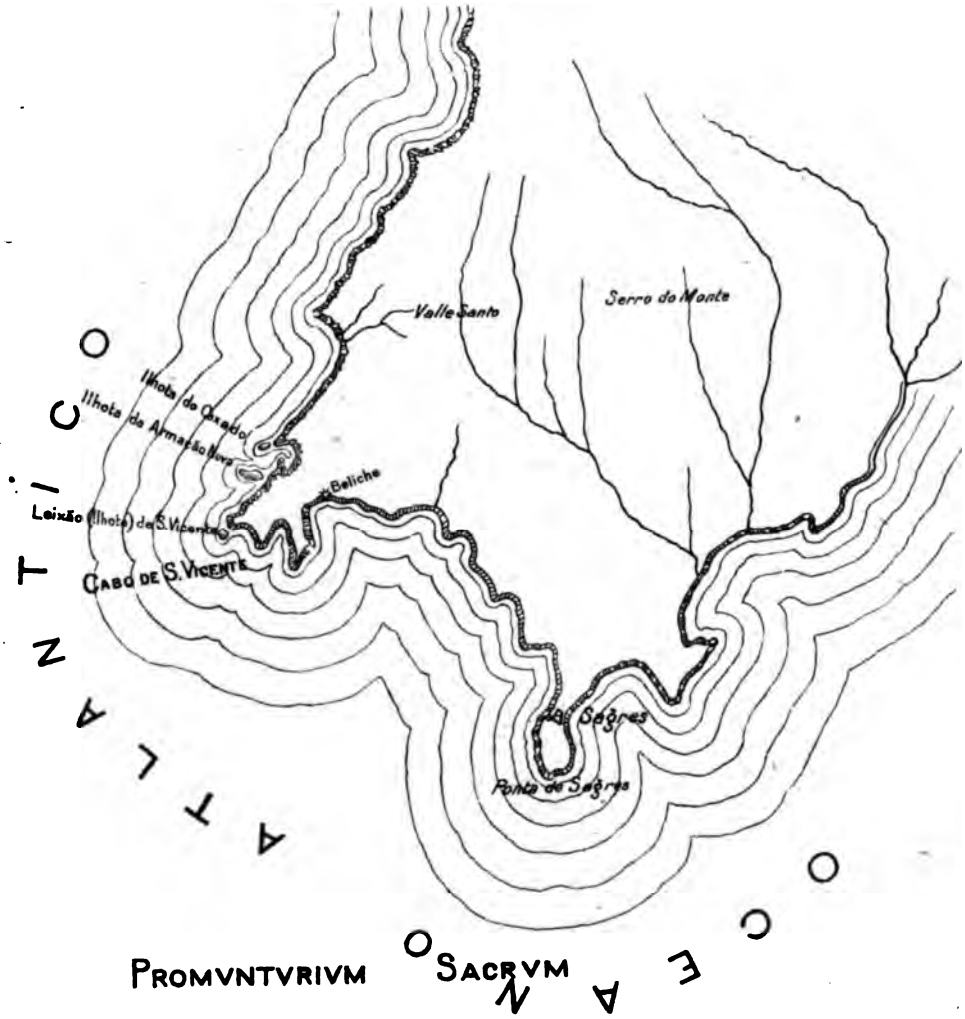
Mas como, por um lado, tudo isto e o mais que viria a proposito relatar são, como disse, meros *vestigios do paga-*

---

[1] Sobre a relação dos peixes com o culto do Tibre, vid. Preller, *Röm. Myth.*, 133. Exemplos de oblações ao mar: *Mélusine*, II, 230–234. Sacrificios ao mar: Reville, *Relig.*, I, 59; Hignard, *Les dieux de la mer*, 272.

[2] Mulher da aldeia de Caparica.

[3] A lenda está lá exposta numa capella, em quadros de azulejo.


Valle Santo
Serro do Monte
Ilhota do Queiro
Ilhota do Armação Nova
Belliche
Leixão (Ilhota) de S. Vicente
Cabo de S. Vicente
Pontal dos Segres
Ponta de Segres
O C E A N O A T L Â N T I C O
PROMVNTVRIVM SACRVM

nismo; e como, por outro lado, taes vestigios tanto podem provir dos tempos proto-historicos, como de outros, anteriores ou posteriores, embora pre-christãos: não devo fazer aqui o seu estudo pormenorizado.

D) A Serra da Lua.

Quando a cima, p. 26, tratei da Geographia da Lusitania, mostrei que a serra de Cintra ou Sintra[1] foi em tempos antigos consagrada á Lua: Σελήνης ὄρος, diz Ptolemeu. O Cabo da Roca, que continúa a Serra, tinha d'ella tambem o nome: *Cabo da Serra da Lua.* De a Serra se chamar *da Lua* podemos inferir que ahi existiria talvez um santuario em que se venerava aquelle astro.

---

[1] A orthographia *Sintra,* com *S,* é a adoptada pelo menos até o sec. xvi (mas talvez haja ainda exemplos do sec. xvii). Eis as provas:

Sec. xii: Geographia de Edrisi *Chintra,* onde *Ch* = *S*; (ed. de Jaubert, Paris 1840, p. 16 e 227).
O foral (de 1154) tem *Sintria,* vid. *Port. Mon. Hist.,* Leg. et cons., i, 384;
Sec. xiii: *Sintria* (1261) na Chancellaria de D. Affonso III, Torre do Tombo, i, 49;
Sintra (1286) na de D. Dinis, ib., i, 175;
Sec. xiv: *Sintra* (1336) na de D. Affonso IV, ib., iv, 4 *v*;
Sintra (1382) na de D. Fernando, ib., iii. 23 *v*;
Sec. xv: *Sintra* (1435) na de D. Duarte, ib., iii, 46 *v*;
Sintra (1441) na de D. Affonso V, ib., ii, 70;
Sintra (1482) na de D. João II, ib., ii, 25 *v*;
Sec. xvi: *Symtra* (1517) na de D. Manuel, ib., x, 75.

Os mencionados exemplos dos sec. xiii a xvi devo-os á inexgotavel bondade do meu erudito amigo e collega Pedro de Azevedo, 1.º conservador do Archivo Nacional da Torre do Tombo.— Do sec. xvi temos tambem exemplos com *S,* em Camões, *Lusiadas,* iii, 56; e em Fr. Bernardo de Brito, *Geographia da Lusitania,* 1597, fls. 3; e vid. outros adeante, p. 219, nota 5.

Pelo menos até o sec. xvi havia em português distincção absoluta entre a pronuncia de *s* e a de *ç.* (Cf. *Estudos de philologia mirandesa,* i, 34, n.); por isso uma palavra que se pronunciava com *s,* como *Sintra,* não podia escrever-se com *c.* — De se escrever *Sintra* com *c,* i. é, *Cintra,* darei a p. 219, n.º 5, a razão.

Postoque a expressão Σελήνης ὄρος, ἄκρον «Promontorio da Serra da Lua» appareça pela primeira vez em um texto de Ptolemeu, escriptor grego da epocha romana (sec. I–II da E. C.), e não se falle em lua em nenhum dos textos mais antigos em que se menciona a região (o Périplo de que se serviu Avieno na *Ora maritima,* e as obras de Mela e Plinio)[1], não ha razão para attribuir aos Romanos a origem da santificação do logar. Esta deve ser mais antiga; os Romanos apenas, como veremos, continuaram um uso que vigorava antes d'elles chegarem.

Para os navegantes, que vão de noite no mar alto, a lua é facho e guia. Lá diz Vergilio, *Aen.,* VII, 7–8:

> nec candida cursus
> Luna negat; splendet tremulo sub lumine pontus.

E assim como hoje nas costas maritimas abundam templos com a invocação de *Senhora dos Navegantes* e outras congeneres, tambem na antiguidade elles abundavam em honra das divindades de então, entre as quaes, a lua: Σελήνης ὄρος na Ethiopia, Σελήνης ἄκρον e Σελήνης λιμήν na Etruria, Λουνάριον ἄκρον na Hispania[2].

Se o culto da Lua na Serra de Sintra provém já de epochas mais remotas do que aquella de que estou tratando[3], ou se ha de ver-se nelle influencia phenicia, eis o que não posso decidir. Não seria para estranhar que os Phenicios, povo eminentemente navegador, ahi tivessem um santuario com a invocação da Lua, como de certo os tinham no Sacro Promontorio em honra de outros deuses: em tal caso o respectivo nome da divindade seria Astarte, deusa semitica da lua e do oceano, em hebraico עשתרת = *ʿAxtoret,* a que os Gregos fizeram corresponder Aphro-

---

[1] Vid. supra, pp. 25–26.

[2] Vid. as citações em Pape, *Wörterbuch der griechische Eigennamen,* s. vv.

[3] Cf. *Religiões da Lusitania,* I, 106–107.

dite, i. é, Venus [1]. Com tal hypothese estaria de accordo a que a p. 52 d'este volume enunciei da origem phenicia do nome *Olisipo*. Movers, ao tratar do culto dos astros nos Libyphenicios da Hispania, cita tambem o nosso Cabo da Lua [2]; refere-o portanto aos tempos protohistoricos, como aqui faço.

Observação. — Da existencia do culto lunar na região sintrã na epocha romana temos, alem do testemunho indirecto de Ptolemeu, citado a cima, e do de Marciano de Heraclea [3], que copiou Ptolemeu, tambem o da epigraphia, pois André de Rèsende publicou inscripções de Collares consagradas SOLI ET LUNAE e SOLI AETERNO LUNAE [4]. De tempos posteriores não conheço outros documentos senão os transmittidos por via litteraria, do sec. XVI para cá, os quaes por isso não tem valor para o nosso caso [5]. Fallo,

---

[1] Vid. sobre estes pontos: Harley, *Moon Lore*, Londres 1885, p. 94; E Meyer, in *Lexikon der griech. und röm. Mythologie*, I, 655; Perrot & Chipiez, *Histoire de l'art*, III, 68; Gardner, *The typs of Greek coins*, p. 42.

[2] *Die Phönizier*, II, II (Berlim 1850), 651 sqq.

[3] Vid. supra, p. 26.

[4] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 258 e 259.

[5] No sec. XVI, em virtude da confusão que na pronuncia do Sul se estabelecia entre *s* e *ç*, a palavra *Sintra* começou, como se disse a cima, a pronunciar-se *Cintra*. Por isso os eruditos e poetas, que sabiam que ahi tinha existido em epochas remotas o culto da Lua, mas que não sabiam que as explicações philologicas devem basear-se em documentos mais solidos que os que provém de mera phantasia, admittiram relações phoneticas entre *Cintra* e *Cynthia*, um dos epithetos latinos de Diana, deusa lunar. É assim que numa carta dirigida por el-rei D. Sebastião ao Pontifice, em 1570, se lê *Sintiae* (apud Diogo Barbosa Machado, *Mem. para a historia de Portugal*, II, 212), fórma que tem da antiga o *s*, e da latina a terminação. Fr. Amador Arraiz, *Dialogos*, IV, p. 111, col. 2 (2.ª ed.), escreve *Syntra*, e, fallando de *Scynthia*, fórma em que concorre o *s* e o *c*, diz «isto he, da Lũa».

Esta falsa theoria continuou a vigorar nos seculos seguintes, até hoje. Na nota 110 da *Henriqueida*, poema de D. Francisco Xavier

entenda-se, do culto da Lua especializado a Sintra; pois do culto da Lua, tomado em sentido geral, ha muitos vestigios ainda hoje na tradição popular de todo o país.

E) Da Serra da Lua á Ilha de Saturno.

Desde a Serra da Lua até á ilha *pelagia* ou de Saturno, se esta, como suppus a p. 38, corresponde á Insoa, não existem textos antigos que nos fallem das religiões locaes.

Sem embargo, ha muitas lendas modernas que provém de eras remotissimas.

---

de Meneses, Lisboa 1741, lê-se: «*Cintra* deve escrever-se com *C*, e não com *S*, porque lhe deu o nome Cinthia, que he a Lua, a quem este monte era dedicado». Domingos Maximiano Torres, da freguesia de Sintra, publicou um volume de versos com o nome arcadico *Alfeno Cynthio*, Lisboa 1791, onde a p. 231 se diz:

Ha de *Cynthia* na alta serra
Uma verde penedia...

Costa e Silva, no poema *Isabel*, canto IV, p. 59, escreve «Serra de Cinthra», e no poema *Emilia e Leonido*, 1836, p. XXXIX, escreve *Cynthia* = Cintra. Mendes Leal, *Canticos*, p. 163, tem:

Ais de morte as vagas gemem;
E ao som da horrenda harmonia
Os rudes pincaros tremem
Sobre a Cinthia penedia...

versos a que em nota acrescenta inexactamente: «Cintra, promontorio Cinthio». Ainda recentemente o cardeal italiano Domenico Jacobini escreveu um poemeto latino com o titulo de *In Cynthiam*, que foi traduzido por Prospero Peragallo no opusculo *Cintra*, Genova 1901. E mais citações podiam ainda fazer-se.

Do que fica dito nesta nota, e na nota 2 de p 217, resulta:

1.º, que a antiga orthographia, e portanto a preferivel, é *Sintra;*

2.º, que a orthographia *Cintra* é moderna, e devida a falsas ideias historicas de eruditos e poetas.

Phoneticamente, era impossivel deduzir *Cintra* ou *Sintra* de *Cynthia*.

No Cabo-Carvoeiro (Peniche) temos o santuario da Senhora dos Remedios, cuja imagem, como numerosissimas outras, appareceu em circunstancias extraordinarias; a elle vão annualmente muitos romeiros. D'estas e outras tradições populares de Peniche se trata na *Revista Lusitana,* II, 308–313.

Um pouco ao Norte, na mesma costa, fica a celeberrima gruta da Senhora da Nazareth, junto da qual, segundo a piedade christã, se passou o milagre de D. Fuas Roupinho, cavalleiro que, perseguindo um veado que lhe fugia, e indo a precipitar-se no mar, invocou o nome da Virgem, e se salvou. Esta lenda apresenta pontos de contacto com a do grego Saron, tal como a conta Pausanias, na *Descripção da Grecia,* liv. II, cap. XXX.

Perto do Cabo-Mondego, para cima de Buarcos, o templo da Senhora da Encarnação attrae todos os annos grande concorrencia de fieis, em cumprimento de votos feitos á Virgem nos perigos do oceano, e noutros. Quando o mar está bravo, o povo vae ás lampadas do templo buscar um pouco de azeite, e atira-o ás ondas, para as amansar[1].

Da imagem do Senhor de Matosinhos, ao pé do Porto, diz a lenda que, tendo ella sido lançada ao mar na Pales-

---

[1] Convem citar a este proposito o seguinte passo do livro de Boys, *Bulles de savon* (trad. fr.), Paris 1892, p. 136, cujo conhecimento devo á benevolencia do meu amigo Dr. Eugenio Pacheco, professor no Lyceu de Lisboa: «*L'action de l'huile sur les vagues.* — Les anciens connaissaient déjà l'action calmante que l'huile exerce sur les vagues; Aristote, Pline et Plutarque en font mention. Mais cette tradition, conservée par les marins, avait été négligée par les physiciens, qui avaient continué de la reléguer au rang des nombreuses superstitions attribuées aux pêcheurs. On doit à M. van der Mensbrugghe de l'avoir remise en honneur, et d'avoir donné une explication à peu près satisfaisante de cette action. Une enquête approfondie, faite par le vice-amiral Cloué en 1887, est venue apporter à la théorie l'appui d'un nombre considérable d'observations concluantes. Voir la Note de M. van der Mensbrugghe, publiée dans *La Nature* du 28 Juillet 1888».

tina, nada menos que por Nicodemos, correu o Mediterraneo, passou pelo Estreito de Gibraltar, e, entrando no oceano, aportou a Matosinhos, — apenas falha de um braço, perdido na jornada [1]: lenda commum a muitos outros santuarios, e que encontra numerosos parallelos na ethnographia geral.

Nas costas maritimas do Alto Minho (Senhora da Agonia e da Conceição, em Vianna, etc.) não faltam tambem lendas populares que entrem na categoria das antecedentes. Não devo porém aqui, pelas mesmas razões que apresentei a pp. 216–217, insistir neste assunto.

F) A Ilha de Saturno.

O unico texto antigo que nos falla d'esta ilha é a *Ora maritima,* de Avieno, nos vv. 164–171. Como já o reproduzi todo a p. 38, bastará agora citar unicamente as phrases que tem sentido religioso. São:

..... post pelagia est insula
..... Saturno sacra.

Se neste passo a palavra *pelagia,* fem. de *pelagius,* tivesse o sentido de «do mar alto», tal designação não podia corresponder á Insoa, que fica na barra do rio Minho; mas *pelagius* póde tambem ser synonimo de *marinus.* Em grego πελάγιος, d'onde vem *pelagius,* tem tambem as duas significações. Por isso *pelagia insula* poderá traduzir-se por «ilha maritima», ou mais poeticamente «maritima ilha»; o adjectivo constituirá aqui mero pleonasmo.

Por *Saturno* deveremos entender o nome de uma divindade phenicia: talvez *El* ou *Bel.* Cf. o que se disse a respeito de Sagres, a p. 213. Müllenhoff, *Deutsche Altertums-*

---

[1] *Portugal Antigo e Moderno,* de Pinho Leal, I, 138. Na mesma obra, p. 137, citam-se varias auctoridades bibliographicas.

kunde, I (1890), 101, tratando da ilha, diz expressamente: «dem Saturn d. i. dem Bel geweiht». D'esta veneração tão repetida de Saturno provirá aquillo de Cicero: «Saturnus .. quem vulgo maxime colunt ad Occidentem» [1].

Comprehende-se que, sendo divinizadas as costas maritimas, o fossem igualmente as ilhas. Nos mares da Iberia havia outras ilhas santas: *insulae Deorum,* junto da Gallaecia; *insula Diana,* no Mediterraneo. Na Italia temos tambem: *insula Aesculapii,* no Tibre. E muitos factos semelhantes se podiam citar.

G) Pela costa gallega.

Na *Ora maritima,* v. 158, falla-nos Avieno do *Veneris iugum,* de situação incerta: talvez elle corresponda ao moderno Cabo Corrobedo, na Galliza. — Do mesmo modo que Saturno ou Kronos, e Hercules ou Héracles representavam divindades phenicias, segundo o que vimos acima, — tambem aqui por Venus (= Aphrodite) se ha de entender outra: acaso Astarte. Cf. supra, p. 218 (a proposito do Cabo da Lua).

Na costa da Galliza encontram-se hoje muitos santuarios christãos, cujas origens, a julgar das tradições que lhes andam annexas, estão no sub-solo pagão, como: o de Nossa Senhora de Oya, na provincia de Pontevedra, a respeito da qual «creen los naturales del pais que la imágen de Ntra. Señora del Mar, venerada en la iglesia, se apareció en 1581 sobre un lebrel en el sitio denominado la Orillada, cerca del mar» [2]; o de Nossa Senhora da Barca, na provincia da Coruña, onde ha uma pedra balouçante em que os romeiros se vão sentar no dia da festa [3].

---

[1] *De natura deorum,* III, 17, 44. Cf. Movers, *Die Phönizier,* II, II 650, n. 221.

[2] Madoz, *Diccionario geografico de España,* XII (1849), 497.

[3] Informação do illustre escriptor e meu amigo D. Andrés Martinez Salazar. Cf. os meus *Ensaios ethnographicos,* II, 230-231.

X. Rios santos

Conhecida é a veneração religiosa de que a antiguidade cercava os rios. Ora destruidores das sementeiras e das casas, em seu curso impetuoso; ora fertilizadores das veigas, quando serenos e mansos: o homem viu sempre nelles forças mysteriosas que convinha adorar ou esconjurar, conforme as circunstancias.

Na phase primordial das concepções religiosas divinizavam-se as proprias aguas, como ainda o revela o onomastico: assim, na Sardinia havia um *Flumen Sacrum* [1]; na Hispania, na Gallia, na Brittannia e na Germania diversos rios se chamavam outr'ora *Deva* (palavra celtica que significa «divina»), ou tinham denominações derivadas d'esta, como *Devana, Devŏna* [2]. Noutra phase mais adeantada as aguas eram tidas como propriedade ou residencia de deuses: Homero, na *Odysseia,* v, 445–450, diz que Ulysses, chegando cansado ao pé de certo rio, se dirigiu ao *numen*, dando-lhe o titulo de rei, ἄναξ, e invocando-lhe a corrente, σὸν ῥόον; Vergilio, nas *Georgicas,* II, 147, fallando do rio Clitumno, estabelece tambem distincção entre elle e a agua: *Clitumne, tuo flumine sacro;* e o mesmo faz na *Eneida,* VIII, 72, a respeito do Tibre: *Tuque, o Thybri, tuo genitor cum flumine sancto,* verso que provém já de Ennio [3].

Pelo que toca á Lusitania, comquanto haja nas crenças modernas e no onomastico muitos e importantes vestigios do antigo culto dos rios, só porém temos conhecimento directo de poucos factos.

---

[1] Forbiger, *Geogr.*, II, 544.

[2] D'Arbois de Jubainville, *Les premiers habitants,* II, 271.

[3] Vide a nota de Benoist a este passo: *Vergilii Opera,* Paris 1882. — Sobre o culto do Clitumno e do Tibre consulte-se Preller, *Römische Mythologie*, II³, 130–137 e 140–141.

A) Limia.

Quando Decimo Junio Bruto andava em guerra na Galleccia, aconteceu que, ao chegar com os soldados ao rio Limia, hoje *Lima,* estes não quiseram passar para o outro lado, sendo preciso que elle proprio arrancasse o estandarte das mãos do signifero e o levasse para a margem opposta, só assim os persuadindo a fazerem a travessia. Esta superstição, que conhecemos pela *Periocha* ou Epitome que resta do liv. LV de Tito Livio (o liv. LV é, como se sabe, um dos livros perdidos da obra de Tito Livio) [1], é evidente que corria entre os indigenas. Lucio Floro tambem allude a ella, pois chama ao Limia: *formidatum militibus flumen oblivionis* [2].

Como a campanha de Decimo Bruto se realizou pelos annos de 137 a. C., temos assim uma prova de que a superstição era ainda vivaz na primeira metade do sec. II a. C. Assignalo este facto, por causa do que tenho de dizer adeante.

Em que é que consistia a superstição? Porque é que os soldados receavam atravessar o rio? Da propria denominação que tanto o Epitome de Tito Livio (*flumen Oblivio*), como o texto de Floro (*flumen Oblivionis*) dão ao rio, devemos concluir que se suppunha que quem atravessasse as aguas se esquecia do passado. Silio Italico, que se aproveitou de Tito Livio, e devia conhecer na integra o livro hoje perdido, diz do Limia:

> Quique super Gravios lucentis volvit harenas,
> Infernae populis referens obliuia Lethes.
>
> .... aquae, sub nomine Lethes
> Quae fluit, immemori perstringens gurgite ripas [3].

---

[1] Eis o texto (ed. de W. Weissenborn, Berlin 1881): «D. Iunius Lusitaniam expugnationibus urbium usque ad Oceanum perdomuit et, cum flumen Oblivionem transire nollent, raptum signifero signum ipse transtulit et sic, ut transgrederentur, persuasit».

[2] *Res in Hispania gestae,* I, XXXIII (ed. de C. Halm, Leipzig 1879).

[3] *Punica,* I, 235-236 (ed. de L. Bauer, Leipzig 1890); XVI, 476-477. — A respeito da fórma erronea *Gravii* vid. supra, 74, n. 7.

Estes versos confirmam em parte o que fica dito, pois o nosso rio, com o turbilhão das suas aguas que causavam o esquecimento *(immemori gurgite)*, é nelles equiparado ao Lethe, rio do Inferno, que, como se sabe, produzia o mesmo effeito [1], — embora Silio Italico procedesse aqui mais como poeta do que como ethnographo, pois de certo se lembrou dos passos de Vergilio que cito em nota.

A superstição de que se trata não só era indigena, mas tida por antiga. Plinio o nota quando escreve: «et Limaeam [2] vocant, *Oblivionis* antiquis dictus, multumque fabulosus» [3]. Pela expressão *fabulosus* deve entender-se «lendario», i. é, «de que se contam historias e maravilhas»; era expressão corrente nos autores romanos, em casos analogos, por exemplo: *fabulosus Hydaspes* em Horacio, *Carmina*, I, 22; *fabulosae palumbae*, ibid., III, 4; *fabulosus Atlas* em Plinio, *Nat. Hist.*, V, 5; *fabulosum fretum* (Charybdes et Scylla) em Seneca, *Epist.* 45; etc. [4].

---

[1] Vergilio explica o que seja o Lethe quando diz que as almas, que no Inferno estão destinadas a ir vivificar no mundo outros corpos, bebem na corrente d'aquelle rio a agua que as faz esquecer do longo passado e lhes dá repouso. É Anchises quem falla:

> ..... Animae, quibus altera fato
> Corpora debentur, Lethaei ad fluminis undam
> Securos latices et longa oblivia potant.

Vid. *Eneida*, VI, 713-715. Noutro logar diz que todas estas almas, depois de decorridos mil annos, vem, á voz da divindade, em grande turma, junto do rio Lethe, para que, esquecendo o passado, tornem a ver o mundo superior, i. é, a terra, e recomecem a vida corporea:

> Has omnes, ubi mille rotam volvere per annos,
> Lethaeum ad fluvium deus evocat agmine magno,
> Scilicet immemores supera ut convexa revisant
> Rursus et incipiant in corpora velle reverti.

Vid. *Eneida*, VI, 748-751.

[2] *Limaeam* (accus.) é fórma incorrecta por *Limiam*, como Λιμαίαν que citei a p. 37. Noutro passo Plinio emprega a boa fórma.

[3] *Nat. Hist.*, IV, 115.

[4] Vid. as notas que Schütz juntou na sua ed. de Horacio, *loc. cit.* Escapou-lhe o *Limaea* (vel *Limia*) *fabulosus* de Plinio.

Se as aguas do Limia produziam o esquecimento, busquemos agora saber como é que a superstição se manteve, pois ou o rio não era nunca atravessado pelos povos limitrophes — e isto não póde admittir-se — ou, se o era, a travessia fazia immediatamente desapparecer a superstição, como o espirito forte de Decimo Bruto tentou. Por nos faltarem elementos directos para resolvermos o problema, precisamos recorrer, como já outras vezes nos tem succedido, á hierologia e ethnographia geraes, a fim de podermos chegar a alguma conclusão.

Para os antigos, como ainda para muitos povos selvagens modernos, os rios revestiam frequentemente caracter sagrado, e eram considerados divindades: de modo que navegar por elles, passá-los a vau, lançar-lhes pontes, edificar moinhos junto das suas aguas julgava-se que constituiam outros tantos casos de profanação e sacrilegio, e tornava-se necessario nessa occasião proceder a expiações. Eis as provas. Quando a ponte de madeira, chamada *pons sublicius,* sobre o Tibre, tinha de ser reconstruida, celebravam-se sacrificios nas duas margens do rio, e sobre elle mesmo, com assistencia dos pontifices [1]. Diz Hesiodo que ninguem devia atravessar um rio sem primeiro o contemplar religiosamente, dirigindo-lhe orações, e purificando as mãos nas aguas [2]. No rio Clitumno, na Italia, havia uma ponte que limitava a parte sagrada da profana; nesta podiam tomar-se banhos, naquella não [3]. A respeito da travessia de rios nos povos selvagens escreve Taylor: *a*) «En arrivant sur les bords d'un fleuve, les Péruviens prennent de l'eau dans le creux de leur main et la boivent en demandant à la divinité de la rivière de leur permettre de la traverser sains et saufs, ou de leur fournir du poisson; puis ils jettent dans le fleuve une poignée de maïs en guise d'offrande» [4]. *b*) «Aujourd'hui encore, les Indiens des

---

[1] Preller, *Römische Mythologie,* 3e éd., p. 135.

[2] Apud *Dict. des antiq. gr. et rom,* s. v. «flumina», p. 191, col. 2

[3] Preller, *Römische Mythologie,* 3e éd., p. 135.

[4] *Civilisation primitive,* II, 271.

Cordillères boivent cérémonieusement quelques gouttes de l'eau d'un fleuve avant d'essayer de le traverser» [1]. *c*) Nos Cafres: «quand un homme veut traverser une rivière, il commence par demander à l'esprit des eaux la permission de le faire, et, après l'avoir traversée, il y jette une pierre en guise d'offrande»[2]. Identicass uperstições se encontram noutros povos de Africa: «Quand les frères Lander voulurent s'embarquer sur le Niger pour le descendre jusqu'à son embouchure, un roi du pays, bienveillant aux voyageurs, ne voulut pas les laisser partir avant d'avoir interrogé le fleuve par l'organe de son prêtre pour savoir s'il consentait à les porter ainsi jusqu'à la mer»[3]. Na Estlandia ou Esthonia (Russia) ha um regato, de nome Wœhhanda, nas margens do qual não podia cortar-se nenhuma arvore ou ramo, sob pena de se morrer nesse anno; um Allemão ousou construir ahi um moinho, cuja roda devia ser movida pelas aguas do regato, e logo appareceu tão mau tempo, que foi preciso que os naturaes queimassem o moinho para o bom tempo voltar [4]. — Seria facil juntar outros exemplos; no entanto esses bastam para fazerem comprehender que no nosso Limia deviam na antiguidade passar-se factos semelhantes: quem o atravessava, formulava uma prece ao espirito das aguas, ou celebrava qualquer rito expiatorio; só assim se explica — e explica-se bem — o ter-se conservado durante certo tempo a superstição que Decimo Bruto praticamente combateu.

Estrabão, cuja geographia os criticos admittem que foi escrita no primeiro quartel do seculo I da E. C. — embora no passo que vou citar devamos crer que Estrabão seguiu um auctor anterior a elle — conta que os Celticos das margens do Anas fizeram com os Turdulos uma expedição para as terras do Limia, e que tendo uns e outros

---

[1] *Civilisation primitive*, II, 274.
[2] *Civilisation primitive*, 274-275.
[3] Réville, *Les réligions des peuples non-civilisés*, I, 64.
[4] Réville, *Les réligions des peuples non-civilisés*, II, 198.

rixado entre si e perdido o general, os Celticos ficaram por alli dispersos, e o rio veiu ulteriormente, e por esse facto, a chamar-se *do esquecimento:* τὸν ποταμὸν Λήθης[1]. D'este passo, que talvez provenha de Possidonio (cêrca do sec. I a. C.)[2], resulta que a superstição está já apagada um ou dois seculos depois de Decimo Bruto, pois era precisa uma lenda para explicar a origem do nome do rio. Ha muitas lendas semelhantes. Segundo as tradições romanas, o rio Albula passou a chamar-se Thybris do nome de um rei que nelle se tinha afogado[3]. Nas lendas eruditas da Peninsula Iberica os nomes Ebro ou Iberus e Baetis explicam-se por nomes de reis fabulosos[4]. Nas tradições populares modernas de Portugal tambem, por exemplo, a aldeia de *Rio Tinto* se chama assim por causa de o rio que ahi passa, affluente do Douro, ter ficado *tinto* de sangue numa briga entre Mouros e Christãos[5]. O que hoje entre nós se diz dos Mouros dizia-se dos Celticos e dos Turdulos nas eras remotas de que estou fallando; os Celticos e os Turdulos de então eram para a imaginação do povo como os Mouros de agora[6].

Num dos citados passos dos *Punica* vimos que Silio Italico (sec. I da E. C.) designou o rio por *Lethe,* pois disse: *aquae, quae fluit sub nomine Lethes* «da agua que corre com o nome de Lethe», i. é, do rio infernal que se chama *Lethe.* Mas devemos entender que o poeta tinha presente ao espirito a significação da palavra grega λήθη «esquecimento», e que por isso *sub nomine Lethes* póde traduzir-se: «com o nome de *esquecimento*». Este raciocinio é plenamente confirmado pelo outro passo que citei do referido

---

[1] III, III, 5.

[2] Digo que o passo talvez provenha de Possidonio, porque este auctor é citado por Estrabão a proposito dos rios Minius e Nebis (no texto Βαίνις) no mesmo capitulo em que elle trata do Limia.

[3] Preller, *Römische Mythologie,* 3ª éd., II, 131, nota 3.

[4] Cf. Faria y Sousa, *Epitome de las hist. port.,* parte I, cap. I.

[5] Ouvi contar isto no Entre-Douro-e-Minho.

[6] Cf. o que se disse a cima, p. 65.

poeta: *Infernae populis referens oblivia Lethes* «produzindo nos povos os mesmos esquecimentos que o Lethe infernal». Como o Limia causava o olvido, analogamente ao rio do Inferno, Silio Italico comparou entre si os dois rios, e chamou Lethe ao Limia, servindo-se de um adorno poetico, como quando nós dizemos *Lusa Athenas* em vez de Coimbra.

Tomando a nuvem por Juno, houve porém um auctor no sec. II da E. C., Appiano, que disse erradamente numa enumeração de rios: ὁ Τάγος τε καὶ Λήθης καὶ Δόριος καὶ Βαῖτις ποταμοί [1], fazendo de Λήθης nominativo, como se o rio se chamasse *Lethes!* Por esse motivo a palavra Λήθης figura sob esta fórma no Diccionario de nomes proprios gregos de Pape e noutros. A litteratura geographica contém varias outras *coquilles* semelhantes a esta: Ῥιπαῖα ou Ῥίπη, nome de um monte fabuloso, originar-se-hia de ῥιπή «jacto», «impetuosidade» [2]; Κορύφη, nome de outra montanha, não será senão o nome commum κορύφη «cume» [3]. É evidente que o erro de Appiano provém da má interpretação de expressões taes como a de Silio, *sub nomine Lethes,* que já expliquei, ou esta de Estrabão, ὁ τῆς λήθης «o do esquecimento» [4], embora aqui seja tambem bem claro o sentido. O que a principio era simples comparação, metaphora ou definição tornou-se, para o espirito de Appiano, nome real do rio.

A verdade do que affirmo resalta ainda do mencionado passo do Epitome de Tito Livio, onde o rio se chama, não á grega *Lethe* (Silio) ou *Lethes* (Appiano), mas á latina *Oblivio,* no accusativo *flumen Oblivionem.* Póde ainda invocar-se um trecho de Estrabão em que se diz que este rio, uns o chamam Λιμαίαν = *Limaeam,* fórma incorrecta,

---

[1] *De rebus Hispan.*, LXXI.

[2] D'Arbois de Jubainville, *Les premiers habitants de l'Europe*, II, 18-19.

[3] A. Fontrier in *Revue des Universités du Midi,* IV, 369.

[4] *Geogr.*, III, III, 4.

de que já a cima fallei, outros Βελῶνα; por Βελῶνα ha de ler-se Ὀβλιουιῶνα, transcripção do latim *Oblivionem,* como já Xylander justamente propôs [1]. A equivalencia entre *Lethe* (ou *Lethes*) = λήθη e *Oblivio,* palavras que significam «esquecimento», prova que o rio não se chamava assim, e que taes expressões existiam apenas na linguagem litteraria. Hübner equivoca-se grandemente, a meu ver, quando nos *Monumenta linguae Ibericae,* p. LXXXVIII e XCI, opina que o nome do rio era *Lete,* sem *h,* e que os gregos o mudaram em *Lethe,* com *h,* por influencia de λήθη. Ora o nome do rio era *Limia,* indicado por AA. gregos e romanos; e, embora haja rios que possuem mais de uma denominação [2], não temos motivo para a este attribuir duas, como vimos sufficientemente da discussão que a cima fiz das fórmas *Lethe* e *Lethes* [3].

---

[1] Vid. ed. de Müller & Dübner, p. 955, col. 1, in fine.

[2] Por exemplo: *Baetis-Guadalquivir* (mas aqui trata-se de epochas differentes). O curso inferior do *Danurius* chamava-se nos Romanos *Hister.* Entre nós o Mondego, em certa parte do seu curso superior, onde é pobre de aguas, chama-se *Mondeguinho.* Em posição mais modesta temos em Tavira um rio que tem dois nomes, correspondentes a duas partes do curso: *Asseca* e *Gilão.* Nos Damaras (Africa) cada parte do rio tem seu nome, e não o rio todo: Alviella, *L'idée de Dieu,* p. 142.

[3] O equivoco de Hübner tem a seguinte origem. Ha um fragmento da Historia de Sallustio, onde, a p. 26, frag. 81 e 82, ed. de R. Dietsch, vol. II, 1859, se falla avulsamente de *Lete oppidum;* e outro, a p. 25, frag. 76, em que se diz, tambem avulsamente: *cui nomen oblivionis condiderant* (ou talvez *indiderant,* como propõe Dietsch); ora Gerlach pensou que o frag. 82 se relacionava com o frag. 76, e d'aqui resultou para o rio o nome de *Lete,* que não passa de hypothese sem fundamento, porque não se sabe de nenhuma cidade gallega chamada *Lete* (o *Lete oppidum* de que falla Sallustio fica na Macedonia), e porque o nome do rio tem *th,* i. é, θ. Por isso Dietsch nota que mais razão tem Kritz para aproximar o frag. 76 do nome *Limnaeas* [aliás *Limia*]. Vid. Dietsch, p. 26, ad §§ 81 et 76. — É, effectivamente, sob a fórma *Limia* que o frag. 26 sallustiano vem citado no *Thesouro do celtico antigo* de Holder (vol. I, p. 223), que não cita *Lete;* e tambem não tem razão Hübner para nos *Monumenta Linguae Ibericae,* p. 220, dizer que em Sallustio se lê *Lethes.*

De Estrabão dizer ὁ τῆς λήθης[1] «o do esquecimento», e do Mela, Plinio e Silio dizerem respectivamente do Limia *cui oblivionis cognomen est*[2], *oblivionis dictus*[3] e *sub nomine Lethes*[4], parece concluir-se, como já lucidamente Tardieu suspeitou[5], que a palavra *Limia* na lingua da terra significava «esquecimento», i. é, λήθη na lingua dos Gregos, e *oblivio* na dos Romanos — vindo assim a citada equivalencia a justificar-se, tanto pela lenda como pela synonimia das expressões. Fica subentendido que na occasião em que os primeiros auctores archivaram a palavra *Limia*, esta tinha ainda sentido entre o povo, como por exemplo hoje o tem *Rio Santo*, na Beira, *Rio de Maçãs* e *Rio Frio*, em Trás-os-Montes, e ha poucos seculos o tinham *Rio Caldo* («quente» = calidus), no Minho, *Rio Angueira* («das cobras», deriv. de anguis), em Trás-os-Montes, *Riodades* = Rio d'ades (lat. anates), na Beira.

Appendice a este paragrapho

Posto que, segundo mostrei, o rio de que estou tratando nunca tivesse tido outro nome senão *Limia*, que se conserva na actual fórma LIMA, nem por isso a falsa designação de *Lethes* deixou de estar em voga na litteratura, a partir do sec. XVI, epocha do florescimento dos estudos classicos entre nós. Diogo Bernardes, Fr. Agostinho da Cruz, Sá de Miranda, e outros, cantaram em seus versos a lenda do Lethes; os respectivos textos acham-se colligidos na obra de Manoel Gomes de Lima Bezerra, *Os Estrangeiros no Lima*, I (1785), 79–92 — e para lá remetto o leitor. O proprio Bezerra se occupa da lenda. Ainda nos fins do sec. XIX se publicava em Ponte-do-Lima um jor-

---

[1] *Geographia*, III, III, 4.
[2] *Chorographia*, III, I, 10.
[3] *Naturalis Historia*, IV, 115.
[4] *Punica*, XVI, 476.
[5] *Géographie de Strabon*, I (1886), 251, nota.

nal com o titulo de *O Lethes,* e em Vianna-do-Castello outro com o titulo de *Campeão do Lethes.* Como se vê, a erronea noção que Appiano teve do rio chegou até á actualidade!

A respeito da crença de que o rio *Limia* produzia o esquecimento, não será sem interesse notar que na moderna tradição popular se encontra um facto que, se não ha êrro de informação, se relaciona com ella, e vem a ser o seguinte: em Torre de Moncorvo diz-se que quem atravessa um rio deve apanhar um seixinho e mettê-lo na boca, para não se esquecer do modo de fallar da sua terra[1].

Á mesma ordem de ideias parece que pertence o seguinte adagio, que é muito vulgar, pelo menos em Lisboa:

Encommenda sem dinheiro
Esquece no primeiro ribeiro...[2]

o que se deve interpretar assim: que a encommenda esquece á passagem da agoa.

Tambem ha uma cantiga popular que diz:

Ribeirinho, ribeirinho,
Ribeirinho da comarca,
Até de Deus é esquecido
Quem por amores se mata[3].

onde a ideia de esquecimento que apparece na segunda parte póde ter alguma relação proxima ou remota com o *ribeirinho* mencionado na primeira, embora nem sempre haja conformidade logica nesta especie de cantigas entre as duas partes d'ellas[4].

---

[1] Vid. os meus *Ensaios ethnographicos,* II, 35. — No N. de Trás-os-Montes costuma dizer-se, a titulo de gracejo, que quem vae a primeira vez a uma terra deve levar um seixinho na boca; mas não se dá a razão d'isto.

[2] Variante, que me foi indicada pelo Sr. J. M. Adrião: *Encommendas sem dinheiro esquecem no caminho* (da tradição escrita). Outra, que ouvi no Minho: *Encommendas sem dinheiro — Leva-as o ribeiro.*

[3] A. Thomás Pires, *Cant. pop.,* vol. I, n.º 1:739.

[4] Vid. o que sobre isto escrevi na *Revista Lusitana,* I, 143, sqq.

B) Durius.

No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2370, vem publicada a seguinte inscripção proveniente dos arredores do Porto:

DVRI
C · IVLIVS
PYLADES

cuja primeira linha Mommsen julga conter o nome do rio que hoje se chama *Douro*. Hübner acceita esta hypothese, e diz que DVRI póde ser dativo da fórma barbara **Duris*. O Sr. H. Dessau, *Inscr. Lat. selectae*, II, 3904, ao transcrever a mesma inscripção, tambem diz de *Duri:* «sine dubio *Durius* fluvius».

Pela minha parte notarei que, se DVRI é dativo, este não me parece que deva corresponder ao nominativo **Duris* [1], mas supponho antes estar por DVRI*o*, faltando o *-o*, talvez por êrro de transcripção. Infelizmente ignora-se qual a fórma e dimensões da lapide, e se a inscripção estava na íntegra, ou não, no momento da copia; e por isso não é facil formular juizo seguro acêrca do texto.

No caso de DVRI equivaler a *Durio*, a inscripção traduzir-se-hia assim: *Caio Julio Pylades consagrou este monumento ao Douro*, i. é, ao deus do rio; e teriamos nella mais um documento do culto das aguas na Lusitania.

C) Mirobieus.

No Museu Ethnologico existe uma tosca lapide de granito com esta inscripção irregularmente gravada:

MIROBIEO
LOCO · ABRVI
ARQVI.
IC APIOBICESIS.

---

[1] Como ha de admittir-se o nominativo barbaro (i. é, indigena) **Duris*, se as fórmas actuaes *Doiro* e *Douro* postulam exactamente Durius (Dorius) no fallar do povo lusitano? Só se se pretende que o lapicida era romano, e não conhecia bem o onomastico local.

Lin. 1. A perna esquerda do M está quebrada em parte. A 5.ª letra podia suscitar duvidas, mas, comparada com a 3.ª, mostra que é B e não R.

Lin. 2. As letras B e R descem um pouco na linha.

Lin. 3. Adeante de *Arqui* segue-se espaço vazio, que nunca teve letras.

Lin. 4. A 4.ª letra é P, que não fecha. Segue-se um I mais curto. A penultima letra é I inclinado. — As letras do principio é que são mais difficeis: a 1.ª parece-me ser I; a 2.ª será acaso C ou L. O nome representado nesta linha é evidentemente geographico.

Transcripção do texto: *Mirobieo, loco Abrui Arqui .. apiobicesis (= I. .apiobigensis?)*, que traduzo por: «ao deus *Mirobieus*, em nome de Abruo, filho de Arquio, natural de .. -apiobiga». *Arquius* encontra-se com frequencia na epigraphia latina da Peninsula. *Abrui* relacionar-se ha com *Abrius, Abrunus, Abrupaterna*, etc., que se lêem em Holder, *Alt-celt. Sprachsch.*, s. v.

Se o estylo da inscripção se afasta do que se usava geralmente em casos analogos, devemos lembrar-nos de que estamos em país, não sómente barbaro, mas muito afastado dos centros civilizados. Por isso não admira que haja differenças. Numa inscripção de Panoias (vid. a cima, p. 187), e noutra do Quintal do Idolo, em Braga (vid. adeante, p. 244 sqq.), encontramos tambem estylo diverso do usual.

Esta pedra foi cortada de um rochedo de que fazia parte, situado na margem esquerda do rio Douro, junto do leito, na freguesia de Tarouquella, concelho de Sinfães, defronte de Vimieiro, onde a vi ainda no seu estado primitivo em 1900, em companhia dos meus amigos Christovam Pinto Brochado e Manoel Barbosa de Vasconcellos, que tiveram a bondade de m'a obter para o Museu Ethnologico. O campo da inscripção mede: $0^m,80 \times 0^m,44$; as letras tem de altura $0^m,09$ a $0^m,012$. Apesar de o córte da parte inscrita ter sido feito muito rente das letras, o que póde levar a crer que algumas faltam, é certo que não falta nenhuma, pois, como digo,

como digo, examinei a inscripção quando ella ainda estava no proprio logar de origem.

O penedo distava 5 passos da agua, quando o examinei (no mês de Dezembro); qualquer cheia do rio, mesmo pequena, o cobre, como me informaram. D'esta correlação que existe entre o penedo e as aguas do Douro concluo que um deus a quem se consagra uma inscripção gravada numa rocha, assim em pleno rio, deve ser aquatico: por isso tratei da referida inscripção neste logar.

Em todo o caso, — seja aquatico ou não o deus —, é certo que MIROBIEVS fica d'ora avante restituido ao pantheon dos Lusitanos [1].

---

[1] O nome MIROBIEUS, como outros de deuses, tem aspecto de ser composto: *Miro-bieus*. Quanto á primeira parte, cf. *Miro-briga*, nome de cidade lusitanica, citado por Plinio, *N. H.*, IV, 118. Miro- é um thema, que estará por Mira. Como Miro-briga póde significar «fortaleza do Mira», e como na costa occidental, no Alemtejo, fica o rio *Odemira*, palavra que se decompõe, como é sabido, em *ode-Mira*, sendo *ode-* palavra de origem arabiga que quer dizer «rio», e corresponde a *guadi-* e *guade-* em *Guadiana* = *guadi-Ana*, e *Guadelim* = *guade-Lim* (onde ella manifesta influencia hespanhola, por estes rios ficarem na raia), é de crer que a primeira parte de *Miro-briga* nada mais seja do que o nome do rio, e que a situação da cidade fosse por aqui e não ao Norte, em S. Tiago de Cacem, onde varios AA. a collocam, entre elles Hübner, *Corp. Inscr. Lat.*, II, Suppl. p. 802. Curioso é notar que o deus *Mirobieus* era adorado dentro tambem de um rio. Talvez na lingua indigena, a palavra *Mira* contivesse uma ideia aparentada com a de «agua». As syllabas *-bieus* faltam-me elementos para as poder estudar. — Incidentemente notarei que de em *Miro-briga* ser celtico o segundo elemento, como vimos a p. 59, não se segue que o primeiro o seja; antes é mais provavel que, applicando-se, como parece, a um nome de rio, seja pre-celtico. Ha muitas palavras assim formadas de dois elementos, cada um de sua lingua; *Odemira* ainda agora nos deu um exemplo d'esse processo linguistico. — Na Peninsula havia diversas cidades com o nome de *Mirobriga* (*Merobriga, Meribriga*). Hoje, quer em Portugal quer em Hespanha, apparece tambem varias vezes *Mira* no onomastico, tanto como palavra avulsa, como em composição com outras; observarei, porém, que, pelo menos em alguns casos, é provavel que tenhamos deante de nós uma palavra latina, relacionada com mirare (mirari).

XI. Fontes santas

Em virtude da admiravel propensão do homem para a personificação e mesmo ás vezes dramatização, quer dos grandes espectaculos naturaes, como o gyro dos astros, as mudanças da atmosphera e das estações, a agitação dos mares, os volcões, os terremotos, quer dos phenomenos, mais modestos, do crescimento das plantas, da vida dos animaes, tão semelhante á d'elle, do deslisar, ora pacifico, ora tumultuoso dos rios, e do marulho sempre suave das fontes, — não é de estranhar que entre os cultos antigos se encontre, ao lado do das correntes fluviaes, de que fallei no capitulo antecedente, tambem o das fontes. Com effeito, não ha ninguem que não tenha experimentado sentimentos poeticos e mysteriosos ao ver como, em meio do silencio e do sossêgo dos campos,

> Por entre pedras alvas se deriva
> A sonorosa lympha fugitiva...[1]

Aos poetas, como naturezas mais impressionaveis, e cujas observações são por isso frequentemente mais frisantes, mais proximas das do homem que vive no estado natural, não tem escapado expor esses sentimentos que as aguas das fontes, de murmurio manso e rhythmico, despertam nelles. Horacio, numa ode célebre, cantou:

> O Fons Bandusiae, splendidior vitro,
> .....
> Te flagrantis atrox hora Caniculae
> Nescit tangere; tu frigus amabile
> Fessis vomere tauris
> Praebes, et pecori vago.

---

[1] Camões, *Lusiadas*, IX, 54.

Fies nobilium tu quoque fontium,
Me dicente cavis impositam ilicem
Saxis, unde loquaces
Lymphae desiliunt tuae [1].

Tambem o nosso Garrett disse em delicados versos:

Oh! Cintra! oh saudosissimo retiro,
Onde se esquecem mágoas, onde folga
De se olvidar no seio á Natureza
Pensamento que embala adormecido
O sussurro das folhas, co'o murmurio
Das despenhadas lymphas misturado!
..... Oh! grutas frias,
Oh! gemedoras fontes! ..... [2]

O homem inculto, o homem crente, foi porém mais longe do que os poetas, porque, possuido dos mesmos sentimentos e do da utilidade que as aguas lhe prestavam, não só amou as fontes, e lhes consagrou hymnos nascidos do intimo do peito, mas adorou-as com effusão, erigindo-lhes altares, e fundando-lhes santuarios.

Algumas fontes tinham realmente *virtude*, proveniente das qualidades medicinaes das aguas; noutras havia porém só aquella que a fé dos crentes lhes attribuia.

Do culto das fontes na Lusitania, na epocha protohistorica, temos noticia pelas inscripções romanas. O que estas nos dizem é muito importante [3].

---

[1] *Carm.*, III, IX.

[2] *Camões* (poema), V, XI

[3] Entre os monumentos archeologicos que attestam o mesmo culto no resto da Peninsula, o mais notavel é sem duvida a *pátera* de prata de Umeri, consagrada á SALUS UMERITANA (como quem dissesse hoje: *Nuestra Señora de la Salud de Umeri!*), sobre a qual póde ler-se um substancioso artigo do Sr. D. José Ramón Mélida na *Revista de archivos, bibliotecas y museos*, 1897, p. 289 sqq.: nesta curiosissima *pátera* estão figurados varios actos de culto, taes como uma libação, uma offerenda numa ara, etc. — A respeito de outras fontes santas hispanicas vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2005 (FONS DIVINUS) e 5726 (FONS SAGINDESIS).

A) TONGOENABIAGUS.

Num quintal chamado *O quintal do Idolo* ou (em pronuncia minhota) *do Idro* [1], situado entre as ruas do Raio e de S. Lazaro, perto da igreja de S. João Marcos e do convento dos Remedios, na cidade de Braga, Bracara dives [2], existe um monumento religioso muito notavel, que, comquanto, no estado actual, date da epocha romana, tem as suas origens em tempos anteriores. Este monumento consiste em uma grande rocha viva com inscripções latinas e esculpturas. Na base está uma fonte funda, com seu tanque. O penedo é de granito. Vid. estampa V.

Em virtude da excepcional importancia do monumento, tenho de, no que vou dizer, me alargar um pouco, e de dividir este artigo em varias secções.

NOTICIA PRELIMINAR. — Quem primeiro tornou conhecido pela imprensa este monumento foi Contador de Argote nas *Memorias do arcebispado de Braga*, I, (Lisboa 1732), 261-262, fundando-se nas informações do bispo de Uranopolis [3]. Diz o seguinte: «Detraz da Igreja de S. João Marcos está hum quintal, a que chamão *o Idolo;* nelle está huma fonte funda, com tanque, e tem uma pedra, que parece ser rocha viva, a qual tem huma figura de roupas com-

---

[1] Devo ao Sr. Dr. José Machado, secretario da Camara Municipal de Braga, as seguintes informações acêrca do *Quintal do Idolo*, as quaes elle me enviou em carta: «Em 1695 era do P.e Santos Rodrigues, vigario de S. João de Castellões (Guimarães); passou depois a sua sobrinha Angelica de Barros, que o deixou a seu cunhado Vicente Gomes do Couto, em cujos descendentes se conservou até que, ha 20 annos, João de Abreu Gomes do Couto o vendeu a Luis do Amaral Ferreira (o Allemão), primeiro marido da mulher de José Joaquim de Oliveira, seu actual possuidor». A carta não tem data, mas é de 1894 ou 1895. O Sr. Dr. Machado, para me dar estas informações, baseou-se em documentos mss. que consultou. — Já depois de 1895, o quintal passou á posse da Sr.a D. Maria do Carmo de Sousa, de Braga.

[2] Vid supra, p. 41.

[3] Luis Alvares de Figueiredo, autor de umas *Noticias de Braga* (mss.).

pridas, que terá cinco palmos: mostra, que tem barba comprida, e lhe falta já meio rosto; tem a mão direita quebrada, e na esquerda a fórma de um envoltorio, e por cima da cabeça tem estas letras:

Fig. 46.ª (Monumento do *Idolo*, segundo Argote)

Quer dizer: *Celico Fronto, natural de Arcobriga, Ambimogido, fez esta obra.* Este Celico devia ser o de que se faz menção em outra inscripção, que deixamos referida acima[3], em que se diz, que os bisnetos de Celico Frontonio, ou Fronto, renovárão certo edificio. Devia elle e os netos serem de profissão architectos, ou pedreiros, ou escultores, ou alguns senhores grandes, que dispendião a sua fazenda em fabricas grandiosas. Arcobriga era huma cidade na Hespanha Tarraconense, de que trata Plinio no livro terceiro, capitulo terceiro. Ambimogido, eu não sey o que significa. A segunda inscripção está posta junto a huma figura de um menino, segundo vay estampada[4]; e este sem duvida era o Idolo, ao que parece; o que ella quer dizer, não o sey; parece ser o nome do Idolo, ou divindade falsa, e diz *a Roncoe Nathlaco*». — O trabalho de Argote chamou a attenção do público para o assunto, e foi aproveitado por outros investigadores: vid. *Corp. Inscr.*

---

[3] [A p. 252].

[4] [A estampa tem varios ornatos, segundo a moda do sec. XVIII; reproduzo só a parte essencial].

Lat., II, 2419, onde se cita Muratori, Masdeu e Levy Maria Jordão. Podiam citar-se alguns mais, como Pinho Leal (*Portugal antigo e moderno*, I, 472), etc., mas não vale a pena. — Num ms. da Bibliotheca da Academia das Sciencias de Lisboa, $\frac{G.\ 5}{est.\ 13}$, n.º 23, intitulado *Collecção de monumentos romanos*, de Fr. Vicente Salgado, antiquario do sec. XVIII, ha, a p. 11, uma noticia tambem copiada de Argote. — O Sr. Dr. José Machado, na carta que citei a cima, p. 239, nota 1, dá-me as seguintes informações curiosas, que elle colheu em documentos possuidos pelo Sr. Oliveira, que foi dono do Quintal do Idolo: Em 1816 Domingos Fernandes da Silva, sob o pretexto de que aquelle quintal estava encravado nas suas propriedades, quis adquiri-lo judicialmente. O Bacharel Luis José de Castro Gomes do Couto, tutor e administrador das proprietarias do quintal, replicou assim: «Que no mesmo quintal se achava um idolo feito pelos Mouros [1], com seus lettreiros, e por isso sempre os seus passados o conservaram havia mais de 200 annos, e os escriptores nas Memorias de Braga não só fallam nelle, e explicam as lettras dos seus letreiros, mas chegaram a fazer estampas de boril, tanto da figura da pedra, como do mesmo idolo [2], pelo que se faz digno [3] de maior estima do que o valor do seu rendimento, cousa que os louvados fazendeiros não savem avaliar, por ser isto huã especie de Museo que se deve conservar» [4]. O referido Bacharel Luis José accrescenta que, tendo ido a Braga um lord inglês, procurára ver aquella antiguidade, e descreveo [5] os letreiros, o que não fez aos mais quintaes que havia na cidade. «Que o embargante se capacita haver naquelle quintal e idolo huã mina encantada com um thesouro formidavel [6], e por isso tem procurado todos os meios de o haver a si, etc.». Mais me diz o Sr. Dr. Machado que em 1862 El-Rei D. Pedro V e o Marquês de Sousa examinaram o monumento, e que João de Abreu Gomes do Couto, então possuidor d'elle, o offerecêra ao

---

[1] [É o que o povo costuma sempre dizer dos monumentos antigos. Vid. infra].

[2] [Refere-se visivelmente a Argote].

[3] [Entenda-se: o quintal].

[4] [Oxalá que esta opinião continue sempre a ser seguida pelos futuros possuidores do quintal!].

[5] [I. é, *copiou*. Em latim: *descripsit*. Nos principios do sec. XIX o latim não estava tão esquecido como hoje].

[6] [Esta lenda relaciona-se com o que acima se diz dos Mouros].

monarcha, que o acceitou no proposito de o fazer conduzir para a Quinta dos Falcões (hoje Collegio dos Orfãos de S. Caetano) na Madre-Deus, onde, com a protecção de D. Pedro V, se projectava estabelecer um museu lapidar[1].

Quando Hübner esteve a primeira vez em Portugal, tambem visitou o quintal do Idolo. Descreve o monumento numa das suas cartas (9 de Agosto de 1861): *Monatsbericht der könig. Akad. der Wissenschaft zu Berlin,* 1861, pp. 792-793; trad. nas *Noticias de Portugal,* Lisboa 1871, pp. 74-75. Hübner diz que o nome da divindade estava totalmente invisivel, e reproduz por isso, mais ou menos, a lição que vem em Argote (estava invisivel por causa dos limos que cobriam a pedra naquelle sitio). Este trabalho pouco adeanta os anteriores; apenas é para notar a observação feita por Hübner de que a terminação do nome do deus é comparavel a *-aecus* e *-icus,* que se encontram noutros nomes. — O mesmo autor reproduz no *Corp. Inscr. Lat.,* II, 2419, o texto já conhecido; junta indicações bibliographicas e notas criticas; falla de Arcobriga, cidade acaso não diversa da *Adrobrica* de Pomponio Mela; diz que *Ambimogidus* parece ser nome de nação; e que o nome do deus talvez terminasse em *-aecus.*

Em Janeiro de 1894 fui a Braga, e tive ensejo de visitar com algum vagar o quintal do Idolo, que eu já havia visitado de fugida, annos antes[2]. Do exame que fiz na pedra, notei que nesta havia a mais CEACVS FECIT, e pareceu-me que a inscripção que representa o nome do deus era, não RONCOE NAOIACO, como até então se havia lido, mas PONGOE NABIAGO[3], e nesse sentido escrevi a Martins Sarmento, que, em carta de 27 de Março do mesmo anno, me disse estava tratando de obter para o Museu da Sociedade do seu nome, em Guimarães, uma moldagem do monumento. Em 25 de Maio de 1894 li á Academia das Sciencias de Lisboa uma memoria com o resultado da minha investigação; esta memoria foi depois impressa na *Revista*

---

[1] [Bom foi que o monumento não fosse arrancado do seu logar; mas era de toda a conveniencia resguardá-lo e conservá-lo alli].

[2] Na minha visita de 1894 acompanharam-me os Srs. Dr. José Machado, Henrique Rouffe e José Joaquim de Oliveira, então dono do quintal.

[3] Por essa occasião tirei eu, e tirou o Sr. Dr. José Machado, decalques da inscripção (em papel).

Lusitana, III, 307 sqq., d'onde se fez edição á parte, em folheto, com o titulo de *O deus bracarense* PONGOENABIAGVS — contribuição para o conhecimento das religiões antigas da Lusitania —, Porto [1895], 9 paginas.

Tendo-me o Sr. Domingos Rebello Barbosa, desenhador de 1.ª classe, em serviço na Direcção das Obras Publicas do districto de Braga, mandado, por intermedio do Sr. Dr. José Machado, em 1895, um desenho que eu lhe havia pedido do monumento (constitue a estampa junta), vi que não só se copiava nelle mais uma inscripção, FRON, que os limos haviam antes encoberto, mas (e aqui foi grande a minha surpresa!) que adeante do O de NABIAGO havia uma especie de I, que eu não tinha observado quando examinei a pedra em 1894. No livro do Sr. Albano Bellino, *Inscripções romanas de Braga ineditas,* apparecido a lume tambem em 1895, vem um desenho do monumento, e nelle se lê igualmente PONGOE NABIAGOI. Tornei a escrever a Hübner, notando-lhe a singularidade do caso, e enviando-lhe os decalques tirados em 1894, com o nome do deus; elle respondeu-me o seguinte, em bilhete postal de 20 de Novembro de 1895: «J'ai reçu les calques et votre carte;.. PONGOE NABIAGO semble bien clair, seulement la première lettre est mise dans un espace si étroit, qu'elle peut être prise aussi pour F ou I ou T; mais P a plus de probabilité. La ligne depuis le O est certainement seulement une fissure de la pierre». Como se vê, o decalque tirado em 1894 denunciava que adeante do O de NABIAGO havia uma fenda, mas esta não pôde Hübner tomá-la por I, apesar de então já estar publicado o livro do Sr. Bellino, que o epigraphista allemão conhecia, pois m'o cita noutro trecho da referida carta.

A fim de estudar o problema *in loco,* voltei a Braga em Fevereiro de 1896, e do novo exame a que procedi, em companhia de varios cavalheiros bracarenses [1], verifiquei: 1.º, que a verdadeira leitura das linhas que encerra o nome de deus era TONGOE NABIAGO, estando

[1] Os Srs.: Dr. José Machado, secretario da Camara Municipal, e muito lido em assuntos concernentes á historia de Braga; Domingos Rebello Barbosa, desenhador da Direcção das Obras Publicas; P.e Manoel José Pereira, professor do lyceu de Braga; e Manoel Borges Grainha, então tambem professor do mesmo lyceu (hoje é-o do lyceu de Lisboa).

comtudo quebrada a primeira metade da haste horizontal do T; 2.°, que adeante do O havia effectivamente um I, mas apocrypho (mais longe volto a tratar do assunto). Por este motivo rectifiquei, em sessão da Academia das Sciencias, de 11 de Março de 1896[1], a minha primitiva leitura, o que tambem fiz na *Revista Lusitana*, IV, 284, e na *Revista critica de historia y literatura española y portuguesa*, 1896, n.° 5. A rectificação foi, e naturalmente, acceite por Hübner, que em bilhete postal de 22 de Março de 1896 me disse: «Je me suis convaincu que sur les calques, que je vous remets ci-joints[2], il y a bien TON- et non PON*goenabiagus*; ce qui, du reste, est une forme du nom bien plus probable». No 2.° Supplemento que elle publicou em 1897 ao vol. II do *Corpus* (separata da *Ephemeris epigraphica*, VIII-III) reproduz Hübner sob o n.° 115 as inscripções do monumento, de accordo com as rectificações e accrescentos mencionados: ali tambem se lê pois TONGOE NABIAGO; Hübner junta algumas observações sobre os nomes proprios que estão inscritos no penedo.

Por ultimo, em Agosto de 1903, tornei ao quintal[3], e completei o meu estudo do monumento, no que toca a uma das figuras nelle esculpidas.

DESCRIPÇÃO DO MONUMENTO.—Póde dizer-se que o monumento consta de quatro partes, que na sua ordem vou indicar. Antes de tudo notarei que toda a superficie do penedo está apparelhada. O monumento tem de extensão $3^m,23$.

1) Começando da esquerda, encontramos primeiro uma inscripção, em quatro linhas, gravada profundamente, e concebida d'este modo:

.....ICVS · FRONTO
ARCOBRIGENSIS
AMBIMOGIDVS
FECIT

[1] Vid. *O Seculo* de 12 de Março do mesmo anno.

[2] São os mesmos que foram citados a cima, p. 242. n. 3, tirados em 1894, antes do accrescentamento do I.

[3] D'esta vez em companhia do benemerito archeologo o Sr. Albano Bellino.

em boas letras do sec. I da E. C., de $0^m,06$ a $0^m,065$ de altura. O ponto que se nota na linha 1.ª é triangular.

A primeira palavra da inscripção deve completar-se assim: *Ce*LICUS ou *Cae*LICVS, quer porque ao lado do I ha um vestigio de L, quer porque essa palavra está repetida mais adeante, como veremos. Já Argote tinha restituido CAELICVS, pelo confronto d'esta inscripção com outra em que se lê *Caelicus Fronto* (no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2420[1]). O espaço que fica antes de -ICVS podia admittir tres ou mesmo quatro letras (contando com a do *praenomen*); por isso escrevi *Ce*LICVS ou *Cae*LICVS. Talvez *Celicus* seja melhor orthographia, e *Caelicus* revele influencia romana: vid. adeante. É *Celicus* que tambem figura na *Ephemeris epigraphica*, VIII-III, n.º 115.—O G de ARCOBRIGENSIS é muito diverso do C; temos pois sem duvida duas letras distinctas uma da outra.

2) Em seguida, vê-se esculpida no penedo, em alto relevo, uma figura de homem, barbado, de pé, a olhar de frente, mas levemente inclinado para a sua esquerda, na direcção do nicho ou última parte do monumento, e envolto em roupagem ampla e comprida. Esta figura sustenta um objecto bastante volumoso, que lhe toma toda a metade esquerda do peito e lhe ultrapassa o ombro esquerdo. A mão esquerda, que falta, é que principalmente agarrava o objecto. A mão direita, que tambem falta, amparava-o á altura do epigastro: o fundo do objecto pousava nella. O braço direito até o cotovello, e parte do antebraço, que está em flexão, ficam a descoberto, saindo de dentro das roupas. Do braço esquerdo vê-se só parte. A roupagem descae do ombro direito, deixando ver, como disse, o braço e ante-braço; passa uma dobra d'ella sobre o braço esquerdo, e cae em pregas para baixo.—O objecto está muito gasto, e torna-se difficil dizer com precisão o que representava. Depois de maduro exame a que procedi nelle, em companhia do meu amigo Albano Bellino, convenci-me que elle representava um cesto cheio de frutas,

---

[1] A respeito d'esta inscripção, vid. o que digo adeante.

o que em verdade não destoa da riqueza agraria da região e do proprio local; de facto o objecto apresenta na parte antero-superior duas canelluras verticaes e parallelas entre si, e em cima, na parte que supponho bôca do cesto, umas protuberancias, que podem considerar-se pomos. Attribuo ao objecto antes o caracter de cesto do que o de vaso, por causa das grandes dimensões d'elle. O Sr. Bellino teve a lembrança de restaurar momentaneamente o objecto com lodo, segundo a ordem de ideias que tenho exposto, e de accordo com as falhas da pedra; o effeito foi maravilhoso: o objecto parecia quasi um *calathus!* No desenho que vem na obra de Argote o objecto assemelha-se a uma cornucopia; mas cornucopia não era de modo nenhum. Altura da figura: $1^m,10$. — O espaço que fica comprehendido entre a figura e a inscripção de que já vou fallar foi excavado para fazer sobresair aquella.

3) Temos agora segunda inscripção, em duas linhas, que diz:

TONGOE
NABIAGO

isto é: TONGOENABIAGO; a altura das letras é de $0^m,09$ a $0^m,10$.

Fui eu quem primeiro leu correctamente esta inscripção, como se viu da resenha bibliographica que apresentei a cima. Convem discutir aqui alguns factos. — Consideremos em primeiro logar a linha superior. Á direita da primeira letra, entre ella e o O seguinte, ha uma pequena fenda ou falha na pedra, que faz parecer que aquella letra tem uma cabeça como de P; alem d'isso, como a referida fenda fica tangente á curva do O, a letra toma certo aspecto de R. Foi por isso que no livro de Argote se disse que o nome do deus começava por R, e que eu, no meu primeiro escrito sobre o monumento, disse que esse nome começava por P. Todavia nem é P nem R. A inscripção está bastante baixa, e é necessario que quem a quiser estudar se deite para observar bem a primeira letra, servindo-se mesmo do tacto. Foi o que eu fiz. O meu exame mostrou que na parte superior da primeira recta havia sem du-

vida, á direita, uma recta perpendicular a ella; i. é, mostrou que a 1.ª letra era Γ. Resta agora saber se estamos deante de um F ou de um T. A ideia de F tem de ser em absoluto posta de parte, porque falta o córte mediano, como o proprio decalque o diz; a fenda da pedra, de que a cima fallei, está em direcção obliqua á haste, não em direcção perpendicular, como devia estar, se a letra fosse F, de mais a mais sendo-lhe tambem perpendicular a travessa superior. Logo a letra é um resto de T. Esta conclusão é completamente confirmada pelo seguinte: á esquerda da haste vertical, na parte superior, o tacto mostra ainda um principio de sulco, que devia continuar d'esse lado a travéssa da direita, e que está interrompido em virtude da fractura da pedra no mesmo sitio; o decalque tambem revela isso. O que resta da letra é pois mais T do que Γ. Esta letra não está ligada ao O, mas muito proxima; passando o dedo pela curva do O, nota-se que toda esta é contínua. — A apparente ligação que existe entre a primeira letra e o primeiro O, existe igualmente entre o G e o segundo O, por causa de uma leve depressão da pedra; mas não ha duvida que as duas letras eram originariamente distinctas uma da outra. — Depois do E não ha letra nenhuma; a pedra eleva-se ahi um pouco, por não ter sido excavada e alisada como no sitio em que foram gravadas as letras. — Passemos á segunda linha da inscripção. Nenhuma das letras precisa de discussão; mas é indispensavel discutir o pseudo-I que, como a cima disse, se vê depois do O. Este pseudo-I foi feito á custa da linha do friso da ultima parte do monumento, como o desenho o mostra; desce mesmo uns 15 millimetros a baixo do nivel das outras letras; os seus extremos não se parecem com o verdadeiro I que constitue a 4.ª letra da linha, o que tambem se observa no decalque: ao passo que os extremos do pseudo-I são rombos, os do I verdadeiro são regulares; e o traçado da haste não tem a firmeza do das outras letras, mas é tremido, tortuoso, — pelo que ha bastante differença entre esse pseudo-I e o verdadeiro I, ao qual de mais a mais não fica parallelo. As esmurradellas da extremidade d'esse I são só para a esquerda, porque á direita sobrepõe-se o bordo que fica superior ao friso. Sem o tal I as duas linhas seriam exactamente do mesmo tamanho; como a linha inferior tem maior numero de letras que a superior, estas são mais estreitas, a fim de terem comprimento igual ás de cima, isto é, nivelarem no extremo da direita; o pseudo-I desmancha de todo a symetria que o artista

quis evidentemente dar á inscripção. O pseudo-I confunde-se com o proprio friso, só é mais fundo, e vê-se que foi afundado de proposito, porque está mais vivo que as outras letras, — o que destroe em parte o friso; a curva do o que confina com esse I parece que tambem foi concomitantemente avivada[1]. — O instrumento com que estas falsificações se fizeram teria sido um prego ou qualquer outra haste metallica perfurante. Qual o intuito com que se falsificou a inscripção? E quem foi o falsificador? Nada se sabe. Fallando da tal letra apocripha, diz Hübner, *Ephemeris epigraphica*, VIII-III, p. 402: «ab imperito quodam addita». E tem razão.

4) Por ultimo, ao lado da inscripção mencionada, está figurada no penedo, na parte que já fica dentro do tanque, uma especie de pequeno tabernaculo ou nicho, com seu frontão; tem de largura quasi $0^m,50$, e de profundidade uns $0^m,12$. No frontão vê-se, á esquerda, a figura de uma pomba; e á direita a figura de um maço. No interior do nicho avulta um busto humano, com as feições já muito apagadas. Á direita d'este busto (á esquerda do observador) lê-se:

CELCVS
FECIT

com o I incluso no L. Na metade esquerda da base do nicho lê-se:

FRON

não havendo, nem jamais tendo havido, letra alguma á direita, porque o resto da base é um pouco mais alto que a metade da esquerda, que foi excavada para nella se gravar a inscripção referida. Examinando-se essa base, colhe-se a impressão de que, tendo-se começado a gravar um letreiro, este se interrompeu.

Observação. — Por cima do nicho, ao lado esquerdo do frontão, ha ainda outra inscripção que não pude enten-

[1] Estas observações, que eu tinha feito em 1896, foram todas ellas confirmadas em 1903, quando tornei a visitar o monumento em companhia do Sr. Albano Bellino.

der bem, mas que é de letra muito differente da das outras inscripções do monumento, e que tem todos os visos de moderna. Argote não falla d'ella; talvez, se ella já então existia, a tomasse por ornamentação. O *M*, por exemplo, e o *A* tem os vertices arredondados, ao passo que as mesmas letras nas outras inscripções são constituidas por linhas rectas. Poderá ahi ler-se *Tomás*...?

INTERPRETAÇÃO DO MONUMENTO. — Descrito assim o monumento, tentemos interpretá-lo, e para isso estudemos em particular cada uma das partes de que vimos que elle se compõe.

1) **Inscripção da esquerda.** — Sendo completada, do modo que vimos, a primeira palavra, a inscripção significa: *Célico Frontão, natural de Arcóbriga, Ambimogido, fez esta obra.* Examinemo-la por meudo.

Celicus. Diz Hübner, *Ephemeris epigraphica,* vol. VIII, p. 402: «*Celicus* rustice scribitur pro *Caelicus*»; mas, como já lembrei a p. 245, póde pelo contrário ser *Celicus* a fórma primitiva, e em *Caelicus,* que se lê no *Corp. Inscr. Lat.,* II, 2420, o ditongo ser devido á influencia da orthographia latina de *Caelius,* nome gentilicio muito frequente: é problema que espera solução. A inscripção do monumento do Idolo é mais antiga que a do n.º 2420 em que vem *Caelicus,* e por isso conterá a fórma primitiva. *Celicus,* como bem viu Hübner, *loc. cit.,* é um derivado em *-icus.*

Fronto. É cognome muito frequente no onomastico hispanico. Vid. *Corp. Inscr. Lat.,* II, passim.

Arcobrigensis. Pelos AA. classicos temos noticia de uma *Arcóbriga* na Celtiberia, mas não sabemos se é d'esta que Célico era natural. Outra inscripção, *Corp. Inscr. Lat.,* II, 765, de *Caurium* (hoje Coria, na Estremadura hespanhola) cita um segundo *Arcobrigensis.* Assim como hoje certos nomes se repetem no onomastico (*Evora, Viana, Miranda,* etc.), tambem outr'ora se repetiam; podia pois haver mais de uma *Arcobriga* na Peninsula. O que em

todo o caso deve fixar-se é que *Arcobriga* = *Arco-briga* contém pelo menos um elemento celtico, que é *briga*.

Ambimogidus. Temos aqui de certo um nome ethnico, como Hübner suspeitava: *Ephemeris epigraphica*, VIII, 402. Nas inscripções peninsulares observa-se não raro que um nome proprio vem addicionado de certa designação, ora, ao que parece, em genetivo do plural (geralmente em *-um*), ora no singular, a concordar com o nome, á maneira de adjectivo; taes designações suppõe-se que são ethnicas: vide listas d'ellas no *Corp. Inscr. Lat.*, vol. II, pp. 1160–1162. Assim, por exemplo, temos *Reburrus Camali* AENUS, no *Corpus*, II, 5609; Anae AETICUM Tetis f(iliae), 5781; *Antistius Placidus Cili filius* ALTERNIAICINUS, 2523; *Abia, C. f.* AMINICUM [*U*]*xamens*(*is*), 5862; *Ambata Paenica* ARGAMONICA *Ambati uxor*, 2856;.... *magister Lar*(*um*) *Uxamens*(*is*) AMBIRODACUS, 4306. Umas vezes a designação ethnica vem depois do complemento, ou do adjectivo que designa a patria; outras vezes antes. Na nossa inscripção, *Ambimogidus* vem após *Arcobrigensis*, exactamente como no *Corpus*, II, 4306, *Ambirodacus* vem depois de *Uxamens*(*is*). Não sei porém se com Hübner se poderá crer que estas designações ethnicas o sejam propriamente de *gentes* ou *gentilitates*, porquanto, sendo de uso, como vimos, que ellas se addicionem aos nomes dos individuos, temos no *Corpus*, II, 2633, a seguinte phrase: .... *receperunt ex gente Avolgigorum Sempronium Perpetuum* ORNIACUM, onde *Orniacum* significa que Sempronio Perpetuo pertencia ao povo dos *Orniaci* = Ὀρνιακοί de Ptolemeu, II, 6, 31[1]; se nesta inscripção *Orniacum* não é pois *gens*,— por isso que a *gens* a que o povo pertencia era a dos *Avolgigi*, indicada no começo da phrase—, tambem os outros nomes que estão nas condições d'este o não serão: logo *Ambimogidus*, com quanto nome ethnico, não indicará propria-

---

[1] Este povo é citado por Ptolemeu ao lado dos Callaicos-Bracaros, Seurros, e outros.

mente uma *gens* ou *gentilitas*, como Hübner, *loc. cit.*, especifica [1]. — A palavra *Ambimogidus* é celtica, segundo o Sr. D'Arbois de Jubainville, que a estudou no seu precioso livrinho *Les noms gaulois chez César et Hirtius*, Paris 1891, pp. 74–75, e significa «très glorifié», accepção que convem perfeitamente a um nome ethnico: decompõe-se em *Ambi-mogidus*, sendo *ambi* um prefixo (irlandês ant. *imb*, gr. ἀμφί etc.), e *mogidus* = *mogido-s* o mesmo vocabulo que o gaulês *mogĕto-s*, que significa «considéré comme grand», «loué beaucoup»; na correspondencia de *mogĕtos* a *mogidus* observamos o abrandamento de *-t-* em *-d-*, como em *Adaegina* por *Ataegina*, nome de uma deusa, de que adeante fallarei; quanto á oscillação entre *e* atono e *i*, cf. **Ategena* e *Ataegina*, supra pp. 161–162.

A obra feita por Celico. Esta obra era claramente o monumento de que estou tratando; talvez a obra fosse mais complexa, e comprehendesse tambem um santuario ou recinto sagrado. Adeante torei de voltar ao assunto.

2) **A figura em alto relevo.** — Esta figura ou estatua representa sem duvida o proprio Celicus Fronto, vestido de *toga*, á maneira romana, por isso que elle, como os seus nomes o declaram, era indigena romanizado. A vizinhança em que a inscripção está do rosto do dedicante, como phrase que elle pronunciasse, prova isso. Quando tratei do culto de Endovellico, citei exemplos de estatuas analogas, e de uma semelhantemente vestida.

---

[1] Fallando assim, não quero occultar a difficuldade, e ás vezes impossibilidade, que ha em distinguir se certo grupo ethnico é *gens*, *populus*, etc.

Assim os Zoelae são dados por Plinio como *populus* na *Nat. Hist.*, III, 28, e como *civitas*, na mesma obra, XIX, 10; são dados como *gens* no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2633, e como *ordo*, ibidem, II, 2606.

Os Vaccaei são dados como *gens* em inscripções do *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4233 e 6093; Plinio, *Nat. Hist.*, III, 26, considera-os, porém, como *populus*, por isso que falla das «dezasete *civitates* dos Vacceus».

3) **A segunda inscripção.** — Esta inscripção contém claramente o nome da divindade em honra de quem Celico Frontão fez o santuario: TONGOENABIAGO, em dativo, conforme o costume seguido nesta ordem de documentos; em nominativo é TONGOENABIAGVS, que em português podemos traduzir por «Tongoenabiago» ou «Tongenabiago». O nome tem aspecto barbaro; elle porém não destoa do de outros deuses peninsulares, taes como *Bandiariaicus, Turiacus, Vagodonnaegus,* etc. O estylo da inscripção é simplez: o nome do deus está sem fórmula alguma addicional, como tambem o da do deus Mirobieus, de que fallei a pp. 234–236.

A julgar do local da inscripção, ao pé de uma fonte, que brota debaixo do penedo em que aquella está, devemos admittir que *Tongoenabiagus* era a divindade tutelar da fonte. Pela anályse d'esta palavra poderemos chegar a precisar um pouco mais a natureza d'essa divindade.

Tongoenabiagus, que póde explicar-se pela philologia celtica, é palavra ao mesmo tempo derivada e composta: *Tongoe-nabi-agu-s* ou *Tongoe-nabia-gu-s.*

O suffixo *-agu-s* (*-ago-s*) ou *-a-gu-s* (*-a-go-s*) está por *-acu-s* (*-aco-s*) ou *-a-cu-s* (*-a-co-s*), com abrandamento de *-c-* em *-g-*: vid. muitos exemplos de *-acos* e *-agos* em Holder, *Alt-celtischer Sprachsch.,* s. v. Este suffixo foi particularmente estudado por G. Flecchia [1], que diz: «La celticità di questa forma é principalmente attestata dal fatto, che essa s'incontra solo in que' paesi in cui abitarono od influirono notoriamente popoli d'origine celtica, e in modo speciale nella Francia, nel Belgio, nell' Italia Superiore e nelle provincie Renane e Danubiane» [2]. Podemos accrescentar a Iberia: vid. exemplos de *-acus* em F. A. Coelho, na *Revista Lusitana,* I, 376, e em Hübner, *Mon. ling. Ibericae,* p. CIII e CXXIX. Como confirmação da celticidade de *-acus* = *-acos* temos o facto de que ao

---

[1] *Di alcune forme de' nomi locali dell' Italia Superiore,* Torino 1871.
[2] *Ob. cit.,* pp. 2-4.

mesmo suffixo corresponde *-ach* e *-ag* em irlandês antigo: por exemplo em *Romanach* < *Romanācos, *Boadag* < Bodiācos. O suffixo *-acos* servia para formar nomes de pessoas, por exemplo: *Clodiacus, Dubnacus;* nomes de povos, por exemplo: *Mogontiaci, Teutobodiaci;* nomes de logares, por exemplo: *Alpiniacum, Darentiaca.* A primitiva significação dos nomes assim formados é adjectival, «possessiva» [1]. O nosso *Tongoenabiagus,* como outros deuses que conheceremos mais longe, pertence á 1.ª classe, i. é, aos nomes de pessoas.

Separando o suffixo, resta-nos *Tongoe-nabia-.*

Estudemos primeiro o elemento *-nabia-.* Já na memoria que em 1894 li na Academia das Sciencias de Lisboa eu tinha dito o seguinte: «ha nas inscripções romanas da Tarraconense, a que Braga pertencia, os seguintes nomes de deusas: *Navia* e *Nabia,* que apenas differem em uma ter *v* e a outra *b,* confusão de consoantes labiaes ainda hoje frequente no Norte do reino. No convento lucense, i. é, na Galliza, havia a deusa *Navia*.. Nada se sabe do caracter de taes deusas, mas, em virtude da comparação dos seus nomes com o do deus de Braga, póde admittir-se que eram muito provavelmente deusas fontanarias, ou, pelo menos, aquaticas». E citei ainda outros nomes parallelos, taes como: *Nabius, Flavionavia* e *Navialbio* [2]. Referindo-se ao meu artigo, diz Hübner: «*Tongoenabiagus* dei nomen aliunde non notum ad fontem pertinere coniecit Leite propter nabi- radicem quam continet» [3]. O douto professor de philologia celtica no Collegio de França, o Sr. D'Arbois de Jubainville, teve a bondade de me escrever a este respeito, em carta de 3 de Abril de 1896, a seguinte substanciosa nota, que completa as minhas observações: «*-nabia-gus* est probablement pour -nāvi̯ācos, dérivé de

---

[1] Cf. tambem *Revue Celtique,* I, 460–461, e II, 499. Corresponde ao suffixo ligurico *-asco-*, e ao latino *-anu-*.

[2] Vid. *Revista Lusitana,* III, 314–315.

[3] Vid. *Ephemeris epigraphica,* VIII, 402.

Nāvia, nom de rivière d'Espagne, Ptolémée, II, 6, 5, édition C. Müller (Didot), t. I, p. 146, l. 4, 5 et note. *Navia* est identique au sanscrit classique *nāvyā* «cours d'eau», principalement «cours d'eau navigable», Otto Böhtlingk, *Sanskrit Wœrterbuch,* III, 198, col. 3; cf. zend *nāv-ya-* «coulant», Brugmann, *Grundriss,* I, 97; cf. le grec νήϝιος, νᾶϝιος «naval», Brugmann, *Grundriss,* II, 120. *Nabiagus* pour Nāvi̯-ācos peut être un doublet du grec νηϊάς νηϊάδος, νᾶϊάς νᾶϊάδος, pour nāu-i̯a-d-s, ou mieux nāu-ii̯a-d-s «déesse des eaux». Tous ces mots sont dérivés de l'indo-européen nāu-s «navire», «canot», qui existe en celtique, Stokes, *Urkeltischer Sprachschatz,* p. 189».

Quanto ao primeiro elemento (*tongoe-*), — posto que as inscripções peninsulares contenham, ao que parece, certas formas em *-oe* [1] —, deve elle talvez equivaler a *Tonge,* com *oe* por *e* [2]. Este elemento é comparavel á primeira parte de *Tonge-tamus,* nome de homem, que apparece em inscripções da Beira-Baixa [3], e a *Tongius* e *Tongeta,* tambem nomes de pessoas, que apparecem varias vezes nas inscripções peninsulares [4]. Segundo a maneira mais usual de formar compostos em celtico, era de esperar que na palavra *Tongoe-nabiagus* = *Tongenabiagus* o primeiro elemento terminasse em *-o,* como em *Tongo-briga* [5]: cf. o que diz Zeuss, *Grammatica celtica,* 2.ª ed., p. 853. Todavia o Sr. D'Arbois de Jubainville diz-me na referida carta de 3 de Abril de 1896: «J'admets

---

[1] Vid. *Mon. ling. Iber.,* de Hübner, p. CXL: *Cariqoe, Crougintoudadigoe.*

[2] É frequente encontrar escrito nas inscripções etc. OE por E, como *foelici, foemina, poene:* vid. muitos exemplos em Schuchardt, *Vokalismus des Vulgärlateins,* II, 293 sqq. — Exemplo analogo é dado pela palavra DAEO = *Deo* num bronze romano que vi na Bibliotheca Nacional de Paris: cf. Babelon & Blanchet, *Bronzes,* n.º 2305.

[3] Vid.: *Corp. Inscr. Lat.,* II, 447e 5334; *O Archeologo Português,* I, 227; *Revue Celtique,* XVII, 111.

[4] Vid.: *O Arch. Port.,* I, 227; *Corp. Inscr. Lat.,* II, 302, 749, 757, 5248, 5349, etc.

[5] D'onde vem *vicani Tongobrigeses:* vid. *Corp. Inscr. Lat.,* II, 743.

tongoe- pour *tongo-*, malgré Zeuss, *Grammatica celtica*, 853». Em apoio d'isto citarei outros exemplos peninsulares, em que o primeiro elemento de um composto termina em vogaes differentes de *-o*. As fórmas *Turobrigensis*, *Turubrigensis*, *Turibrigensis*, decomponiveis em *Turo-brig-ensis*, *Turu-brig-ensis*, *Turi-brig-ensis*, e attestadas pelo *Corp. Inscr. Lat.*, II, 964, 71, 462 e 605, apresentam *-o*, *-u*, *-i*; a palavra *Trebaruna*, nome de uma deusa lusitanica, decomponivel em *Treba-runa* [1], apresenta *-a*. Póde pois estabelecer-se a seguinte tabella:

*Tur*O-*brig-ensis*
*Tur*V-*brig-ensis*
*Tur*I-*brig-ensis*
*Treb*A-*runa*
*Tong*O-*brig-ensis*
*Tong*OE-*nabia-gus* [2].

O thema tongoe- = tonge- é certamente o mesmo que o da antiga palavra irlandesa *tongu* (*tong*, *tongim*, *tongaim*) por *tongo- «eu juro» [3].

---

[1] Vid. *O Archeologo Português*, I, 230.

[2] Com a mudança do *-o* do thema em *-e*, cf. acaso o gr. Ἀγί-λαος, de ἀγός; todavia o etymo é duvidoso, diz Brugmann, (*Grundriss*, II, § 12).

[3] Vid. W. Stokes, *Urkeltischer Sprachsch.*, Göttingen 1894, p. 121, que realmente estabelece tongô para o irlandês. Á mesma familia poderá pertencer o antigo latim *tongeo* «eu penso», «eu conheço»: vid. D'Arbois de Jubainville, in *Revue Celtique*, XX, 380–381. Windisch, *Irische Texte*, Leipzig 1880, no vocabulario, explica o irl. *tongim* por *do-fongim*, mas esta explicação foi refutada por Zimmer, *Keltische Studien*, I, 117: de facto a palavra existe noutros dialectos celticos (*tingwyf* em gallês, *touann* em bretão), ás quaes não convem a explicação do *do* inicial (particula): o *t-* é pois primitivo. Zimmermann, in *Beiträge zur Kunde der indo-german. Sprachen*, XXV, 55, derivou do lat. *tongeo* a nossa palavra *Tongius*, etc., remettendo o leitor para Planta, *Grammatica da lingoa osca*, II, 60, e aproximando o all. *Dank-wart*, *Thanko*, etc. [cf. Klug, *Dicc. etym. all.*, s. v. «denken»]; mas tal derivação não se póde admittir: o que se vê é que todas essas palavras tem uma raiz commum.

Póde pois concluir-se que com o deus *Tongoenabiagus* andava connexa a ideia de juramento. O Sr. D'Arbois de Jubainville, a quem consultei sobre isto, apresentando-lhe a minha hypothese, diz-me mesmo na carta citada: «**Tŏngŏ-nāvĭācŏs* signifierait *dieu de la rivière par laquelle on jure*». Só devemos, no nosso caso, substituir a palavra *rivière* especialmente por «fonte» [1].

A ideia de agua e de juramento andam muitas vezes associadas entre si nas diversas religiões. Vou dar algumas provas d'esta associação.

Um dos juramentos mais terriveis para os Gregos e Romanos era o que se formulava pela Estyge, *Styx*, rio do Inferno; por ella juravam os deuses. Isso o explica Homero, *Odysseia*, v, 185–186:

καὶ τὸ κατειβόμενον Στυγὸς ὕδωρ, ὅστε μέγιστος
ὅρκος δεινότατός τε πέλει μακάρεσσι θεοῖσιν [2],

versos a que correspondem est'outros de Vergilio, *Eneida*, v, 323–324:

.... vides Stygiamque paludem
Di cuius iurare timent et fallere numen.

Jurar por ella em falso faz que os deuses percam a immortalidade; por isso o juramento é terribilissimo, δεινότατος, e todos os deuses o temem, *timent*.

Tambem nos *Dialogos dos Mortos*, de Luciano, dial. VIII, se diz: πρὸς τῆς Στυγός! «pela Estyge!». E em Ovidio, *Metamorph.*, II, 101: *Stygias iurauimus undas!* — Embora muitos outros textos se pudessem citar, esses bastam.

Não se jurava só pela Estyge. A sombra de Palinuro,

---

[1] A symetria com que TONGOE está numa linha parallela a NABIAGO faz crer que o proprio artifice que gravou a inscripção percebia ainda o sentido das duas expressões

[2] «e derramando agua da Estyge, — juramento que é o maior e mais terrivel para os deuses bemaventurados».

fallando com Eneias nas margens do rio do Inferno, dizlhe: *Maria aspera iuro* «juro pelos mares encapellados» [1].

Póde aproximar-se dos factos citados um passo de Plinio em que este diz que os que juram falso são arrebatados pelo rio Alce, que passa perto do templo do deus Brietius, na Bithynia: «Amnis Alces in Bithynia Brietium adluit — hoc est templo et deo nomen — cuius gurgite periuri necantur rapti velut flamma urente» [2].

Passando da antiguidade aos tempos modernos, encontram-se tambem testemunhos da mesma connexão entre o juramento e a agua. Na *Revue mensuelle de l'École d'Anthropologie,* VII, 43, lê-se o seguinte, a respeito dos Hovas, povos de Madagascar: «L'ancêtre des souverains actuels, le premier dont la tradition fasse mention, la reine Rafohy, qui régna à Mérimenjaka (1527) non loin de Tananarive, se fit ensevelir entre *deux pirogues*. Ces pirogues ont ensuite été coulées au fond du lac voisin. Depuis, à leur avènement, tous les rois viennent offrir des sacrifices au bord de ce lac. Et c'est de son eau qu'on vient puiser pour les aspersions de la fête du *bain*. Tous les grands personnages sont tenus de prononcer un serment de fidélité aux pieds des souverains nouvellement élus. Pour cette cérémonie on apporte *une pirogue* qu'on remplit d'eau à laquelle on mêle un peu de la poussière prise aux tombeaux des anciens rois. Auprès de cette pirogue on immole une génisse à qui on coupe la queue, la tête et les jambes, à qui on place la tête même à la place de la queue et dont on perce les entrailles avec plusieurs sagaies qui restent fichées dans ses flancs. Chacun s'avance à son tour, et agitant une sagaie dans le ventre de la bête, appelle sur lui un sort semblable au sien, pour le cas où il serait infidèle. Quelques gouttes d'eau puisées *dans la pirogue* avec la main sont portées aux lèvres au milieu d'imprécations nouvelles et ainsi se termine la cérémonie».

---

[1] *Eneida*, VI, 351.

[2] *Nat. Hist.*, XXXI, 23.

Tem alguma relação com estes factos os seguintes que se acham consignados numa obra do sec. XVII: «Les noirs [de Madagascar] regardent cet animal [jacaré] comme une divinité et jurent par luy dans les choses qu'ils veulent affirmer: quand ils ont quelque contestation, les parties se rendent sur le bord de l'étang ou de la rivière: celuy qui doit jurer s'y plonge, invoque le jacaret, & le prie de faire connoître la vérité en le laissant vivre, ou le devorer s'il avance une mensonge. Ainsi l'on juge du crime ou de l'innocence de celuy qui s'expose dans l'eau» [1].

Achamos assim exemplos de se jurar pela Estyge, pelos mares, pelos lagos, pelos rios [2]. Comprehende-se, portanto,

---

[1] Dellon, *Nouvelle relation d'un voyage fait aux Indes Orientales*, Amsterdam 1699, p. 35.

[2] Havia tambem juramentos por outros elementos da Natureza; cf. Vergilio, *Eneida*, VI, 458: *Per sidera iuro* (diz Eneias a Dido). Jurar pelos deuses: *per superos*, Vergilio, loc. cit. O rei irlandês Conchobar jura pelo ceu, pela terra e pela agoa: D'Arbois de Jubainville, *Cours de littérat. celtique*, VI, 154. — Nas tradições populares encontram-se ainda echos das ideias antigas. Os amantes fazem juras, invocando, por exemplo, a Natureza, as plantas e as agoas. Nos *Cantos pop. port.* de A. Thomás Pires, vol. I, p. 160–161, lêem-se as seguintes cantigas alemtejanas:

Jurei *pelo junco verde*,
Que é a jura dos pastores,
Que em quanto tu me quiseres
Serei firme aos meus amores.

Jurei *pelo junco verde*,
Jurei e ficou jurado,
De ser tua, se for's meu,
De casar, se for's casado.

Pela minha parte colhi estas duas na Estremadura:

Eu jurei, fiz juramento
Na casca da noz que é forte,
Ser-te leal até morrer,
Ser-te firme até á morte.

Juraste-me pelo ceu,
Que nunca me deixarias:
Agora fiquei conhecendo
Dos homens as tyrannias.

E facil seria juntar outros documentos analogos (Das relações do junco com o amor fallei numa nota que publiquei in *La Tradition*, XVI, 15; e vid. mais exemplos in *Wallonia*, I, 73). — Cf. tambem sobre este assunto: H. d'Arbois de Jubainville, *Le serment celtique et le serment grec*, Paris 1892 (extr. da *Revue Archéologique*).

que se fizessem juramentos por TONGOENABIAGUS, junto da fonte da sua invocação. E quem jurava, diria pouco mais ou menos o que num texto antigo da Irlanda acêrca do Festim de Bricriu (*Fled Bricrend*) se diz: *tong a toing mo thuath* «juro o que jura o meu povo» [1], onde o verbo tong é provavelmente, como vimos, a mesma palavra que a primeira do nome composto Tongoe-nabiagus.

4) **O nicho.**—O nicho representa sem dúvida uma *aedicula;* o busto nella esculpido corresponde á imagem do proprio Tongoenabiagus.

Para os Romanos a palavra *aedicula* (ou *aediculum*), em sentido religioso, tinha tres accepções: 1) pequeno templo; 2) sacrario com a divindade, collocado num santuario d'esta; 3) pequeno oratorio portatil ou relicario [2]. A nossa edicula pertence á segunda especie. Restam muitos monumentos artisticos da epocha romana pelos quaes podemos formar ideia do que eram as ediculas [3]; a comparação d'elles com o nosso não nos deixa dúvida de que este é um da mesma especie [4].

Da observação da attitude do busto, gasto como está pelas aguas, não póde tirar-se illação nenhuma sobre o caracter e aspecto da divindade.

As esculpturas do frontão, que, como vimos, eram uma pomba e um maço, merecem algumas reflexões.

---

[1] *Irische Texte,* de Windisch, I, 292, § 74.—Cf. *Revue Celtique,* III, 178: *tongim-se a tonges mo túath.* E ha outros exemplos.

[2] Vid. *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines,* de Daremberg & Saglio, s. v.

[3] Vid. o cit. *Dictionnaire,* de Daremberg & Saglio; *Dictionnaire des antiquités,* de Rich, s. v.; Babelon & Blanchet, *Bronzes de la Bibliothèque Nationale,* n.º 616; Cagnat & Goyau, *Lexique des antiquités romaines,* s. v.

[4] Para que o leitor possa ajuizar melhor, apresento-lhe aqui a figura de uma edicula, tal como se vê numa moeda de Vitellius; ella tem bastante semelhança com a de Braga.—Vid. Duremberg & Saglio, *Dict.* já cit., I, 93.

Junto de uma nascente de agua, ou *manantial*, em Burguillos, na Hespanha, appareceu, com varios destroços romanos, uma lapide marmorea, que o Sr. D. Ramón Martínez descreve assim: «Tiene en su parte superior un tímpano triangular, en cuyo fondo estaban esculpidas algunas figuras que hoy no pueden apreciarse por el estrago que en ellas han hecho el tiempo y los hombres, sobre todo la del medio; pues las de los costados parecen dos palomas puestas de pie y mirando al centro»[1]. Nesse monumento ha uma inscripção que vem no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5354. Entre a 5.ª e 6.ª linha d'ella vê-se figurada a cabeça de Sileno: esta cabeça, segundo o Marquês de Monsalud, representa o genio tutelar da fonte[2]; o mesmo diz Hübner, «caput Sileni fontem indicat[3]». — Creio pois comparavel este monumento ao de Braga. — Será curioso tambem notar que no sitio de Tourega, no Alemtejo, perto de ruinas romanas, existe uma fonte denominada *de Santa Comba*, que tem conceito muito santo no povo[4]: ora *Comba* é o lat. co(l)umba «pomba». — Nos frontões dos templos, principalmente nos dedicados a Juppiter, costumavam os antigos esculpir uma aguia[5]. Terão com isto alguma relação as aves esculpidas no monumento de Braga e no de Burguillos; pelo menos o de Braga era uma *aedicula*, e *aedicula* significa litteralmente «templo pequeno».

Acêrca do maço direi o seguinte apenas. Por occasião da captagem das aguas thermaes de Uriage (França) encontraram-se muitos objectos gallo-romanos, e entre elles

---

[1] *Boletín de la Academia de la Historia*, XXXII, 187; e cf. XXVIII, 351-352.

[2] *Boletín*, loc. cit.

[3] *Corp. Inscr. Lat*, loc. cit.

[4] *O Archeologo Português*, IV, 130.

[5] Vid. Rich, *Dictionnaire des antiquités romaines et grecques*, s. v. «aquila». Eis na figura junta um exemplo que nessa obra se dá. Este desenho é tirado de um baixo-relevo da *villa Mattei* (Roma).

alguns *martellos* de chumbo, «offerts en *ex-voto* au génie de la source d'Uriage» [1]. A coincidencia da existencia de martellos na fonte de Uriage e da de um maço na de Braga leva a comparar este com aquelles; todavia o Sr. Gaidoz, que redigiu uma nota sobre a primeira, suppõe que talvez elles se relacionem com um deus «qui régnait dans l'Empyrée», em virtude da relação que o povo acharia entre o raio e uma fonte sulfurosa [2]. Em aras gaulesas consagradas ao deus Silvino encontra-se frequentemente esculpido um malho [3].

5) **A ultima inscripção.**—A inscripção que está na *aedicula* significa: «Celico Frontão fez esta obra». Por *fez* tanto póde entender-se que foi elle o artista (assim pensava Argote), como que foi elle quem a mandou fazer: a última hypothese é a mais provavel.—Esta inscripção tem apenas notavel o facto de ser repetição da primeira, embora repetição resumida, pois aqui Celico figura sem a indicação dos nomes ethnicos que naquella o acompanham. Porque se repetiria assim a inscripção? Poderia ver-se a razão no facto de ser grande o monumento, e de o dedicante desejar affirmar bem a sua obra ou a sua devoção; todavia as repetições de certos formularios em actos religiosos tem por vezes caracter mystico. No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5728, publica-se uma inscripção em que algumas palavras se repetem: *Ponit invicto deo austo* [4], *ponit lebiens* [5] *Fronto aram, invicto deo austo F.* [6] *levens* [7] *ponit,*

---

[1] *Revue Celtique*, VI, 457.

[2] O deus gaulês do raio parece ser *Taranis*, correspondente ao deus allemão *Donar* (*Thor* nos Escadinavos). Cf.: H. Gaidoz, *Revue Archéologique*, 3.ª serie, t. XV, p. 166; Ed. Flouest, ibidem, p. 153; E. Cerquand, *Revue Celtique*, X, 279-281.

[3] Cf. R. Mowat, *Remarques sur les inscriptions de Paris*, 1883, pp. 22 (com estampa) e 93; C. Jullian in *Revue des ét. anc.*, V, 299.

[4] = *augusto?*

[5] = *libens.*

[6] Parece ser a inicial de *Fronto.*

[7] = *libens.*

presedente patre <*m*> *patratu* <*m*> *Leone* <*m*> [1]; nesta inscripção, em que se dá a coincidencia de figurar tambem um *Fronto,* julga Hübner que a repetição das fórmulas é intencional, e com sentido mithriaco. Eis outra de Roma, que estará no mesmo caso, pois tambem é dedicada ao deus Mithras: *Soli invicto L. Aur. Severus cum paremboli(s) et ypobasi voto fecit;* (e mais a baixo:) *Soli invicto Mithrae fecit L. Aur. Severus, praes. L. Domitio Marcellino patr* [2]. Numa lapide consagrada a Silvano, encontrada na Apulia (Italia), lê-se *Sacrum Silvano,* etc., e ao lado esquerdo está a inscripção em letras iniciaes, as quaes «é manifesto che sieno compendio della iscrizione votiva medesima» [3]. Vemos d'este modo que, quanto á repetição da fórmula, a inscripção de Braga não é exemplo unico.

*

Resumindo o que fica exposto a cima, direi que o notabilissimo monumento de Braga se compõe propriamente de duas partes: uma, á esquerda do observador, constituida pelo nome e figura do dedicante; outra, á direita, constituida pelo nome do deus da fonte e pela *aedicula* em que se representa a imagem d'este. Ou por devoção, ou para que não houvesse duvida acêrca do autor da obra, o dedicante gravou outra vez o nome na edicula, ficando ella assim compendiando todo o monumento. O nome *Tongoenabiagus* vimos nós que podia explicar-se pela lingua celtica; nos epithetos do dedicante, — *Arcobrigensis* e *Ambimogidus* —, encontrámos tambem elementos celticos: portanto é de crer que os Celtas alguma parte tivessem nesta consagração; mas d'aqui não se póde concluir que o culto fosse de origem celtica, antes é de presumir, — visto que elle é local, applicado a uma fonte —, que antecedesse os

---

[1] Cf. tambem Dessau, *Inscriptiones Latinae selectae,* II, n.º 4209.

[2] *Corp. Inscr. Lat.,* VI, 726, cf. 30821. E vid. Dessau, *Inscriptiones Latinae selectae,* 4205.

[3] *Notizie degli scavi,* 1894, p. 180.

Celtas, e estes apenas o adoptassem, dando-lhe um nome tirado do seu proprio idioma.

Contrariamente ás regras da arte, a figura do dedicante é em ponto muito maior que a da divindade; mas devemos lembrar-nos, de um lado, que estamos em país barbaro, — e que este monumento se afasta completamente de todos os que se conhecem em Portugal, da mesma epocha —, e do outro que, como ponderei a cima, a edicula com a divindade devia ficar no fundo, junto da nascente, por isso que Tongenabiago era o *genius* da agua, e quanto mais perto estivesse d'esta, i. é, quanto mais se aproximasse do chão, mais se identificava com ella.

Difficil se torna saber se em volta do monumento de que tenho tratado havia um recinto consagrado á divindade da fonte, ou se todo o santuario se reduzia àquillo. Pelo menos é provavel que sobre o rochedo e fonte houvesse um telhado. No terreno, em volta do monumento, apparecem effectivamente alguns restos antigos (cacos, etc.); mas elle tem sido muito revolvido, por occasião dos trabalhos agrarios, e seria preciso proceder a excavações methodicas, para se poder formar opinião [1].

---

[1] No Museu Archeologico de Colonia (Allemanha) vi em 1899 um monumento que é de algum modo comparavel a este, senão quanto á divindade, pelo menos quanto ao aspecto d'elle. É uma grande pedra, que veiu de uma pedreira de Brohlthal; mede $2^m,33 \times 2^m,59 \times 0^m,48$, e tem um nicho central, e dois successivamente menores de cada lado. No nicho central, gravado na propria rocha, vê-se uma ara com uma inscripção consagrada a Juppiter e a Hercules (do nome de Juppiter só resta parte); nos nichos lateraes ha vestigios de pintura. Por cima distinguem-se varias figuras (o sol, a lua, etc.). O Hercules aqui venerado é o *Hercules Saxanus*, de que se conhecem outros monumentos na Allemanha do Sul. Convém notar que *Saxanus* deriva de saxum «rocha», e que a divindade está aqui com o penedo na mesma relação em que *Tongoenabiagus* está com a fonte. — O monumento acha-se descrito no opusculo de Joh. Freudenberg, *Das Denkmal des Hercules Saxanus im Brohlthal*, Bonna 1862 (com uma estampa), e resumidamente no catalogo do Museu de Colonia (1885), p. 20.

Appendice a este paragrapho

O culto de Tongenabiago, com quanto de origem preromana, como o nome da divindade claramente mostra, foi romanizado; e é só devido a isso que o conhecemos. No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2420, vem uma inscripção em que se diz que os bisnetos de Celico Frontão restauraram (*renovarunt*) certo monumento[1]; Hübner suspeita que o monumento restaurado era o de Tongenabiago: todavia isto não passa de mera hypothese[2].

---

[1] O texto dado por Hübner é o seguinte:

T. CAELICVS ✠ SIPIPES
FRONTo ET ✠ M ✠ LVCIVS ✠
TITI ✠ F ✠ PRONEPOTES ✠ CAELICI ✠
FRONTONIS ✠ RENOVARVN

Cf. tambem Albano Bellino, *Inscripções romanas*, p. XXXIV. Mas em 1903, por occasião da minha estada em Braga, examinei a inscripção em companhia do Sr. Albano Bellino, e o texto definitivo que apurámos foi:

T · CAELICVS · IPIPES
FRONTo ET · M · ET · LVCIVS
TITI · PRONEPOTES CAELICI
FRONTONIS · RENOVARVN

Lin. 1. Não ha duvida que é IPIPES (e não SIPIPES); entre esta palavra e a antecedente ha grande espaço, com um ponto triangular symetricamente ao centro.

Lin. 2. O segundo O é menor que o primeiro, e não ha ponto depois d'elle.

Altura da lapide: 0m,47; comprimento: 1m,39; espessura: 0m,24. Altura das lettras: 0m,08 a 0m,09. Estas são perfeitas.

A inscripção está actualmente no Campo das Carvalheiras, mas esteve primeiro na hoje demolida capella de Sant'Anna, que ficava a uns 400 passos do Quintal do Idolo: vid. Albano Bellino, *Archeologia Christã*, p. 189.

[2] Segundo diz o Padre Torquato Peixoto nas *Memorias resuscitadas da antiga Guimarães*, p. 78, esta inscripção estava ligada com a de Isis, publicada no *Corpus*, II, 2416; portanto pertenceria ao santuario d'esta deusa e não ao de *Tongoenabiagus* (Observação do meu amigo Albano Bellino).

*

O monumento atravessou as inclemencias da idade-media, e chegou até hoje, ainda em bom estado de conservação. Sería grande prova de amor da patria e da sciencia conservar limpo de limos e esvasiado de agua o tanque em que existe aquelle importante documento da religião dos nossos maiores, o qual é ao mesmo tempo um dos mais curiosos monumentos archeologicos da cidade de Braga, e unico no seu genero entre nós. Merecia mesmo a pena resguardar com um coberto todo o penedo, de modo que lhe não chovesse, e assim se evitasse uma causa de destruição.

Ao Conselho dos Monumentos Nacionaes incumbe, nos termos dos artigos 24.º e 30.º do Decreto de 24 de Outubro de 1901, considerar este monumento como nacional, e promover a expropriação d'elle para utilidade da historia patria, mandando depois gradeá-lo e fechá-lo com chave que poderá ficar a cargo da camara municipal de Braga. Isto ao mesmo tempo serviria de salutar exemplo a outras corporações do nosso país, que, por desleixo, por desconhecimento dos deveres civicos e por falta de comprehensão do que é a historia, deixam ás vezes desbaratar perniciosamente verdadeiras preciosidades archeologicas, e mesmo artisticas [1].

---

[1] Ao terminar o que tinha a dizer a respeito do deus bracarense Tongenabiago, renovo aqui os meus cordiaes agradecimentos aos Srs.:

José Joaquim de Oliveira, antigo dono do Quintal do Idolo, pela amabilidade com que permittiu que eu por mais de uma vez estudasse *in loco* o monumento;

Domingos Rebello Barbosa, desenhador das obras publicas do districto de Braga, pelo magnifico desenho que a meu pedido tomou do natural, o que serviu para se fazer a estampa que acompanha este artigo;

Dr. José Machado, pelas informações que me mandou (noticias historicas, decalques, medidas, etc.);

Albano Bellino, tambem por informações e photographias que d'elle recebi por differentes vezes.

B) Bormanicvs.

No Museu da Sociedade Martins Sarmento de Guimarães guardam-se duas lapides com inscripções consagradas ao *deus Bormanicus,* que vou aqui copiar: vid. figs. 47.ª e 48.ª

As duas lapides foram encontradas nas Caldas de Vizella: a 1.ª, nos fins do sec. XVIII, no sitio da Lameira;

Figs. 47.ª e 48.ª (Lapides de Bormanico do Museu de Guimarães)

a 2.ª, em 1841, junto ao Banho do Medico [1]. Por Vizella tem apparecido varios restos de thermas romanas. No Museu de Guimarães está archivado um desenho de uns excellentes mosaicos achados na Lameira, e que ahi ainda se conservam soterrados [2]. Tambem na Lameira appareceu um denario com caracteres ibericos [3]. Em toda aquella região ha muitas antiguidades da epocha romana.

---

[1] Vid. *Revista de Guimarães,* XVIII, 49.

[2] Vid. *O Archeologo Português,* VIII, 243 (artigo do Abb.e Oliveira Guimarães).

[3] Vid. *Revista de Guimarães,* XVIII, 156. Este denario é de Osca: Vid. *O Archeologo Português,* VIII, 31.

Existe já uma pequena bibliographia a respeito d'estas duas lapides. Quem tornou conhecido do publico a 1.ª foi Mascarenhas Neto nas *Memorias de litteratura portuguesa*, III, 93 sqq.; e a 2.ª foi Pereira Caldas na *Noticia archeologica das Caldas de Vizella*, Braga 1853, p. 9. Depois as inscripções tem vindo a lume várias vezes: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2402, 2403 e 5558. Ultimamente o Abb.e Oliveira Guimarães publicou-as na *Rev. de Guimarães*, XVIII, 48. Martins Sarmento tratou do *deus Bormanicus* nos seguintes artigos: «O deus Bormanico», no *Museu Illustrado*, I (1878), 155-156; «O deus Bormanico», na *Revista de Guimarães*, I (1884), 57-67; e «Para o pantheon lusitano», na *Revista Lusitana*, I (1887-1889), 229-231. Adolfo Coelho, na *Revista Lusitana*, I, 358 sqq., occupou-se da etymologia da palavra *Bormanicus*. — A parte final da 1.ª inscripção foi transcrita por Bucheler nos *Carmina Latina epigraphica*, I (1895), n.º 876. — As duas inscripções vem tambem no *Thesouro do antigo celtico*, de Holder, s. v. «Bormanicus», e em H. Dessau, *Inscriptiones Latinae selectae*, vol. II, Berlim 1902, pp. 199-200. — Num artigo publicado por Niedermann, in *Beiträge zur Kunde der indogerman. Sprachen*, XXV, 82 e nota, ha uma referencia ao mesmo deus.

A 1.ª inscripção está gravada em um monólitho de granito, toscamente apparelhado, que de certo não serviu de base a uma estatua, mas antes parece ter constituido só por si um monumento[1]. Altura d'elle: $1^{m},66$; largura: $0^{m},44$; espessura: $0^{m},55$. Estas dimensões não são rigorosamente exactas, por causa das irregularidades da superficie da pedra. Altura das lettras: $0^{m},05$. O texto necessita de algumas observações.

Lin. 1. Da 1.ª letra resta apenas metade; adeante não ha ponto, a não ser que se tome por tal uma depressão que se nota dentro do C. O 1.º P, o M, o 2.º P, o E e o I estão muito maltratados.

Lin. 2. O traço horizontal do L está incompleto. Do T vê-se

[1] Na parte posterior d'esta pedra lêem-se tambem as primeiras linhas da inscripção; o canteiro não continuou a gravá-las, e mudou de sitio, por as ter feito demasiado grandes.

só parte, bem como do O. Os pontos que deviam haver entre as palavras não se distinguem, porque o granito tem muitas falhas.

Lin. 3. Depois do F não póde distinguir-se o ponto, por causa das falhas da pedra. A letra que se segue ao F é M, sem duvida. A 6.ª letra pode ser O, que em tal caso seria semelhante a outros OO da mesma inscripção; mas o que parece distinguir-se é apenas uma curva seguida de uma haste vertical (depois do M cabia uma letra ou mais, porque as linhas d'esta inscripção ultrapassam ás vezes o campo, para a direita do leitor. Acaso deverá ler-se ahi: MOT).

Lin. 6. Não ha duvida que a 1.ª palavra é REO. Como a inscripção foi renovada em tempos modernos por um pedreiro, ha de attribuir-se a este a mudança do D de DEO em R, que não deve pois causar-nos estranheza.

Lin. 7. A letra final é M, mas está incompleto. Cessa assim a duvida de Hübner, *Corp. Inscr. Lat.*, I, 5558.

Lin. 10, 11 e 13. Não ha pontos separativos.

Lin. 14. Ha uma depressão, que póde ser ponto, depois da 1.ª palavra.

Lin. 15. A palavra começa mais á direita do que as de cima.

Esta inscripção compõe-se de duas partes: de uma dedicatoria ao *deus Bormanicus*, e de um distichon. A transcripção é esta:

*C(aius) Pompeius, Gal(eria), Caturonis f(ilius), *M(ot)ugenus, Uxamensis, deo* BORMANICO *v(otum) s(olvit) m(erito).*

Quisquis honorem agitas, ita te tua gloria servet,
Praecipias puero ne linat hunc lapidem.

Vê-se que foi um individuo de Úxsama ou Úxama (hoje Osma, na Hespanha) quem consagrou a inscripção em Vizella. O cognome *Motugenus justifica-se perfeitamente, pois *-genus*, por -genos é, como se sabe, nome celtico, e Motu- encontra-se como thema em varias palavras formadas com o suffixo *-ecus* e *-acus*, i. é: em *Motuacus* e

Motucus, citadas por Holder, *Alt-celt. Sprachsch.,* s. v. [1] — O distichon tem sido interpretado de duas maneiras: Hübner suppõe que *honorem agitas* se refere á divindade; Mommsen, pelo contrario (cit. por Hübner, *Corp. Inscr. Lat.,* II, 2403), suppõe que nelle se faz um pedido aos candidatos a cargos publicos para que não consintam que o escravo que costuma pintar os nomes d'elles, como proclamação, nas paredes, manche esta pedra. A explicação de Mommsen foi acceite por Bücheler, *Carmina epigraphica,* n.º 876, e parece ser exacta, a julgar dos exemplos parallelos que este cita. Mas como nem em Vizella, nem por alli, se celebravam comicios para os quaes fosse necessario proclamar nas paredes nomes de candidatos, deve entender-se que o distichon é mera fórmula de applicação geral [2].

A 2.ª inscripção não apresenta difficuldades; só tenho de fazer breves observações ao texto.

Na lin. 2, o I de CAMALI está no prolongamento do L.

Na lin. 3, o I de BORMANICO está no prolongamento da haste direita do N, e o A constitue sigla com o M (ou com o N), mas o traço horizontal não se percebe.

A sua transcripção é:

Medamus, Camali (filius), BORMANICO *v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito).*

*

Descritos os monumentos, vejamos agora porque é que inclui *Bormanicus* entre as divindades fontanarias.

A palavra BORMANICVS relaciona-se com várias outras, taes como BORMANVS, BORMANA, BORMO, da Italia e da

---

[1] Hübner propôs, entre outras explicações, *Rectugenus,* que não póde admittir-se. Deve pois riscar-se essa palavra da lista das palavras celticas que dei a cima, p. 64.

[2] Este distichon corresponde ás recommendações que se lêem com frequencia nos edificios de Paris: «*défense d'afficher!*».

Gallia, as quaes se lêem no *Itinerario* de Antonino, em Plinio e em inscripções lapidares: todas estas tres palavras se applicam tambem a divindades. BORMAN[VS] lê-se numa inscripção de Aix (Bouches-du-Rhône); o mesmo nome e BORMANA numa inscripção de Aix-en-Diois (Drôme). Nessas localidades ha aguas thermaes; o nome *Aix* vem mesmo do lat. aquis, ablativo de aquae. BORMANA lê-se numa inscripção de Saint-Vulbas (Ain), onde ha igualmente aguas mineraes. O Itinerario de Antonino cita um bosque ou *Lucus* BORMANI na Liguria. Plinio tambem cita um BORMANI *oppidum* na Gallia Narbonense. BORMO, i. é, BORMO(N), lê-se numa inscripção de Bourbon-Lancy, onde tambem ha thermas. Á mesma familia pertence *Aquae* BORMIAE, cit. por Cassiodoro [1].

Aparentado com os citados nomes é BORVO, i. é, BORVO(N), em inscripções de Aix-les-Bains e de Bourbon-Lancy; em *Aix* temos outra vez o lat. aquis, e em *Bourbon* o proprio nome Borvonis (genetivo). Ambas estas localidades possuem thermas [2]. Bourbon-L'Archambault, e Bourbonne-les-Bains são igualmente testemunhos de outros antigos santuarios de BORVO [3].

O parentesco da serie de fórmas que tem *Borm-* com a

---

[1] Vid. os respectivos textos em Holder, *Alt-celt. Sprachsch.*, s. v.

[2] Vid. os respectivos textos tambem em Holder, *ob. cit.*, s. v.

[3] Vid. *Revue celtique*, IV, 7. — Sobre as inscripções de Bourbonne-les-Bains ha um importante artigo de Chabouillet na *Revue Archéologique* de 1880 e 1881; foi publicado em volume áparte com o titulo de *Notice sur les inscriptions de Bourbonne-les-Bains*, Paris 1881. — Aos banhos de Bourbon-L'Archambault se refere o poema provençal (medieval) de *Flamenca*, vv. 1463–1469, 2.ª ed. (P. Meyer):

A Borbo avia rics bains:
. . . . . .
Et en cascun delz bains naisia
Aiga tan cauda que bollia;
Daus l'autra part nais aigua freja
Ab que li cauda si refreja.
Contra totz mals i a bains certz.

que tem *Borv-* prova-se: 1.º, porque em Bourbon-Lancy appareceu uma lapide consagrada aos deuses *Bormo et Damona* e outra consagrada aos deuses *Borvo et Damona,* d'onde se vê que *Bormo* e *Borvo* eram um e o mesmo deus, que ao mesmo tempo servia de páredro a *Damona;* 2.º, porque Bourbon-Lancy chama-se na Tabula de Peutinger *Aquis Bormonis,* o que mostra que a par de *Bormonis* se devia dizer popularmente *Borvonis,* unica fórma que explica *Bourbon.*

O applicarem-se as designações de *Bormanicus, Bormanus, Bormana, Bormo* e *Borvo* a divindades veneradas em sitios provídos de aguas thermaes faz evidentemente crer que essas divindades o eram de taes aguas; e o facto nada tem estranho, pois, na crença dos antigos, as aguas thermaes revestiam caracter sagrado, como nota Seneca, na *Epistula* XLI: *coluntur aquarum calentium fontes.* A este argumento juntaremos outros. Um dos attributos de Apollo era a medicina: ora acontece que numa inscripção gallo-romana o nome *Borvo* figura como epitheto de Apollo: DEO APOLLINI BORVONI [1]. Interpretando pelas divindades greco-latinas as divindades gaulesas, diz Cesar claramente: *Apollinem morbos depellere* [2]. Logo, temos tres ideias associadas: *aguas thermaes, Borvo* e *Apollo,* deus da medicina. O mesmo raciocinio vale para a outra serie de divindades, pois Cassiodoro, escritor latino dos sec. V–VI, já citado, diz nas suas *Variae epistulae* que as *Bormiae aquae* eram boas contra a *podagra* (gotta) [3]. Dá-se tambem o caso que na região de Vizella, onde appareceu a inscripção de *Bormanicus,* se encontrou uma vez uma inscripção (hoje perdida) em que se citam os nomes de muitos deuses, — verdadeiro pantheon —, entre os quaes Esculapio [4], deus igualmente

---

[1] Holder, loc. cit., s. v. *Borvo.* — Cf. Bertrand, *Religion des Gaulois,* 147; Maury, in *Revue Archéologique,* 2e serie, t. I (1860), p. 58.

[2] *De bello gallico,* VI, 17.

[3] Texto reproduzido por Holder, s. v. *Bormiae.*

[4] *Corp. Inscr. Lat.,* II, 2407.

de caracter medico, como Apollo. É de presumir que esta inscripção se relacionasse com as thermas, o que nos mostra de algum módo Esculapio como equivalente de Bormanico, e isto apoiaria o texto em que Plinio, de modo geral, nos diz que as aguas tomam várias denominações e augmentam o numero dos deuses: *Aquae.. augent numerum deorum nominibus variis* [1].

*

Pelo que toca á explicação da palavra *Bormanicus,* que é a que realmente nos interessa, é evidente que ella se formou de *Bormanus* com a ajuda do suffixo *-i-cu-s,* que já vimos empregado em *Endovellicus,* e tornaremos a ver noutros nomes de deuses. Mas que significa *Bormanus?* E que relação ha entre as fórmas que tem *Borm-,* e as que tem *Borv-?* A que linguas pertencem estas palavras? A que povo poderemos attribuir o culto de *Bormanicus?*

No *Corp. Inscr. Lat.,* II, 2402, diz Hübner: «*Bormanici* dei nomen comparandum est cum nominibus Celticis eiusdem, ut videtur, stirpis *Borma, Bormani* cet., quae composuit Beckerus, *Jahrb. des Vereins von Alterthumsfreuden im Rheinland,* XXXIV, 1863, p. 15 sqq.». Em 1878 tambem Martins Sarmento acreditava que *Bormanicus* fosse divindade celtica: «parece indubitavel..que Borvo ou Bormanico era um deus celtico» [2]. Na *Revista Lusitana,* I, 358, procurou Adolfo Coelho dar d'esta palavra a explicação morphologica dentro da lingua celtica: b o r - m a n o -, sendo *bor-* a raiz, e *-man,* um suffixo equivalente ao latino *-mon, -men,* sanscritico *-man* etc. Na *Deutsche Alterthumskunde,* porém, Karl Müllenhoff, vol. III, p. 180–181 (sirvo-me da ed. de 1892), considera como ligurico o elemento *-an-* de *Bormanus,* por isso que o *lucus Bormani,* de que se fallou a cima, ficava na Liguria. Em 1884 Sarmento deixa a hypothese do celtismo, zomba d'ella, e volta-se para o ligu-

---

[1] *Nat. Hist.,* XXXI, 4.

[2] *Museu Illustrado,* I, 156.

rismo[1]. O Sr. D'Arbois de Jubainville, acceitando que *Bormo* é ligurico, estabelece que essa palavra foi na boca dos Gauleses substituida, segundo o processo conhecido em linguistica com o nome de *etymologia popular,* por *Borvo,* pelo facto de na lingua d'elles não existir a raiz borm-, e só borv-, fórma secundaria de berv-, que se encontra em irlandês ant. *berbaim* e no bretão *bervam,* verbos que querem dizer «je bous», «je bouillone»[2]. Finalmente Kretschmer, no seu livrinho *Die Inschriften von Ornavasso und die ligurische Sprache,* Gütersloh 1902[3], estabelece igualmente que *Bormo* é ligurico, e, sem julgar inadmissivel que *Borvo* seja outra fórma da mesma raiz d'onde provém *Bormo,* não rejeita que *Borvoni* possa ter provindo phoneticamente de *Bormoni,* como *Cebenna,* nome de montanha, proveio de **Cemenna* = Κέμμενον (dissimilação de *m–n* em *b–n*)[4]. Na hypothese do ligurismo de

[1] Sarmento, como se sabe, não era philologo, era archeologo e ethnologo; sem embargo recorria muitas vezes á philologia a buscar elementos em que bascasse as suas theorias. No caso presente compara *Bormanicus* com um *Bormos* que figura numa lenda dos Mariadynos, povo da Asia Menor; mas este *Bormos* escreve-se em grego Βῶρμος, que Pape no *Wb. der griech. Eigennamen,* s. v., compara com Βώριμος, Βώραχος e Βῶρος, o que nos leva longe de Vizella. Tambem Sarmento compara com *Bormos* = Βῶρμος o nome «Borbor» (assim o escreve elle) que se applica a um rio da Macedonia; mas este rio chama-se propriamente Βόρβορος, e tem ο, não ω (cf. Prellwitz, *Etymol. Wb. der griech. Sprache,* s. v.). — É verdade que para as pessoas que desconhecem os methodos linguisticos o ter uma palavra *o* breve ou *o* longo, i. é, ο ou ω, ou ter mais *i* ou menos *i,* são factos sem importancia!

[2] *Premiers habitants de l'Europe,* II, 119–120. — O Sr. D'Arbois suppõe que borm- póde ser identico á raiz grega βρομ-, fórma secundaria de βριμ- (*ibid.,* pp. 123–124). Tambem Zanardelli, *Noms de rivières,* p. 31 (e ahi cita Pieri), diz o mesmo. Todavia Kretschmer, no opusculo que cito no texto, observa, a p. 21, que essa hypothese não se conforma com a que hoje se admitte, de que βριμ- está por mrem-.

[3] Possuo um exemplar, que me foi offerecido pelo auctor, por intermedio do Sr. Prof. Dr. Meyer-Lübke, de Viena d'Austria.

[4] *Op. cit.,* pp. 21–23.

Bormo, a raiz seria borm-, do indogermanico primitivo guhorm- «quente», que deu o sanscr. *gharmás* «ardor», o prussiano ant. *gorme* «calor», o lat. *formus* «quente», o gr. θερμός «quente», o irl. ant. *gorim* «eu aqueço». No entanto, tudo quanto no estado actual da sciencia se diga sobre a lingua liguricà é muito duvidoso; de facto, o pouco que se attribue a esta lingua é meramente theorico, e resulta de um raciocinio por exclusão de partes, pois consideram-se liguricos certos nomes e elementos morphologicos que, pertencendo a territorios em que os Ligures estiveram, não podem explicar-se por intermedio do celtico ou de outras linguas conhecidas.

*

Seja o nome porém ligurico ou celtico, o que se vê é que o deus Bormanico de Vizella, na epocha proxima da conquista romana, fazia parte do pantheon dos Celtas lusitanicos (embora o seu culto pudesse ter origem preceltica). Isto deduz-se do seguinte. Na 1.ª inscripção de Bormanico lê-se *Caturo,* nome do pae do dedicante; este nome, como vimos a p. 63, é celtico. Nas mesmas circunstancias está **Motugenus,* cognome do dedicante, se essa é a boa lição; em todo o caso o elemento *-genus* = *-genos* é celtico: vid. p. 64. Facto importante, e que merece ponderação: Caturo era natural de Úxsama = *Úxama,* cidade cujo nome, do mesmo modo, é celtico e significa «muito alta» (*Úxama* = Ux-ama, da raiz: ux = ucs, por *oucs-, que se encontra igualmente no gaul. *Uxellodunum* = Ux-ello-dunon «fortaleza alta», e no irl. ant. *úasal,* tambem escrito *úassal* e *húassal,* «alto», «elevado» [1]). Na 2.ª inscripção de Bormanico figura um Medamus Camalus, um dos nomes do qual é celtico, e o outro o parece: vid. a cima, p. 62. Quer pelos textos dos AA: classicos, quer pelo onomastico, vimos nós a p. 63 sqq.

---

[1] Cf. Zeus, *Gramm. Celt.,* 2.ª ed., pp. 767 e 34.

que estas regiões tinham sido celtizadas: portanto a supposição de que Bormanico pertencia ao pantheon celtico tem todo o fundamento.

*

Bormanicus era o deus ou genio tutelar das aguas thermaes de Vizella. O seu nome, ou elle provenha de borm- «calor», ou seja aparentado com o irl. ant. *berbaim* «faço ferver» [1], exprime uma ideia que combina com a de caldas. Decomposto em Borm-an-icu-s, encontramos nesse nome, como a cima vimos, o suffixo *-icu-s,* que lhe dá feição adjectival, e que deve significar que o deus possuia a qualidade designada pelo thema borman-: *Bormanicus* está morphologicamente para *Bormanus,* como o nome do deus gaulês *Taranucus* para *Taranus.* E assim como *Taranucus* = Taranu-cu-s significa «tonante», «fulminante», por isso que tarănus (thema em *-u*) quer dizer «trovão» ou «raio», assim *Bormanicus* = Borman-i-cu-s deve ter pouco mais ou menos a significação de «thermal»; e provavelmente ao espirito de quem pronunciava essa palavra ella apresentava-se como concordando com o substantivo *deus:* o que tudo, no meu entender, mostra que o caracter naturalistico da divindade estava muito proximo da sua origem primeira, isto é, que no *deus Bormanicus* o povo reconhecia ainda, em certo modo, mais a propria agua divinizada do que realmente uma divindade separada do elemento aquatico inherente a ella.

D'esta agua, que brota em meio da frondosa vegetação vizellense, poderia quasi dizer-se o que Vergilio, na *Eneida,* VII, 83–84, disse da agua sulfurica de Albunea:

....nemorum quae maxima sacro
Fonte sonat saevamque exhalat opaca mephitim.

---

[1] Cf. tambem irl. *borbhan* «murmurio d'agua», e o que diz Macbain, *Etymolog. dict. of the Gaelic language*, s. v., e Thurneysen, *Keltoromanisches,* Berlim 1884, pp. 47 e 91.

Ás caldas de Bormanico concorriam nas epochas antigas os doentes, como agora, só com a differença, que o que se faz hoje por exclusiva indicação da medicina, se fazia d'antes tambem pela fé. Os crentes, quando se viam afflictos por certas enfermidades (rheumatismo, molestias cutaneas, etc.), iam alli e promettiam levar uma offerenda a Bormanico, se a agua do deus os curasse; assim fez, por exemplo, o Celta lusitanico Medamus Camalus, que, como vimos a cima, lhe levou uma ara de granito, cumprindo a promessa com toda a satisfação, pois que na pedra mandou exarar a clausula *votum solvit libens merito;* assim fez tambem Caius Pompeius, filho de Caturo, da tribu Galeria, o qual, não contente com ter mandado gravar em pedra dura um testemunho que attestasse que Bormanico lhe concedêra um milagre, addicionou á inscripção um *carmen* em que pedia que ninguem profanasse aquelle monumento sagrado.

Assim, de duas inscripções, na apparencia tão simples e tão modestas, uma de quatro linhas, gravada em pobre ara, outra de quinze, em tosco monólitho, tiramos luz para o conhecimento da ethnogenia e da religião da Lusitania.

C) Outras fontes santas.

Junto dos Baños de Montemayor, na Lusitania Hespanhola (Extremadura), encontraram-se importantes inscripções romanas consagradas ás *Nymphae Caparensium* (sc. *aquarum*): vid. *Ephemeris Epigraphica,* VIII, 378, n.º 71–78.

Com nomes puramente latinos, que talvez porém traduzam ideias pre-romanas, encontram-se em inscripções tanto de Portugal como de Hespanha varias outras divindades de fontes: *Fontanus* e *Fontana,* em Bencatel[1]; e *Fontes,* em Merida[2]. Digo que talvez estas divindades romanas se sobrepusessem a divindades indigenas, porque nos citados Baños de Montemayor, ao lado de inscripções de-

[1] *Corpus,* II, 150.

[2] *Corpus,* II, 466; e *Boletín de la Academia de la Historia,* XLIII, 240-241.

dicadas ás *Nymphae Caparensium,* onde uma designação indigena está a par de uma designação latina, appareceu tambem uma inscripção dedicada simplesmente ás *Fontanae*[1] (plural de *Fontana*).

Em todos estes casos a concepção da divindade é muito primitiva, pois não se achou outro nome para ella senão *Nymphae,* que é muito vago, *Fontes,* que não póde ser mais generico, e *Fontanus* e *Fontana,* que são meros adjectivos.

Terei de voltar ao assunto na Parte III d'esta obra.

XII. Navia

Varias inscripções mencionam o nome da deusa *Navia* ou *Nabia,* umas de Portugal, outras de Hespanha, mas todas dentro dos limites da antiga Lusitania.

No logar do Roqueiro, freguesia de Pedrógão-Pequeno, concelho da Certã, appareceu uma d'este teor: *Cicero Manci* NABIAE *l(ibens) v(otum) s(olvit)*[2]. Segundo vejo no Mappa Geologico, ao pé do Roqueiro passa um rio, cujo nome porém ahi não se indica.

Num monte perto de Vandoma e Baltar, no concelho de Paredes, encontrou-se uma inscripção em que apenas se lia: *Caturo Pintami* NABIAE *[l]ibens..*[3] Este monte, — onde ha ruinas, como diz Pinho Leal, s. v. «Vandoma» e «Baltar», no *Portugal Antigo e Moderno* —, deve ser o que no Mappa Geologico se figura como tendo um rio nas abas (rio que tambem vem sem indicação de nome).

Em Alcantara (Extremadura Hespanhola) existiu, ou ainda existe, a seguinte inscripção: *Boutius, Antubel(lici) f(ilius), d(eae)* NAVI*(ae) v(otum) s(olvit) l(ibens) a(nimo)*[4]. A abreviatura *Antubel-* póde interpretar-se por *Antubellici,* como fiz, de accordo com um nome que se lê numa ins-

---

[1] *Ephemeris Epigraphica,* VIII, 378, n.º 76 e 77.

[2] Vid. *Arch. Port.,* VI, 105 e 134; cf. *Corp. Inscr. Lat.,* II, 5623.

[3] *Corp. Inscr. Lat.,* II, 2378.

[4] *Corp. Inscr. Lat.,* II, 756.

cripção de Endovellico, no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5202, ou por *Antubel(li)*.

No Monte de San Pedro, freguesia de Nocelo da Pena, partido de Ginzo de Limia (provincia de Orense, na Galliza), appareceu uma inscripção cujo principio não está bem lido, mas cujo final é:.. NAVIAE *s(olvit) l(ibens m(eri'o)* [1].

Conhecem-se ainda mais duas inscripções, apparecidas tambem na Galliza, mas em localidades incertas, uma das quaes, imperfeitamente copiada, parece conter NAVIA [2]; outra, tambem mal transcrita, contém sem duvida NAVIAE (em dativo) [3].

Todas essas inscripções são mudas quanto á natureza da divindade nellas referida; todavia a comparação do nome NABIA ou NAVIA com *Tongoe*NABIA*gus*, que estudei a cima (nelle entra NABIA: cf. sanscr. *nāvyā* «cours d'eau»), e que vimos ser o de uma divindade de fonte, mostra que elle deve applicar-se tambem a uma deusa aquatica.

Ptolemeu, na *Geographia*, II, 6, 4, cita nos Callaicos Lucenses o rio Νάβιος; este rio chama-se hoje *Navia*, o que indica que aquella palavra deve interpretar-se por Νάβια; o mesmo geographo, loc. cit., menciona o rio Ναβιαλαουίων, que corresponde quasi lettra por lettra ao NAVIA*lbio* de Plinio, na *Nat. Hist.*, IV, 111; temos ainda em Ptolemeu, II, 6, 5, a cidade de Φλαουιοναουία = *Flavio*NAVIA ou *Labio*-NAVIA, em que entra manifestamente tambem o nome que nos está occupando.

---

[1] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5622.

[2] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2601. — Na 5.ª e 6.ª linha d'esta inscripção lê-se: VOTVN POSSIT, i. é: *votum..possit*. A forma verbal *possit*, por *posuit*, é da lingua popular (ha outros exemplos).

[3] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2602. — Nesta última o nome da deusa vem seguido de SESMACAE. Será epitheto? E está bem lida esta palavra? Apesar das duvidas que o texto offerece, o Rev. Fidel Fita não só acceita peremptoriamente a lição *Navia Sesmaca*, mas diz que este nome o é de rio: vid. *Boletín de la Academia de la Historia*, XLII, 395, nota 2. Hübner foi mais prudente, pois no *Corp. Inscr. Lat.* vol. II, p. 1129, antepôs a *Sesmaca* um asterisco dubitativo.

O onomastico moderno da Galliza apresenta *San Pelayo de* NAVIA, nome de uma povoação perto de Bouzas e de Vigo, nas margens de um rio, que não sei porém como se chama.

No mappa junto (fig. 49.ª) se vê a distribuição geographica das inscripções antigas e dos nomes antigos e modernos.

Não póde pois restar duvida de que Navia pertença á categoria das divindades aquaticas. É natural que o fosse de rio, pois ha rios d'esse nome, e em alguns logares, em que appareceram as inscripções, tambem passam rios; mas, como, por outro lado, a palavra *Tongoe*NABIA*gus,* em que entra o elemento *Nabia* = *Navia,* se applica a um deus de fonte, acho prudente não tentar precisar mais a natureza da deusa Navia, até que se encontrem outros elementos de estudo.

*

Um dos caracteres da religião dos Lusitanos, na epocha de que estou tratando, era que o culto de cada divindade não ultrapassava geralmente o local em que ella se adorava. Já notámos isso, por exemplo, a respeito de Endovellico, cujas inscripções, — e muitas são ellas, — se encontraram todas num só sitio, ou em sitios muito proximos uns dos outros. Como se explica então que *Navia* nos appareça em inscripções da Extremadura Hespanhola, do Entre-Douro-e-Minho e da Galliza, i. é, em logares tão afastados entre si? Explica-se muito bem: a palavra navia era da lingua commum, entendida de todas as pessoas, e significava, como vimos, «agua corrente»; ora, sendo a agua um dos mais preciosos elementos da Natureza, — *ἄριστον μὲν ὕδωρ* [1] —, um dos de maior uso e apreço, comprehende-se que em mais de um logar ella fosse venerada.

Devemos porém entender que a *Navia* = *Nabia* de Alcantara não era a mesma de Baltar: embora de igual nome,

---

[1] Pindaro, *Od. Olymp.*, 1.ª

cada uma tinha o seu culto e os seus fieis; e nem talvez os que adoravam culto a uma sabiam da existencia da outra.

PARTE OCCIDENTAL DA IBERIA

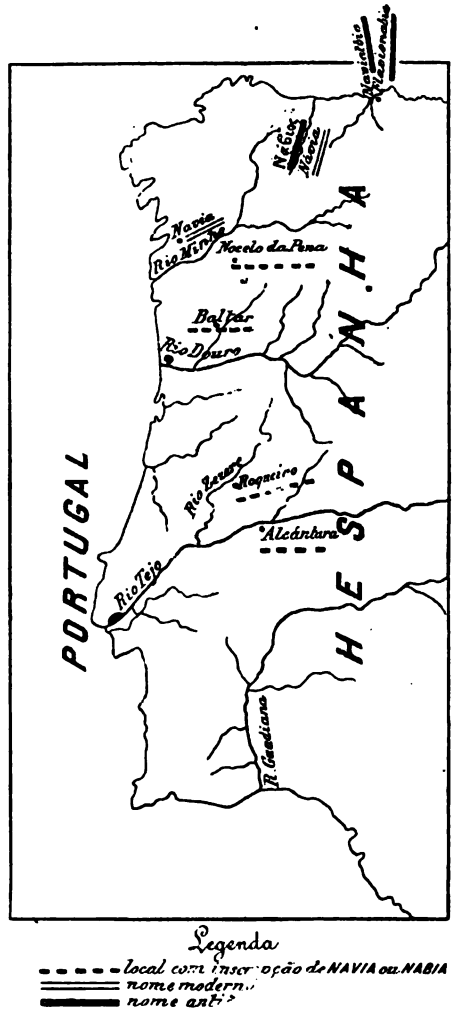


Fig. 49.ª (Mappa do culto de Navia)

Tambem temos hoje uma *Fonte Santa* ao pé de Bencatel, fonte de virtude, a que concorrem crentes de muito longe;

e temos em Lisboa outra *Fonte Santa,* cujo culto está apagado, mas que outr'ora devia ter sido vivaz: e é evidente que uma é independente da outra.

XIII. Animaes sagrados

Depois de ter exposto o que pude colligir a respeito do conceito religioso que os Lusitanos formavam de tres dos elementos que, segundo os antigos, constituiam a Natureza, i. é, o ar, a terra e a agua, direi agora duas palavras acêrca do conceito que elles formavam dos animaes.

Começarei pela serie zoologica menos elevada. Numa inscripção romana de Portalegre falla-se de um individuo chamado *Medugenus* [1]. Esta palavra é celtica, e significa «filho do hydromel»; os Gallos tinham mesmo um deus do hydromel, *Medŭna,* de medu- «hydromel»; e cf. *Medubriga* = *Medobriga* [2]. Visto que o elemento *-genus* (isto é *-genos,* f. *gena*), que entra na composição de nomes proprios celticos, indica filiação mythologica [3], teremos na primeira parte de *Medugenus,* isto é, em *medu-,* uma ideia religiosa relacionada mais ou menos remotamente com as abelhas.

Não é de admirar que ao mel, de que o hydromel era feito, andassem ligadas algumas tradições religiosas, pois que o descobrimento d'elle, segundo Justino [4], se deve a Gargoris, rei dos Cunetes, o neto do qual, isto é, Habis, foi maravilhosamente criado pelas feras, como Romulo e Remo em Roma, Semiramis, na Assyria, Cyro na Persia [5]. Ainda

---

[1] *Corp. Inscr. Lat.,* II, 162.

[2] Vid. Holder, *Alt-celt. Sprachsch.,* s. v.

[3] Cf. *Rev. Celtique,* VIII, 181, e X, 167.

[4] *Hist.,* XLIV, IV,

[5] O proprio Justino, *loc. cit.,* diz: «Huius casus fabulosi viderentur, nisi et Romanorum conditores lupa nutriti, et Cyrus, rex Persarum, cane alitus proderetur». Cf. Camões, *Lus.,* III, 126, fallando de aves e feras:

Como co'a mãe de Nino já mostraram
E co'os irmãos que Roma edificaram.

hoje o mel e as abelhas estão de algum modo sob o influxo da superstição [1].

Pelo que toca aos peixes, lembrarei que existem varias moedas lusitanicas em que figuram estes animaes, por exemplo as de Salacia, Myrtilis, Baesuris e Ossonoba. É provavel que, assim como, por exemplo, os peixes que se vêem nas moedas de Syracusa (Sicilia) e Cyzico (Mysia) se relacionam respectivamente com Arethusa, e com Astarte, divindade phenicia [2], assim tambem os que figuram nas referidas moedas lusitanicas tenham relação com algum culto local.

As moedas da Lusitania portuguesa acham-se descritas e estampadas n-*O Archeologo Português,* VI, 87–89. A titulo

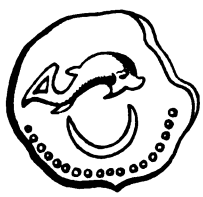


Fig. 50.ª (Moeda de Myrtilis)

Fig. 51.ª (Moeda de Baesuris)

de espécime, reproduzo aqui, fig. 50.ª, o reverso de uma moeda de Myrtilis, em que se vê um golfinho, e, na fig. 51.ª,

---

[1] Eis alguns factos que observei no concelho de Braga. Santo Antonio é o protector das abelhas, como de todos os outros animaes. Costumam levar-lhe de offerta cera em bruto, a qual depois é vendida aos cerieiros. São os Gallegos quem de ordinario extrae o mel; elles davam d'antes 20 réis de esmola ao santo. Para as abelhas virem para o cortiço, unta-se este com mel e herva cidreira, e borrifa-se de vinho; depois pendura-se-lhe defronte um panno de baeta encarnada, e diz-se repetidamente, batendo-se com um pau no cortiço: *Casa nova! pousa, mestra!* — ao mesmo tempo que se leva uma *murraca* (trapo enrolado, a arder e a fumegar) para debaixo do sitio onde estão pousadas; ellas fugirão depois com o fumo.

[2] Vid. Gardner, *The types of Greek coins,* pp. 42 e 50; Head., *Historia numorum,* Oxford 1887, p. 151.

o reverso da moeda de Baesuris, em que se vê parece que um atum. Estes animaes ficam assim equiparados, no conceito religioso, aos vegetaes monetarios de que fallei a cima, pp. 110 e 111.

Passando ás aves, teria de fallar das que serviam nos agouros; mas este assunto deixo-o para a secção II. Ás

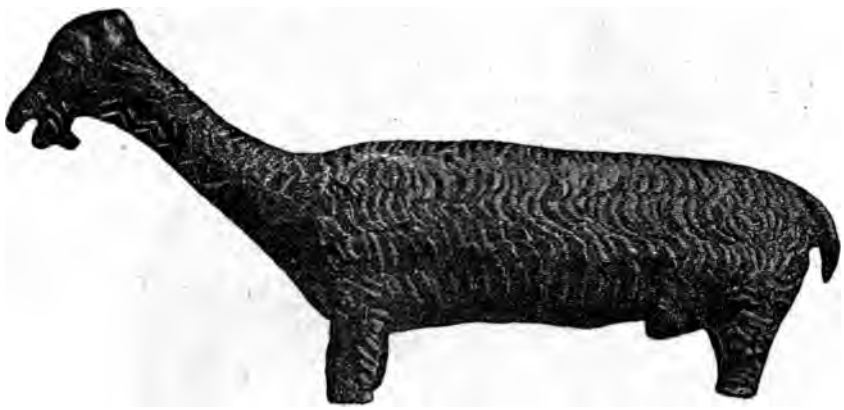


Fig. 52.ª (Cabrinha do Museu Ethnologico)

aves que se vêem figuradas em monumentos lapidares consagrados aos deuses Endovellico e Tongenabiago referime já nos respectivos capitulos, pp. 128 e 260.

Resta fallar dos mammiferos. Por mais de uma vez me tenho referido a quadrupedes no decurso d'este livro: culto de Endovellico, pp. 127–128; culto de Atégina, p. 168 sq. Terei ainda de voltar ao assunto quando chegar a vez de fallar das divindades da guerra e do culto do deus Aro.

*

A proposito dos bodes ou cabras que se relacionam com Atégina, notarei que ha no Museu Ethnologico várias figurinhas metallicas, de arte indigena, que talvez tambem estivessem em connexão com divindades, embora eu não possa dizer precisamente com quaes: na fig. 52.ª representa-

se em tamanho natural uma cabrinha de bronze, encontrada no Redondo, e na fig. 53.ª, igualmente em tamanho natural, uma cabrinha do mesmo metal, encontrada na ribeira do Vascão (Mertola); foram já descritas e figuradas n-*O Archeologo Português,* I, 296–297 [1]. — A Bibliotheca Nacional possue tambem uma cabrinha de bronze, mas de outro typo. Esta cabrinha, comprada por mim em Beja em

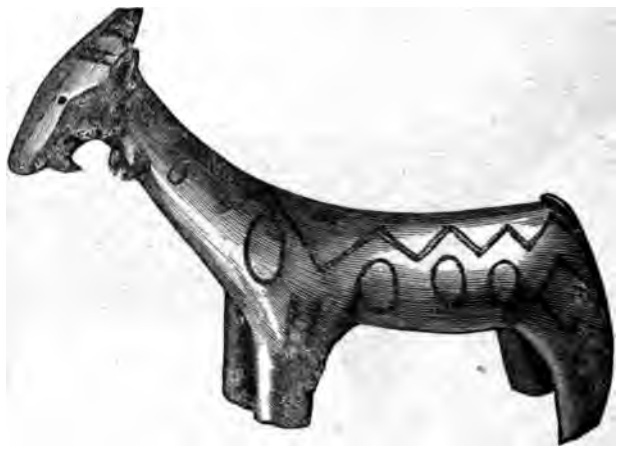


Fig. 53.ª (Cabrinha do Museu Ethnologico)

1889, appareceu no entulho da muralha d'aquella cidade, segundo me informou o vendedor Tavares Lança [2]. Dou aqui uma gravura d'ella na fig. 54.ª, em tamanho natural. No dorso da cabrinha vê-se um espigão, que servia talvez para ahi se fixar uma figura humana. Teria este animal caracter sagrado, e sería a figura humana um deus? Perrot, *Histoire de l'art,* III, 413 e 417, indica exemplos de

[1] A cabrinha da fig. 52.ª foi por mim adquirida em Coimbra, por intermedio do Sr. Dr. Antonio Ribeiro de Vasconcellos; a da fig. 53.ª foi-me cedida pelo Sr. João Manoel da Costa, de Mertola. Analogas á primeira possue o Museu Ethnologico mais duas que adquiri em Lisboa: uma pertenceu á collecção do Dr. Teixeira de Aragão; a outra á de Joaquim José Collaço.

[2] Cf. *O Arch. Port.,* I, 298.

obras de arte orientaes em que uma divindade se vê figurada sobre um animal; todavia a semelhança com a nossa cabrinha é bem remota.

*

Na referida Bibliotheca existe alem d'isso um toirinho de bronze, que represento em tamanho natural na fig. 55.ª e que poderá pertencer á classe dos animaes religiosos, pois nas mãos deanteiras ha um appendice do mesmo metal, que devia servir-lhe de apoio, como nas figs. 34.ª a

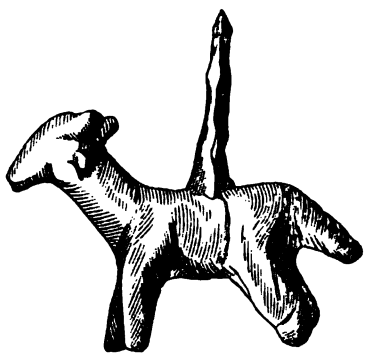


Fig. 54.ª (Cabrinha da Bibliotheca Nacional)

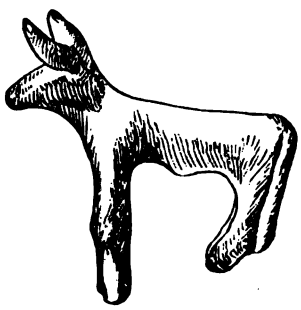


Fig. 55.ª (Toirinho da Bibliotheca Nacional)

36.ª A cauda pende ao longo da perna esquerda; os galhos são arqueados e muito dirigidos para deante; tanto as pernas como as mãos adherem respectivamente entre si. — Quanto á procedencia d'esta figurinha, apenas posso dizer que pertenceu ao fallecido Conselheiro Manoel da Assumpção, que me disse tê-la comprado num leilão do Bazar Catholico de Lisboa (consta-me vagamente que veio do Alemtejo); eu comprei-a para a Bibliotheca em 1894, no leilão que em Lisboa se fez do espolio do referido Conselheiro. Com esta figurinha vinham outras, igualmente de bronze.

O estylo das duas figurinhas (n.os 54.ª e 55.ª) é rude, e aproxima-se singularmente do das cabrinhas que representei a pp. 169–172.

*

Á mesma classe de figuras metallicas, representativas de animaes, pertencem quanto a mim as duas de bronze que se figuram em tamanho natural nas est. V e VI, extrahidas das *Antiguid. mon. do Algarve* de Estacio da Veiga, vol. IV, est. XX e XXI. Uma d'ellas é-o de toiro, e a outra é-o de javali; esta ultima tem dentes de prata. Appareceram na região do Sacro Promontorio, a 5 kilometros de Villa do Bispo; com ellas parece que se encontrou tambem uma fita de ouro[1]. Estacio attribue-as á idade do bronze, mas são seguramente mais modernas, com quanto pareçam pertencer aos tempos protohistoricos. De o toiro

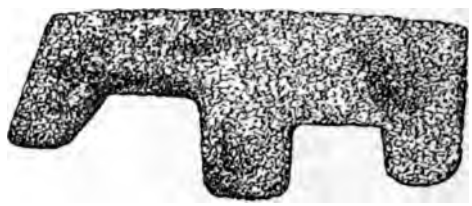


Fig. 56.ª (Quadrupede de pedra de Baião)

e o porco entrarem nos cultos religiosos se tem dado já nesta obra varias provas. — Estas figuras estão hoje no Museu Ethnologico Português, e ha reproducções d'ellas no da Direcção dos Trabalhos Geologicos.

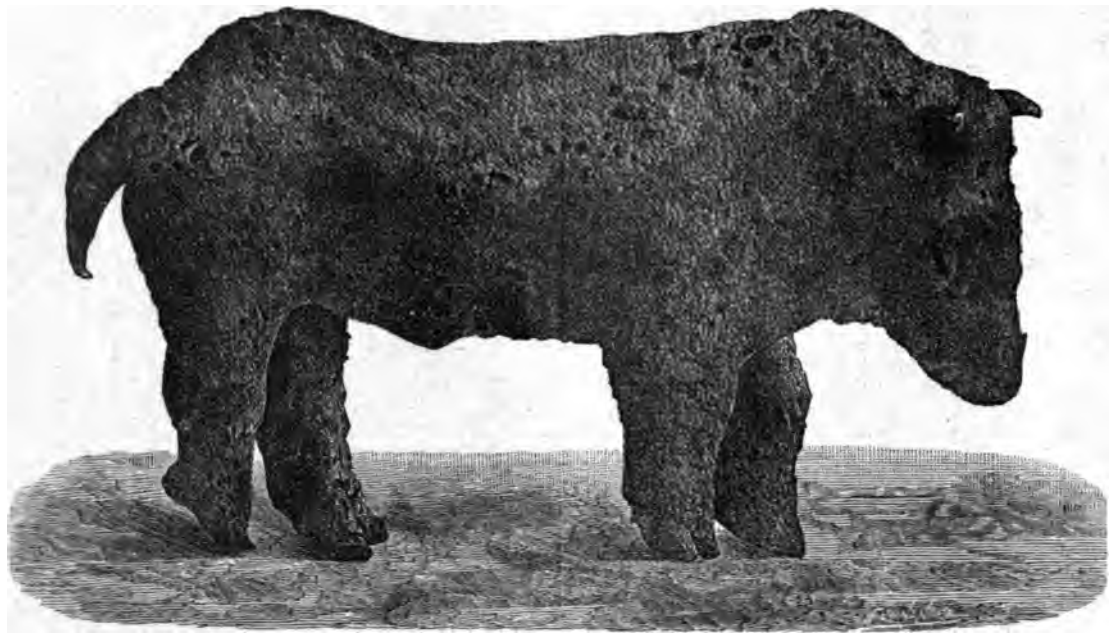
*

Nos castros, que, como vimos a p. 79 sq., eram *oppida* pre-romanos, embora porém frequentemente romanizados, encontram-se ás vezes quadrupedes de pedra, mais ou menos informes.

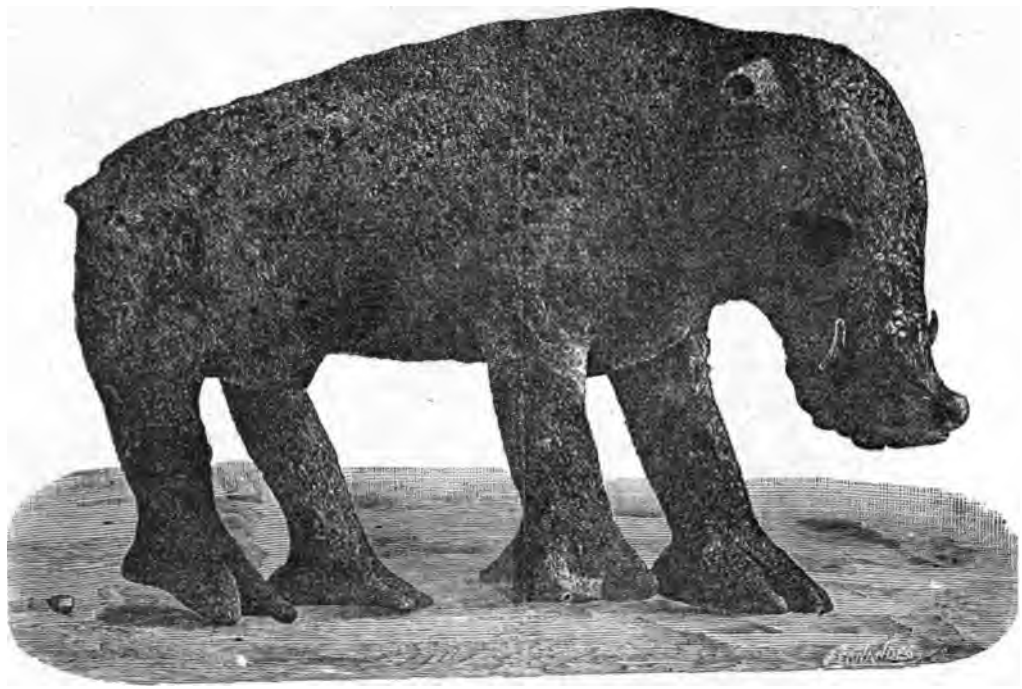
No de Santa Marinha do Zêzere (concelho de Baião) appareceu ha annos um grosseiro quadrupede que, por minha intervenção, foi para o Museu de Guimarães; este

---

[1] Estacio da Veiga, *ob. cit.*, pp. 171-176.



Est. V. Toiro do Promontorio Sagrado



Est. VI. Javali do Promontorio Sagrado

monumento, fig. 56.ª (em escala $^1/_{10}$), será acaso tambem cultual: ex-voto? representação de divindade?[1].

No castro de Sabroso (Minho) appareceram restos de dois porcos, os quaes estão igualmente no Museu de Guimarães; um d'elles foi reproduzido por E. Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal,* p. 281, fig. 406. Sarmento falla d'esses monumentos em um artigo

Fig. 57.ª (Do castro de Arados)

publicado no periodico portuense *A Renascença,* 1878, p. 122, e compara-os com as esculpturas dos typos dos *toros* de Guisando e dos *berrões* trasmontanos.

No castro de Arados (Marco de Canaveses) appareceu mais um monumento d'esta especie, hoje guardado no Museu Ethnologico[2]. É de granito, e representa mui tos-

---

[1] Sarmento allude a elle em algumas das suas cartas: vid. *O Arch. Port.*, VI, 47-48.

[2] O *castro de Arados* está sendo explorado por conta do Museu Ethnologico. Ahi se tem encontrado restos ceramicos com ornamentação analoga á que se observa na ceramica protohistorica dos castros do Minho. Do monte faz-se já menção em um documento latino-barbaro do sec. IX: «de omne mea hereditate que abeo in uilla Fornos et habe iacentia inter Támiga et Durio subtus monte *de Arados*», — *Port. Mon. Hist.*, Dipl. et Ch., p. 82. Todavia o castro chama-se propriamente *Santiago de Arados.*

camente uma cabeça de animal, como se vê na fig. 57.ª, em que se notam bem os olhos (ou antes, as orbitas, que são fundas, afuniladas, e communicam uma com a outra), as ventas e a boca. A esculptura foi executada em um bloco que tem pouco mais ou menos estas dimensões: $0^m,91 \times 1^m,19 \times$ (altura) $0^m,67$, e que está levemente

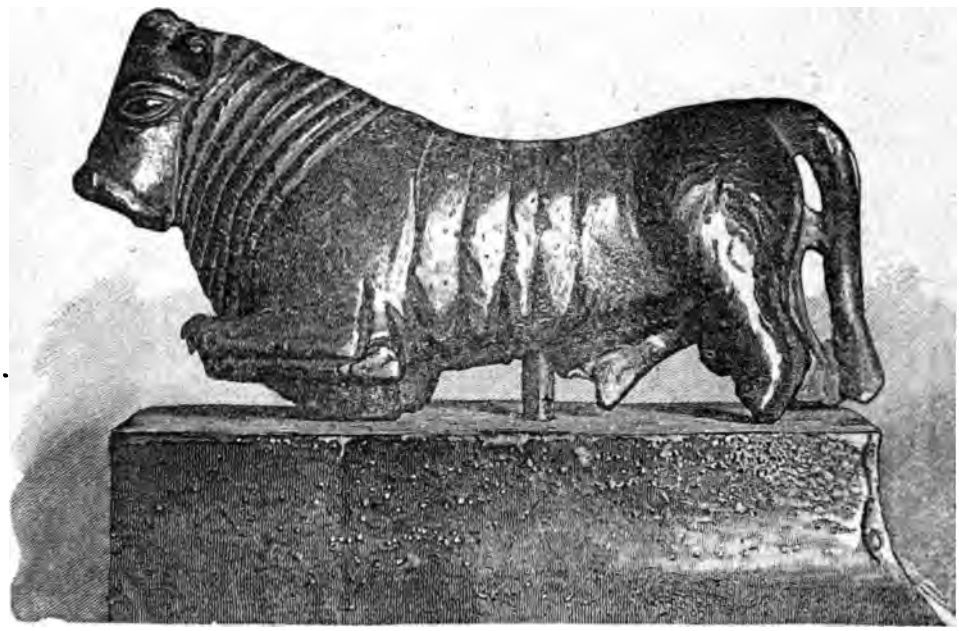


Fig. 58.ª (Toiro de bronze da Bibliotheca Nacional)

apparelhado na parte posterior. É mais que provavel que estejamos deante de uma divindade tutelar do castro.

*

Que um animal pudesse ter caracter sobrenatural não era facto surprehendente. Conta Valerio Maximo (sec. I da E. C.) que Sertorio, quando estava na Hispania, trazia comsigo uma corça branca, *per asperos Lusitaniae colles,* isto é, «através dos castros», e que elle levava os po-

vos a acreditarem que ella lhe dizia o que elle devia fazer, e o que devia evitar [1]. Plutarcho (sec. I–II da E. C.), na biographia que escreveu do célebre general, narra o mesmo, com mais algum desenvolvimento, e accrescenta que Sertorio affirmava que a corça lhe tinha sido dada por Diana [2].— Se um facto d'esta especie podia succeder, é porque os Lusitanos criam no poder superior e divino de certos animaes [3]. No caso presente havia ao mesmo tempo a singularidade de ser alva a corça: ora as cousas raras e singulares tendem a tornar-se maravilhosas, como já no vol. I d'esta obra, p. 148, n. 2, se ponderou.

*

A proposito dos animaes convem aqui descrever e representar um interessante objecto de bronze que faz parte da collecção organizada na Quinta de Mosteirô (Baixo-Douro) por meu chorado Primo Manoel Nicolau Osorio Pereira Negrão, a cuja memoria este volume é dedicado.

Ao mencionado objecto me referi já em 1895 n-*O Archeologo Português,* I, 35; depois li a respeito d'elle uma noticia em Paris, na Sociedade dos Antiquarios de França, em sessão de 27 de Junho de 1900 [4]; por fim o Sr. Ricardo Severo, em Agosto do mesmo anno, inseriu na *Portugalia,* I, 325–331, uma ampla memoria sobre o assunto, acompanhada de uma estampa que representa magnificamente o objecto.

O que vou aqui dizer é, pouco mais ou menos, reproducção da noticia lida por mim em Paris.

Este objecto appareceu no Castello de Moreira, fregue-

---

[1] *Fact. dict. memorab.,* I, II, 4.

[2] *Vida de Plutarcho,* § 11.

[3] Cf. tambem H. Gaidoz, *La rage et Saint Hubert,* p. 48; e C. Jullian, in *Rev. des études anciennes,* IV, 275.

[4] Vid. *Revue Archéologique,* t. XXXVII, (1900), p. 461; e *Bulletin de la Société Nat. des Antiq. de France,* 1900, p. 212.

sia do Castello, concelho de Celorico de Basto[1]. Nas figs. 59.ª e 60.ª o reproduzo com pequena reducção (visto por dois lados), pois tem de comprimento $0^m,11$. Foi uma camponesa quem o achou; chamava-lhe «chave». Compõe-se de uma base, ou eixo, em que pousam varias figuras.

Fig. 59.ª (Ex-voto do Castello de Moreira—Visto por um lado)

A base é constituida por uma trança complexa, que termina, num lado, por uma cabeça de boi ou vacca, e no outro por uma argola que se liga á trança por dois sulcos circulares. Se collocarmos o objecto com a argola para a

Fig. 60.ª (Ex-voto do Castello de Moreira—Visto por outro lado)

nossa esquerda, veremos ahi ainda: na parte superior uma serie de animaes em attitude de caminhar para o lado da cabeça que se figura numa das extremidades da trança; na

[1] Informação do Dr. Augusto Monterroso, medico em Amarante, que foi quem offereceu o objecto a Manoel Negrão, seu cunhado. A noticia dada por Severo, de que elle tinha apparecido na Arnoia, é certamente devida a equivoco.

parte anterior, para o lado da referida cabeça, um vaso, um reptil e um homem com dois objectos na mão.

A respeito da natureza dos animaes, consultei o eximio naturalista o Sr. Alberto Girard, que me disse o seguinte, em carta de 4 de Abril de 1900, deante de uma photographia que lhe mandei do objecto:

«1.º Não ha duvida que é um carneiro.

2.º Identifica-se bem com um bode.

3.º Pela figura, dimensão, póde ser uma ovelha ou uma cabra[1].

4.º Um porco. Sem dúvida».

O vaso que está ao lado do homem tem no bôrdo uma argola inteira, e metade de outra situada no lado opposto; nos outros lados vêem-se duas saliencias, que parece serem vestigios de mais duas argolas: de modo que o vaso teria quatro, oppostas entre si.

O homem segura na mão direita um objecto indecifravel; com a esquerda agarra um machado que tem ás costas.

O reptil (cobra) está enroscado debaixo do homem.

Quer na figura de boi ou vacca que termina o objecto, quer nas dos outros animaes, os olhos são representados por saliencias.

Ainda que este objecto já não esteja em perfeito estado de conservação, constitue uma boa peça archeologica. No meu entender, o objecto representa um ex-voto que devia ser pendurado num templo ou oratorio, em memoria de um sacrificio: o homem figura o sacrificador, com o instrumento e vaso sacrificiaes ao pé; os quatro animaes seguidos figuram as victimas; a cabeça bovina, o deus ou deusa a quem o sacrificio fôra feito. Num acto d'estes a serpente, figurada ao pé do homem, não é elemento discordante, pois nos cippos e aras vêem-se com frequencia represen-

---

[1] [O Sr. Girard, depois de accentuar o caracter domestico do conjunto dos animaes, accrescenta: «Alguem a quem mostrei [a photographia] disse-me: talvez seja um urso. Mas para urso acho um aspecto geral demasiadamente analogo ao do bode»].

existe um toiro de bronze que estará talvez nesse caso; aqui publíco na fig. 58.ª uma gravura d'elle [1]. Esta figura seria acaso emblema guerreiro de uma tribu lusitanica. Do culto do boi na Lusitania creio que não ha nos auctores antigos noticia especial; mas Diodoro Siculo falla de bois sagrados na Hispania [2], e a cima citei exemplos de figuras representativas de bovideos, certamente tambem de caracter religioso. É conhecido o caracter religioso dos *signa militaria* na antiguidade [3]; hoje mesmo a benção da bandeira dos nossos regimentos constitue acto bastante solemne e apparatoso.

*

Para terminar este capitulo, fallarei do hippocampo, animal fabuloso, que fórma o assunto principal do reverso de algumas das moedas de Salacia: na fig. 62.ª dou um espécime, segundo a gravura publicada n-*O Arch. Port.*, III, 127. Se a respeito do caracter religioso dos animaes figurados em algumas moedas podem suscitar-se dúvidas, nenhumas ha a respeito do caracter do hippocampo, pois que este animal era, segundo a crença dos antigos, utilizado para puxar o carro de varios deuses.

Fig. 62.ª
(Moeda de Salacia)

*

Do que diz respeito aos *berrões* trasmontanos e a factos congeneres tratarei no vol. III, quando me occupar do culto dos mortos.

---

[1] Vid. *O Arch. Port.*, I, 345 (artigo de Gabriel Pereira), e *Rev. Lusit.*, II, 92-93 (artigo meu).

[2] *Bibl. Hist.*, IV, 18, 2. Cf. *Revue Arch.*, 1897, XXX, p. 152 sqq. (artigo de P. Paris).

[3] Cf. as notas que a este respeito juntei na *Revista Lusitana* II, 92-93.

XIV. Trebarúna

Noticia preambular. — Tendo eu ido em Setembro de 1892 a Mangualde, em estudos archeologicos, disse-me o meu prezado amigo o Sr. Juiz de Direito Dr. João Bàtista de Castro que possuia numa sua casa no Fundão duas aras com inscripções romanas, e deu-me ao mesmo tempo autorização plena para as estudar e copiar. Em virtude d'isso parti de Mangualde, logo que pude, para o Fundão; depois de examinar os monumentos, vi que um se referia á deusa lusitana Trebaruna, só conhecida por elle, e o outro á deusa romana Victoria, de que existem em todo o orbe latino, como é sabido, muitas inscripções.

Achei interessantes estes dois monumentos da religião dos nossos antepassados, e escrevi ao Sr. Dr. Castro pedindo-lhe que consentisse que elles fossem depositados na Bibliotheca Nacional de Lisboa, onde já havia outros monumentos do mesmo genero. S. Ex.ª, da melhor vontade, acquiesceu ao meu pedido, e as aras deram entrada na Bibliotheca Nacional em Outubro do mesmo anno.

No officio que o Sr. Inspector Geral das Bibliothecas e Archivos Publicos dirigiu ao Sr. Dr. Castro, em 28 de Outubro de 1892, diz-se o seguinte, que aqui reproduzo, por essas palavras serem muito justas: «Mostrou V. Ex.ª, dando aquelle consentimento, quanto se interessa pelo engrandecimento do nosso Museu, de que os dois referidos monumentos são d'ora avante as não menores curiosidades, como documentos da historia antiga da Lusitania: por isso, em nome do publico estudioso, agradeço vivamente a V. Ex.ª a sua generosidade».

Com relação á proveniencia das aras, e vicissitudes porque passaram, lê-se em carta que o Sr. Dr. Castro me escreveu:

«Incontestavelmente aquellas aras .. foram recolhidas ali naquella velha casa [no Fundão] no principio do seculo por um sabio, que foi medico no Fundão, chamado Dr. Silva, o qual deixou a casa a sua mulher, que a arrendou por 1835 a meus tios. Pela morte da proprietaria pertenceu a casa á Fazenda Nacional, que a vendeu em hasta publica, arrematando-a meus tios com as referidas aras, ainda em peores condições do que estão hoje. Durante a vida de meus tios sempre as referidas pilastras foram conservadas com muito cuidado, servindo de entrada ou ornato a um pequeno jardim, que havia no quintal da casa».

O local preciso em que as aras primeiro appareceram não se conhece ao certo; mas do que me disse o Sr. Dr. Bàtista de Castro, e do que se deduz dos proprios textos das inscripções, parece que seria Idanha-a-Velha. Hoje as duas aras estão no Museu Ethnologico Português, com autorização do seu possuidor.

A pedido de um dos redactores das *Novidades*, enviei para este periodico, n.º 2618, de 24 de Outubro de 1892, breve noticia das duas aras. Ulteriormente dei a lume um opusculo com este titulo: *Trebaruna*, deusa lusitana (ode heroica com introducção e notas), Barcellos 1895, 18 paginas, onde me refiro especialmente á deusa indigena (a ode foi de novo publicada nas *Nuvens*, Porto 1898, pp. 177-181). N-*O Archeologo Português*, I (1895), 225-232, publiquei pela primeira vez na integra as inscripções, e procurei determinar o sentido da palavra *Trebaruna*[1]. Por fim, as duas inscripções foram reproduzidas por Hübner, *Ephemeris epigraphica*, VIII, 360, n.os 14 e 15, e pelo Sr. D'Arbois de Jubainville, *Revue Celtique*, XVII, 111.

Como as duas aras, a de Trebaruna e a da Victoria, se completam uma á outra, torna-se necessario reproduzi-las aqui ambas, o que faço nas figs. 63.ª e 64.ª

1. Ara da deusa romana Victoria.

É de granito. Mede de altura $0^m,92$; de largura no corpo $0^m,30$. Na parte superior ha uma abertura ou *foculus*, de $0^m,22$ de diametro. A inscripção occupa a face anterior do corpo do monumento (sete linhas) e a parte superior e anterior da base (duas linhas).

Eis a inscripção:

tONCIVS ‖ tONCETAMI ‖ FMILES ‖ SIGNIFER ‖ cOH·II·LVS ‖ VIQTORIAE ‖ V·S·L·M ‖ ARDVNNVS ‖ COMINI·F·FE ‖

Na 1.ª e 2.ª linha falta já uma lettra, que é sem dúvida alguma T, como se verá da outra inscripção. Na linha 5.ª falta tambem uma lettra, que é evidentemente C. Na 1.ª e 2.ª linhas a 4.ª lettra, embora, como veremos, deva ser G, tem a fórma de C.

---

[1] O respectivo artigo é aqui reproduzido quasi todo.

Na 3.ª linha e na ultima, F significa *filius*. Na mesma 3.ª linha MLES significa V(*eteranus*) MILES, como noutra inscripção que vem no *Corp. Inscr. Lat.*, v-2, n.º 5818. *Miles imaginifer*, simplesmente, lê-se tambem numa inscripção de Viseu: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 403.

Na 5.ª linha as lettras COH significam COH(*ortis*), e as letras LVS significam LVS(*itanorum*); esta última fórma encontra-se por extenso no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 432.

Na 6.ª linha a palavra VIQTORIAE[1] offerece Q em vez de C, facto de que ha exemplos analogos no latim provincial: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, *Supplem.*, p. 1184. A 6.ª linha contém a conhecida fórmula V(*otum*) S(*olvit*) L(*ibens*) M(*erito*).

Na 9.ª linha COMINI está por COMINI(*i*), facto vulgarissimo; e FE está por F E(*cit*), abreviatura que se mostra noutras inscripções peninsulares.

Fig. 63.ª (Ara da Beira-Baixa)

O nome *Tongius* encontra-se em mais algumas inscripções de Portugal, e de Hespanha: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 302, 749, 757, etc. Este nome é muito provavelmente derivado da raiz celtica tong-, sobre a qual cf. *Revue Celtique*, XVI, 122; nella entra a ideia de «juramento». Cf. supra, pp. 61 e 255, e *Revue Celtique*, XVII, 111.

O nome *Tongetamus* encontra-se noutra inscripção de Idanha-a-Velha: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 447. Não são estes os unicos exemplos d'elle na Peninsula: *ib.*, *ib.*, *5255 e 5334. Quanto á sua etymologia, consultei o eminente celtista francês o Sr. Prof. H. d'Arbois de Jubainville, que me disse em carta de 17 de julho de 1895:

---

[2] É curioso que Hübner diga na *Ephemeris Epigraphica*, VIII, 360: «*Viqtoriae* videtur in lapide esse». Não «videtur», mas é certo!

«*Tongetamus* me semble être un superlatif d'un thème tongi-; cf. *ointam,* caelebs (*Grammatica celtica,* 2e éd., p. 301), le gaulois *cunctamus;* la racine paraît être la même que celle de *tongu,* irlandais, *je jure*» [2].

O nome *Ardunnus* não o tenho encontrado noutros documentos, nem da Peninsula, nem de fóra. No citado artigo d-*O Arch. Port.,* I, 227, escrevi eu: «Como não sou celtista, deixo aos especialistas o averiguarem se entra nelle o thema ardu-, de que trata Holder no *Alt-celtischer Sprachschatz,* s. v., e que tem representantes em celtico, e noutras linguas indo-europeias; acêrca do suff. *-unn-* vid. Zeus, *Gammatica celtica,* 2.ª ed., p. 774: *Ardunnus* conterá acaso uma ideia analoga á do lat. *arduus* («alto», «ingreme)». O Sr. D'Arbois de Jubainville approvou esta doutrina: vid. *Revue Celtique,* XVII, 111.

O nome *Cominius* encontra-se noutra inscripção da Idanha-a-Velha: vid. *Corp. Inscr. Lat.,* II, 436. Talvez seja celtico: vid. Holder, *Alt celtischer Sprachschatz,* s. v.

Traducção da inscripção:

Tongio, filho de Tongétamo, soldado veterano, porta-bandeira da cohorte 2.ª dos Lusitanos, cumpriu de boa mente o voto á Victoria. Ardunno, filho de Cominio, fez [*este monumento*].

Sobre as cohortes, ou corpos auxiliares do exercito romano, vid. Hübner, *La arqueologia en España* [*y Portugal*], pp. 150–156. Da cohorte 2.ª dos Lusitanos creio que não ha outra noticia senão a que é ministrada pela inscripção transcripta; talvez esta cohorte militasse fóra da Peninsula. Mencionam-se outras cohortes lusitanas no *Corp. Inscr. Lat.,* II, 432, e *Supplem.,* 5238.

2. Ara da deusa lusitana Trebaruna.

Como a antecedente, esta ara é tambem de granito. Tem de altura 0m,93, de largura no corpo 0m,31. Superior-

---

[3] Cf. o que o mesmo sabio escreveu depois na *Revue Celtique,* XVII, 111.

mente tem um *foculus* ou *patera*, de $0^m,22$ de diametro. A inscripção occupa a cornija (uma linha) e a face anterior (seis linhas) do corpo do monumento.

A inscripção é como se segue:

ARA POS || TONCIVS || TONCETAII || F· ICAEDIT || MILIS || TREBARVNE || L M ↀ V ↀ S ||

A 1.ª linha deve entender-se ARA(*m*) POS(*uit*). Como no latim vulgar o *m* final não se pronunciava, os canteiros deixavam muitas vezes de o representar nas inscripções: vid. outros exemplos de ARA por ARAM no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 677, 1966, 2350, etc.

Fig.ª 64.ª (Ara da Beira-Baixa)

Acêrca de TONCIVS, TONCETAII e F vid. as notas á inscripção precedente. A sigla AI por AM não é rara.

Na 4.ª linha ICAEDIT significa IGAEDIT(*anus*), estando tambem C por G, como é vulgar na epigraphia.

Na 5.ª linha a fórma popular MILIS está por MILES. As inscripções extra-peninsulares offerecem outros exemplos: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, V-1, 1591, 1593; IV, 1994, 2157.

Na 6.ª linha, que encerra o nome da veneranda deusa, está TREBARVNE em vez de TREBARVNAE (dativo); simples E em vez do ditongo AE é facto tão vulgar, que não vale a pena citar mais exemplos; NE por NE tambem não é facto digno de estranheza.

Traducção:

Tongio, filho de Tongétamo, Igeditano (i. é, *de Idanha-a-Velha*), *soldado, dedicou esta ara a Trebaruna, cumprindo de boa mente o voto que lhe tinha feito.*

Vê-se que o dedicante da ara da deusa Trebaruna foi o mesmo que o da ara da deusa Victoria.

*

Quaes os attributos de Trebaruna?

A linguistica poderá ser aqui de algum soccorro. O mencionado professor e celtista, o Sr. H. d'Arbois de Jubainville, a cuja amabilidade recorri, perguntando-lhe pela etymologia de *Trebaruna,* respondeu-me o seguinte, em carta de 21 de junho de 1895: «Quant à votre déesse Trebaruna, son nom semble bien devoir s'expliquer par une langue celtique. Il faudrait corriger *TREBORUNA. TREBO- signifie *maison* (Whitley Stokes, *Urkeltischer Sprachschatz,* p. 137) et RUNA *secret* (ibid., p. 236). *TREBORUNA voudrait donc dire: *secret de la maison*». O Sr. A. Holder, autor do *Diccionario* ou *Thesouro do antigo celtico,* que a cima citei, tambem, em carta de 17 de maio de 1894, fallando-me do nome da deusa, lhe attribuiu a mesma significação: *mysterium habitationis*[1]. A passagem de *TREBORUNA para TREBARUNA não me parece que seja phenomeno phonetico difficil de se admittir perante as leis geraes da vida da linguagem[2] e o que a p. 255 se disse a respeito de *Tongenabiagus.*

---

[1] A mesma raiz celtica treb- parece entrar no nome do povo iberico *Artrabi* ou *Arotrebae* = Aro-trĕbae: vid. D'Arbois in *Revue Celtique,* xv, 4; e Holder, *op. cit.,* s. h. v., e s. v. «Arroni»; — em irl. ant. temos *atrebim* «eu habito». O substantivo correspondente em irlandês é *atrab* «habitatio»: cf. Zeus, *Gramm. Celtica*², indice. *Atrab* está por **ad-trab,* com *d* assimilado ao *t* já no tempo de Cesar, que cita a fórma *Atrebates* = *Ad-trĕb-āt-es. Cf. tambem Glück, *Die bei Caesar . . keltischen Namen,* p. 38.—Ao thema d'esta palavra corresponde em gotico: *Þaurp* «fazenda», etc., e em allemão: *Dorf* «aldeia». — Ao elemento *-runa* corresponde em irl. ant.: *run* «segredo», «mysterio»; em gotico e em alto allemão archaico: *rūna.* Cf. Brugmann, *Grundriss der verg. Gr. der ind. Spr.,* I, § 112. Como o *u* é longo, a palavra da nossa inscripção ha de ler-se pois *Trebarúna,* com accento no *u.*

[2] Cf. nas *Inscriptiones Britanniae Christianae* estes nomes: *Briamail* <*Brigo-maglus, e *Trenacatus* <*Treno-catus: apud Esser, *Beiträge zur gallo-keltischen Namenkunde,* Malmedy 1884, p. 7.

Assim, a ser exacta a interpretação dos celtistas, a nossa deusa teria não só origem celtica, mas seria, pelo menos originariamente, um *penate,* um *genio domestico,* um espirito sobrenatural, a cujo cargo estaria o velar pela casa em que, segundo a crença, Trebaruna habitava.

Acontece frequentemente, no desenvolvimento dos cultos religiosos, que a esphera dos attributos de uma divindade se alarga, e que essa divindade, que a principio presidia só a determinadas funcções, vem com o andar do tempo a presidir a outras diversas.

Talvez tambem succedesse isto com Trebaruna: de divindade caseira passaria a ser divindade guerreira. Em Roma deu-se um facto analogo: Marte, que na primitiva era um deus relacionado com os campos, tornou-se ulteriormente a encarnação divina da guerra [1]. A minha supposição a respeito de Trebaruna funda-se em as duas aras terem sido erectas em nome do mesmo individuo, que em ambas affirma o seu caracter militar, e consagradas ambas a deusas femininas, de que uma é a Victoria romana, pertencendo provavelmente ao mesmo templo, o que poderia explicar o existirem hoje ainda juntas, e terem quasi o mesmo feitio e dimensões.

Na implantação do paganismo romano deu-se muitas vezes o seguinte facto: um deus indigena foi assimilado a um deus romano, e ou este passou a ser adorado no mesmo templo ao lado d'aquelle, ou dos dois nomes, o latino e o barbaro, fez-se a denominação de um só deus. No seu livro *Études sur les idiomes pyrénéens,* Paris 1879, falla A. Luchaire do deus barbaro *Erge* ou *Erce,* que foi identificado com *Marte,* e venerado com elle no mesmo santuario, existindo umas estelas em que se lê ERGE DEO, e outras em que se lê MARTI DEO; acêrca do deus *Leherenno,* igualmente assimilado a *Marte,* cita Luchaire umas inscripções em que se lê LEHERENNO DEO, outras em que se lê DEO MARTI e outras, em que, em

[1] Cf. Preller, *Römische Mythologie,* 3.ª ed., I, 339-340, etc.

virtude da fusão completa dos cultos, se lê já LEHERENNO MARTI[1].

Por tanto a deusa Trebaruna podia ser adorada com a Victoria no mesmo templo. Todavia não quero dar á minha hypothese mais valor do que o que ella tem; para ella se transformar em facto positivo era necessario que apparecesse uma inscripção em que os nomes TREBARVNA e VICTORIA estivessem enlaçados de modo analogo áquelle em que ha pouco vimos os deuses de que falla Luchaire, e como os quaes muitos outros eu poderia aqui citar, se d'isso se necessitasse.

O facto de Tongio ser igeditano, de apparecerem, como notei, noutras inscripções de Idanha-a-Velha alguns nomes iguaes aos que apparecem nestas, e de o Sr. Dr. João Bàtista de Castro me ter dito que as aras não são originarias do Fundão, mas vieram de outro ponto (embora indeterminado) da Beira-Baixa para lá, leva-me a admittir que as duas aras pertencem effectivamente a Idanha-a-Velha. Em tal caso, um soldado, ao partir para a guerra, teria feito um voto, e depois cumprido a promessa, a uma deusa romana, e a outra da sua terra natal. Dá-se ainda a coincidencia de nas inscripções da região igeditana, publicadas no *Corp. Inscr. Lat.*, II, existir uma, que Rufo, filho de Tangino, consagrou tambem á Victoria. O culto da deusa romana ficará assim attestado por dois documentos.

XV. Runesocesius

Este deus é apenas conhecido por uma inscripção, gravada num tosco monólitho de $0^m,70 \times 0^m,24$, que está no Museu de Evora, e que provém dos arredores da cidade. A inscripção foi publicada a primeira vez por mim no *Bulletin de la Société des Antiquaires de France,* 1899, p. 269–

---

1 *Ob. cit.*, pp. 57 e 59.

273 e reproduzida n-*O Arch. Port.*, v, 331 e na *Ephemeris Epigraphica*, ix, 16. O Sr. A. F. Barata publicou-a tambem no *Catalogo do Museu de Evora*, Lisboa 1903, mas com erros [1].

Eis aqui uma gravura que representa o monumento com a inscripção (fig. 65.ª)[2].

Interpreto assim a inscripção: *Sancto Runesocesio* (vel *Runeso Cesio*) *sacru(m)*. *G(aius) Lic(inius) Quin(c)t<c>inu(s) Bals(ensis)*. Prefiro ler *Bal(sensis)* a ler *B(otum)* = *V(otum) a(nimo) l(ibens) s(olvit)*. Por *Balsensis* entenda-se «natural de Balsa», cidade lusitana de que fallei a cima, p. 14.

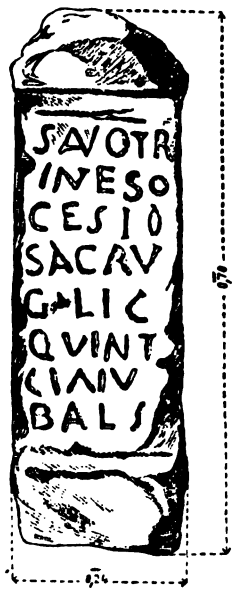


Fig. 65.ª (Ara do Museu de Evora)

A respeito do nome do deus e da significação que lhe attribuo, reproduzo aqui o que escrevi no citado *Bulletin* da Sociedade dos Antiquarios de França:

«Le nouveau dieu s'appelait *Runesus Cesius*. Il est difficile de dire si *Cesius* est une épithète ou s'il appartient proprement au nom, qui en ce cas serait composé, comme tant d'autres du panthéon lusitanien, par exemple *Trebaruna*. Le nom *Runesus* me paraît celtique: formé du thème *Run-*, qui se retrouve aussi dans le nom de la déesse que je viens de citer, *Trebaruna*, et dans l'irlandais *run*, qui signifie «mystère»; le suffixe *-esus* se trouve par exemple en *Lobesus*, *Lovesus*, noms qu'on peut lire dans des inscriptions du sud du Portugal (Voir sur ce suffixe l'*Altceltischer Sprachschatz* de Holder). Selon cette explication,

---

[1] Vid. o que d'esta obra digo n-*O Arch. Port.*, ix, 43 sqq.

[2] Segundo um desenho do Sr. Guilherme Clodomiro Gameiro, desenhador do Museu Ethnologico Português.

le nom du dieu signifierait quelque chose comme *le mystérieux,* dénomination qui convient parfaitement à un dieu et qui était aussi celle de la déesse que j'ai mentionnée plus haut. M. d'Arbois de Jubainville, l'illustre et aimable professeur au Collège de France, que j'ai consulté sur l'étymologie que je viens de proposer, ne la désapprouve pas. L'autre partie du nom, c'est-à-dire *Cesius,* est plus difficile d'expliquer; cependant, je ne serais pas éloigné de croire que dans ce texte, évidemment barbare, on a pu écrire *Cesius* au lieu de *Gaesius,* parce que les lettres *C* et *G* d'un côté et *ae* et *e* de l'autre sont fréquemment substituées l'une à l'autre dans l'épigraphie romaine [1]. Dans cette hypothèse, *Gaesius,* serait un dérivé du mot celtique qui en latin a la forme *gaesum* et en grec la forme γαῖσος; comme ce mot signifie «dard», l'adjectif *Gaesius* signifierait «armé du dard». *Runesus Cesius* serait donc un «dieu armé du dard [2]. Quoi qu'il en soit, le fait positif acquis à la science et surtout à l'ethnologie du Portugal, c'est que, à l'époque romaine, les peuples des environs d'Ebora adoraient un dieu appelé *Runesus Cesius,* qui portait probablement un nom celtique, ce qui est d'accord avec ce que nous savons de la domination des Celtes dans cette région du Portugal» [3].

Nada tenho de accrescentar agora ao que escrevi em 1899, senão que me parece muito provavel que o nome do deus seja realmente composto de *Runesus* + *Cesius*, i. é: *Runesocesius,*—estando o primeiro elemento reduzido ao thema, como é de uso nos nomes d'esta especie [4]. Este nome tem caracter adjectival, á semelhança de *Tongoenabiagus, Bormanicus* e *Endovellicus,* estudados a cima.

---

[1] Vid. supra, *Trebarune* = *Trebarunae,* p. 299.

[2] A respeito do *gaesum,* dardo de ferro usado pelos Celtas, vid. Blanchet in *Revue Celtique,* xxv, 231.

[3] Vid. supra, p. 57 sqq.

[4] No *Corp. Inscr. Lat.,* v, 3619, figura *Gaesius* como nome independente; apud Holder, *Alt-celt. Sprachsch.,* s. v.

XVI. Divindades guerreiras. — Usos religiosos na guerra.

Com o caracter bellicoso dos Lusitanos, do qual fallei a p. 95 sqq., concorda que as duas divindades ultimamente estudadas o pudessem ser da guerra: uma na região dos Igeditanos; outra na dos Eborenses.

Temos porém agora noticias positivas a respeito de divindades guerreiras.

1. Ares lusitano.

Fallando dos montanheses da Lusitania primitiva, i. é, da região que ficava para o Norte do Tejo, diz Estrabão, *Geogr.*, III, III, 7: τῷ Ἄρει τράγον θύουσι καὶ τοὺς αἰχμαλώτους καὶ ἵππους, ou em vernaculo: «sacrificam um bode a Ares e os prisioneiros e cavallos». O geographo tinha acabado de notar que esses montanheses se alimentavam de carne de bode, τραγοφαγοῦσιν; por isso a noticia do sacrificio do mesmo animal vinha a proposito. Parece que no texto transcrito a palavra «cavallos» se refere a cavallos de guerra, em virtude da posição d'essa palavra na phrase, depois de «prisioneiros», e não depois de «bode», que alem d'isso está no singular; se o geographo quisesse mencionar cavallos em geral, teria dito «sacrificam um bode e um cavallo», pondo esta ultima palavra tambem no singular e a seguir àquella.

Quando Estrabão diz *Ares* (= Marte), segue o costume que tinham os autores antigos de applicarem denominações classicas a divindades barbaras; Cesar, por exemplo, fez o mesmo ao tratar da religião dos Gallos, na qual achou Apollo, Mercurio, etc., ao passo que os deuses indigenas tinham nomes nacionaes. No paragrapho seguinte veremos um Marte *Cariociecus:* talvez este ou algum dos muitos deuses de aspecto vago, de que adeante me occuparei, corresponda ao Ares de Estrabão; mas é impossivel dizê-lo ao certo [1].

---

[1] Acêrca de *Netos* em especial, e de figuras representadas numa patera e numa ara, vid. o appendice que junto a este capitulo.

Deve entender-se que este deus pertencia a uma tribu especial de montanheses, acêrca da qual o geographo possuia informações especiaes, e não a todos os montanheses sem excepção, pois não só, como vimos a p. 71 sqq., não havia na Lusitania unidade social ou ethnica, mas a religião tinha caracter eminentemente local.

A noticia dada por Estrabão combina com outra que Tito Livio tambem nos deixou, e que se encontra no Epitome XLIX: é quando menciona o discurso de Galba contra Lucio Cornelio Cethégo, onde aquelle «Lusitanos propter »sese castra habentes caesos fatetur, quod compertum ha»buerit, *equo atque homine suo ritu immolatis,* per speciem »pacis adoriri exercitum suum in animo habuisse». A expressão *equo atque homine .. immolatis* não está em contradicção com a hypothese ha pouco aventada, de que os cavallos immolados seriam cavallos de guerra, antes a favorece, pois no texto liviano trata-se de combates [1].

No Museu Ethnologico Português existe um cavallinho de bronze, de arte pre-romana, encontrado, segundo se crê, em um castro da Beira-Baixa; relacionar-se-ha elle com um ex-voto em honra de uma divindade guerreira?

2. **Mars Cariociecus.**

Em 1854 foi encontrada em Tuy (Galliza) uma lapide em que se lê a inscripção que transcrevo ao lado, segundo o *Corp. Inscr. Lat.,* II, 5612. Nesta inscripção, que parece pertencer ao sec. I, temos o nome romano *Mars* seguido de um epitheto indigena *Cariociecus,* que é legitimo suppor seja o nome de um deus local. No decurso d'esta obra vemos muitos outros exemplos de nomes de deuses lusitanicos terminados em *-ecus*. Todavia o texto da nossa inscripção não é bem

MARTI CA
RIOCIECO
L · HISPANI
V^S FRONTO
EX · VOTO
SACRVM

[1] Costumes semelhantes, de immolar victimas aos deuses da guerra, se encontram noutros povos, em varias epocas: nos Gallos,

nitido; de modo que ha logar para ter duvidas sobre a genuina fórma do epitheto [1]. — Na *Rev. Arch. e Hist.*, I, 19, publíca tambem Borges de Figueiredo a inscripção, e acompanha-a de uma estampa representativa do monumento.

3. Usos religiosos na guerra.

Parallelos ao costume citado no § 1 são outros que Estrabão indica nos Lusitanos: «Tiram presagios da inspecção das visceras dos prisioneiros de guerra, para o que os cobrem com saios ..; cortando a mão direita dos cativos, consagram-na aos deuses» [2]. — Terei de tornar a referir-me a este assunto no vol. III d'esta obra, quando me occupar dos sacrificios.

Alem de sacrificios, votos, presagios, a que a guerra dava occasião, havia danças e cantos guerreiros. Silio Italico, que, no que toca á ethnographia iberica, traz por vezes noticias muito interessantes, hauridas em fontes antigas, diz que no tempo da guerra de Hannibal os Gallegos iam para a guerra cantando canções nacionaes (cf. supra, p. 86), e dançando e agitando rhythmicamente os escudos; e accrescenta: «Haec requies ludusque viris, ea *sacra voluptas*» [3]. Com esta noticia concorda a que vem em Diodoro Siculo, que provavelmente a bebeu na mesma fonte que Silio Italico: «Por occasião dos combates [os

---

segundo Cesar, que pronuncía á latina o nome de *Mars;* nos Godos, segundo Jordanes, que pronuncía tambem á latina, como Cesar, o nome de *Mars;* nos Escandinavos, segundo Procopio, que pronuncía á grega o nome de *Ares*. Cf. sobre este assunto: J. Rhys, «The Gaulish pantheon» in *Lectures on the origin and growth of religion*, Londres 1888, p. 50; D'Arbois de Jubainville, *Droit celtique*, I (1895), 71; C. Jullian in *Revue des études anciennes*, VI (1904), 58.

[1] Se o elemento *cario-* está por **corio-*, seria curioso notar que em celtico temos tambem c o r i o -, que tem a significação de «corpo de tropas» (cf. Holder, *Alt-celt. Sprachsch.*, s. v.), ideia que convinha perfeitamente á expressa pelo nome de um deus da guerra.

[2] *Geographia*, III, III, 6.

[3] *Punica*, III, 345-349.

Lusitanos] marcham em cadencia, e entoam hymnos (παιᾶνας) ao atacarem o inimigo» [1]. A isto me referi já a cima, p. 86 [2].

Por toda a parte nas epocas antigas a guerra revestia por vezes caracter sagrado, e as proprias estatuas divinas eram mesmo não raro levadas para os campos de batalha, pronunciando então os soldados contra os deuses dos inimigos fórmulas execratorias, de que Macrobio nos dá um espécime nos *Saturnalia,* III, 9; mas d'isto não tenho de tratar em especial, por não se referir á Lusitania.

Dos *signa militaria,* em que se figuram animaes, fallei a cima, cap. XIII.

Appendice

1. *Deuses* NETOS *e* NETO(N).

Numa lapide romana de Condeixa-a-Velha, antiga *Conimbriga*, lê-se a inscripção que transcrevo ao lado. O Sr. D. Joaquín Costa [4] compara a palavra NETO d'esta inscripção com o seguinte texto de Macrobio: «Martem solem esse quis dubitat? »Accitani etiam, Hispana gens, »simulacrum Martis radiis ornatum maxima religione cele»brant, *Neton* vocantes» [5]; e tem alguma razão para estabelecer a comparação, ainda que resta saber se o texto epigraphico em que se funda está bom, pois as lettras que constituem NETO acham-se em fim de linha, e podem fazer parte de um nome mais extenso.

NETO
VALERIVS · AVIT-
ATVRANiVS · SVLPICI
DE VICO · BAEDORO
GENTIS · PINTON [3]

---

[1] *Bibliotheca*, V, 34.

[2] São muito frequentes na antiguidade costumes semelhantes: vid. Tacito, *Annal.*, IV, 47, fallando dos Thracios, «cum carminibus et tripudiis persultabant»; e *German.*, 2, fallando dos Germanos, «ituri in praelia canunt». — Cf. tambem: D'Arbois de Jubainville in *Nouvelle revue de droit,* XXII (1898), 296; Maury, *Croyances et légendes de l'antiq.*, 1863, p. 230; C. Jullian in *Revue des études anc.*, VI (1904), 5511 e nota 6; D. Joaquín Costa, *Poes. pop. españ.*, 1881, p. 403.

[3] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 365.

[4] *Poes. pop. españ.*, p. 329.

[5] *Saturn.*, I, 19, 5.

Já não é tão bom o que Costa diz de NETA, pois a inscripção em que esta inscripção se lê[1] parece estar corrupta.

No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 3386, vem uma extensa inscripção em cuja 2.ª linha se lê: IVSSV · DEI · NII · · · · ; Hübner restitue hypotheticamente a ultima palavra por *Netonis*, genetivo de *Neto*, e compara essa forma com o *Neton* de Macrobio; mas a comparação não é de todo justa, pois no texto macrobiano *Neton* está em accusativo (á grega ou á celtica), do que se deduz que o thema é neto-, ao passo que *Netonis* requer o thema neton-.

Positiva é a inscripção de Trujillo, ant. *Turgalium*, transcrita ao lado; nella o dativo *Netoni* faz presuppor o nominativo *Neto* = *Neto(n)*.

NETONI DEO
CAELIVS
VSLM[2]

Resumindo o que fica dito, vê-se que temos:

1) *Netos* (thema em *o*), nos Accitanos, segundo Macrobio, e talvez tambem em Conimbriga (*Netos* greco-celtico = *Netus* latino).

2) *Neto(n)*, *-onis* (thema em *n*), em Trujillo;

Interessante é notar que *nia* em irlandês antigo (lingoa celtica) significa «heroe», «guerreiro» (genetivo *níath*), e que esta palavra vem do thema *net-: nominativo **nēs* = **nēt-s*, genetivo **nēt-os*[3]. Poderão pois *Netos* (= *Netus*) e *Neto(n)* ser dois derivados d'esse thema. O sentido convem perfeitamente.

---

[1] Aqui a transcrevo:

NE TACI
VE ILFERI
CAE : SVL
PICIVS · SE
VE RVS
V · S · L · M

No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2539, de El Padrón (Galliza).

[2] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5278.

[3] Vid. A. Holder, *Alt-celtischer Sprachschatz*, s. v. «Netos», onde cita D'Arbois de Jubainville.

4. *Figuras de guerreiros representadas em monumentos.*

a) O Dr. Teixeira de Aragão possuia na sua collecção archeologica o interessantissimo fundo circular de patera romana que represento em tamanho natural na fig. 66.ª Ao centro d'elle vê-se de pé um guerreiro barbado; tem

Fig. 66.ª (Patera da Maia)

na cabeça elmo com penacho, veste tunica e *ocreae,* e usa *caligae;* com a mão direita segura uma lança e com a esquerda um escudo oval: lança e escudo pousam no chão. No escudo diz Hübner, *Corp. Inscr. Lat.,* II, 2373, que havia uma figura que não deixava de se parecer com a cabeça de um boi. Em volta do guerreiro lê-se uma inscripção que, da esquerda para a direita, diz: S·ARQVI·CIM || L · SAVR · V · S · L · M || .

A inscripção é difficil de interpretar, pois que, se por um lado na 1.ª parte ha *Arqui,* que póde parecer nome de divindade[1], por outro lado a palavra *Arquius* occorre várias vezes nas inscripções como *cognomen*[2]; e porque se na 2.ª póde *Saur·* tambem parecer nome de divindade, como Hübner suspeitava, são porém conhecidos *Saurius, Saurus, Sauro.* O elemento *Cim·* é igualmente um enigma. Só é claro aquillo que menos importancia tem, isto é a clausula. Hübner e Mommsen propuseram que este texto poderia significar o seguinte: *S(extus) Arqui(us), Cim(bri) l(ibertus)* SAUR· *v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito).*

Esta inscripção foi primeiro publicada nas *Actas* da Academia de Berlim, 1861, p. 787; e depois no *Corpus,* II, 2373. Nas *Noticias de Portugal* de Hübner (1871), traducção do artigo publicado nas *Actas,* vem tambem ella, e acompanha-a um desenho do fundo da patera (que eu reproduzo na citada fig. 66.ª).

A archeologia romana apresenta outros monumentos analogos a este. No grande thesouro de objectos de prata encontrado nas ruinas do templo de *Mercurius Canetonensis* em Bertouville, hoje existente no Gabinete Numismatico da Bibliotheca Nacional de Paris, onde o vi, ha diversas pateras com figuras de divindades em relevo; numa d'essas pateras, em cujo fundo se figura Mercurio, lê-se a seguinte inscripção em volta: DEO · MERC · IVI · SIBYLLA · D · S · D · D ‖ . — Nas *Notizie degli scavi,* 1894, p. 189, vem descrito um prato de bronze com esta inscripção votiva, na orla, em honra de Marte: MARTI.·. CORNELIA.·. L.·. F.·. OSSA.·. V.·. S ‖ (o prato foi achado na Italia). — Por estes exemplos mal se póde duvidar de que a figura esculpida na patera portuguesa seja de divindade; os seus attributos mostram que ella era guerreira.

---

[1] Vindo S a ser *s(acrum)* ou *s(ancto).*

[2] Todavia notarei que ha muitos nomes de pessoas que provém de nomes de divindades.

A nossa patera appareceu junto da Carriça (Alvarelhos, — Maia) [1], e foi adquirida ha muitos annos por Aragão, que a cedeu, pouco tempo antes de fallecer, a um negociante-antiquario de Paris, em cuja casa já em vão a procurei. Pena foi que Aragão deixasse sair de Portugal este precioso monumento archeologico.

b) A respeito de uma figura de guerreiro, esculpida em uma árula de granito, encontrada ao pé de Castro-Daire, vid. o que se diz adeante, p. 315.

XVII. Divindades de caracter incerto.

Se o caracter das divindades até aqui estudadas foi quasi sempre estabelecido meramente por hypothese, e sobretudo com o auxilio da glottologia, quando ellas tinham nos textos nomes indigenas, — o das que se seguem nem hypotheticamente o estabeleço, e apenas de modo geral posso dizer que é provavel que pela maior parte essas divindades sejam *Genii locorum* (de fontes, de povoações, etc.).

No caso de ellas um dia serem melhor definidas, serão então distribuidas pelas diversas secções em que dividi a presente obra. Até lá, julgo mais prudente agrupá-las em uma unica secção; e agrupo-as por ordem geographica, do Sul para o Norte.

A) Divindade do Sul do rio Tagus.

1. ***Carneus? *Ptarneus?**

No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 125, publicam-se duas inscripções muito incertas, provenientes de Arrayollos, que dizem, uma: CARNEO || CALANTICE || S: CAECILIA || OR NI CVIS || R · CVIS ||; e outra: || PTÆNEO · CALANTI || CENSI · LAVS || · Na ultima as lettras finaes significam claramente, como Hübner já indica: *l(ibens) a(nimo) v(otum) s(olvit)*. Estas duas ins-

[1] Em Alvarelhos ha um castro: vid. p. 39. Talvez o monumento de prata pertencesse a um dos antigos crastejos, e se relacionasse com a religião d'elles.

cripções são de certo versões de uma unica, pois tem em commum na primeira linha ..ARNEO. — Os esforços que fiz para ver se descobria o monumento original foram infructiferos.

B) Divindades dos Turdulos Antigos.

Os Turdulos Antigos, em lat. *Turduli Veteres,* como se disse a p. 73, ficavam nas zonas occidentaes da Estremadura e da Beira, entre o *Tagus* e o *Durius.*

2. ***Aracoaranioniceus? *Coaranioniceus?**

Em S. Paulo (Lisboa) diz o *Corp. Inscr. Lat.,* II, 4991 (p. 693), que houve uma ara em que se lia a inscripção que copio ao lado. Infelizmente é muito incerta a leitura, pois ara- póde fazer parte do nome da divindade, ou ser o substantivo commum *ara(m)*, que ás vezes se encontra nas inscripções d'esta especie. O resto da inscripção não é mais claro; apenas nas ultimas lettras se divisa a clausula, ainda assim com dúvidas (será o primeiro *s* a inicial de *suo,* como Hübner pergunta?). — Em vão tenho procurado o monumento; de certo desappareceu.

ARACOARANIO
NICEO · I · MAXVINA
AVVI · V · A · S · L · S

3. ***Vasecus?**

Em 1825 appareceu na quinta da Magdalena, na margem do Anços, ao pé de Soure, uma arula de pedra em que se lê, segundo a copia que dá Hübner, a inscripção que transcrevo ao lado[1]. Hübner interpreta-a provisoria-

[1] *Corp. Inscr. Lat.,* II, 363. Hübner diz que a ara se conservava na Bibliotheca Nacional. Não sei se lá esteve em algum tempo; hoje está no Museu da Academia das Sciencias, onde a tenho visto. Mede de altura 0m,18, de largura 0m,05 no corpo, e 0m,07 na base. As letras medem de altura 0m,005, umas pelas outras. As linhas estão separadas por traços horizontaes (ao todo oito). Algumas letras são difficeis de definir. — Esta arula, a de metal que se encontrou na cidade velha de Santa Luzia (vid. *O Archeologo Português,* VIII, 21) e algumas do Museu Ethnologico são as menores que conheço em Portugal.

mente assim: *B(ene) Mer(ito) Vaseco Marinianus animo libe(n)s pono mer(enti) ma(ximo)*; todavia no indice do *Corpus*, vol. II, p. 1126 e 1130 propõe-se tambem **Bmervasecus*, como nome do deus. Este nome contém o suffixo *-ecus*, que nessa fórma ou nas fórmas *-aecus* e *-aicus* encontramos várias vezes no decurso d'esta obra.

BMER
VASECO
MARI
NIANV
S ANIM
O LIBE
S PONO
MER
MA[1]

C) Divindades do territorio de entre os rios Monda e Durius, ao Oriente:

4. **Arus.**

A inscripção que se lê na ara representada na fig. 67.ª tem já sido publicada várias vezes: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5247. A figura que publico aqui é extrahida da *Revista Archeologica*, I, 52. O monumento appareceu em 1877 nas margens do Paiva, ao pé de Castro-Daire; tem de altura 0m,30 e de largura 0m,12. Existe hoje no Museu Archeologico do Carmo.

Sem insistir na interpretação da inscripção da esquerda, que, quanto a mim, contém o nome do dedicante, embora elle seja difficil de se ler, notarei que a da frente me parece dizer VOTV || AROL || AS || = *votu(m) Aro l(ibens) a(nimo) s(olvit)*, i. é, «cumpriu de boa mente o voto ao deus *Arus*» [4].

O quadrupede figurado na face principal da ara ou é animal de sacrificio, como o que vimos numa ara do deus

---

[4] Já em 1890, no meu opusculo *Borges de Figueiredo e a Archeologia Portuguesa*, p. 16, interpretei por *l(ibens) a(nimo) s(olvit)* as ultimas lettras da inscripção. Como *votu(m)* não offerece dúvida, ficava implicitamente entendido que *Aro*, em dativo, era o nome da divindade. No meu opusculo *Sur la réligion de la Lusitanie*, Lisboa 1892, p. 6, citei mesmo claramente o nome *Arus*. — É notavel que no *Corp. Inscr. Lat.*, II, Suppl. (1892), n.º 5247, diga Hübner: «Ego ludens proposui: *aparet votu(m) Aro l(ibens) a(nimo) s(olvit)*». Salvo o devido respeito ao epigraphista allemão, não concordo com o *aparet*, e o «ludens» parece-me superfluo.

Endovellicus, a p. 127, ou symboliza o proprio *Arus*. A imagem de guerreiro representada numa das faces lateraes ou é a do dedicante, ou a do deus (em tal caso deus da guerra); mas sendo a do deus, não deveria estar na

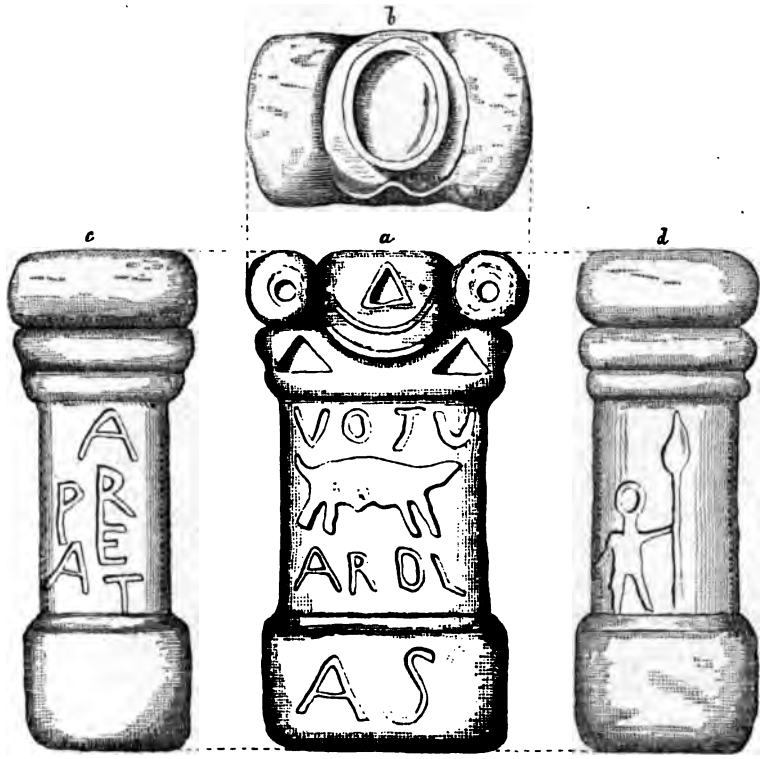


Fig. 67.ª (Ara de Castro-Daire, vista de differentes lados)

face principal, embora o lapicida tivesse de dar outra disposição á inscripção?[1]

---

[1] Posso comparar com este monumento os das *Matronae Axinginehae* e *Afliae* que vi no Museu de Colonia (Allemanha) em 1899, onde estão figuradas as respectivas deusas; aos lados estão os dedicantes ou os empregados dos sacrificios (especies de *camilli*). Cf. tambem *Verzeichniss der römisch. Alterthüm. des Museums Wallraf-Richartz in Köln,* Colonia 1885, n.os 81 e 90.

5. **Bandoga.**

A deusa *Bandoga* é-nos apenas conhecida pela inscripção que está gravada no monumento representado na fig. 68.ª, e que é uma ara de granito, de $0^m,58 \times 0^m,24 \times 0^m,19$ (altura das lettras $0^m,04$), apparecida por 1890, ou alguns annos antes, no sitio do Castello-do-Mau-Vizinho, nos limites das freguesias do Sul e de Figueiredo de Alva, concelho de S. Pedro do Sul, sitio que, pela designação que tem, parece será castro. Um pedreiro selvagem metteu esta ara numa parede, para o que lhe arrancou as volutas e o *foculus* ou *patera,* de que ainda se vêem os vestigios circulares, e quebrou-lhe o lado esquerdo da cornija, e com elle metade da lettra final da primeira linha da inscripção. Deve-se ao illustre Engenheiro o Sr. José de Mattos Cid, de Viseu, a salvação d'este precioso monumento, que elle teve a distincta generosidade de me offerecer para o Museu Ethnologico, onde entrou em 11 de Junho de 1904.

BANDOGE
VOTVM
CAMALI
VLPINIF
CELTIVS
FILIVS
SOLVIT

Fig. 68.ª (Do Museu Ethnologico)

Leitura: BANDOGE || VOTVM || CAMALI || VLPINI F || CELTIVS || FILIVS || SOLVIT ||. A primeira palavra é sem dúvida *Bandoge* = *Bandogae,* nome da deusa a quem Celtius cumpriu o voto que seu pae Camalo, filho do Ulpino, havia feito; temos em *Bandoge* a terminação *-e* por *-ae,* como em *Trebarune,* p. 299 (que não falta lettra nenhuma depois de *-e,* vê-se da symetria que a extremidade direita da pedra apresenta com a da esquerda). Na linha 6.ª está FILIVS por extenso, ao passo que na linha 4.ª se lê apenas

F, porque neste ultimo caso *f(ilius)* é fórma estereotypada, ao passo que naquelle não [1].

A palavra *Celtius* é interessantissima, porque confirma a celticidade de *Camalus* (vid. supra p. 62), nome do pae. É provavel que *Bandoga* seja igualmente palavra celtica; o elemento *Band-*, que tornaremos a ver adeante, encontra-se com effeito na área das linguas celticas, e contém a ideia de «ordenar», «prohibir» [2].

6. ***Cabar?**

Á porta da *igreja nova* de Viseu houve uma pedra, provinda da *igreja velha*, em que se lia a inscripção que aqui represento ao lado, e que vem no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 403: inscripção que Hübner, com o auxilio de Mommsen, restaurou provisoriamente assim: *deae Cabar.... Sul[p(icius)] Avitus [m]il(es) imaginifer* (na lapide estaria IMAGINFER) *chor(tis)* III *[G]al(lorum) ce[nt(uria)] Tib. Claudi [M]od[e]sti v(otum) l(ibens) a(nimo) s(olvit).*

.... DEAL CABAR
SVLI AVICTVS
AIL· INCINFER· CHOR· III
AL· CEMTIB· CLAUDI
AODISTI ·V· I· A· S

Esta inscripção perdeu-se; pelo menos procurei-a em vão em Viseu, em 1903.

7. **Bandioilenaicus ou Bandius Ilienaicus.**

Deve-se o conhecimento d'este deus á inscripção gravada na parte superior de uma ara granitica representada na fig. 69.ª e cuja altura é $0^m,37$, largura $0^m,255$ e espessura $0^m,105$ (altura das lettras: $0^m,045$). Este fragmento foi encontrado na povoação de Esmolfe, concelho de Penalva do Castello, numa propriedade dos Srs. João Patricio de Albuquerque e Castro e irmãos, que tiveram a amabilidade de m'a offerecer para o Museu Ethno-

[1] Tambem em português escrevemos por exemplo «P.e João», com a primeira palavra em abreviatura; mas escrevê-la-hemos por extenso, se tivermos de dizer «João é padre».

[2] Vid.: W. Stokes, *Urkeltischer Sprachschatz*, Göttingen 1894, p. 159; e Holder, *Alt-celt. Sprachsch.*, s. v.

logico Português (cf. *O Arch. Port.*, III, 108). Nesta propriedade tem apparecido outras antigualhas romanas, algumas das quaes, por generosa dadiva dos mesmos senhores, estão hoje tambem no Museu Ethnologico. Vê-se que foi alli uma estação archaica.

A inscripção que está gravada na ara diz, quanto a mim: BANDI || OILIEN || AICO ||, i. é: *Bandioilienaico*, em uma palavra, ou *Bandio Ilienaico*, em duas. Em 1896 enviei decalque e cópia a Hübner, que em bilhete postal de 26 de Novembro me disse conformar-se com esta leitura; e tanto assim, que a reproduziu nos *Additamenta Nova ad Inscriptiones Hispaniae Latinae*, n.º 35.

Fig. 69.ª (Do Museu Ethnologico)

Na primeira parte d'esta palavra temos o elemento *Band-*, a que tambem a cima me referi, no n.º 5. A expressão *Bandioilienaicus* ou *Bandius Ilienaicus* é bem semelhante ao *Bandiarbariaicus* do n.º 9; noutras inscripções de Portugal e de Hespanha se lêem nomes analogos, como **Bandua*, **Banderaeicus*, **Bandiaepolosegus*, **Bandueaetobrigus*[1]. Em *Bandio-* ou *Bandius* o thema band- foi addicionado do vulgar suffixo *-iu-s* (em celtico *-io-s*). — Quanto a *Ilienaicus* ou *-ilienaicus*, temos de o decompôr verosimilmente em Ili-en-aicu-s: cf. *Ili-aco* e *Ili-atus*[2], de

[1] Esta última aproximação de nomes foi feita por Adolfo Coelho no *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa de 1880, p. 444; mas, embora elle nada diga a tal respeito, já antes o tinha sido por Hübner, *Corp. Inscr. Lat.*, II, 758, e por De-Vit, *Onomasticon*, s. v.

[2] Em Holder, *Alt-celt. Sprachsch.*, s. v. — Sobre *ili-* cf. Glück, *Die kelt. Namen bei Cesar*, p. 21.

um lado, e *-eno* em *Bel-enos, Mel-ena, Tav-ena*[1], do outro; o suffixo *-aicu-s* torna-lo-hemos a encontrar mais adeante. O Sr. W. Stokes compara o thema ilio- com o gallês *ilio* «fermentar», e dá-lhe como significação fundamental «inchar»; Holder compara-o com palavras de outras lingoas em que tem a significação de «apressar-se», «ferver», «calor».

Fig. 70.ª (Do Museu de Guimarães)

8. **Tameobrigus.**

No Museu da Sociedade Martins Sarmento de Guimarães existe uma lapide de granito (de $0^m,74 \times 0^m,39 \times 0^m,27$) que represento na fig. 70.ª, e em que se lê esta inscripção (alt. das lettras: $0^m,05$ a $0^m,07$), que varias vezes lá tenho examinado: TAMEOBRIC || POTITVS || CVMELI || VOTVM || PATRIS || S · L · M || . O nome do deus está disposto como no n.º 5.

A última lettra da linha 1.ª fica-se em dúvida se é O quebrado, se G se C. Dentro d'ella ha uma depressão que talvez seja meramente accidental, e não O, como em tempo me pareceu. Todavia essa lettra mais parece C que outra; e a analyse morphologica da palavra faz crer, como veremos, que a palavra póde ser effectivamente *Tameobricus* = *Tameobrigus*.

Quem primeiro deu noticia d'esta inscripção foi João Pedro Ribeiro, em 1810, nas *Dissertações chronologicas e criticas*, I, 347,

---

[1] Em Holder, *loc. cit.*, s. v. — Sobre o suffixo *-en-* cf. Stokes, *Celtic Declension*, p. 50.

d'onde a transcreveu Levy, *Portugal. inscript.*, 32, e Hübner, nas *Actas da Academia de Berlim*, 1861, p. 798, logar correspondente ás *Noticias de Portugal*, pp. 79-80, e ao *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2377 (e cf. p. 891). Todavia a inscripção já existia manuscrita, e em papel avulso, dentro de uma carta dirigida pelo mesmo João Pedro Ribeiro em 1797 ao arcebispo Cenaculo: vid. *Boletim de bibliographia portuguesa*, I, 14. Martins Sarmento, *Rev. Lusit.*, I, 239, reproduz a inscripção, copiando-a do original, e adopta na linha 1.ª a lição TAMEOBRIO; o Sr. Abb.e Oliveira Guimarães, *Revista de Guimarães*, XVIII, 50, segue a lição de Sarmento.

Esta inscripção, como diz João Pedro, tanto nas *Dissertações*, como no papel manuscrito, appareceu nas margens do rio Douro, d'onde foi transferida para o logar de Castello de Paiva, freguesia de Varzea do Douro. D'ahi passou, por influencia (como creio) de Martins Sarmento, para Guimarães.

O sentido da inscripção é: «Potito, filho de Cumelio, cumpriu de boa mente o voto que seu pae tinha feito a Tameobrigo».

Como a inscripção se encontrou perto do sitio onde o rio Tamega desagôa no Douro, varios AA. tem supposto que *Tameobrigus* seria o deus ou genio do rio Tamega[1]: já no sec. XVIII diz isso Cornide Saavedra num ms. intitulado *Dioses de la provincia Lusitana*, conservado na Bibliotheca da Academia de Historia de Madrid[2], onde o consultei, e attribue ao deus origem celtica; na sua edição da Geographia de Ptolemeu, vol. I, Paris 1883 (Didot), tambem Müller dá a entender que considera Tameobrigus

---

[1] *Tamega* tem como fórma antiga *Tamaga*, que se encontra muitas vezes na nossa litteratura. Na epocha lusitano-romana essa palavra devia soar Támaga ou Támaca, a julgar da fórma *Tamagani*, nome de um povo que figura na inscripção da ponte de Chaves sobre o Tamega: *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2477; o nome não existe separadamente em texto algum conhecido.

[2] Est. 18, gr. 3.ª, n.º 37.

como deus fluvial[1]; na *Revista Lusitana,* I, 371, o Sr. Adolfo Coelho explica *Tameobrigus* igualmente como nome celtico, decompondo-o em Tameo-, que, segundo elle, estará por *Tamaio-, fórma parallela de *Tamaga,* e em *brigus,* do th. brīgo-, irl. ant. *bríg* «valor», vindo pois tal palavra a significar pouco mais ou menos: «poder no Tamega», i. é: «senhor do Tamega», «deus do Tamega» (pelo menos a explicação do segundo elemento é acceitavel, e não apresenta difficuldade nenhuma, por que esse elemento é muito conhecido); nos *Monumenta linguae Ibericae,* p. 241, limita-se Hübner a dizer «Tameobrigus deus loci?»; no *Alt-celtischer Sprachschatz,* s. v. *Tameobrigus,* o Sr. Holder separa os dois elementos, i. é, escreve *Tameo-brigus,* e compara *-brigus* com o segundo elemento de *Banduaeto-bricus* e com o ant. celtico brīga «valor»[2].

D) Divindades dos Igeditanos.

Acêrca dos Igeditanos, em lat. *Igeditani,* vid. supra, p. 74.

9. **Bandiarbariaicus.**

A inscripção que transcrevo ao lado provêm de Capinha e foi publicado no *Corp. Inscr. Lat.,* II, 454. Creio que já não existe; pelo menos as tentativas que empreguei para a descobrir não deram resultado.

AMMINVS
ANDAITIAE · F
BANDIARBA
RIAIBO · VO
TVM · L · M · S

A palavra *Bandiarbariaicus* tem aspecto de ser ao mesmo tempo composta e derivada; embora nada ouse dizer da sua morphologia e significação,— tanto mais que não tenho a certeza de que o texto epigraphico esteja absolutamente correcto—, notarei que esse aspecto não destoa do de outras divindades do pantheon dos nossos maiores; vid. os §§ 5 e 7 do presente capitulo[3].

---

[1] *Loc. cit.,* p. 163, nota, col. 2.

[2] Não se confunda *brīgo* ou *brīga* (*i* longo) com *brĭga* (*i* breve). De *brĭga* fallei a cima, p. 59.

[3] A respeito do suff. *-aicus* vid. Adolfo Coelho, *Vestigios das ant. ling. da peninsula Iberica* (separata da *Rev. de Guimarães* III, 169 sqq.), e H. Gaidoz, na *Rev. Lusitana,* I, 278.

10. **Arentius.**

A fig. 71.ª representa uma bella ara de granito de 0m,49 de altura e 0m,33 de largura, encontrada no Chão do Touro, concelho de Idanha-a-Nova, e hoje existente no Museu Ethnologico Português, aonde entrou em 1904, por esforços do official do mesmo o Sr. Dr. Felix Alves Pereira, a quem o Museu deve muitas outras preciosidades archeologicas. Numa das faces da ara lê-se a seguinte inscripção, agora publicada pela primeira vez: ARENTIO||SVNVA||CAMALI · F || V · L M || = *Arentio Sunua, Camali f(ilia), v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito)*, em lettras que tem de altura 0m,025 a 0m,055; traducção: «Ao deus Arencio cumpriu de boa mente o voto Sunua, filha de Camalo».

Fig. 71.ª (Ara do Museu Ethnologico)

Ao primeiro aspecto a palavra *Arentius* parece formada do participio latino arens «secco», «arido», como *Fulgentius* de fulgens, *Fidentius* de fidens, *Gaudentius* de gaudens[1]; mas como a terminação -entius (-entios) se encontra tambem em celtico[2], e como *Sunua,* nome da dedicante, e *Camalus,* nome do pae d'ella, são barbaros[3], difficilmente teremos em *Arentius* uma palavra latina.

---

[1] Vid. outros muitos em J. Schwab, *Nomina propria latina oriunda a participiis praesentis .. futuri,* etc., Leipzig 1898.

[2] Vid. -entia e -entius em Holder, *Alt-celt. Sprachsch.,* s. v.

[3] Vid. Holder, *loc. cit.,* s. v.

11. **Revelanganidaeiguis (?).**

A ara representada na fig. 72.ª provém tambem da Idanha, e foi igualmente adquirida para o Museu Ethnologico (onde está hoje) pelo Sr. Dr. Felix Alves Pereira: mede $0^m,68$ de altura e $0^m,215$ no corpo; é de granito e acha-se partida em duas metades que se adaptam porém uma á outra. A inscripção, que é aqui publicada pela primeira vez, diz: RECTVS || RVFI F || REVE || LANGA || NIDAEI || GVI · V · S||, em letras de $0^m,05$ a $0^m,055$ de altura; i. é: «Recto, filho de Rufo, cumpriu o voto a *Revelanganidaeiguis* (?)».

Fig. 72.ª (Ara do Museu Ethnologico)

A palavra *Rectus* encontra-se com frequencia no onomastico celtico; é latinização de Rectos, palavra celtica: cf. irl. ant. *recth, rect* «lei». Quanto ao nome da divindade, notarei que a primeira lettra, por estar rachada ao meio, apresenta difficuldades, mas parece antes R do que B. E teremos nós em *Revelanganidaegui-* um unico nome, ou mais de um? Cf. o que se disse de *Runesocesius,* a p. 304, e de *Bandioilienaicus* a p. 317. A terminação *-is* não sería unica, pois temos na Hespanha, por exemplo, *Caruedudis,* nome de outra divindade [1].

---

[1] *Corp. Inscr. Lat.,* II, 5663.

E) Divindades dos Grovios.

Os Grovios, em lat. *Grovii,* segundo Pomponio Mela [1], habitavam na região correspondente ao Entre-Douro-e-Minho, e eram um ramo dos *Bracari,* dando-se a esta palavra a lata accepção que lhe dá Ptolemeu [2]. Posso pois attribuir ao seu territorio as divindades que vou agora estudar.

12. **Turiacus.**

Numa das paredes do claustro da igreja de S. Tirso está uma lapide rectangular de granito fino da localidade,

Fig. 73.ª (Ara de S. Tirso)

com $0^m,87$ plus minus de comprimento, e $0^m,37$ plus minus de altura, — a qual represento na fig. 73.ª, segundo a photographia de um modelo de gesso que da mesma lapide existe no Museu de Guimarães. Esta lapide, que está quebrada no lado esquerdo, contém uma inscripção, cuja transcripção é: *L(ucius) Valerius Silvanus, miles leg(ionis) VI Vict(ricis), [de]o* Turiaco *[v](otum) s(olvit) l(ibens) m(erito),* ou em vernaculo: «Lucio Valerio Silvano, soldado da legião VI, a Vencedora, cumpriu de boa mente o voto que

[1] Vid. supra, p. 74.
[2] *Geogr.,* II, VI, 38.

fizera ao deus Turiaco». Como a legião VI esteve na Hispania no sec. I da E. C., temos aqui a data do monumento. — Na linha 3.ª, antes de *Turiaco,* ha um vestigio do *o* de *deo* (havia na pedra espaço sufficiente para caberem as lettras que faltam). Na 4.ª linha ha um ponto antes de S, o que mostra que falta V [1].

A inscripção appareceu pelo sec. XVI-XVII, e foi primeiro publicada, mas inexactamente, por Cardoso no *Agiologio Lusitano,* III, p. 824, d'onde passou para outras obras: vid. *Corp. Inscr. Lat.,* II, 2374. Martins Sarmento occupou-se d'ella no *Boletim dos Architectos e Archeologos,* vol. IV, 1884, p. 106, e na *Rev. Lusit.,* I, 235. Hübner publicou outra lição na *Ephem. epigr.,* IV, 15, e no Supplem. do *Corpus,* II, 5551, lição que é igual á que apresento aqui. Na *Rev. de Guimarães,* XVIII, 53, publicou de novo a inscripção o Sr. Abb.e Oliveira Guimarães (falta porém a menção de que ella devia ter V no principio da linha 4.ª).

A palavra *Turiacus* foi objecto de um estudo philologico do Sr. Adolfo Coelho na *Revista Lusitana,* I, 375–377, onde estabelece que ella tem todas as probabilidades de ser celtica, pelo menos quanto ao suffixo. Pela minha parte accrescentarei o seguinte: *Turiacus* parece formado de *Turi-acus,* i. é, *Turius* + *-acus.* O thema poderá estar representado no irl. *tor,* que representará um primitivo *tŭr; a fórma *tor* encontra-se no *Irish-English Dictionary* de O'Reilly no sentido de «senhor», «nobre», e no *Irish Glossary* de O'Clery, que é mais auctorizado que o livro de O'Reilly: «Tor ·i· rí no tighearna», o que significa: «Tor, i. é, rei ou senhor»: vid. *Revue Celtique,* V, 58. Do suffixo *-acus* já me occupei a proposito de *Tongoenabiagus.*

Em S. Tirso, a uns 300 metros da igreja, houve uma

[1] Na photographia ha um traço que não posso distinguir se é accidental, se do proprio V. Só novo exame poderá decidir se a pedra contém effectivamente ainda vestigios do V. Sarmento, que viu a pedra, não falla porém d'elles; e eu, que tambem a vi (em 1893), não tomei a este respeito nota nenhuma, d'onde me parece que o tal traço não existirá no monumento.

estação archaica, o que se reconhece pelo apparecimento de fragmentos de tegulas e de louça antiga, escóreas, mós, cimento, — como verifiquei em 1893. É possivel que o monumento do deus Turiacus estivesse primitivamente ahi.

13. **Cusuneneoecus ou Cusunemeoecus.**

O monumento representado na fig. 74.ª é de granito e tem estas dimensões: $0^m,50 \times 0^m,21 \times 0^m,17$. Appareceu por 1840 na propriedade de S. Simão, freguesia de Burgães, concelho de S. Tirso, nas redondezas da qual se tem descoberto moedas romanas (de Constantino, etc.) e restos de tegulas, mós, marmores, e ha muitas lendas de Moiros; hoje está no Museu de Guimarães. Nelle se lê uma inscripção que consta de duas partes: DEO D || OMEN || OCVSV || NEN (vel M)EO || ECOEX || VOTO || na frente; e: SEVE || RVSP || OSVI || T || em um dos lados.

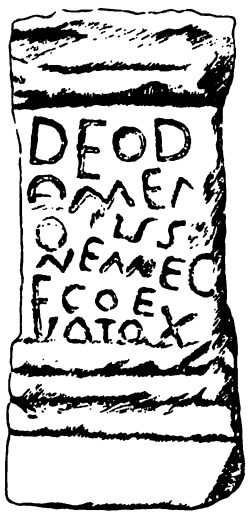


Fig. 74.ª (Do Museu de Guimarães)

A inscripção tem sido varias vezes publicada: *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2375 e 5552; *Revista Lusitana*, I, 234 (por Martins Sarmento); *Revista de Guimarães*, XVIII, 48 (pelo Abb.ᵉ Oliveira Guimarães).

Segundo Martins Sarmento, a 3.ª lettra da 4.ª linha da primeira parte da inscripção é N e não M. Eu examinei em 1901 a inscripção no Museu de Guimarães, e escrevi na minha carteira o seguinte: «Poderá ser M, porque ha um sulco, embora este possa ser natural. A impressão é de M, mas esse sulco não é tão fundo como os outros; sendo N, fica bastante distanciado do E que se lhe segue». De modo que é duvidoso se o deus se chamava *Cusuneneoecus* ou *Cusunemeoecus*. O estudo philologico que o Sr. Adolfo Coelho consagrou a esta palavra na *Revista Lusi-*

tana, I, 365 sqq., nada adeanta [1], o que não admira, em virtude da grande difficuldade do assunto.

A inscripção significa: «Severo fez este monumento, segundo um voto, ao deus e senhor *Cusuneneoecus* (ou *Cusunemeoecus*)». Os caracteres parecem ser do sec. II da era christã, conforme diz Hübner, *loco citato.*

Pelo que toca ao estylo da inscripção, esta apresenta digno de nota o estarem juntos dois epithetos, *deus* e *domenus* = *dominus,* ao nome do deus. O mais vulgar é juntar-se apenas *deus,* como temos visto até aqui; todavia, não só o epitheto *deus* póde ser acompanhado de outro, o que observámos em Atégina, chamada nas epigraphes *dea sancta,* e em Endovellico, chamado *deus sanctus,* mas póde ser substituido por *dominus* [2].

14. **Brigus.**

Represento na fig. 75.ª um rude cippo de granito, de $0^m,55 \times 0^m,31 \times 0^m,15$, que existe no Museu de Guimarães, apparecido na freguesia de Delães, concelho de Famalicão; talvez proviesse do monte de S. Miguel o Anjo, da mesma freguesia, onde ha um castro. Nelle está gravada uma inscripção.

Esta inscripção foi publicada por Martins Sarmento na *Rev. Lusitana,* I, 231 (a primeira vez); por Hübner, *Corp. Inscr. Lat.,* II, 5561; e pelo Abb.ᵉ Oliveira Guimarães, *Rev. de Guimarães,* XVIII, 46. — Merece a pena discuti-la. (Eu tenho-a examinado por varias vezes). Os AA não são cortados. Depois do primeiro A, cuja primeira haste está um tanto sumida, existe um bello ponto; a penultima letra da 1.ª linha é G e não C: temos pois A · BRGO, e não A · BRICO, como trazem Sarmento e Oliveira Guimarães, e muito

---

[1] Segundo o Sr. Coelho a palavra *Cusuneneoecus* seria formada do th. cuso- a que se juntaria o suffixo composto *-un-en-oeco-;* mas o Sr. G. Dottin observa na *Rev. Celtique,* X, 505, que não poderia demonstrar-se a existencia de tal suffixo.

[2] Por exemplo *Saturno domino Balcaranensi* e *domino Sobare[n]si* em inscripções da Africa: Dessau, *Inscript. Lat. selectae,* vol. II, p. 190; e *Revue Archéologique,* 1889, p. 436.

menos ABRICO, segundo Hübner, que chega a inscrever *Abricus* no *Corpus*, II, p. 1162, na lista dos deuses; cf. *Mon. ling. Ibericae* do mesmo autor, p. CXXI. Na 4.ª linha a 5.ª lettra tanto póde ser C, como G, porque está um pouco sumida na extremidade inferior, embora não haja duvida que a pronuncia neste caso era de *g*. A ultima linha começa por M (cuja primeira haste está sumida em parte): este M ou é abreviatura de ANIMO, ou vale por M(erito), tendo sido repetida por equivoco esta palavra em seguida; tambem podia pensar-se que M · MIIRITO seria analogo ao MER · MA da inscripção que transcrevi a cima, n.º 3.

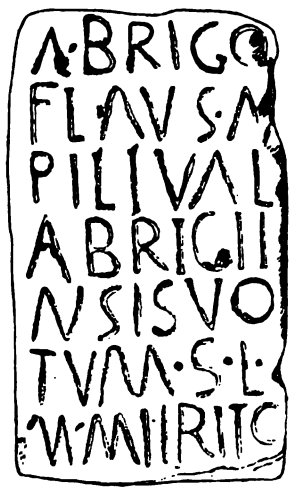


Fig. 75.ª (Do Museu de Guimarães)

A palavra *Brigus* deve ser a mesma que a irl. *bríg* «forte» [1], que está por brigos. Cf. o que se disse a cima, n.º 8, a proposito de *Tameobrigus;* e Adolfo Coelho, na *Revista Lusitana*, I, 363. A respeito de brīgo- e brīga-, vid. Holder, *Alt-celt. Sprachschatz*, s. v. — A titulo de mera curiosidade, lembrarei que o Sr. Giacomino, no n.º 4 dos *Supplementi* do *Archivio glottologico italiano*, p. 3, baseando-se na fórma, quanto a mim inexacta, *Abricus*, dada, como vimos, por Hübner, explica-a pelo vasconço, e diz, ao tratar do elemento vasconço *-co:* «per *abri-co* si cf. i b(aschi) *abere*, animale, *abera-tz*, rico, *abr-il-du*, immolare (e con *abrico* si ragguagli *A-brun*, CXXIII [dos *Mon. ling. Iber.* de Hübner])» [2].

---

[1] Windisch, *Irische Texte*, I (1880), 404.

[2] Hübner fallou, com algum elogio, das tentativas que Giacomino fez para explicar o iberico pelo vasconço actual: vid. *Revista de archivos, bibliotecas y museos*, I, 241-245. Mas J. Vinson, que tem no assunto auctoridade especial, diz que não ha trabalhos mais phantasticos do que os de Giacomino: vid. *Revue de l'École d'Anthropologie*, XIV, 183.

A inscripção de *Brigus* apresenta uma particularidade de estylo: refiro-me ao A inicial, que equivale certamente a *A(ugusto)* — i. é *A*(ugusto) BRIGO —, epitheto que tem o mesmo valor que em AVG(usto) RVDIOBO numa inscripção consagrada a uma divindade gaulesa, da qual diz o Sr. Salomon Reinach: «l'adjonction du titre d'*Augustus* à celui de la divinité topique *Rudiobus* n'a rien d'insolite» [1]. O mesmo autor allude a um artigo de F. Vallentin, onde este, occupando-se da reforma do culto dos Lares, de que fallei a cima, pp. 191–192, escreve o seguinte, que, se tem particular applicação á Gallia, a tem tambem á Lusitania: «..Auguste [o imperador romano] profita de la restauration qu'il accomplissait des dieux lares et pénates à Rome et en Italie, et il y comprit les dieux de la Gaule. Les dieux conservés du culte gaulois furent seuls aptes à figurer dans les laraires publics, et prirent le surnom d'*Augustes* en souvenir des décrets de l'empereur qui les avaient admis à l'honneur de divinités officiellement reconnues» [2]. Eis outros exemplos da adjuncção de *Augustus* a nomes de deuses gauleses: *deae Aug(ustae) Andartae, Aug(ustae) sacr(um) deae Cluto[i]dae* [3]. Nas inscripções da Iberia não conheço porém mais casos alem do de Brigus; junta-se, sim, *Augustus,* mas a nomes de deuses romanos.

15. **Durbedicus.**

O nome do deus *Durbedicus* está gravado numa ara de granito existente no Museu de Guimarães, e representada na fig. 76.ª Este monumento, que mede $0^m,64 \times 0^m,29 \times 0^m,28$, e a que foram cortadas as molduras, appareceu em 1881 na torre da igreja de Ronfe, ao pé de Guimarães.

A inscripção já foi publicada: por Sarmento no *Boletim dos Architectos e Archeologos,* IV, 70 e na *Revista Lusitana,* I, 236; por Hübner no *Corp. Inscr. Lat.,* II, 5563; e pelo Abb.ᵉ Oliveira

---

[1] *Bronzes figurés de la Gaule romaine,* p. 253.

[2] *Rev. Celtique,* IV, 3.

[3] Dessau, *Inscr. Lat. selectae,* n.ᵒˢ 4696 e 4702.

Guimarães na *Revista de Guimarães*, XVIII, 47. Diz: *Celea Clouti*[1] DEO DURBEDICO *ex voto a(nimo) p(osuit)*[2]. Na linha 2.ª ha a parte superior do I, como verifiquei no proprio monumento.

Que significa a palavra *Durbedicus?* O Sr. Adolfo Coelho, na *Revista Lusitana*, I, 369 sqq., decompõe *Durbedicus* em *Durb-ed-icus*, e propõe para explicar a palavra duas hypotheses: *durb* seria, ou o mesmo elemento que se encontra no antigo irlandês *drucht* «orvalho» (vindo pois *Durbedicus* a significar «o que gotteja», designação que conviria a uma divindade de fonte), ou variante do adjectivo *derb* «certo», «claro». O Sr. G. Dottin, ao referir-se na *Revue Celtique*, X, 505, a esta etymologia, julga-a duvidosa. Pela minha parte, postoque não me supponha com competencia nenhuma em philologia celtica, sciencia de que apenas conheço o que ha mais elementar, notarei que a decomposição de *Duberdicus* em *durb-ed-icus*, i. é *durb-ed-icu-s*, parece muito acceitavel, pois o suffixo *-ed-*, como Coelho notou, encontra-se em muitas palavras celticas (cf. tambem *Segeda* = Seg-eda), e o suffixo *-icu-s* já o encontrámos varias vezes no decurso d'esta obra; quanto a *durb*, attribuo-lhe porém significação differente da que lhe attribue Coelho, pois talvez este elemento possa ser metathese dialectal de *dubr-*, que se encontra no irlandês *dobor, dobur, dobhar,*

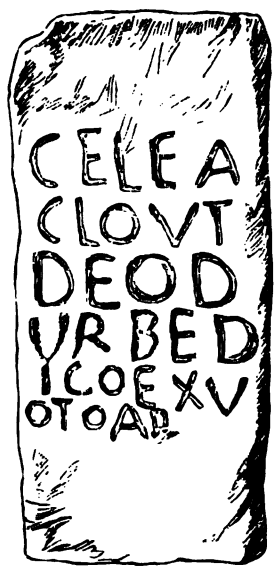


Fig. 76.ª (Do Museu de Guimarães)

---

[1] = *Cloutii*, genetivo de *Cloutius*.

[2] Depois de A vê-se um resto de lettra, que supponho ser P.

«agoa» <dŭb-rŏ-n[1]. Seria pois DURBEDICUS um deus aquatico, — ou de uma fonte, ou do rio *Avus,* que passa perto de Ronfe[2].

A celticidade de Durbedicus, cuja probabilidade tentei justificar, é de algum modo confirmada pelo menos por um dos outros nomes que se lêem nesta inscripção. Com effeito *Cloutius,* de que *Clouti* é genetivo, decompõe-se em *Clout-iu-s* = *Clout-io-s,* sendo clout- o mesmo elemento que se encontra em *Clout-aiu-s,* e que está por *clouto = *clō-to, «famoso»: cf. alto-all. ant. *hlūt* «alto», «distincto», e gaulês Cloto-rix «rei famoso»[3]. O nome *Celea* talvez seja o mesmo que *Celeia,* que Holder pergunta se será celtico, illyrico ou rhetico[4]. — Esta pequena discussão, se mostra mais uma vez em quanta obscuridade o pantheon dos nossos maiores está envolto, mostra igualmente quanto importa fazer conservar todos os monumentos antigos, por mais modestos que pareçam, pois elles ajudam a dissipá-la.

16. **Coronus.**

O nome do deus *Coronus* consta de uma inscripção gravada numa ara de que represento dois lados nas fig. 77.ª e 78.ª (segundo uma photographia). Parte da inscripção está na face principal, e a outra no lado direito. A ara mede $0^m,72 \times 0,27 \times 0^m,25$, e appareceu no logar de Crasto, freguesia de Cerzedello, concelho de Guimarães.

Quem primeiro deu noticia da inscripção foi Martins

---

[1] Cf. W. Stokes, *Urkeltischer Sprachschatz,* pp. 153–154, e Holder, *Alt-celt. Sprachschatz,* s. v. O Sr. D'Arbois de Jubainville explica o nome da *villa Dobrogen* por *Dubro-genos, em gaulês «filho da agoa», etymologia que confirma o culto das agoas na Gallia, onde, segundo Propercio, V, 10, v. 41, Vindomarcos se jactava de descender do Rheno (*Cours de littérature celtique,* 175–176). Cf. *Dea Séquana,* hoje Sena, e *Dea Icauna,* hoje Yonne.

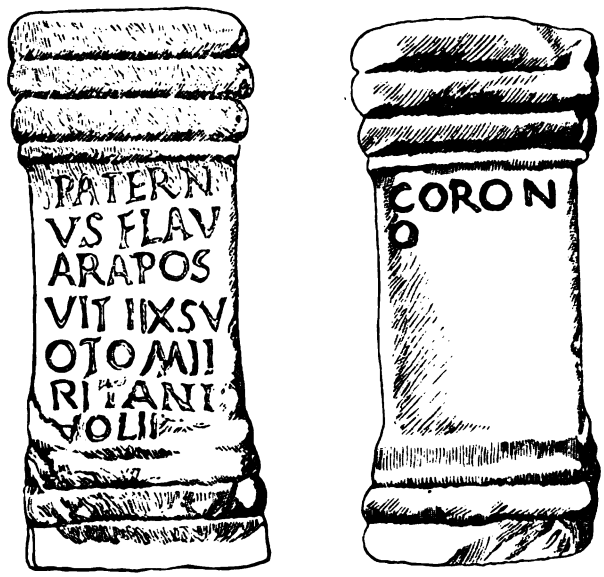
[2] Cf. *Durbis* e *Durbiae,* nomes de rios, aquelle na Brittannia, este na Gallia. São tambem nomes celticos? ou serão mais antigos?

[3] Holder, *Alt-celt. Sprachschatz,* s. v. **clo-to.*

[4] *Ob. cit.,* s. v. *Celeia.*

Sarmento na *Revista Lusitana,* I, 232; Hübner reproduziu-a no *Corpus,* II, 5562, e o Sr. Abb.e Oliveira Guimarães na *Revista de Guimarães,* XVIII, 47.

A parte da inscripção gravada na frente diz, segundo o exame que fiz na propria lapide: PATERN || VS FLAV || ARA || POS || VIT || IIXS V || OTO MII || RIT(*o*) ANI || MO LIB ||,



Figs. 77.a–78.a (Ara do Museu de Guimarães, vista por duas faces)

i. é: *Paternus Flau(s) ara(m) posuit exs voto merito (ani)mo lib(ens)....*[1]. O resto, gravado no lado direito, diz sem duvida nenhuma: CORON || O ||, i. é: *Corono,* dativo de *Coronus.*

Na área em que appareceu este altar appareceram outras antiguidades, entre ellas uma ara consagrada a Juppiter[2].

---

[1] A minha leitura differe das de Sarmento, Hübner e Abb.e Oliveira Guimarães. O primeiro leu apenas até ME(*rito*). Os dois ultimos leram até MERIT(*o*) e propuseram que o resto fosse (*anim*)o VOL(*ens*). — Não sei se depois de LIB(*ens*) haveria ainda alguma lettra. A primeira lettra da ultima linha, M, está incompleta.

[2] Sarmento, *Rev. Lusit.,* I, 233-234.

A etymologia de *Coronus* é muito obscura; talvez essa palavra se relacione com *Coronerus,* nome de homem em uma inscripção da Citania de Briteiros [1]. Supponho que é sem motivo que Hübner no *Corpus,* p. 1127, na lista dos deuses, põe um ponto de interrogação deante de *Coronus.*

17–21. Nomes incertos de divindades bracaraugustanas.

a) A inscripção que publíco aqui ao lado appareceu em Braga (*Bracara Augusta*), na quinta do Avellar, propriedade do Sr. Vasco Jacome de Sousa Pereira e Vasconcellos, onde tem apparecido muitas outras antiguidades romanas; ella foi a primeira vez publicada pelo Sr. Albano Bellino n-*O Archeologo Português,* VIII, 46, e depois por mim, *ibidem,* 297, tendo porém saido no meu artigo NV em vez de N̄, por erro de imprensa ou de copia ao passar a limpo o artigo. A lição que apresento baseia-se no apontamento que tomei em Braga em 1903, no proprio local; esta lição não differe essencialmente da do Sr. Bellino.

AMEIPICRI
SACRVM
A·CRASSICIVS
PATERNS
V·S·L·L

A 3.ª lettra da 1.ª linha é a mais duvidosa, mas parece de facto ser E; a 5.ª lettra apresenta uma curvatura inferiormente, mas está aberta, o que faz crer que a lettra é realmente P. A 1.ª letra da 3.ª linha poderá significar *A*(*ulus*). Em *Paternus,* na 4.ª linha, está prolongada a perna direita do N, para constituir ⅄ ligado com N.

O nominativo de *Ameipicri* póde ser *Ameipicer* (cf. *pater, frater, mater*) ou *Ameipicris;* no § 11 vimos outros nomes de deuses cujo nominativo acaba em *-is.* Sobre a significação da palavra nada posso dizer.

b) Tem sido varias vezes publicada a seguinte inscripção, apparecida em 1884 em Braga, junto da igreja de S. João do Souto: FROVIDA || SACRVM || MATERNVS||FLACCI ||

[1] Ad. Coelho, *Rev. Lusit.,* I, 363.

EX VISV || V · S · L · M ||; vid. *Ephem. Epigr.* VIII, n.º 116, onde Hübner pergunta se o nome que constitue a primeira linha o é de um deus barbaro, ou se está em vez de PROVIDA(e), i. é, *Fortunae Providae.* (cf. *O Arch. Port.*, II, 128) — A respeito de *ex visu*, cf. a cima, p. 142.

c) No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2458, publica-se a seguinte inscripção achada em S. João do Campo no sec. XVIII: ANICIV || S · ARQVII || VOTVM || LIBENS || OCAERE || SOMVIT ||, a respeito da qual diz Hübner: «In OCAERE nomen dei ignoti videtur latere, quamquam interpositum est formulae dedicatoriae vocabulis admodum insolenter».

20. Nos *Additamenta nova ad Inscript. Hisp. Lat.*, 267, publica-se a seguinte inscripção, que provém do castro protohistorico de Monte-Redondo: PROS || ICN || REOSEI || HERMES || V · S · L · M · ||. Esta inscripção, gravada no cippo, está na collecção archeologica do Sr. Albano Bellino, em Braga, onde a examinei, mas não a pude ler melhor. A primeira linha será *Pros(erpinae)* ou *Pro s(alute)*. Só é claro *Hermes* (nome do dedicante) e a clausula.

21. No seminario de Braga mostrou-me o Rev. Martins Capella uma ara de granito, vinda de Adaúfe, concelho de Braga, na qual se vê uma inscripção, de que são muito difficeis de ler duas linhas. Aqui represento na fig. 79.ª o cippo com a inscripção, tal como se me afigurou que ella é.

Lin. 1.ª Só resta um traço da 1.ª lettra; esta deve ser L, pois em cima não ha curva para que possa ser C, nem recta para que possa ser E ou mesmo F. As seis lettras seguintes são certas. A 8.ª lettra apresenta em cima um sulco horizontal, e ao meio outro menor, o que lhe dá aspecto de um segundo F, que porém é muito duvidoso; o mais provavel é que esteja ahi um I (comparando-se esse supposto F com o F anterior, vê-se que o sulco do meio fica ao mesmo nivel que o traço d'este, mas menos distinctamente) e que os sulcos a que me refiro sejam falhas da pedra.

Lin. 2.ª A 1.ª lettra podia ao repente parecer D, mas é O. De-

pois ha um espaço e uma depressão, onde parece não ter havido lettra nenhuma. O resto é certo.

Lin. 3.ª A 1.ª lettra (E) é quasi certa, pois restam traços d'ella. O S, que figuro pontuado, é duvidoso, porque está numa depressão da pedra. Do A final falta a perna direita; o traço horizontal não é distincto.

O resto da inscripção é claro; só á ultima lettra (V) falta a haste direita. Está SVORV por SVORV(*m*).

Fig. 79.ª (Ara de Adaúfe)

Em virtude da discussão precedente teremos: *Lariseffo* [1] *Comes* [2] *pro salute sua et suorum*, i. é: «Comes, pela sua saude e dos seus, dedicou (este monumento) a(o deus) Larisefius(?)»

Dimensões da ara: $0^m,67 \times 0^m,27$ (largura do corpo) $\times 0^m,21$ (espessura do corpo). Altura das lettras: $0^m,045$ a $0^m,06$. A pedra tem por de trás, do lado de baixo, uma excavação, que mostra que o monumento tinha servido indecorosamente de pia.

---

[1] Ou *Lariseffo*. Tambem podia pensar-se em *Lari Sefio* ou *Lari Seffo*. Comquanto haja exemplos de inscripções consagradas a um só Lar, o mais frequente é que esta palavra esteja no plural (*Laribus*); por isso opto por que nos achamos deante do nome de um deus barbaro.

[2] *Comes* é o nome commum *comes, -itis*, «companheiro», «companheira», tornado nome proprio, que tanto o póde ser de homem, como de mulher. É muito usado como *cognomen* romano, por exemplo: *Memius Comes*, no *Corp. Inscr. Lat.*, VIII, 3302; *Panaria Comes, ib.*, 7154; *L. Rutilius Comes, ib.*, IX, 4293; *T. Helvius Comes, ib.*, X, 352. No *Corp. Inscr. Lat.*, IX, 479, figura como nome de uma criança de seis annos: *Comes*. Nos paises barbaros era frequente que as palavras d'esta especie servissem insuladamente de simples nomes proprios, como aqui; por isso *Comes* nada tem anormal na inscripção de que estou tratando.

22. **Carus.**

Na fig. 80.ª represento um cippo granitico de $0^m,34 \times 0^m,18 \times 0^m,20$ (altura das lettras $0^m,05$), apparecido em Santa Vaia de Rio de Moinhos, concelho dos Arcos de Val-de-Vez, no Alto-Minho, e adquirido pelo Museu Ethnologico por diligencia do Sr. Dr. Felix Alves Pereira a quem foi offerecido pelo Sr. P.e Manoel José Pereira. Neste cippo ha uma inscripção que occupa tres faces da pedra. Ella é muito difficil de ler. Apenas pude apurar o seguinte: 1) CARO || CONS || Q · P M ||; 2) TVCIN || ɔI...II || V · ||; 3) ΓAM || L · L · D ||

Fig. 80.ª (Do Museu Ethnologico)

A 1.ª palavra é claramente *Caro;* a 2.ª será acaso *consacratum,* que não destoaria do estylo de uma inscripção gravada em país barbaro[1]; a 3.ª deve ser *Q(uintus)*. Do resto só me atrevo a interpretar o V da 2.ª face como *v(otum)* e as tres letras finaes da inscripção como *l(ibens) l(aetus) d(edit)*; o M antecedente será *M*(erito)?

Em todo o caso creio que temos deante de nós um pequeno monumento consagrado ao deus indigena *Carus*. Esta palavra, comquanto da mesma fórma que a latina carus «caro», «querido», não me parece que tenha nada com ella, a não ser parentesco remoto e significação analoga, pois o onomastico celtico apresenta *Ande-carus, Su-carus* etc., onde deve ver-se o thema caro- correspondente ao verbo irl. *caraim* «eu amo»; cf. o nome proprio irl. *Tuathcar* <*Touta-caros[2].

---

[1] Cf. supra p. 184. Não poderá pensar-se num cognome *Consus,* e muito menos no deus romano *Consus,* que não tenho encontrado nas inscripções epigraphicas.

[2] Vid. Holder, *Alt-celt. Sprachschatz,* s. v. «caro-».

F) Divindades de Trás-os-Montes.

23. ***Banderaeicus.**

No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2387, publicam-se duas lições de uma inscripção que vem num ms. de Tavora (cf. supra, p. 180) e em Argote, descoberta no sec. XVIII em Santa Marinha de Ribeira de Pena. Essas lições são:

... NELVS	ATLVS
VEBVRRI	AEBURRI
FIL BNND	EIL · BANB
EDMEICo	E · PAEICo
V · S · L · M	V · S · L · M

Hübner apenas apurou: ..*us Reburri fil(ius)* Banderaeico (?) *v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito)*, comparando com razão o nome barbaro **Banderaeicus* com outros começados por *Band-*, como já vimos nos n.os 5, 7 e 9.

24. *(Nome incerto).*

Em Villar de Maçada, concelho de Villa-Real, appareceu uma pedra em que se lia ALBO CELO entre várias lettras picadas; vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2384–*b*. Hübner suppõe que estas lettras constituiriam um nome divino, mas fá-lo com todas as precauções, pois nota-o com um asterisco: **Albocelus* (vid. *Corpus*, p. 1126).

25. **Bandua.**

Baseando-se no que disseram varios AA. portugueses, publica Hübner no *Corpus*, II, 2498, uma inscripção romana que estava gravada numa lapide apparecida na ermida da Senhora da Hedra, ao pé de Cova da Lua[1] (Bragança), e que reproduzo aqui ao lado. Diz: *Bandu(a)e Cornelius Oculatus v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito)*.

BANDV
E CORN
ELIVS O
CVLATV
S V S L M

Apesar da clareza do texto, Hübner duvida da exactidão do nome divino, isto é, de *Bandua*, e marca-o com um asterisco nos indices do *Corpus*. Talvez não tenha razão;

[1] O povo pronuncía lá hoje *Cova de Lua*.

tanto assim, que Holder acceitou *Bandua* sem hesitação no *Alt-celt. Sprachsch.* No resto do texto não póde haver duvida: de *Oculatus* (lat. *oculatus, -a, -um,* ha noutro texto a fórma *Oclatus*[1]. — A respeito do elemento *band-,* vid. supra, pp. 317 e 318.

No *Boletín de la Academia Real de Historia,* XXI, 146–147, publica o Rev. Fidel Fita uma inscripção encontrada perto de Orgaz (Toledo), em que se lê BANDV || E · IT · VIC || IESI · EX || VOTO · TI || OMAC · POS ||, que elle interpreta por *Bandue It(obrico) Viciesi ex voto Tiomace pos(uit)*[2]. Como porém o Rev. Fita não tem absoluta confiança no texto, pois diz «si la inscripción está bien copiada..», será melhor esperarmos por um texto definitivo para fazermos obra por elle. Tratando da explicação do nome *Bandua,* escreve o Rev. Fidel Fita: «El nombre de la divindad, *Bandua* ó *Bandia,* suena repetidas veces en lápides gallegas e lusitanas», e remette o leitor para o *Corpus,* II, 363, 454, 740, 855, 861, 2387, 2498, 2515. Mas d'estas inscripções todas, só a do n.º 2498 tem *Bandua;* de facto o n.º 363 tem BMERVASECO; o n.º 454 tem BANDIARBARIAICO; o n.º 740 tem BANDIAE-APOLOSEGO; o n.º 855 tem BAN..; o n.º 861 tem BCANTVNAECO; o n.º 2387 tem dubitativamente BANDERAEICO; o n.º 2515 tem dubitativamente BANDUEAETOBRIGO. Era pois mais prudente ter apenas dito que o elemento *Band-* parecia encontrar-se noutros nomes.

A lapide da Cova da Lua não se sabe onde pára. Em vão a procurou *in loco* o Sr. Henriques Pinheiro, segundo diz na *Revista de Guimarães,* V, 86–87.

26. **Aernus.**

O deus *Aernus* é-nos conhecido por dois textos epigraphicos de Castro de Avellãs (Bragança), que tem sido várias vezes publicado. Vid. a respectiva bibliographia no

---

[1] Vid. De-Vit, *Onomasticon,* s. v.

[2] A inscripção vem tambem na *Ephem. epigr.,* VIII, n.º 179.

Corp. Inscr. Lat., II, 2606 e 5651 (= 2607), á qual só tenho de juntar: Adolfo Coelho, na *Revista Lusitana*, I, 352, onde se occupa da etymologia do nome do deus; Abb.e Oliveira Guimarães, na *Revista de Guimarães*, XVIII, 53, onde adopta a lição do *Corpus* n.º 5651. Aqui reproduzo as duas inscripções: uma d'ellas, segundo a lição do *Corpus* (n.º 2606), porque o respectivo monumento está perdido [1]; a outra (= *Corpus* n.º 5651), segundo a cópia que fiz no proprio monumento que está no Museu de Guimarães, e que represento na fig. 81.ª

DEO
AERNO
ORDO
ZOELAR
EX VOTO
—
(*Corpus*, II, 2606)

A 1.ª inscripção diz claramente: DEO AERNO *ordo Zoelarum ex voto*. O povo dos Zelas, lat. *Zoelae*, é considerado nas inscripções ora como *ordo*, por exemplo aqui, ora como *gens*, por exemplo no *Corpus*, II, 2633, ora como subdivisão de outra *gens*, na mesma inscripção; ha tambem individuos que aos seus nomes accrescentam a qualificação de *civis Zoela*, por exemplo no *Corpus*, II, 5684. É possivel que a séde d'este povo fosse em Castro de Avellãs, apesar de Plinio dizer num logar que os *Zoelae* pertenciam ao districto dos *Astures* [2], e noutro, ao fallar da excellencia do linho zelico, dizer que a respectiva *civitas* «communidade» pertencia á *Gallaecia*, e ficava vizinha do oceano [3].

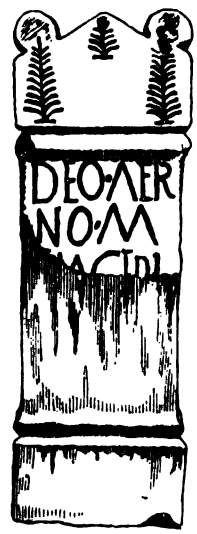


Fig. 81.ª (Do Museu de Guimarães)

[1] Foi um tal Assis, vereador da Camara Municipal de Bragança, quem (creio que por 1850 e tantos) commetteu o vandalismo de mandar picar as lettras da inscripção e transformar a lapide em remate de mausoleu: vid. Sarmento, *Rev. Lusitana*, I, 228; e Borges de Figueiredo, *Rev. Archeologica e Historica*, I, 91.

[2] *Nat. Hist.*, III, 28.

[3] *Nat. Hist.*, XIX, 20.

Hübner nota a este proposito: «potest enim Plinius minus accurate locutus esse neque Asturiam a Gallaecia distinxisse» [1]. Teriamos aqui inexactidão analoga á que commetteu Ausonio, quando collocou Bracara á beira-mar [2].

Fig. 82.ª (Do Museu do Bragança)

A 2.ª inscripção, que está infelizmente incompleta, acha-se gravada num cippo de $0^m,40 \times 0^m,25 \times 0^m,09$, que tem figurados na parte superior tres ramos ou arbustos. Comparavel a este cippo, quanto á ornamentação vegetal, é o monumento funerario que represento na fig. 82.ª, e que existe no Museu de Bragança [3]. Já a um e outro me referi acima, p. 109, ao tratar do culto dos vegetaes.

Da coexistencia das duas inscripções de *Aernus* em um só logar, i. é, em Castro de Avellãs, podemos concluir que o deus tinha ahi um santuario. Pena é que não saibamos quaes eram os attributos da divindade. A investigação philologica do nome [4] é muito difficil [5].

---

[1] *Corp. Inscr. Lat.*, vol. II, p. 363.
[2] Vid. supra, p. 41.
[3] Vid. *O Arch. Port.*, III, 192 (artigo de Pereira Lopo).
[4] Ad. Coelho, no cit. vol. da *Rev. Lusitana.*
[5] Cf. *-er-no-* em Zanardelli, *Noms de rivières*, p. 51.

G) Divindades da Lusitania hespanhola.

Não tratarei d'estas divindades com o mesmo desenvolvimento com que tratei das até aqui estudadas, já porque muitos dos nomes são incertos, já porque não possuo a respeito d'ellas tantas informações como a respeito das do meu país, já finalmente, porque pertencendo a territorios que ficam fóra de Portugal, não tem para mim tanto interesse como as propriamente portuguesas.

Formarei dois grupos: divindades da Lusitania gallega; divindades da Lusitania castelhana e hispano-estremenha.

O meu guia será o *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II, com o respectivo Supplemento e Addições.

a) Lusitania gallega.

27. * **Abia[e]felaesurraecus**, numa lapide da igreja de S. Juan de Camba, na área da *civitas Limicorum;* vide *Corpus,* 2524.

28. * **Banduaetobrigus**, numa lapide de Ginzo de Limia, na mesma área que a antecedente; vide *Corpus,* 2515. Neste nome parece entrar brigus, de que se fallou acima, n.os 8 e 14; vide Ad. Coelho, *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa, p. 444. Sobre *band-* vide n.º 25.

29. Uma inscripção de San Cristobal de Castro (?) começa por: D · D || CAVECI · SAC || ; vide *Corpus,* n.º 2551.

30. * **Crougintoudadigoe.** Numa inscripção de Santa Maria de Ribera; vide *Corpus,* n.º 2565.

31. * **Netaciveilebrica**, em El Padron, junto castro da Rocha; vide *Corpus,* n.º 2539.—Cf. *Netos,* citado a cima, p. 308?

32. * **Reuveanabaraecus**, em uma inscripção de Ruanes; vide *Corpus,* n.º 685.

33. * **Virroreviiiae[c]us**, em Lugo; vide *Corpus,* n.º 2575. É de notar aqui o suffixo *-aecus* = *-aegus,* que já encontrámos nos n.os 3, 9 e 13. Talvez porém este nome, que está desfigurado, seja o mesmo que *Verora,* que cito adeante, n.º 43.

34. · · **Caepol** · · , em Tuy; vide *Corpus,* n.º 5613.

35–37. Ha tres importantes inscripções em que figura o nome do deus romano Juppiter, seguido de nomes indigenas. Estas inscripções são porém de logares incertos. Eis os nomes divinos:

α) **Iuppiter Optimus Andero**; vide *Corpus,* n.º 2598. A palavra *Andero* parece poder decompor-se em Ande-ro(n), e ser celtica.

β) **Iuppiter Optimus Candiedo**; vide *Corpus,* n.º 2599. A palavra *Candiedo* decompõe-se em Candi-edo(n); cf., de um lado, *Candi-acu-m* e *Candi-acu-s,* e do outro *-edo(n)-* e *-edu-* em Holder, *Alt-Celt. Sprachschatz,* s. v.

γ) **Iuppiter Ladicus**; vide *Corpus,* n.º 2525. A palavra *Ladicus* decompõe-se em Lad-icus; cf. Holder, *loc. cit.,* s. v.

Conviria saber se os epithetos são nomes de deuses locaes, ou designações meramente geographicas, e quaes os attributos aqui concedidos a Juppiter (cf. *Iuppitter pluvius, Deum hominumque pater,* etc.).

38. **Aegiamuniaegus.** Figura numa placa de bronze achada em Vianna del Bollo; vide *Corpus,* n.º 2523. O suffixo que se lê nesta palavra é o mesmo que o das citadas nos n.ºs 3, 9, 13 e 33.

39. **Cosus,** em uma inscripção de *Iria Flavia;* vide *Corpus,* n.º 5628 (=5071). Quanto á fórma do nome, cf. *Cosos* e *Cososus* no *Alt-celtischer Sprachschatz* de Holder; não poderá pois suppor-se que ella corresponda a *Co(n)sus*: cf. supra, n.º 22.

40. **Edovius,** numa inscripção de cêrca de Santiago; vide *Corpus,* n.º 2543. O nome do deus é tambem citado em Holder, *Alt-celt. Spraschschatz,* e no *Lexikon der gr. und röm. Mythologie* de Roscher, I, 1215, num artigo de Steuding, que o compara com *Endovellicus,* mas sem razão, segundo penso. Cf. *-ov-io-s* em Holder, *loc. cit-,* s. v.

41. **Poemana,** em Lugo; vide *Corpus,* 2573. Será nome indigena, ou mera desfiguração do nome romano POMONA?

42. Numa inscripção de Lugo (*Corpus* n.º 2574) lê-se

REGO || NI ☙ || M ☙ S ☙ ||, que Hübner interpreta assim: *Regoni m(atri?) s(acrum)*, ainda que no indice do *Corpus*, Suppl., p. 1129, pergunta se M poderá significar *magna*. Como elle porém diz que a pedra tinha cal, talvez a inscripção não esteja completa, e as suas siglas façam parte da formula *M(erito) S(olvit)* vel *S(olutum)*.

43. **Verora**. Este nome figura em tres inscripções de Lugo, publicadas no *Corpus*, n.os 2576–2578; Hübner, no indice do *Corpus*, p. 1138, indica só o dativo *Verore*, que certamente está por *Veror(a)e*, pelo que restituí o nominativo *Verora*. Vide o que se disse supra, n.º 33.

b) LUSITANIA CASTELHANA E HISPANO-ESTREMENHA.

A maior parte dos nomes das divindades são duvidosos.

44. * **Angefici**, numa inscripção de *Cápera;* vide *Corpus*, n.º 809.

45. É possivel que numa inscripção de Malpartida, *Corpus*, n.º 855, as letras BAN, que constituem o começo do que resta d'ella, sejam parte de um nome divino, por ventura analogo a tantos outros começados por *Band-*, que acima citei. Cf. supra, n.º 25.

46. * **Bandiaeapolosegus**, em uma inscripção de *Norba;* vide *Corpus*, n.º 740, e cf. Adolfo Coelho no *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa, p. 444.

47. * **Bcantunaecus** ou * **Cantunaecus**, em uma inscripção de Ledesma; vide *Corpus*, n.º 861.

48. Duvidoso é o nome B. Elone (dat.) que se lê na *Ephemeris Epigraphica*, vol. VIII, p. 377, n.º 69: acaso *D(eae) Elon(a)e?* O nominativo será então Elona. A inscripção é de Turgalium.

49. * **Labaro** (?), em uma inscripção de S. Vicente (Norba); vid. *Corpus*, n.º 732.

50. Não pouco duvidosa é a designação divina que se occulta na seguinte inscripção de Montánchez, publicada nos *Additamenta nova ad inscript. Hisp. lat.* de Hübner, n.º 99: CATVRO || SA · BIDIE || SI · V · A · L || S ||; Fidel Fita

suppõe que essa designação será *Sa(luti) Bidiesi,* com allusão a *Bidia,* supposto nome geographico. *Caturo(n)* é o nome do dedicante (em nominativo).

51. * **Saga**, em uma inscripção de *Norba;* vide *Corpus,* n.º 731.

52. Numa inscripção de *Caurium* lê-se: S · AHA SAIS || BOVTI · L · A || V · S || ; vide *Corpus,* n.º 794.

53. * **Toga**, em uma inscripção de *Caurium;* vide *Corpus,* n.º 801.

54. Numa inscripção de Talavera de la Reina, *Corpus,* n.º 893, lê-se: TOGOTI || L · VIBIVS || PRISCVS || EX VOTO. Na primeira linha temos um nome de divindade. Cf. o do n.º 53?

55. **Eaecus**, em inscripções de *Norba* (vide *Corpus,* n.ºs 741 e 742) e *Caurium* (vide *Corpus,* n.º 763).

56. **Suttunius**, em uma inscripção de *Norba;* vide *Corpus,* n.º 746.

57. **Baraecus**, em uma inscripção de *Turgalium;* vide *Corpus,* n.º 5276.

Advertencia

O que falta dizer das religiões protohistoricas, para preencher o quadro traçado a p. VII (prologo) e 99, constituirá o principio do vol. III.

ADDITAMENTO

Ao vol. I:

Se eu tivesse de refundir hoje o vol. I d'esta obra, acabado de imprimir em 1897, modificaria certamente algumas ideias que nelle expus, e accrescentaria muitissimos outros factos,—porque de então para cá tem progredido a sciencia, e eu tenho-me esforçado por a acompanhar na parte, pelo menos, respectiva a Portugal.

Em todo o caso accrescentarei aqui algumas poucas noticias que já em 1897 eu poderia ter incluido no mesmo volume.

Pag. XXX (Introducção):—O ms. a que me refiro na nota 7, a proposito de *Lusitaina,* intitula-se: *Dialoguo satirico do zelo portugues com a discrissão, feito na morte del-Rey Dom João o 3.º, ano de 1557,* em letra do sec. XVI-XVII, e existe na Torre do Tombo, n.º 1107 da livraria. Ahi se lê, a p. 99: «Como está soo e cheo de poo o triste reino de *Luzitaina,* aquelle que sohia ser principe da liberdade!». Comparavel á palavra *Luzitaina* = *Lusitaina,* é *capitaina,* que se lê no mesmo ms., e que tambem se encontra noutros textos.

Pag. 5:—Filynto Elysio tambem emprega a palavra *dolmin.* O respectivo logar foi já citado por Pereira da Costa, *Dolmins ou antas,* Lisboa 1868, p. 43.

Pag. 6: — O architecto Charles Lucas publicou em Paris, em 1870, um opusculo com o titulo de *L'Architecture en Portugal;* traz a pp. 14–15 uma lista dos nossos dolmens, precedida de uma noticia geral em que ha diversas inexactidões.

Pag. 9: —Vilhena Barbosa, *Monumentos de Portugal,* Lisboa 1886, pp. 439–445, trata summariamente d-«Os monumentos prehistoricos», a proposito da anta de Adrenunes na serra de Sintra (com uma gravura d'este monumento).

Pag. 21–22: — Em 6 de Janeiro de 1905 estive em Sines, e, após algumas buscas, encontrei dentro do sacrario da igreja da Misericordia a calote craniana, o vaso de barro (quebrado) e a placa de ardosia achados na anta em que a lenda diz ter apparecido o corpo de S. Torpes. Tratarei mais desenvolvidamente d'este assunto n-*O Archeologo Português.*

Pag. 45: — Fr. João dos Santos, *Ethiopia oriental,* liv. v, cap. xx, falla de covas habitadas por gente.

Pag. 254: — A palavra latina *arca,* no sentido de «tumulo», apparece varias vezes na epigraphia romana. Vid. *Corp. Inscr. Lat.,* III, 2108, † 2240, † 2233, 8563, 13891; v, 684, etc.

*

Ao vol. II:

Pag. 6–7: — Ao tratar da bibliographia hierologica lusitana, podia ter citado o seguinte manuscrito que consultei na Academia Real de Historia de Madrid:

Dioses de la provincia Lusitana por Cornide Saavedra, sec. XVIII [1], onde vem indicadas várias inscripções achadas naquelle territorio e referentes quer a deuses de im-

[1] Marcação bibliothecal: est. 18.ª, gr. 35, n.º 37.

portação romana, como Mercurio, Apollo, Isis, quer a deuses nacionaes, como Tameobrigo e Endovellico. O A. aproveitou em parte os trabalhos de Resende, Viterbo, J. Pedro Ribeiro e outros.

Pag. 7: — A Geographia da Lusitania tem sido várias vezes tratada pelos autores nacionaes, com maior ou menor desenvolvimento.

1) Já no vol. I, pag. XXIV, nota, citei as obras de André de Resende e Fr. Bernardo de Brito, como do sec. XVI. Quando me occupei da bibliographia, no vol. II, p. 5, podia tê-las tornado a citar de modo especial, e accrescentar as que adeante se seguem.

2) *Lições geographicas sobre a carta da antiga Lusitania, dadas na Academia Real da Historia Portuguesa — pelo P.e Manoel de Campos, da Companhia de Jesus, socio da mesma Real Academia, e Cosmografo do Real Conselho das Indias na côrte de Madrid por Sua Majestade Catholica.*

Esta obra está contida num manuscrito da Bibliotheca Municipal do Porto, cod. n.º 233 (marcação nova), p. 11 sqq. Seu autor viveu no sec. XVII–XVIII; mas as *Lições geographicos* pertencem ao sec. XVIII, por isso que a Academia Real de Historia, com a qual ellas se relacionam, foi fundada em 1720 (reinado de D. João V), por iniciativa de D. Manoel Caetano de Sousa.

Trata de vários pontos geographicos e ethnologicos, não só da Lusitania, como da Hispania toda. Cita a lista dos povos de Varrão e interpreta-a, explicando, por exemplo, a menção dos Persas, pela conquista de Nabucodonosor.

Aproveita diversos textos.

3) *Mappa breve da Lusitania Antiga,* pelo P.e Francisco do Nascimento Silveira, Lisboa 1804.

4) O resumo geographico que inseri a cima, pp. 7–47, constitue o assunto de um opusculo intitulado *Geographia da Lusitania,* publicado por mim em Lisboa em 1903, — 56 pag., com um mappa.

5) Estes são, que me lembrem, os trabalhos especiaes que ha sobre a geographia lusitanica. A materia tem porém sido tratada incidentemente por varias vezes, como se póde ver dos *Dialogos* de Fr. Amador Arráiz, sec. XVI (1.ª ed.) e sec. XVII (2.ª ed., revista pelo auctor); das *Memorias do Arcebispado de Braga* de Contador de Argote (sec. XVIII); do *Mappa de Portugal* de João Bàtista de Castro (sec. XVIII), etc.

Pag. 137: — *Signum argenteum* do templo de Endovellico.

Já depois de impressa esta pagina, recebi do illustre Conservador do Museu do Louvre (secção de antiguidades gregas e romanas), o Sr. Héron de Villefosse, de quem me honro de ter sido discipulo em Epigraphia, na Escola de Estudos Superiores de Paris, um interessante opusculo sobre os *signa argentea* [1] consagrados ás divindades e depositados nos templos d'estas, como ex-votos. Ahi se cita tambem o de Endovellico, de que fallei a cima, p. 138. Estas estatuetas de prata são muitas vezes mencionadas nas inscripções, não só como *signa argentea,* mas tambem como *simulacra argentea* e *statuae argenteae,* designações que devem distinguir-se de *imagines argenteae;* esta ultima expressão parece que se refere especialmente a bustos.

Pag. 179–191: — No *Corp. Inscr. Lat.,* II, 5625, cita-se a seguinte inscripção de Alongos (Galliza), consagrada a umas Nymphas:

NIMPHIS SILONSACLO
VIANA EX VOTO F · C

a qual porém está incorrecta. Hübner diz que talvez o nome barbaro que se segue a NIMPHIS se relacione com o do rio *Sil.*

---

[1] *La statuette d'argent de Saint-Honoré-les-Bains,* Paris 1904, — separata do *Recueil de Mémoires* do centenario da Sociedade dos Antiquarios de França.

Na mesma obra, II, 2531, vem esta inscripção de S. Juan de los Baños (Galliza), igualmente incorrecta:

CARI..BE
FLACIS
SECVNDI
V S

a qual talvez tambem se refira a umas Nymphas.

O vol. I das Religiões da Lusitania e a imprensa:

O vol. I das *Religiões da Lusitania* foi objecto de varias apreciações, umas em cartas que recebi de diversos archeologos e especialistas, outras em artigos impressos. Vou mencionar aquelles artigos de que tive conhecimento, e que appareceram em revistas scientificas:

1) *Annales de Géographie,* 1897, § 515, — noticia por Paul Choffat;

2-3) *L'Anthropologie,* tomo IX, p. 87, — artigo de Th. Volkov; p. 719 — artigo de E. Cartailhac;

4) *Archivio per le tradizioni popolari,* XVII, 129, — artigo de G. Pitrè;

5) *Bulletin de l'Académie Royale de Belgique,* 1898, n.º 2, p. 240, — artigo do Conde Goblet d'Alviella (do que se fez separata, 2 pag.);

6) *Deutsche Litteraturzeitung,* 1898, col. 930, — artigo de E. Hübner;

7) *Jahresberichte der Geschichtswissenschaft,* III, 330, — noticia por R. Altamira;

8) *Kritischer Jahresbericht über die Fortschritte der Romanischen Philologie,* III, 37 (1897-1898), — artigo de F. Adolfo Coelho;

9) *Mélusine,* X, 283, — artigo de H. Gaidoz;

10) *Portugalia,* I, 172, — artigo de Ricardo Severo;

11) *Prähistorische Blätter,* X, 12-13, — artigo de J. Naue;

12) *Revista de archivos, bibliotecas y museos,* — artigo de J. R. Mélida;

13) *Revista de la Asociación artístico-arqueológica barcelonesa,* II, 265, — artigo de G. J. de G. G.

14) *Revue Archéologique,* XXXIV, 154–155, — artigo de Salomon Reinach;

15) *Revue Celtique,* XIX, 76–77, — artigo de H. d'Arbois de Jubainville;

16) *Revue de l'histoire des religions,* 1898, p. 238, — artigo de A. Dirr; cf., 1899, p. 157, — nota de J. Réville;

17–18) *Revue des Universités du Midi,* IV, 227, — artigo de J. R. Mélida; 229–232, — artigo de Cirot;

19) *Zeitschrift des Vereins für Volkskunde,* IX, 345, — artigo de Scheppig.

Não podendo reproduzir aqui todas as críticas de que o volume foi alvo, reproduzirei só uma (n.º 8 das que citei a cima, — publicada no *Kritischer Jahresbericht über die Fortschritte der Romanischen Philologie,* 1897–1898, p. 37 sqq.), por emanar de um individuo que, costumando apregoar aos quatro ventos serenidade, justiça e amplidão de vistas, revela qualidades inteiramente oppostas a essas, como das notas que juntarei á crítica se verá melhor. Assim o que vae ler-se servirá de *exemplo a futuros escritores,* e lhes mostrará que, se não convem dar demasiado credito a louvores incondicionaes, tambem não deve perder-se o animo perante o aspecto furibundo dos Catões de pechisbeque.

Segue-se a crítica e as notas a ella.

Este volume comprehende o prologo (XL pp.) e parte I, Tempos prehistoricos (440 pp.), 8.º gr., com 109 gravuras. Ha annos tinha o A. dado a lume um livrinho sobre o prehistorico português, numa collecção popular, e um esboço de estudo sobre as religiões da Lusitania. Na obra nova, em muito mais espaço que Vilanova e Rada consagram ao prehistorico (ou protohistorico, como elles

dizem) de toda a peninsula hispanica, o A. português occupa-se não só do que entendeu pelas religiões prehistoricas, mas de todo o prehistorico do territorio de Portugal. Aproveitou elle para o seu trabalho numerosos livros sobre a prehistoria, a historia das religiões, os povos incultos, etc.; todavia obras importantes sobre esses assuntos não foram vistas pelo A., nem sequer mencionadas [1]. Como folklorista, dá o A. especial attenção ás tradições e costumes populares modernos. No prologo dá conta das suas numerosas jornadas no país, para examinar as estações dos antigos habitantes, das suas explorações, descobrimentos, e colleccionações archeologicas. «Se na narração precedente me alarguei um pouco (ainda assim muito menos do que podia alargar)», diz elle, «não foi pelo desejo vão de armar ao effeito rhetorico, ou de alardear serviços, mas sómente para que os leitores se convençam de que eu tentei escrever a minha obra com algum cuidado (p. XXXVIII)». De ethnologos de gabinete, diz ainda, não ha que esperar grande coisa [2]. Não póde duvidar-se de que o A. é um leitor paciente,

---

[1] [É balda do meu critico dizer que os outros não manuseiam ou não citam obras que elle conhece. Por isso a sua observação não tem o valor que teria na boca de outrem. Não nego que muita cousa me escapasse, porque não póde ler-se tudo; ainda assim, parece-me que citei o que mais particularmente convinha ao meu assunto, e isso foi em quantidade sufficiente para que o meu critico, apesar da sua má vontade, chamasse *numerosos* aos livros consultados por mim].

[2] [Eu tinha escrito, p. XXXVIII: «se é certo que da archeologia, »sem o auxilio da litteratura, não se tira todo o proveito que se »póde tirar, não é menos certo que de ethnologos de gabinete, *que »nunca tenham visto um museu, nem visitado um monumento, nem ex- »cavado uma estação, e apenas se limitem, em paises onde a littera- »tura archeologica não abunda, a ordenhar pacientemente os textos »dos AA. classicos,* não ha que esperar grande cousa». Isto, como vêem os leitores, é muito differente d'aquillo que o meu critico me attribue. Eu referi-me a determinados ethnologos, que nunca tivessem visto um museu, nem visitado um monumento, etc.; elle generaliza illogicamente a affirmativa a todos os archeologos sem excepção, o que não é, nem podia ser, o meu pensamento. O que vejo é que o meu critico suppôs que *nos paises em que a litteratura não abunda* estava incluido Portugal, e que entre os taes ethnologos de que eu fallo estava incluido elle! D'aqui o seu desforço intempestivo e mezquinho].

bastante ao corrente da litteratura da maior parte dos estudos variados a que se dedica, um estrenuo averiguador de meudezas archeologicas, folkloricas e linguisticas [1], e um jornadeador infati-

---

[1] [Chama-me *averiguador de miudezas,* porque evidentemente se considera a elle *averiguador de grandezas,* — alto espirito philosophico que *de minimis non curat,* como o pretor romano! Todavia, sem eu desconhecer que o meu censor tem prestado serviços á sciencia portuguesa e é um dos nossos homens de lettras de instrucção mais variada, — embora até hoje não produzisse ainda nenhuma obra de fôlego, que fosse a revelação de um talento —, não posso deixar de notar que, por isso mesmo que desdenha das taes miudezas, escreve ás vezes cousas desastrosas, quando, pela fôrça das circumstancias, e por ventura para allivio da mente dessorada e cansada da profunda cogitação inedita, tem de descer até ellas. E o meu critico bem sabe quaes obras suas eu lhe podia aqui indicar a titulo de eloquente e desolador exemplo...

Mas este meu desejo de *averiguar miudezas* considerava-o o critico outr'ora como virtude, e não zombava d'elle.

Assim, em 28 de Outubro de 1882, escreveu no *Jornal do Commercio,* n.º 8:706, o seguinte, a respeito das minhas *miudezas linguisticas:* «folgamos de ver que o Sr. L. de V. tem uma vocação, bem »rara entre nós, para as investigações dialectologicas, que, alimen»tada pelo estudo, lhe dará em breve um logar distincto na pleiade »dos dialectologos peninsulares»; e numa conferencia de que o mesmo jornal, n.º 9:018, deu conta, diz-se que o Sr. Adolfo Coelho «referiu »com louvor as publicações sobre o assunto [a linguistica] do Sr. L. »de V. e Gonçalves Vianna, os quaes não tem tido os louvores da »imprensa portuguesa, mas são elogiados e apreciados por distin»ctos sabios estrangeiros».

Das minhas *miudezas folkloricas* escreveu elle o seguinte no mesmo jornal, n.º 8:706, a respeito das *Tradições populares de Portugal*: «O livro do Sr. L. de V. é uma verdadeira mina; o A. colligiu »muitas tradições já publicadas, mas espalhadas em desconnexas »publicações; e dá-nos um considerabilissimo numero de outras de »primeira mão, em grande parte novas para nós»; e na *Revista Scientifica do Porto,* vol. I (1883), pag. 513, pondo em parallelo o referido meu livro com os trabalhos do Sr. Consiglieri Pedroso, publicados sobre o mesmo assunto no *Positivismo,* escreveu: «O que o »Sr. Pedroso não fizera e julgára, ao que parece, até impossivel »fazer, acha-se aqui feito: no livro do Sr. Vasconcellos ha uma »classificação, uma coordenação de materiaes, com quanto discuti»vel nalguns pontos, em geral acceitavel no estado actual da scien-

gavel[1]; mas é de lastimar que todo o seu trabalho para nos dar o presente volume fosse compensado apenas por muito pouco apreciaveis resultados novos, de modo que um critico pôde escrever: «toute la substance du livre de M. de Vasconcellos aurait tenu dans un article d'une vingtaine de pages, pourquoi l'exposer en un si long ouvrage?» (A. Dirr, *Revue de l'histoire des religions*, XXXVIII, n.º 2. Informam-me de que J. L. de Vasc. respondêra a essa critica numa carta inserida na mesma revista, o que não pude verificar, porque só tenho presentes os numeros anteriores ao penultimo de 1898)[2]. O A., apesar de ter declarado que não arma ao

---

»cia» (etc.; não desejo fatigar o leitor com a transcripção de todo o texto).

A respeito das minhas *miudezas archeologicas* disse-me o seguinte, em carta escrita em 1885 (posto que esteja inedita, nenhum leitor duvidará da minha sinceridade): «Ha alguns dias comprára o seu »*Portugal Prehistorico*.. Acho bem feita a coordenação.. e recom»mendo-lhe a redacção de uma serie de opusculos similhantes sobre »os *Iberos*, os *Celtas*, os *Phenicios*, os *Romanos*, os *Germanos* e os »*Arabes* na peninsula iberica, feitos com a prudencia que »mostra neste»].

[1] [Não é sem amargura que elle diz que eu sou *jornadeador infatigavel*. A quem se limita a navegar até Cacilhas ou a viajar até Carcavellos talvez cause certa impressão que outros alcancem a Copenhague ou a Vienna d'Austria! O meu crítico supponho que se preoccupa um tanto com as jornadas dos outros. Tambem na *Revista Archeologica*, IV, 154, fallando do Sarmento, cita, ao que parece, ironicamente, os passeios d'este pelas margens do Lima e do Ancora].

[2] [A isto observarei que a substancia do livro podia ainda expôr-se mesmo em muito menos espaço. Eu proprio a expus quasi toda, a p. 405, em meia lauda! Qual é o livro cujo summario não é susceptivel de se condensar em uma duzia de linhas?

Permittam-me porém os leitores que, em contraste com a sentença de A. Dirr, escritor sem nenhuma auctoridade, e que o meu critico só citou por suppôr que me deixava em mau campo, eu transcreva os seguintes passos do artigo que ao vol. I das *Religiões da Lusitania* consagrou Salomon Reinach, autor a quem neste assunto nem de longe póde comparar-se Coelho ou Dirr: «Les pages relati»ves aux dolmens, à leurs types, aux légendes et traditions popu»laires dont ils sont l'objet, etc., présentent un tel intérêt »pour nos études qu'on voudrait les voir traduites intégra»lement dans quelque langue plus accessible que celle de Ca-

effeito rhetorico, conta-nos, com referencia ás estações prehistoricas que visitou: «ahi a minha imaginação evocou as sombras dos mortos de ha milhares de annos, e com ellas fallei acêrca dos tempos passados e das cousas de alem tumulo (p. XXXVI)»; mas, como succede nas sessões espiritistas, as almas evocadas não disseram, por certo, nada que nos illucidasse com relação ás suas ideias e sentimentos e aos tempos em que viveram no mundo[1], e o A. para escrever alguma cousa sobre a evolução dos conceitos religiosos teve de recorrer a algum d'esses ethnologos de gabinete de que fallára com tanto desdem[2], *Tiele, A. Réville, Goblet d'Alviella, Andrew Lang, Tylor,* e a sua exposição das ideias alheias sobre o assunto afigura-se-nos bastante infeliz (vid. pp. 96 e 97)[3]. De modo geral nota-se a singularidade que seja exactamente o que respeita ás provas e determinação do caracter das religiões, que são o objectivo especial da obra, a parte mais debil de toda ella[4], particularmente o capitulo II, que com vantagem teria deixado de ser publicado[5]. O A. exforça-se por fazer crer que emprega

---

»mões»,— *Revue Archéologique,* XXXIV, 155; e noutro logar: «Ne »nous plaignons pas de cet excès de richesses .. son livre rendra »service bien au-delà des frontières du Portugal et à bien des sa»vants qui étudient des régions toutes différentes». — *ib., ib.,* 154.

De outro lado, Oscar Montelius, o grande archeologo e ethnologo escandinavico, disse-me em carta de 21 de Janeiro de 1898, de Estocolmo: «Vous y traitez plusieurs questions qui m'intéressent tout »spécialement. J'y ai trouvé plusieurs choses tout à fait nouvelles »pour moi»].

[1] [O critico julga vexar-me dizendo o que diz; não observa porém que a phrase que transcreve é da introducção, e que de nesse logar se arredondar um periodo não advem mal nenhum á essencia do livro, que é escrito seriamente, sem rhetorica].

[2] [Torna o crítico amargamente a referir-se aos ethnologos de gabinete. Vêem mais uma vez os leitores se elle se considera ou não nesse número!]

[3] [Como não apresenta factos, não posso retorquir].

[4] [Cite-me o crítico os trabalhos que conhece, em que, com metariaes tão mingoados como os que ha em Portugal, se diga das religiões prehistoricas mais do que eu disse. Nem que elle não soubesse que o assunto é de si escasso, e que tudo quanto se escreva a respeito d'elle ha de por fôrça ser em parte theorico!]

[5] [O cap. II intitula-se: *A necrolatria nos kjækkenmæddings.* Se eu o deixasse de publicar, ficaria incompleta a minha exposição,

um methodo seguro, rigoroso, prudente[1]; mas esse capitulo é inteiramente falho de methodo[2]. G. de Mortillet affirmara que do periodo magdale[ne]nse não tinhamos nenhum objecto que fosse vestigio de religiosidade. Para combater essa opinião (que não intento aqui discutir se é falsa, se é verdadeira) era mister provar, primeiro que tudo, que, ao contrario, ha restos d'aquelle periodo que manifestam a religiosidade do homem que nelle viveu[3]. O A. contenta-se, porém, com oppor áquella affirmação simples supposições:[4]. «Assevera o sr. Mortillet que não achou nada

---

pois que o periodo dos *kjækkenmœddings* constitue um d'aquelles em que dividi a epoca da pedra. Talvez o meu crítico escrevesse por engano «cap. II» em vez de «cap. I»; mas farei observação analoga, pois que o periodo paleolithico, de que nesse capitulo me occupo, é, na minha concepção, o primeiro da epoca da pedra].

[1] [E nenhum leitor de boa fé o negará. O proprio crítico escrevia em 1882, no *Jornal do Commercio,* n.º 8:706, o seguinte, a meu respeito: «O exame attento das diversas publicações do Sr. L. de V. »permitte-nos considerar o autor como um espirito progressivo, ani»mado de um grande e sincero zêlo pela sciencia.» E na carta de 1885, citada supra, p. 353, nota, dizia que o meu methodo era prudente. Ora é natural que, se em 1882 e 1885 eu lhe merecia estas apreciações, as não desmerecesse passado mais de um decennio de contínuo estudo. Qual, pois, o motivo da mudança que se operou no juizo do meu crítico? É que em 1882, e ainda em 1885, era eu simples estudante, e então Adolfo Coelho não pensava que havia de vir tempo em que elle imaginasse que eu lhe poderia fazer sombra!]

[2] [Dado que seja exacto o que elle diz (adeante o veremos), não tenho ainda assim muito de que me queixar do meu crítico, pois que numa obra de 440 paginas, dividida em varios capitulos, elle só acha falho de methodo um d'elles, e ainda assim o que julga mais debil de todos].

[3] [É isso exactamente o que eu a pp. 86-94 do meu livro tento fazer! A prova é indirecta, porque dos tempos prehistoricos não temos annaes, e é preciso interpretar por considerações de ethnologia geral os elementos que d'esse remoto passado nos restam].

[4] [O Sr. D'Arbois de Jubainville, cuja competencia o meu crítico não desconhece, reproduz na *Revue Celtique,* XIX, 76, as razões dadas por Mortillet contra a religiosidade do homem paleolithico, e accrescenta, em desaccordo formal com Adolfo Coelho: «*une conviction opposée a produit l'ouvrage de M. J. L. de V.* .., RELIGIÕES DA LUSITANIA»].

com physionomia de amuletos entre os objectos que pertenceram á gente da epocha magdalenense. Não devia porém elle asseverar isto por quatro motivos: 1.°, porque nem todas as substancias de que o homem costuma fazer amuletos (e feitiços) são igualmente solidas e duradouras, podendo pois muitas ter-se destruido desde os tempos quaternarios até hoje... 2.°, porque estamos muitas vezes na impossibilidade de, á vista de certos objectos, decidir se elles são ornatos, insignias, amuletos... 3.°, porque muitos objectos, mesmo sem apparencia de amuletos, feitiços, idolos, etc., podiam sê-lo... 4.°, porque comparando nós com certos objectos modernos, positivamente amuletos, e com outros antigos, que, como sabemos, pelas noticias litterarias, o eram tambem, muitas das reliquias prehistoricas, mesmo dos tempos quaternarios, não ha razões para excluir totalmente d'ellas a ideia religiosa.... (pp. 88-90)». O primeiro argumento não attinge de modo nenhum a affirmação de G. de Mortillet, que não podia achar cousas que o tempo destruiu[1], e os tres seguintes reduzem-se a um: os objectos que o paleoethnologo francês não conheceu como amuletos poderiam tê-lo sido. Era mister discutir até que ponto os amuletos são objectos religiosos[2]; o A. faz a pp. 111-119 algumas considerações sobre essa questão, as quaes no indice (p. 433) denomina ambiciosamente «theoria dos amuletos», mas que são insuf-

---

[1] [Se Mortillet não podia achar cousas que o tempo destruiu, tambem não podia fazer affirmações categoricas, correspondentes a cousas que não existiam].

[2] [Eu proprio emprego no meu livro todas as reservas, pois digo a pp. 111-112: «Ainda que ás vezes um amuleto possa não ser »propriamente religioso, no entanto suppõe de ordinario »a crença, real ou extincta, em seres sobrehumanos, cujos effeitos »destroe, ou por cuja influencia actua; em todo o caso está sempre »tão ligado com os objectos rigorosamente religiosos, que, ainda »quando a independencia d'elle seja como tal reco»nhecida, mal se poderá separar da religião». O meu crítico, que finge ostentar certa prudencia scientifica (a prudencia de quem não sabe o que ha de dizer!) é que porém está em contradicção comsigo mesmo, pois, ao passo que põe aqui em dúvida se os amuletos são objectos religiosos ou não, noutro seu escrito, *Exposição ethnographica portuguesa,* Lisboa 1896, pp. 44-45, considera, sem restricções nem explicações, os *amuletos* (§ 7) como *fórmas da vida religiosa* (grupo x)! Onde está agora a sua decantada prudencia?].

ficientissimas [1]. A falta de firmeza logica do A. revela-se em muitos outros pontos com deploravel evidencia [2]; assim a proposito do culto dos mortos depara-se-nos a p. 92 o seguinte passo extraordinario [3]: «Quer o Sr. Mortillet que a primeira manifestação da religião fosse o temor da morte e as praticas funebres. Um compatriota seu, Fustel de Coulanges, diz tambem que parece que a religião da morte foi a mais antiga nos povos indo-europeus. Mas nenhum d'estes autores reflectiu em que o homem, antes de morrer, viveu! Era pois natural que anteriormente aos deuses da morte, ou pelo menos contemporaneamente com elles, os deuses da vida attrahissem a veneração do espirito humano». Mais abaixo escreve o A.: «Assim primeiramente constituiram materia religiosa as cousas naturaes, consideradas como conscientes, ainda que sem nellas se estabelecer distincção nítida entre corpo e espirito (p. 96)», e sem tentar uma prova sequer, affirma de subito: «A faculdade religiosa não constitue apanagio do homem primitivo (i. é, paleolithico), — é de todas as civilizações e epochas; mas nelle tinha grande intensidade (p. 97)» [4]. Menciona depois algumas d'aquellas cousas naturaes a que se referira — as aguas, as arvores, as feras —, e diz que ellas «eram outras tantas entidades formidandas e sobrehumanas, ante as quaes o selvagem estacava aterrado ou grato, convulso de raiva ou sorridente do gozo, mas nas quaes não distinguia outros attributos além d'aquelles de que elle, pelos sentidos, recebia conhecimento directo e immediato (pp. 97-98)». De modo que os sentidos davam ao homem paleolithico conhecimento directo e immediato de que

---

[1] [A cima diz-me que escrevo de mais. Aqui diz-me que escrevo de menos. Ora para o meu intuito bastava escrever o que escrevi. Não desconheço o que sobre o assunto disseram Oldenberg, Frazer e outros. Apesar de já por vezes em seus trabalhos ter fallado de amuletos, o meu crítico ainda não chegou sequer a apresentar d'elles uma classificação como a que apresentei, e da qual implicitamente zomba].

[2] [Era mister citá-los. — Entretanto, o Conde Goblet de Alviella, que no assunto tem toda a autoridade, mostra outro sentir, differente do do meu crítico, pois, fallando do autor da obra que este censura, diz: «*l'esprit méthodique dont il fait preuve dans ce premier volume...*» (loc. cit., p. 240)].

[3] [*Extraordinario;* mas não diz porquê].

[4] [Pois seria preciso juntar provas de que a faculdade religiosa não constituia apanagio do homem primitivo?!].

aquelles objectos naturaes tinham consciencia e eram entidades formidandas e sobrehumanas. O A. não percebeu que caira numa *contradictio in adjecto*[1]. Note-se que atrás attribuira ao homem paleolithico uma imaginação fecunda[2] e que naquellas mesmas pp. 97-98 traduz um passo de *Pfleiderer* em que se lê: «A phantasia desprovida de reflexão não vê, porém, em todos os phenomenos e cousas da Natureza, nem objectos, corpos ou fórmas sem alma, nem meras manifestações regulares das forças mechanicas, mas vê em tudo o que vive analogias com a propria vida humana.. e considera todos os phenomenos como resultado de acção consciente e volitiva»[3]. Não descerei ao exame de particularidades numa obra em que o A. se perde em minudencias[4]. = F. Adolpho Coelho.

Da critica e das notas viram manifestamente os leitores que o meu censor não escreveu o seu trabalho com boas intenções. Como a revista allemã onde este appareceu se destina a dar ideia do movimento scientifico, qual era o de-

---

[1] [A haver contradicção não seria *contradictio in adjecto*, mas outra. Todavia, nem esta ha, porque nos textos citados quer-se dizer o seguinte: conhecendo o homem primitivo sob a acção dos sentidos os objectos que divinizava, attribuia-lhes os phenomenos que encontrava em si mesmo, neste caso os phenomenos da consciencia, mas sem nesses objectos distinguir nitidamente espirito, noção que não é dada directa e immediatamente pelos sentidos. Eu proprio accrescento no livro, p. 98 (phrase que o meu crítico maliciosamente omittiu) que o homem primitivo não sabia ainda estabelecer abstracções profundas. Segundo Matthiae, *Manuel de philosophie* (trad. fr.), Paris 1837, p. 111, chama-se *contradictio in adjecto* «l'association d'attributes contradictoires.., par exemple: »*une musique sans mesure*, ou bien sous forme de jugement: *la mu»sique des Grecs n'avait point de mesure*». Que semelhança ha entre isto e o que eu digo? Vê-se que o meu censor não conhece o valor dos termos technicos da logica].

[2] [A que vem isto?]

[3] [É exactamente o que digo na nota 1].

[4] [É claro que o meu crítico não desce a esse exame, porque, sendo ethnologo de gabinete, e trabalhando pois com materiaes de segunda mão, não está no caso de o fazer, facilmente, e por isso armou uma desculpa, invocando a sua superioridade mental. Mas, se não póde, não desça, porque ninguem o manda descer].

ver d'elle? Primeiro expor o plano geral da obra; depois dizer o que esta tinha novo e velho, para que um especialista que quisesse estudar a prehistoria portuguesa soubesse se devia ou não recorrer a ella; por fim fazer as suas criticas judiciosas [1]. Eu, que tenho publicado tantas críticas, não podia offender-me de que a meu respeito se publicasse mais uma, com tanto que fosse merecida; alem d'isso, não sou tão soberbo que julgue o meu livro isento de defeitos. Mas o que eu queria era que o censor procedesse com lealdade e consciencia. Se se julgava, — o que realmente é, — ethnologo de gabinete, que não está no caso de, como diz, descer ao exame de factos miudos, onde exactamente poderia encontrar que censurar, não viesse a público; se entendia que o livro, por ser escrito por um individuo que não se poupou a esforços para se desempenhar da sua tarefa, por ser um resumo da prehistoria de Portugal, e em grande parte baseado em investigações especiaes do autor, continha pelo menos alguma cousa aproveitavel [2], dissesse-o francamente: assim, apenas mostrou baixos sentimentos de rancor e de inveja.

---

[1] Assim procederam, por exemplo, Hübner, Scheppig, Volkov, Cartailhac, Ricardo Severo, nos periodicos que a cima citei.

[2] Todos os outros criticos o reconheceram, excepto A. Dirr, que disse que tudo quanto eu escrevi era inutil. Isso, porém, por confissão de J. Réville, redactor da *Revue de l'histoire des religions*, onde o artigo de Dirr appareceu, é pura «opinion subjective.., qui ne porte pas sur des faits précis» *(ob. cit.*, 1899, p. 157).

O proprio G. de Mortillet, — cuja opinião da irreligiosidade do homem paleolithico eu combati, conforme se viu a cima, — disse-me em postal de 30-XI-1897: «Je vous suis d'autant plus reconnais»sant de votre envoi que dans mes cours, pendant deux ans, je »vais passer en revue le préhistorique et le protohistorique de cha»que pays. Lorsque j'en serai au Portugal, j'aurai beaucoup à citer »les faits que vous exposez. J'ai beaucoup appris en effet en lisant »votre ..publication. J'aurai aussi à me défendre contre quelques»unes de vos interprétations. Cette discussion courtoise ne peut »qu'être utile à la science.»

INDICE ALPHABETICO GERAL

Abelhas: nas superstições populares, 281.
ae = *e*, 162.
«Aedicula». Vid. Edicula.
Africanos, 68.
Agostinho (Santo): dá noticias dos cultos pagãos, 164.
Alandroal: castello com uma inscripção de Endovellico, 112.
Alcacer do Sal: necropole da idade do ferro, 49; restos gregos, 56.
Aljustrel: mina, 54.
Alphabeto iberico, 86.
Alvarelhos: castro, 39, 312 e nota.
Ambar, 53.
Ampurias, 55.
Anepigraphos (monumentos), 136.
Animaes sagrados, 281.
Apedrejamento como castigo, 79.
Apparições phantasticas, 207.
Arados: castro, 287.
arca: no sentido de «tumulo» nas inscripções romanas, 346.
Ara de pequenas dimensões, 313 n.
Ares: nome grego que encobre o de um deus lusitano, 305.
Arduinna: deusa da floresta Arduenna, 109.
Argonauticas de Orpheu: fallam do Sacro Promontorio, 202.
Armamentos lusitanos, 92.
Auctores antigos que tratam da Lusitania, 3.
augustus: epitheto divino, 329.
Augusto: reformou o culto dos Lares, 329.
Ausonio: o que diz de *Bracara*, 41.
avernus: adjectivo, 130–131.
Aves: na religião, 283.
Avieno: importancia da sua *Ora Maritima*, 10, n. 2.

Barbarie dos Lusitanos, 96.
Barcas de coiro e de pelle, 93; barcas votivas, 292.
Betis (valle do): restos phenicios, 52.
Beturia, 58.
Betylos, 203.
Bibliographia archeologica e hierologica: 5 (em geral), 57, n. 1. (Celtas), 83, n. 2 (castros), 112 (Endovellico), 175 n. (Deusas-Mães), 239 (Tongenabiago), 267 (Bormanico).
Boa Nova: templo ao pé de Te-

rena, com inscripções de Endovellico, 112.
Bode. Vid. *Cabra*.
Bosques sagrados, 108.
Bourbon-L'Archambault, banhos de França, celebrados no poema de *Flamenca*, 270, n. 3.
Bravura dos Lusitanos, 95.

Cabeça: ex-voto, 137 (e 143).
Cabra: animal cultual, 170 n.
Cantos guerreiros, 307.
Caracteres geraes dos Lusitanos, 95.
«Carmen»: consagrado a Endovellico, 135; a proposito de Bormanico, 268.
Carros votivos, 292.
Carthagineses, 69.
Carvoeiro (Cabo), 221.
Casamentos dos Lusitanos, 94.
Casas redondas nos castros, 83.
Cassiterides (ilhas), 51.
Castello-Velho, no Alemtejo, 22.
Castellinho, 22.
Castrejos ou Crastejos, 91, n. 1.
Castro de Avellãs, 339.
Castros em geral, 40, 79, 85.
castrum, 82.
Cautes Sacra, 213.
Cávado: etymologia d'esta palavra, 36.
Cavallos sacrificados nos deuses da guerra, 305-306.
Celtas, 57.
Celtiberi, 67.
Christianização de cultos pagãos, 145-146.
Cintra = *Sintra*, 217.
Citania, castro, 48.
civitas, agrupamento ethnico, 76.
Cohortes lusitanas: 2.ª, 298; 3.ª, 185.
Coina, palavra que provém de *Equábona*, 21, n. 8.
Colla: castro alemtejano, 19.
Colonia (Allemanha): monumento archeologico, 263, n.
Comes, nome proprio, 335, n.
Comidas lusitanas, 91.
Commercio nos Lusitanos, 93.
Corça, 288-289.
Corvos: na religião em geral, e no culto de S. Vicente em especial, 215, n.
Costumes dos Lusitanos, 90.
Cova da Lua (em Trás-os-Montes), 337.
Crastejos ou Castrejos, 91, n. 1.
Criminosos condemnados á morte, 79.
Criticas ao vol. I das *Religiões da Lusitania*, 349.
cuneare: em designações geographicas, 9, n. 7.

Danças lusitanas, 91, 307.
dea, deus: epithetos, 327.
Deusas-mães, 175 sqq.
Deuses barbaros e deuses classicos (nomes de), 163, n. 2.
devotio: cerimonia, 165.
dii deaeque, 185 sqq.
Dionyso (deus), 213 n.
Divindades indigenas que recebem nomes gregos e romanos, 305.
Divindades da Lusitania. Vid. o indice dos nomes proprios (Onomasticon Lusitanicum).
dominus: epitheto divino, 327 e n. 2.

Edicula, 138, 259 e n.
Egoas: concebem do vento, 103.

Eiriz (Citania), 189.
El: deus phenicio, 213.
Embuscadas nos Lusitanos, 96.
Enfermos nos Lusitanos, 94.
Epithetos de deuses, 163, 168.
Escravos lusitanos, 78.
Espichel (Cabo de), 216.
Espigas em moedas, 110–111.
Esquecimento (rios do), 226, 233.
Estatuas: ex-votos, 137.
Ethnicos (nomes) da Lusitania. Vid. o indice dos nomes proprios (Onomasticon Lusitanicum).
Ex-votos: em geral, 132; de bronze do castello de Moreira, 289.

Ferro: idade do ferro em Portugal, 48; metal impuro, 106.
Figuras: de deuses, 140; de caracter religioso esculpidas em moedas e pedras, 102.
Fontes santas, 237.
Freixo, no concelho de Marco de Canaveses: castro, 197.
fullo, 196.

Gades: quando foi fundada, 51.
Gallo, animal cultual, 128.
Gargoris, rei dos Cunetes, 78, 281.
Genios, 193 (sua relação com os Lares), 194 (seu caracter), 312.
genius loci, 312.
gentilitas, agrupamento ethnico, 78.
Geographicos (nomes) da Lusitania. Vid. o indice dos nomes proprios (Onomasticon Lusitanicum).
Giacomino: seus trabalhos sobre o vasconço, 328, n. 2.
Governo na Lusitania, 78.
Gregos, 55.
Grupos ethnicos da Lusitania, 72.
Guerra: arte da guerra nos Lusitanos, 92; divindades da guerra, 305 n.; sacrificios, 305–306 e n.; usos religiosos, 307 sqq.; patera com a figura de um guerreiro, 310; figuras de guerreiros, 310, 312, 315.

Habis, filho de um rei dos Cunetes, criado pelas feras, 281.
Hamilcar, 69.
Heracles, 200.
Hemiplegico figurado num ex-voto, 128 sqq.
Hercules: lenda da sua vinda á Iberia, 51.
Heroica (historia): o que se entende por esta expressão, 1.
Hippocampo nas moedas lusitanicas, 294.
Hludana, deusa germanica, 110, nota.
Iberos, 49–50.
Idanha-a-Velha: importante estação archeologica, 302.
Idolo (Quintal do) em Braga, 239.
Incubação religiosa, 178.
Iniciaes dos nomes de divindades, 123.
Inscripções ibericas em Portugal, 52, 87.
Insoa: ilhota no Minho, 39, n. 1.
*Iturobriga. Vid. *Turobriga*.

Jogos nos Lusitanos, 91.
Juramento: pela agoa, 256 sqq.; por outros elementos da natureza, 258, n. 2.

Krokos = Saturnus, 213.

Lares, 179 (Lares em geral); 191 (suas especies), 192 (Lares indigenas). Seu culto reformado por Augusto, 329.
Lares patrii, 186.
Latim vulgar (varios phenomenos), 147.
Lethe, Lethes, 226, 230, 232.
Libações, 212.
Lingoas: vestigios phenicios, 52; vestigios liguricos, 54; nomes celticos, 58, 59-67; lingoas da Iberia, 86; consideradas pelos romanos como desharmonicas, 88-89; vasconço, 86; palavras ibericas, 87; celtiberico, 88; duração das lingoas da Iberia, 89-90; substituição d'ellas pelo latim, com excepção do vasconço, 90.
Libyphenicios, 70.
Libera, deusa, 164, 170.
Ligures, 53.
Lima, rio, 225, 232.
Linho zelico, 339, 340.
Lua (Serra da), 217.
Lupi, 190 e n.
Lux divina, 102.

Mães (Deusas-). Vid Deusas-Mães.
Marateca, 22, n. 1.
Marmores dos monumentos de Endovellico, 139.
Massalia (Marselha), 55.
Matrae, Matres, Matronae, 175 sqq.
Matronae germanica, 177 e 315 n.
Medicas (divindades), 128, 168.
Mel: na religião lusitanica, 281; nas tradições populares modernas, 282, n. 1.
Melqart, deus phenicio, 201.
Metaes: a Lusitania abundava em riquezas mineiras, 17, 20, 24, 93, etc.; as minas da Iberia attraem os Phenicios, 51, 53; e os Carthagineses, 70; cerimonias religiosas na extracção dos metaes, 104, 107.
Miguel (S.) substitue Endovellico, 146. Santuario de S. Miguel da Mota, 111, 112, 146.
Moedas: com lettreiros phenicios, 51; lusitanas, 93-94; de caracter religioso, 293.
Mondego (cabo), 27.
Mons Sacer, 104.
Montanhas divinizadas, 103 sqq, 125 sqq.
Montanheses lusitanos, 91.
Musica dos Lusitanos, 91.
Mycenense (civilização), 48.

Nazareth (Senhora da), 221.
Negrão (Manoel), 289.
Noite: nas tradições populares, 207, 211.
numina, 187.
Nymphas, 179 (em geral), 192 (seu caracter em especial).

Oblivionis (*flumen*), 226.
Oculatus, nome de homem, 338.
oe = *e*, 254.
oppidum, 82.
Oraculos, 142.
Oya (Nossa Senhora de), 223.

Palma esculpida em um monumento de Endovellico, 127. Vid. Ramo e Vegetaes.
Patera de prata com a figura de um deus, 310.

Pedras sagradas, 202.
Peixes: seu caracter religioso, 282.
Pesseguero (ilha do), 17.
Pessoas (nomes de). Vid. indice dos nomes proprios (Onomasticon Lusitanicum).
Pelagia (insula), 220.
Penates, 301.
Persas na Iberia, 49-50.
populus, agrupamento ethnico, 76.
Pescarias dos Lusitanos, 92.
Phenicios, 51.
Pias: nos monumentos de Endovellico, 142.
Pinedo (Thomás), judeu português: fez uma edição de Estevão de Byzancio, 8, n. 1.
Porco: animal cultual, 127-128; criação de porcos nos Lusitanos, 33.
praesentissimus, epitheto divino, 141.
praestantissimus, epitheto divino, 141.
Pragança: castro estremenho, 48.
Promontorios divinizados, 202, nota.
Promuntorium Sacrum, 199; significação especial da palavra *promuntorium*, 11.
Proserpina, 163 sqq.
Protohistoria: o que se entende por esta expressão, 1, 71.

Quadrupedes de caracter religioso, 283.

Raio: superstição, 104; cerimonias, 107.
Ramo esculpido num monumento de Atégina, 175. Vid. Palma e Vegetaes.
Reis da Iberia, 78.
Repetição de nomes nas inscripções romanas, 261.
responso (ex) nas inscripções religiosas, 142.
Rios santos, 224; nomes de rios que designam zonas geographicas, 16, n. 2.
Riqueza dos Lusitanos, 93.

Sabroso: castro minhoto, 48.
Sacerdocio, 144.
Sacrificios a Endovellico, 143; de cavallos ás divindades da guerra, 305-306.
Santuarios de deuses, 131-132.
Sarmento (Martins) e os Ligugures, 53.
Saturno: tem um santuario no Promontorio Sagrado, 213; ilha de Saturno, 222.
Scipião vem á Hispania, 69.
Sertorio e a corça, 288-289.
Sicano: rio, 54.
Siglas de nomes de deuses, 123, 173.
«Signa militaria», 293.
signum argenteum, 138, 348.
Sintra = *Cintra*, 217.
Sol: augmenta de volume e produz ruido quando se esconde no mar, 100-102.
Sonhos: processo de adivinhação, 130, 143 e n.
Statio Sacra, 198.
Successi (dii), 191.
Sul (povos do) que acceitam cedo a civilização romana, 97.
«Suovetaurilia», 293.

Tamega, rio, 320.
Tavora e Abreu: seus mss. arch., p. 180.
termini augustales, 32

Terra: divinizada, 103 sqq., 125 n.
Theodosio (D.), Duque de Bragança, dado á archeologia, 112-113.
Thermas sagradas, 271, 275.
(S.) Tirso (ruinas antigas), 325.
Toiro de bronze da Bibliotheca Nacional, 288, 294.
Topicas (divindades), 125.
Torpes (S.), 216.
Turdetanos: suas leis em verso, 78; sua civilização, 94.
Turóbriga: cidade na Bética, 58; séde do culto de Atégina, 158.
Tutela, divindade, 197.
Tyrios, na Iberia, 49.

Umeri: fonte santa (Salus Umeritana), na Hespanha, 238, n. 3.

Vaccaei, povo iberico, 251, n.
Valle Santo, no Algarve, 216.
Varella (Ayres): manuscrito que deixou, 114, n. 3.
Vasconço e iberico, 328 e n.
Vegetaes: infundem mysterio, 108; figurados em monumentos, 109-111 (em geral); 127 (Endovellico), 175 (Ataegina).
Veneris iugum, 223.
Vento: faz conceber as egoas, 30, 103.
Venturino, sec. xvi: dá noticias archeologicas a respeito de Portugal, 112.
Versos latinos em inscripções, 135, 268.
Vestuarios dos Lusitanos, 91.
vicani, 85.
Victoria, divindade romana, numa inscripção, 296.
vicus, 85.
Vigo, 85.
Villa Viçosa: inscripções de Endovellico, 112.
Virtudes dos Lusitanos, 96.
Vizella, rio, 275.

Xorcas, 91, n. 4.

ONOMASTICON LUSITANICUM

1. Nomina geographica

Abóbriga, oppidum, 42 et adnot. 5, 66.
Achale, insula, 17, 18, adnot. 1.
Aeminium, oppidum, 33, 73.
Aesuris (lectio falsa) pro eo quod est *Baesuris*, 14, adnot. 3.
Agonis, insula, 10.
Alea, urbs, 25.
Ammaeensia (iuga), 23.
Ammaia, urbs, 23 et adnot.
Anas, fluvius, 14, 16.
Aóbriga, oppidum, 42 et adnot.
Aquae Flaviae, urbs, 41.
Arabriga, oppidum, 34, 61.
Araducca, urbs, 40.
Arandis, urbs, 19, 73.
Arani, vel **Aranni**, vide «*Arandis*».
Arcòbriga, oppidum, 19, 73 et 249.
Aritium Vetus, urbs, 23.
Artabrum (promunturium). Vide «*Magnum (promunturium)*».
Aryium = **Aruium**, promunturium, 39.
Augustalis (terminus), 32.
Aunios, insula, 39.
***Avicella**, fluvius, 35, adnot. 4.
Avóbriga, oppidum, 42, adnot. 5.
Avus, fluvius, 35, 74.
Baedoru-, vicus, 85, 308.
Baenis (lectio falsa) pro eo quod est *Nebis*, 37.
Baesuris, urbs, 14.
Balsa, urbs, 14, 73.
***Bania** vel ***Banium**, 42.
Barbarion (promunturium), 18.
Bletisa, urbs, 65.
Bracara, urbs, 40 et 41.
Braetolaeum, urbs, 19.
***Brigantia**, oppidum, 42, 66.
Budua, vel **Burdua**, urbs, 25.
Caeciliana, urbs, 21.
Caeilobricoi, populus, 42.
Caepiana, urbs, 21.
Caetóbriga, oppidum, 21, 59.
Calipus = Καλίπους.
Caladunum, oppidum, 40, 66.
Cale, urbs, 29 et adnot. 7.
Calipus = Καλίπους.
Callaecia, regio, 7, 25, 35.
Calubriga, oppidum, 66.
Capera, urbs, 35.
Catraleucus, urbs, 19.
Cautes Sacra, 10 et adnot., 213.
Caurium, urbs, 35, 344.
Celadus, fluvius, 36, 74.
Cempsicum, vide «*Cepresicum*».

Cepresicum (iugum), 18 et adnot. 4.
Coelióbriga, oppidum, 41 et 42.
Collippo, urbs, 32, 73.
Complutica, urbs, 41.
Conimbriga vel **Coniumbriga**, oppidum, 32, 73, 185.
***Cuda**, fluvius, 33.
Cuneus, ager (verbum quod fere idem valet ac *Sacrum Promunturium*), 7, 12, 13.
Curetes (lectio falsa) = *Cunetes*.
Cyneticum, regio, 7, 8, 9, 14, 16, 18 (iugum), 23, 72.
Durius, vel **Dorius**, fluvius, 29, 74, 234.
Ebora, oppidum, 22, 60.
Eburobrittium, urbs, 31, 73.
Egitania, urbs, 32.
Equábona, urbs, 21, 59.
Eviom, urbs vel populus, 21.
Gallaecia = Callaecia.
Herminius (mons), 34.
Ἱερὸν ἀκροτήριον, vel Sacrum promunturium, 9.
Καιτόβριξ = Caetobriga.
Καλίπους, fluvius, 17, 20.
Κατραλευκός = Catraleucus.
Κούνειος = Cuneus; vide hoc vocabulum.
Κυνητικόν = Cyneticum, 8.
Laccóbriga, urbs, 11, 73.
Laeros, fluvius, 39.
***Lamaecu-**, urbs, 27, adnot. 3; 33, adnot. 3.
Lancia, oppidum, 32, 34 et adnot. 2.
Longóbriga, oppidum : 34.
Λάνοβρις, insula, 26, 27.
***Laquinia** vel ***Laquinium**, 195, adnot. 5.
Λιμαίαν, Λημαίαν (lectiones falsae) pro «*Λίμιαν», 37.
Limia, fluvius, 37, 74, 225.
Λενδεβρίς, vide «Λάνοβρις».
Lunae promunturium, = Σελήνης ὄρος, 26.
Magnum (promunturium), vel Olisiponense, vel Artabrum, 25, 73.
Malabiste. Vide «*Malceca*».
Malceca, vel **Malececa**, vel **Malececa**, urbs, 22.
Mearus = **Naris**, fluvius, 39.
Meribriga, oppidum, 19.
Meróbriga, oppidum, 20.
μεσοποταμία inter Tagum et Anam, 16.
Millia (lectio falsa) pro eo quod est *Limia*, 37.
Minius, fluvius, 37, 74.
Miróbriga, oppidum, 35, 76 et 236 adnot. 1.
Monda vel **Munda**, vel ***Mondaecus**, fluvius, 27, 73.
Montobriga = **Mundobriga**, 59.
Μύρων, urbs, 24.
Muliadas pro eo quod est *Monda*, 27, 28.
Munda, vel **Monda**, fluvius, 27, 73.
Myrtilis, urbs, 14, 173.
Naris = **Mearus**, 39.
Navialbio, fluvius, 39.
Nebis, fluvius, 37.
Nemetóbriga, 66.
Nerium, promunturium, 39.
Nimios (lectio falsa) pro eo quod est *Minius*, 37.
Noeta, oppidum, 43.
Norba, urbs, 25.
Olisipo, vel **Ulisippo**, vel **Olisippo**, urbs, 29, 52.
Olisiponense, vide «*Magnum (promunturium)*».
-ongóbriga, oppidum, 40, 196.
Ophiussae (prominens), 26.

Ὀρσύϊον, promunturium, 39.
Ossonoba, urbs, 8, 14, adnot. 4; 15, 73, adnot. 6.
patulus portus, 16, 21.
Pax Iulia, urbs, 20.
pelagia insula, 38.
Pinetum, urbs, 41.
Poetanion, insula, 17, 18. adnot. 1.
Portus Hannibalis, 11, 69.
Sacrum (promunturium), 9.
Sacer (mons), 30.
Salacia, urbs, 21.
Salmantica, urbs, 35.
Sars, fluvius, 39.
Scalabis vel Scallabis, urbs, 31.
Σελήνης ὄρος, ἄκρον, 26.
Sellium, urbs, 34.
Sentica, urbs, 35.
Siccae (insulae), 39.
Σφήν pro vocabulo quod est *Cuneus*, 9.
Tagus, fluvius, 16, 23, 24, 73.
Talabra, vicus, 85.
Talábriga, oppidum, 34, 73, 61.
***Tamaga**, fluvius, 40, 320, adnot. 1.
Tamaris, fluvius, 39.
Tartesius (ager), 14, 68, 70, 72.
Tongobriga. Vide «*Tuntobriga*».
Trileucum (cornu), 39.
Tubucci, urbs, 34.
Tuntóbriga (= Tongóbriga?), oppidum, 40, 116, adnot. 3.
Turdetania, regio, 15, adnot. 6, 51, 72 et 197.
Turgalium, urbs, 25, 197, 309.
Tyde, castellum, 56, 74.
Vacua, fluvius, 28, 73.
Veséo, urbs, 33.
Vipascense (metallum), 20, 23, 54, 85.
Volóbriga (pro «**Valabriga**», in titulo Bracaraugustano, ab Albano Bellino edito in libro qui *Inscripções romanas de Braga ineditas* inscribitur), oppidum, 41 et 42.

Vide quoque nomina ethnica et deorum dearumque.

2. Nomina ethnica

Aeminiénses, 76, 77.
Ambimogidus, 64, 250.
Aranditani, 19.
Aravi, 34, 74, 77.
Arotrebae, 300, adnot. (= Arrotrebae).
Arrotrebae, 65, 75 (= Arotrebae). Vide «*Artabri*».
Artabri, 25, adnot. 4, 65, 300. Vide «*Arrotrebae*».
Avarum (genet.), 36.
Balsenses, 76, 303.
Banienses, 42, 77.
Biballi, 75, 77.
Bracari, 56, 75.
Calanticenses, 312.
Callaeci, 75, 77.
Celeni, 56.
Celtici, 57, 58, 65, 67, 73, 74.
Cempsi, 72, 83.
Cemsi = **Cempsi**, 72.
Cileni, 75.
Coelerni, 77.
Colarni, 74.
Copori, 75.
Cunetes, 8, 9, 72 (= Cynetes).

Curetes. Vide «*Cunetes*».
Cynetes, 8, 72. Vide «*Cunetes*».
Desonci, gentilitas, 78.
Equaesi, 75, 77.
Gapetici, gentilitas, 184.
Glaetes, 72.
Gravii (lectio falsa), pro eo quod est *Grovii*, 74, adnot. 7.
Grovi vel *Grovii*, 56, 74, 77, 324.
Helleni, 56, 75 et adnot. 9.
Igaeditani, 32, 74, 76, 299.
Igletes, 72.
Interamnenses, 74.
Κυνήσιοι, 72.
Lancienses Transcudani, civitas, 34, adnot. 2.
Leuni, 75.
Limici, 75, 76, 77.
Neri, 75.
Paesures = **Paesuri**, 74.
Pintones, gens, 78.
Praesamarchi, 66.
Praestamarci, 75.
Querquerni, 77.
Saefes, 72, 83.
Σεβουῤῥοί (vel Σεουῤῥοι) = **Seurbi**: 75 et adnot. 6.
Seurbi = Σεβουῤῥοι (vel Σεουῤῥοι): 75 et adnot. 6. Cfr. «SEVRVS» in *Corp. Inscr. Lat.*, II, 6290.
Seurri = **Seurbi**. Vide hoc vocabulum.
Taroli, 74.
Tamagani, 76, 320, adnot. 1.
Tamarci, 75.
Tartesii, 8.
Transcudani, 33, adnot. 5, 34, 74, 76.
Turdetani, 15, adnot. 6, 73.
Turduli, 58, 73 (Turduli Veteres), 313.
Turodi, 75.
Zoelae, 40 (ordo), 75, 78, 251, 339 adnot.

3. Nomina hominum

Abruus, 234, 235,
Adminius, 62.
Aleba, 61.
Amminius, 62.
Amminus, 321.
Andaitia, 321.
Ardunnus, 62, 298.
Arquius, 234, 235, 334; vir vel deus, 311.
Balesinus, 182.
Bedunus, 66.
Boudica, 62.
Boutius, 66
Camala, 64.
Camalus, 62, 63, 64, 266, 316.
Cantius, 60.
Careti (genet.), 66.
Catuenus, 184.
Catur-, 63.
Caturo, 63, 64, 343.
Celea, 330, 331.
Celtius, 61, 63, 316. Cfr. «*Gallius*».
Cim-, 311.
Cloutius, 64, 330, 331.
Cominius, 60, 61, 298.
Coronerus, 333.
Cumelius, 319.
Deogena, 66.
Docquiricius, 184.
Gallius, 62. A *Gallo* (60, 61) deductum, sicut *Hispanius* ab *Hispano*: cfr. quoque «*Celtius*».
Hispanius, 306. Cfr. «*Gallius*».

Ipipes, 264, adnot.
Lobesa, 60
Lobessa, 62.
Lovesius, 64.
Lovesus, 60.
Medamus, 266.
Reburrinus (Reburinus), 64, 66, 191.
Reburrus, 62, 63, 64, 337.
Rectus, 323.
Saur-, vir vel deus, 311.
Sitonia, 122.
Sitonius, 122.
Sunua, mulier, 189, adnot. 1, 322.
Tongetamus, 62, 297, 299.
Tongius, 61, 62, 156, 297, 299.
Toutoni (genet.), 62.
Turo, 66.
Viriatus, 63, 64.

4. Nomina deorum et dearum

? Abia[e]felaesurraecus, 341.
Adaegina. Vide «*Ataegina*».
Aegiamuniaegus, 342.
Aernus, 338.
Ameipicri (dat.), 333.
Andero (Juppiter), 342.
? Angefici, 343.
? Aracoaranionicus, 313.
Arentius, 322.
Arqui(us): deus vel vir, 311.
Arus, 314.
Ataegina = Adaegina, 146.
? Banderaeicus, 337.
? Bandiaeapolosegus, 343.
Bandiarbariaicus, 321.
Bandioilienaicus, 317.
Bandius. Vide «*Bandioilienaicus*».
Bandoga, 316.
Bandua, 337.
? Banduaetobrigus, 341.
Baraecus, 344.
? Boantunaecus vel *Cantunaecus, 343.
?? Bmervasecus, 314.
Bormanicus, 266.
Brigus, 327.
? Cabar, 317.
? Caepol, 342.
Candiedo (Juppiter), 342.
? Cantunaecus vel Boantunaecus, 343.
Caparenses (Nymphae), 276.
Cariociecus, 305, 306.
? Carneus, 312.
Carus, 336.
Castaecae vel Castaeci, 190.
Ceceaeci (Lares), 179.
Ceceaigi: dii, 179.
Cerenaeci (Lares), 183.
Cesius. Vide «*Runesocesius*».
? Coaranionicus, 313.
Coniumbrigensium dii deaeque, 185.
Coronus, 331.
? Cosunea, 188.
Cosus, 342.
? Crougintoudadigoe, 341.
? Cusicelenses (Lares), 181.
Cusuneneoecus vel Cusunemeoecus, 326.
Durbedicus, 329.
Eaecus, 344.
Erredici (Lares), 182.
Edovius, 342.
Endovellico, 111 sqq.
? Elona, 343.
Fidueneae: Nymphae, 188.
Findenetici (Lares), 181.
? Frovida, 333.

Gallaicae (Matres), 177.
Gapeticorum gentilitatis Lares, 184.
Ladicus (Juppiter), 342.
Lapiteae: Nymphae, 187.
Laquiniensis (Genius), 194.
? **Lariseflus**, 335.
Lupianae (Nymphae), 189.
Ilienaicus. Vide «*Bandioilienaicus*».
Mirobieus, 234, 236, adnot.
Nabia vel *Navia*: dea, 277.
Navia vel *Nabia*: dea, 277.
? **Netaciveilebrica**, 341.
Neto(n), 308.
Netos, 308.
? **Ocaere**, 334.
? **Poemana**, 342.
? **Ptarneus**, 312.
? **Rego**, 343.
? **Reuveanabaraecus**, 341.
Revelanganidaeigui (dat.) 323.
Runesocesius, 302.
Runesus. Vide «*Runesocesius*».
? **Saga**, 344.
Saur-: nomen dei vel viri, 311.
? **Sefius**. Vide «*Lariseflus*».
Silonsaclo (dat.), 348.
Suttunius, 344.
Tameobrigus, 319.
? **Tarmucenbaci** (Lares), 179.
Tiriensis (Tutela), 197.
? **Toga**, 344.
Togoti (dat.), 344.
Tongoenabiagus, 239.
Trebaruna, 295, 299.
Turiacus, 324.
? **Turolici** (Lares), 184.
? **Vasecus**, 313.
Verora, 343.
? **Virroreviliae⌜c⌟us**, 341.